UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

ANDRÉ NOVO VICCINI

Como fazer um orador:
tradução e estudo do *Orator* de Cícero

Versão corrigida

São Paulo

2018

ANDRÉ NOVO VICCINI

Como fazer um orador:
tradução e estudo do *Orator* de Cícero

Versão corrigida

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Área de concentração: Língua e Literatura Latina.

Orientador: Prof. Dr. João Angelo Oliva Neto.

São Paulo

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

VICCCINI, A. N. **Como fazer um orador:** tradução e estudo do *Orator* de Cícero. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador, Prof. João Angelo Oliva Neto, pelas discussões douras embora graciosas, leitura atenta, liberdade de pesquisa, amizade, confiança e incentivo em todas as fases do trabalho.

Ao Prof. João Adolfo Hansen, pela aguda compreensão do texto, a qual me esclareceu a mim mesmo.

Ao Prof. Marcos Martinho dos Santos, pelos conselhos e a gentileza em digitalizar e enviar artigos do exterior.

Ao Prof. Paulo Sérgio de Vasconcellos, pelas observações e correções feitas na defesa da dissertação.

Ao Prof. Adriano Machado Ribeiro, pelas sugestões oferecidas no exame de qualificação.

A Yuri Brandão, pela constante amizade, leituras, abrigo e longas e inúmeras conversas sobre filosofia antiga.

Aos Profs. Alexandre Hasegawa e Cilaine Alves da Cunha, pela discussão do projeto inicial.

Aos Profs. Adma Fadul Muhana, Leon Kossovitch e Paulo Martins, pela leitura da primeira versão do trabalho e a disponibilidade para discuti-lo.

Ao Prof. Adriano Scatolin, pelo envio de artigo digitalizado.

À Prof.^a Greti-Dinkova Bruun, pelas sugestões paleográficas e envio de comentários.

A todos os amigos e familiares que de algum modo participaram do tempo da dissertação: André Bertacchi, Artur Bezerra, Prof. Artur Costrino, Prof.^a Beatriz Paoli, Brunno Figueiredo, Cássio Bueno Novo, Fernando Coelho, Prof.^a Fernanda Messeder, Fernando Schirr, Gabriela Frias, Gustavo Coelho, Prof. Henrique Cairus, Juliana Fernandes, Luana Ribeiro Novo, Lucia Ravache, Mario Tommaso, Necylia Monteiro, Nicole Caus, Prof. Pedro Schmidt, Prof.^a Tatiana Ribeiro.

A Lígia da Cruz, pelo amor e companheirismo.

À minha mãe, Sonia Novo, e à minha avó, Carolina Bueno Novo, por todo o amor e suporte, sem os quais este trabalho nunca poderia ter sido concluído.

Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela CAPES, mediante concessão de bolsa de mestrado do Programa de Demanda Social por período de dois anos.

Si l'on envisage, en effet, un personnage choisi au hasard parmi les fantômes ici présentés, son apparition au cours des séries indiscontinues exprimées par la notion d'univers scientifique, ou même, plus simplement, en un point quelconque de l'espace et du temps infini du sens commun, demeure parfaitement choquante pour l'esprit, aussi choquante que celle du moi dans le tout métaphysique, ou plutôt, pour revenir à l'ordre concret, que celle d'une mouche sur le nez d'un orateur.

Georges Battaile, "Figure Humaine"

RESUMO

VICCINI, A. N. **Como fazer um orador:** tradução e estudo do *Orator* de Cícero. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Apresenta-se tradução do *Orator* de Cícero precedida de estudo. Propõe-se que, quando confrontado com a maledicência dos que se dizem áticos, Cícero remete a controvérsia particular à questão acerca do gênero universal, ou *thésis*, tratando do gênero para responder às partes e tratando da coisa para responder aos homens. Por tratar-se de coisas, recorre-se em geral à doutrina das coisas, isto é, à filosofia, e em particular a duas de suas artes, a tópica e a dialética. Analisa-se portanto o método dialético e tópico empregado pelo autor para resolver a questão acerca do melhor gênero do discursar. Argumenta-se que Cícero compara as espécies do discurso entre si e define a forma do orador perfeito para exprimir a sua imagem, imagem que servirá de critério para julgar, conforme a maior ou menor semelhança em relação a ela, os oradores que vemos e ouvimos.

Palavras-chave: Marco Túlio Cícero. Orador. Dialética. Retórica. Oratória.

ABSTRACT

VICCINI, A. N. **How to make an orator:** a translation into Portuguese of Cicero's *Orator* with introduction. 2018. 187 f. Thesis (Master's) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

I present the reader with a translation into Portuguese of Cicero's *Orator* with introduction. I propose that, when confronted with the invectives of the so-called "Attics", Cicero sends back this controversy to the question about the universal kind, or *thésis*, speaking about the genus in order to give a response to the parts, and speaking about things to give a response to men. Because Cicero speaks about things, he employs the doctrine of things, i.e. Philosophy, making use of two of its arts, Topics and Dialectics. I analyse therefore the topical and dialectical method the author applies to solve the question about the best kind of speech. I argue that Cicero applies this method to compare the species of speech and to define the form of the perfect orator so that he may express its image, a image that will be used as a criterion to judge, in proportion to their likeness to it, the orators we can see and hear.

Keywords: Marcus Tullius Cicero. Orator. Dialectics. Rhetoric. Oratory.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CIC.	Marcus Tullius Cicero
<i>Acad.</i>	<i>Academica posteriora</i>
<i>Arch.</i>	<i>Pro Archia</i>
<i>Att.</i>	<i>Epistulae Ad Atticum</i>
<i>Brut.</i>	<i>Brutus</i>
<i>De opt.</i>	<i>De optimo genere oratorum</i>
<i>De or.</i>	<i>De oratore</i>
<i>Div.</i>	<i>De divinatione</i>
<i>Fat.</i>	<i>De fato</i>
<i>Fin.</i>	<i>De finibus</i>
<i>Leg.</i>	<i>De legibus</i>
<i>Inv.</i>	<i>De inventione</i>
<i>Luc.</i>	<i>Lucullus (Academica priora)</i>
<i>Nat. D.</i>	<i>De natura deorum</i>
<i>Off.</i>	<i>De officiis</i>
<i>Or.</i>	<i>Orator ad M. Brutum</i>
<i>Part.</i>	<i>Partitiones oratoriae</i>
<i>Ti.</i>	<i>Timaeus</i>
<i>Top.</i>	<i>Topica</i>
<i>Tusc.</i>	<i>Tusculanae disputationes</i>
DL	Diogenes Laertius
ISID.	Isidorus Hispaniensis
<i>Etym.</i>	<i>Etymologiae</i>
POLYB.	Polybius
QUINT.	Marcus Fabius Quintilianus
<i>Inst.</i>	<i>Institutio oratoria</i>
SVF	<i>Stoicorum Veterum Fragmenta</i>
TAC.	Publius (Gaius) Cornelius Tacitus
<i>Dial.</i>	<i>Dialogus de oratoribus</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PARTE I. COMO FORJAR O ORADOR	17
1. Algumas definições: noção, gênero e forma	17
2. A divisão	30
3. As questões e os tópicos	33
4. Contradições.....	43
5. Cícero demiurgo	49
6. Conclusão: a imagem.....	55
PARTE II. <i>O ORADOR</i> DE CÍCERO	61
REFERÊNCIAS	186

INTRODUÇÃO

No *Orator*, Cícero trata de forjar o sumo orador. Coisa difícil, de todas a mais difícil¹, diz, pois “o que é maior que julgar qual é a melhor espécie ou, por assim dizer, a melhor figura do discursar, havendo tamanha dessemelhança entre os bons oradores?”². Não se trata, pois, como na transmissão da arte, de propor preceitos, mas de falar como juiz (*iudex*)³, ou estimador (*existimator*)⁴, no julgar e no aprovar⁵ a melhor espécie do discurso.

A conversa (*sermo*)⁶ que constitui o *Orator* seria a resposta de Cícero às epístolas que lhe enviara Bruto nas quais este lhe havia inquirido qual gênero de eloquência, ou qual gênero do discurso, lhe parecia o melhor.⁷

Quaeris igitur idque iam saepius quod eloquentiae genus probem maxime et quale mihi uideatur illud, quo nihil addi possit, quod ego summum et perfectissimum iudicem.⁸

Inquires, portanto, e isto já com insistência, que gênero de eloquência eu mais aprovo, e de que qualidade me parece ser aquele ao qual nada se pode acrescentar, e qual eu julgo ser o sumo e perfeitíssimo.

Quod quidem ego, Brute, ex tuis litteris sentiebam, non te id sciscitari, qualem ego in inueniendo et in conlocando summum esse oratorem uellem, sed id mihi quaerere uidebare, quod genus ipsius orationis optimum iudicarem.⁹

Isto, Bruto, eu percebia de tuas epístolas: não tu sondares quem eu queria que fosse o sumo orador no descobrir e no colocar; mas tu me parecias inquirir qual gênero do discurso mesmo eu julgo o melhor.

¹ Cic. *Or.* xvi, 52.

² Cic. *Or.* i, 2.

³ Cic. *Or.* xxxiii, 117.

⁴ Cic. *Or.* xxxi, 112.

⁵ Cic. *Or.* xxxv, 123; lxxi, 237-8.

⁶ Cic. *Or.* liii, 179.

⁷ Cic. *Or.* i, 3; xvi, 52; xvii, 54.

⁸ Cic. *Or.* i, 3.

⁹ Cic. *Or.* xvi, 52.

[...] tibi enim tantum de orationis genere quaerenti respondi etiam breuiter de inueniendo et collocando.¹⁰

[...] pois a ti, que inquirias só do gênero do discurso, respondi também, brevemente, acerca do descobrir e do colocar.

Bruto parecia sondá-lo acerca do melhor “gênero” (*genus*) do discurso, mas Cícero desloca a questão para a melhor “espécie” (*species*) ou “figura” (*figura*) da eloquência ou do orador. No *Orator*, aliás, não se falará tão somente em espécie ou em figura da eloquência, senão em sua “forma” (*forma*),¹¹ “caráter” (*kharaktér*)¹², “ideia” (*idéa*)¹³, trasladando-se para a discussão vocábulos próprios da percepção visual e das artes pictórica e escultórica. Há que “adumbrar”¹⁴ a eloquência, inquirir a sua “efígie” (*effigies*)¹⁵; “levar a efeito” (*efficere*)¹⁶ o orador, “exprimi-lo” (*exprimere*)¹⁷, “imitá-lo” (*imitari*)¹⁸, “forjá-lo” (*fingere*)¹⁹, “enformá-lo” (*informare*)²⁰, “esboçá-lo” (*inchoare*)²¹, encontrar o seu “simulacro” (*simulacrum*)²².

Há que delinear a silhueta da forma da eloquência perfeita, entendida a investigação nos termos da filosofia dita neoacadêmica: pois que a verdade se oculta, o juízo deve dirigir-se por aquilo que momentaneamente a ela mais se assemelha, aquilo que é mais verossímil.²³ No *Orator*, não se expõe por que meios se deve preparar a melhor eloquência, mas se expõe, sim, a sua qualidade tal qual aparece ao investigador.²⁴ Para expô-la, deve-se forjar o orador perfeito, aquele que talvez ninguém jamais foi.

¹⁰ CIC. *Or.* xvii, 54.

¹¹ CIC. *Or.* iii, 10; v, 19; xi, 36-7; xiv, 43; xxii, 73; xxvi, 90; xxvii, 92; xxix, 101.

¹² CIC. *Or.* xi, 36; xxxix, 134.

¹³ CIC. *Or.* iii, 10.

¹⁴ CIC. *Or.* xiv, 43.

¹⁵ CIC. *Or.* iii, 9.

¹⁶ CIC. *Or.* i, 1; iv, 14.

¹⁷ CIC. *Or.* i, 3.

¹⁸ CIC. *Or.* v, 19.

¹⁹ CIC. *Or.* ii, 7.

²⁰ CIC. *Or.* ii, 7; ix, 33; xi, 37; xxiii, 75; xxv, 85; xxxix, 133.

²¹ CIC. *Or.* ix, 33.

²² CIC. *Or.* vii, 22.

²³ CIC. *Or.* lxxi, 237.

²⁴ CIC. *Or.* xiv, 43.

Na composição do *De inventione*, estabelecera-se comparação com a arte pictórica de Zêuxis. Este, para pintar o simulacro de Helena, a beleza mais excelente da forma feminina, compôs, uma vez que na natureza nada há perfeito em todas as suas partes, um corpo único a partir dos corpos das jovens mais formosas de Crotona, tirando de cada uma o melhor. Cícero, assim, ao compor o livro, não exprimiria todas as partes de um único exemplar, mas colheria de cada um dos escritores o que houvesse de mais excelente.²⁵ Por outro lado, agora, no *Orator*, a comparação é com a arte escultórica de Fídias: assim como este forjava a forma dos deuses imitando não alguém que estivesse diante de seus olhos, mas sim observando a espécie exímia da beleza, que se situava apenas em sua mente, assim Cícero forjará o sumo orador imitando a espécie da eloquência perfeita, que ele vê apenas com a alma.²⁶ Essas espécies ou formas invisíveis das coisas se identificam às ideias de Platão, estando elas livres da geração e perecimento e sendo apreendidas apenas por meio da razão.

A filosofia afirma-se primeiramente como condição necessária para o perfeito eloquente, porque “ninguém pode discursar larga e opulentamente sobre coisas grandes e várias sem filosofia”²⁷ e porque sem o aprendizado dos filósofos não se pode fazer uso da dialética,²⁸ sendo impossível que sem filosofia se possa levar a efeito o eloquente de que se inquire. Essa condição, porém, é insuficiente, porque “a tantas e tão grandes coisas [isto é, às coisas da filosofia] hão de aplicar-se ornamentos inumeráveis”²⁹, que foram transmitidos outrora pelos mestres do discursar. Mostra-se assim a dificuldade do inquérito, pois não parece existir nem ter existido quem juntasse a doutrina das coisas, isto é, a filosofia, à doutrina das palavras, isto é, à retórica, de modo que levasse a efeito a eloquência. Por isso, no forjar o sumo orador, há que inquirir não dos homens eloquentes tais quais os vemos ou ouvimos, mas sim da espécie da própria coisa, isto é, da eloquência perfeita.

Inuestigemus hunc igitur, Brute, si possumus, quem numquam uidit
Antonius aut qui omnino nullus umquam fuit; quem si imitari atque

²⁵ CIC. *Inv.* II, i, 1 – ii, 5.

²⁶ CIC. *Or.* iii, 9.

²⁷ CIC. *Or.* iv, 14.

²⁸ CIC. *Or.* iv, 16.

²⁹ CIC. *Or.* v, 17.

exprimere non possumus, quod idem ille uix deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.³⁰

Portanto, Bruto, investiguemos, se pudermos, aquele que Antônio nunca viu, ou que em absoluto ninguém jamais foi; se não podemos imitá-lo e exprimi-lo – ele mesmo dizia que isso a custo havia sido concedido a um deus –, poderemos, no entanto, quem sabe, dizer de que qualidade ele deve ser.

Assim, pois que Bruto parecera a Cícero perguntar-lhe acerca do melhor gênero do discurso, arrolam-se, logo nos primeiros passos da investigação, os três gêneros do discursar e suas respectivas divisões internas (a subdivisão de cada gênero em “rude” e “polido”),³¹ acrescentando-se que “quem quer que tenha alcançado a força de cada um desses gêneros teve grande renome entre os oradores”,³² mas que o que se quer é alguém que tenha florescido igualmente nos três gêneros.³³

Diz-se que entre os latinos parece nunca ter existido o simulacro de tal orador, mas talvez tenha existido entre os estrangeiros.³⁴ E o estrangeiro em particular a que Cícero se refere é o orador grego Demóstenes, cuja força ele diz que acomodara outrora, no *Brutus*, à ideia da eloquência perfeita. E é pelas forças (*viribus*) de Demóstenes – descrito, hiperbolicamente, como “mais ático que a própria Atenas” –, e não por sua própria debilidade, que os que se dizem áticos devem medir a eloquência, pois “cada qual agora louva tão só quanto espera poder imitar”.³⁵ Haveria, assim, da eloquência, uma quantidade de força que pode também estar contida nos homens, e Demóstenes seria, no que toca à imitação dos áticos, como que o seu modelo e medida.

Segue-se a essa referência a Demóstenes uma aparente digressão em que se propõe ensinar qual é “o louvor próprio dos áticos”,³⁶ retomando-se depois disso o inquérito acerca do orador, o que vale dizer do melhor orador. “Grande obra, e árdua, a que se intenta”,³⁷ reitera Cícero, pois se põe a descoberto a segunda dificuldade do inquérito, advinda da

³⁰ CIC. *Or.* v, 19.

³¹ CIC. *Or.* v, 20 – vi, 21.

³² CIC. *Or.* vi, 22.

³³ CIC. *Or.* vi, 20.

³⁴ CIC. *Or.* vi, 22 – vii, 22.

³⁵ CIC. *Or.* vii, 24.

³⁶ CIC. *Or.* vii, 24-32.

³⁷ CIC. *Or.* ix, 33.

variedade de opiniões acerca do melhor.³⁸ Assim como na pintura e na poesia, assim os gêneros do discurso, por efeito da variedade das naturezas e das vontades dos homens,³⁹ são muitos e diversos. Logo, se a prescrição ou fórmula há de ser expressa da forma (que, de acordo com Cícero, em grego se diz *χαρακτήρ*, *kharaktér*)⁴⁰ do melhor, e se em cada gênero há algo o melhor, como poderá o conhecedor da eloquência, em meio à diversidade de gêneros do discurso, exprimir dessa variedade de formas uma única fórmula?⁴¹

A procura de uma fórmula aparecerá também no *De optimo genere oratorum*, relacionada diretamente ao chamado “aticismo”, procurando-se com a tradução dos discursos de Ésquines e Demóstenes a fórmula do discursar a que se possa “reconvocar” os que se querem áticos.⁴² Ademais, as dificuldades encontradas na busca dessa fórmula já haviam sido apontadas por Crasso no terceiro livro do *De oratore*, quando, antes de tratar das coisas com as quais se orna e ilumina o discurso, propõe dizer o que pensa “acerca do gênero universal do discursar”.⁴³ A personagem ressalta que não há nenhuma natureza “que não tenha muitas coisas dessemelhantes em seus respectivos gêneros, mas que, não obstante, são dignas de consemelhante louvor”.⁴⁴ Depois de apresentar exemplos de coisas da natureza que, embora pertencentes a gêneros díspares, deleitam igualmente nossos sentidos,⁴⁵ sendo difícil julgar, para cada um desses sentidos, o que é aquilo que excede em doçura, afirma que o mesmo ocorre tanto nas artes da pintura e da escultura, que são mudas,⁴⁶ como no discurso e na língua. Nestes, há as maiores dessemelhanças, mas não de modo que uns devam ser vituperados, mas sim que os que devem ser louvados sejam-no, porém, em gêneros díspares.⁴⁷

Assim é entre os antigos oradores e é assim também entre os novos, inclusos os que estão presentes na discussão: Cátulo, César, Sulpício, Cota, Antônio e ele mesmo, Crasso. Se até mesmo entre esses poucos oradores há tamanhas dessemelhanças e coisas próprias a cada

³⁸ CIC. *Or.* xi, 36.

³⁹ CIC. *Or.* xvi, 52.

⁴⁰ CIC. *Or.* xi, 36.

⁴¹ CIC. *Or.* xi, 36.

⁴² CIC. *De opt.* v, 15.

⁴³ CIC. *De or.* III, vi, 25.

⁴⁴ CIC. *De or.* III, vii, 25.

⁴⁵ CIC. *De or.* III, vii, 25.

⁴⁶ CIC. *De or.* III, vii, 26.

⁴⁷ CIC. *De or.* III, vii, 26-8.

um, fazendo-se a distinção mais pelo distanciamento em relação a uma capacidade inferior do que por gênero, e louvando-se tudo o que é perfeito em seu gênero, Crasso questiona, “o que vós pensais que há de ser se quisermos abarcar todos os oradores que há ou que jamais houve? Não há de acontecer que, quantos oradores houver, quase tantos gêneros de discursar se encontrem?”.⁴⁸ É precisamente daí que pode surgir a dificuldade para aquele que deseja propor preceitos para formar o orador, pois “se as formas ou figuras do discursar são quase inumeráveis, sendo díspares na espécie e louváveis no gênero, não se pode formar com os mesmos preceitos e com uma única instituição aquilo que é discrepante”.⁴⁹

Importa atentar, porém, em que essa dificuldade é apenas aparente, pois diz-se de imediato que as coisas não se passam assim e que os instrutores devem observar aonde a natureza de cada discípulo parece levá-lo, adaptando os preceitos às naturezas singulares. Crasso diz ter levantado a dificuldade com o intuito único de que, se aquilo que disser não se coadunar com o gênero aprovado por cada um dos interlocutores, entendam eles que o gênero que exprimirá não é senão o que ele mesmo mais aprova.⁵⁰ Contudo, ele trata não de si mesmo,⁵¹ nem de nenhum outro homem que tenha existido, mas do orador perfeito, aquele que Antônio diz jamais ter visto até então e unicamente ao qual há de atribuir-se o nome da eloquência.⁵² Por isso, há apenas que rir daqueles que se denominam rétores e que julgam ter abarcado com os seus preceitos toda a força (*vis*) dos oradores, pois não entendem a personagem (*persona*) que tomam nem o que estão professando. Crasso explica ainda o porquê de agir assim: é que para inquirir de uma arte ou capacidade, é preciso inquirir dela arrematada e perfeita (*absoluta et perfecta*), não se podendo entender a qualidade e a quantidade da força e natureza de uma coisa (*vis et natura rei qualis et quanta sit*) se essa coisa não se puser perfeita diante dos olhos.⁵³

Assim, no *De oratore*, Crasso trata, não dos homens, mas do sumo orador, expondo a qualidade e a quantidade da força e natureza da eloquência, apresentada esta em sua

⁴⁸ CIC. *De or.* III, ix, 34.

⁴⁹ CIC. *De or.* III, ix, 34.

⁵⁰ CIC. *De or.* III, x, 37.

⁵¹ CIC. *De or.* III, xx, 74.

⁵² CIC. *De or.* III, xv, 54.

⁵³ CIC. *De or.* III, xxxii, 83-5.

perfeição. Já no *Brutus*, em que se trata não da coisa, mas dos homens, isto é, dos oradores, afirma-se, por oposição, que

[...] laudare igitur eloquentiam et quanta vis sit eius expromere quantamque eis, qui sint eam consecuti, dignitatem afferat, neque propositum nobis est hoc loco neque necessarium.⁵⁴

[...] portanto, louvar a eloquência e exprimir quão grande é a sua força [*quanta vis sit eius expromere*] e quanta dignidade ela confere àqueles que a alcançaram não é nosso propósito aqui nem é algo necessário.⁵⁵

Sendo o propósito de Cícero no *Orator*, assim como o de Crasso no *De oratore*, forjar o orador perfeito, para isso é preciso antes inquirir, não dos homens, mas do gênero, da força e da natureza da coisa, pois só assim se pode julgar qual é a forma do melhor.⁵⁶

[...] de genere, non de homine quaerimus; rei potius, id est eloquentiae uim et naturam explicemus.⁵⁷

[...] inquirimos do gênero, não do homem; expliquemos antes a força e a natureza [*uim et naturam*] da coisa, isto é, da eloquência.

Pois que é preciso discutir acerca da coisa, pode-se inferir que Cícero irá recorrer à “doutrina das coisas” (*rerum* [...] *doctrina*) ou “aprendizado do entender” (*intellegendi* [...] *disciplina*),⁵⁸ em outras palavras, à filosofia, estabelecendo por meio desta uma relação entre gênero e forma, pois “o que quer que se discuta com razão e método [*ratione et via*] deve ser reconduzido à forma ou espécie última do seu gênero”,⁵⁹ como afirmara logo após a primeira referência à teoria das ideias de Platão. Portanto, para entender melhor a discussão sobre o melhor gênero ou espécie do discursar, é a essa razão e método que se deve referir, sendo isso

⁵⁴ CIC. *Brut.* vi, 25.

⁵⁵ Tradução de Olavo de Almeida com adaptações vocabulares minhas. Olavo Vinícius Barbosa de Almeida, *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*, Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada por Adriano Scatolin, São Paulo, 2014, inédita, p. 66.

⁵⁶ A mesma oposição entre “homens” e “coisa” se encontra no *De optimo genere oratorum*: CIC. *De opt.* i, 2.

⁵⁷ CIC. *Or.* xxxi, 112.

⁵⁸ CIC. *Or.* v, 17.

⁵⁹ CIC. *Or.* iii, 10.

que se fará na primeira parte desta dissertação, intitulada “Como forjar o orador”. Na segunda parte, apresentaremos nossa tradução do *Orator*.⁶⁰

⁶⁰ O texto latino transcrito e utilizado para a tradução é o da coleção Guillaume Budé da editora Les Belles Lettres. Cicerón, *L’Orateur*: du meilleur genre d’orateurs, texte établi et traduit par Albert Yon, Paris, Belles Lettres, 1964.

PARTE I. COMO FORJAR O ORADOR

1. Algumas definições: noção, gênero e forma

Se o que quer que se discuta com razão e método deve ser reconduzido à forma ou espécie última do seu gênero, mas os gêneros do discurso não incidem todos numa única forma⁶¹, para que se possa inquirir da espécie ou forma última do gênero, aquela que, invisível, é contida tão só pela razão e entendimento,⁶² infere-se que há primeiro que discernir o gênero da coisa em questão. Exige-se, portanto, na discussão, o “aprendizado dos filósofos”, pois sem ele “não podemos discernir o gênero e a espécie de cada coisa, nem definindo explicá-la, nem distribuí-la em partes, nem julgar o que é verdadeiro, o que é falso, nem discernir o que é consequente, ver o que é antagônico, distinguir o que é ambíguo”.⁶³ Exige-se particularmente o aprendizado de uma das artes da filosofia, a dialética, como se pode inferir da comparação do passo citado com outro em que se trata precisamente dessa arte.

Et quoniam in omnibus, quae ratione docentur et uia, primum constituendum est quid quidque sit – nisi enim inter eos qui disceptant conuenit quid sit illud de quo ambigitur, nec recte disseri nec umquam ad exitum perueniri potest, – explicanda est saepe uerbis mens nostra de quaque re atque inuolutae rei notitia definiendo aperienda est, si quidem est definitio oratio, quae quid sit id de quo agitur ostendit quam breuissime; tum, ut scis, explicato genere cuiusque rei, uidendum est quae sint eius generis siue formae siue partes, ut in eas tribuatur omnis oratio.⁶⁴

E uma vez que em tudo que se ensina com razão e método [*ratione et via*] é preciso estabelecer primeiro o que algo é (pois, a menos que entre os debatedores se chegue a um acordo acerca do que é aquilo sobre o que se disputa, não se pode nem dissertar corretamente, nem jamais se chegar a uma saída), deve-se explicar com palavras nosso pensamento acerca de cada coisa e deve-se pôr a descoberto, definindo-a, a noção da coisa involuta – se é verdade que “definição” é o discurso que mostra o mais brevemente possível aquilo de que se trata; então, como tu sabes, explicado o gênero de cada coisa, há de se

⁶¹ Cic. *Or.* xi, 37.

⁶² Cic. *Or.* iii, 10.

⁶³ Cic. *Or.* iv, 16.

⁶⁴ Cic. *Or.* xxxiii, 116.

ver quais são as formas ou quais as partes desse gênero, para que nelas se distribua todo o discurso.

Para compreender os termos dessa discussão, pode-se começar recorrendo à definição de “definição” que se encontra nos *Topica* e daí, à definição de “noção”, “gênero” e “forma”. Cícero afirma que definição é o discurso “que explica o que é aquilo que se está definindo”, dividindo-se primeiramente em dois gêneros, segundo a coisa que se define: um é o das coisas que são (*earum rerum quae sunt*), que podem ser vistas e tocadas, como uma parede, uma goteira, um boi, um escravo etc.; o outro é o das inteligíveis (*earum quae intelleguntur*), que não podem ser tocadas nem apontadas, mas que se podem discernir e entender com a alma, como, por exemplo, “usucapião”, “tutela”, “gente” ou “agnação”.⁶⁵ Ele explica que sob as coisas inteligíveis não há, por assim dizer, nenhum corpo, havendo delas, contudo, “um entendimento sinalado e impresso na alma”, e é a esse entendimento [*intellegentia*] que chama “noção”.⁶⁶ Assim, a “noção” (*notio*, que, de acordo com Cícero, os gregos chamam ora ἔννοια, *énnoia*, ora πρόληψις, *prólepsis*) deve ser explicada por meio de uma definição, porque está assentada (*insita*), tendo sido percebida anteriormente (*ante percepta*), e exige ser desnovelada (*enodationis indigens*) para se oferecer à cognição.⁶⁷

Note-se que o particípio *insitum*, “implantado”, com que Cícero qualifica a *notio*, “noção”, das coisas invisíveis e inteligíveis nos *Topica*, é o mesmo com que, no *Orator*,⁶⁸ ele descreve a forma que está em nossas mentes, a qual remete à *species pulchritudinis eximia quaedam*, “certa espécie exímia da beleza”, a espécie invisível e inteligível que estava assentada na mente de Fídias e que é associada à *idéa* de Platão no *Orator*.⁶⁹ Ora, sabemos que a personagem Varrão nos *Academica*, ao tratar da parte da filosofia que está na razão e no dissertar, isto é, da lógica, conforme a descrição da “Velha Academia” de Antíoco, traduz *idéa* por *species* e a define como aquilo que é sempre simples e de um único modo e tal qual é. E ele continua: porque só a mente pode discernir as ideias, é ela o só juiz das coisas; portanto, o juízo da verdade está nela, e não nos sentidos, embora tenha sua origem neles. A

⁶⁵ Cic. *Top.* 26-7.

⁶⁶ Cic. *Top.* 26-7.

⁶⁷ Cic. *Top.* 31.

⁶⁸ Cic. *Or.* xxxviii, 133.

⁶⁹ Cic. *Or.* ii, 8 – iii, 10.

estes pertence só o opinável, pois são tardos e obtusos e não podem perceber de modo algum as coisas que lhes são lançadas, porque ou são pequenas demais, ou tão móveis e velozes que nada é constantemente um, ou deslizam e fluem de forma que nada é o mesmo. Assim, a ciência está apenas nas noções (*notionibus*) e razões da alma, e por isso os acadêmicos e peripatéticos aprovavam as definições das coisas e as aplicavam a tudo que estava em disputa, assim como aplicavam também a etimologia, os argumentos, a dialética e a contraparte desta, a força da oratória.⁷⁰

Nas *Tusculanae disputationes* o particípio *insitum* também é atribuído às *notiones* ou *énnoiai* assinaladas na alma, as quais por sua vez também se associam à *idéa* no que toca à questão acerca do conhecimento e da imortalidade da alma. Diz a personagem Cícero que Sócrates, no *Ménon*, ensinando geometria a um menino por meio de perguntas e respostas graduais queria chegar à conclusão de que aprender não é outra coisa senão recordar, pois não poderíamos ter de tantas e tamanhas coisas noções implantadas (*insitas*) e, por assim dizer, assinaladas (*consignatas*) na alma já desde meninos, se a alma, antes de entrar no corpo, não tivesse se avigorado com o conhecimento das coisas.⁷¹ E, acrescenta, uma vez que nada que tenha origem e perecimento pode ser, só é aquilo que é tal qual é, o que Platão chama *idéa*, e os latinos *species*. Como a alma não pode conhecer essas coisas quando está no corpo, já deve trazer consigo esse conhecimento.⁷²

Cícero, portanto, estaria adotando no *Orator* não só a doutrina das formas de Platão, senão ainda, com o uso marcado do particípio *insitum* para se referir à forma, a teoria da reminiscência da alma do mesmo autor? Mas, sendo um dos pontos fundamentais da doutrina “neocadêmica”⁷³ adotada por Cícero o de que, embora muitas coisas sejam prováveis, nada se pode perceber⁷⁴, não haveria aí contradição? Para um estudioso como Ingo Gildenhard, não só não há contradição, como a postulação do ser das formas é muito coerente com a restrição à probabilidade e à verossimilhança, pois é precisamente a postulação de uma verdade que

⁷⁰ CIC. *Acad.* viii, 30-2.

⁷¹ CIC. *Tusc.* I, xxiv, 57-8.

⁷² CIC. *Tusc.* I, xxiv, 58

⁷³ CIC. *Acad.* iv, 13; xii, 43-6.

⁷⁴ CIC. *Nat. D.* V, 12.

permite a Cícero ater-se ao que a ela é semelhante, utilizando as formas como guias para o discurso dialético.⁷⁵

Parece ser assim, mas essa coerência não é tão evidente. Em primeiro lugar, porque no *Orator* não se afirma que as noções das formas estão implantadas na mente, como se lê nas *Tusculanae*, mas sim que nela se assentam e estão implantadas as próprias formas, o que leva à questão acerca do seu estatuto. Em segundo lugar, porque fundamentar a probabilidade e a verossimilhança na afirmação forte da doutrina das formas seria fundamentá-las num dogma acerca da verdade, que não estaria, portanto, como Cícero afirma, completamente oculta.

Com efeito, o participio *insitum*, que se atribui à forma no *Orator*, pode ser interpretado como “inato”, se tomarmos por base de comparação o referido passo das *Tusculanae*. Por outro lado, se tomarmos por base o referido passo dos *Topica*, esse participio, qualificando as noções, pode estar desvinculado da teoria da reminiscência e da imortalidade da alma e referir-se à doutrina estoica ou epicurista da noção, que não se valem da teoria das ideias de Platão quando afirmam que a prenoção (*prólepsis*) é “natural”. Assim temos, primeiramente, a doutrina da *prólepsis*, “antecipação”, atribuída por Cícero a Epicuro no *De natura deorum*.

Quae est enim gens aut quod genus hominum, quod non habeat sine doctrina anticipationem quandam deorum? quam appellat πρόληψιν Epicurus, id est anteceptam animo rei quandam informationem, sine qua nec intellegi quicquam nec quaeri nec disputari possit.⁷⁶

Que gente ou que gênero de homens há que não tenha, ainda que sem doutrina, certa antecipação dos deuses? A essa antecipação Epicuro chama *prólepsis*, isto é, certa enformação da coisa, enformação essa já antes tomada pela alma e sem a qual não se pode nem entender nem inquirir nem discutir o que quer que seja.

“Tomada antes pela alma” é o modo como traduzimos *anteceptam*, que, por sua vez, apresenta similaridade com aquela locução *ante percepta* atribuída à noção nos *Topica*. Contudo, como Cícero não parece demonstrar tendência para a doutrina epicurista, analisemos a doutrina estoica da noção, começando pela exposição das correções da doutrina

⁷⁵ Ingo Gildenhard, “Of Cicero’s Plato: fictions, Forms, foundations”, in *Aristotle, Plato and Pythagoreanism in the First Century BC* (ed. Malcolm Schofield), Cambridge, Cambridge University Press, 2013, p. 261.

⁷⁶ Cic. *Nat. D.* I, xvi, 43.

acadêmica atribuídas por Varrão – e, daí, supostamente por Antíoco, outrora mestre de Cícero⁷⁷ – ao filósofo estoico Zenão.

Varrão afirma nos *Academica* que Zenão atribuía confiança aos sentidos. Primeiro porque a apreensão (*comprehensio*) deles lhe parecia verdadeira e fiel, e isso não porque apreende tudo que há numa coisa, mas porque dela não abandona nada que possa incidir em si. Segundo, porque ele julgava que a natureza dera a norma, por assim dizer, da ciência e o princípio de si mesma, sendo a partir desse princípio que as noções (*notiones*) das coisas se imprimem nas almas. Por sua vez, a partir dessas noções se abrem não só os princípios, mas certas vias mais largas para descobrir a razão.⁷⁸

Já na primeira versão dos *Academica*, mais especificamente no *Lucullus*, fora atestado o uso acadêmico das correções feitas por Zenão, pois Luculo afirma, expondo a doutrina da Velha Academia de Antíoco, que as noções se imprimem na alma.

Mens enim ipsa, quae sensuum fons est atque etiam ipsa sensus est, naturalem vim habet quam intendit ad ea quibus movetur. Itaque alia visa sic arripit ut iis statim utatur, alia quasi recondit, e quibus memoria oritur, cetera autem similitudinibus construit, ex quibus efficiuntur notitiae rerum, quas Graeci tum ἔννοιας tum προλήψεις vocant. Eo cum accessit ratio argumentique conclusio rerumque innumerabilium multitudo, tum et perceptio eorum omnium apparet et eadem ratio perfecta his gradibus ad sapientiam pervenit.⁷⁹

Com efeito, a própria mente, que é fonte dos sentidos e é ela própria um sentido, tem uma força natural que estende em direção àquilo pelo qual é movida. Assim, algumas visões ela arrebatava para usá-las de imediato, outras ela como que esconde, donde se origina a memória; as demais, por sua vez, ela constrói por meio de semelhanças, e a partir delas se levam a efeito as noções das coisas, que os gregos chamam ora *ennóias*, ora *prolépseis*. Quando se acrescenta aí a razão e as conclusões dos argumentos e uma multidão inumerável de coisas, então aparece a percepção de tudo isso, e a mesma razão, perfeita com esses passos, chega à sapiência.

No terceiro livro do *De finibus*, a personagem Catão especifica quais são os modos pelos quais se levam a efeito as noções das coisas, afirmando que elas se fazem na alma ao se

⁷⁷ CIC. *Brut.* xci, 315.

⁷⁸ CIC. *Acad.* I, xi, 42.

⁷⁹ CIC. *Luc.* x, 29.

conhecer algo seja por uso, seja por conjunção, seja por semelhança, seja por comparação racional, sendo por este último modo que se fez a noção do bem.⁸⁰

Ademais, a noção seria capaz de discernir as visões verdadeiras das falsas, fundamentando assim a dialética estoica, como inferimos da seguinte fala de Luculo: “Mas se todas as visões fossem tais quais esses aí dizem, podendo elas muito bem ser falsas, e nenhuma noção [*notio*] pudesse discerni-las, de que modo poderíamos dizer que alguém concluiu ou descobriu algo, e que confiança se poderia atribuir a um argumento conclusivo?”⁸¹

Essa doutrina da noção parece remeter, por sua vez, àquela que Diógenes Laércio atribui ao estoico Crisipo, segundo a qual “as coisas apreendem-se por meio de noções”,⁸² sendo os critérios da verdade a sensação e a “prenoção” (*prólepsis*), que é uma “noção natural” (ἐννοια φυσική, *énnoia physiké*) daquilo que é “universal” (τῶν καθόλου, *tôn kathólou*).⁸³ A personagem Marco Cícero, no *De legibus*, dá igualmente a entender que as prenoções ou as noções são naturais, pois a natureza teria ornado o homem não só com uma mente célere, mas também com os sentidos, que são como que os seus satélites e núncios, e teria enovelado “entendimentos obscuros e não suficientemente expressos” de uma pluralidade de coisas (*rerum plurimarum obscuras nec satis <expressas> intellegentias enodavit*), sendo essas noções o fundamento da ciência.⁸⁴

Como indica Carlos Lévy,⁸⁵ ao menos no estoicismo não parece haver ideias inatas. Dizer que a prenoção (*prólepsis*) é uma noção “natural” (*énnoia physiké*) não equivale a dizer que é noção “inata”, mas tão só que é noção advinda das sensações e da experiência sem aprendizado e sem exercício. De fato, é o que lemos no seguinte passo dos *Placita* de Aécio.

Οἱ Στωϊκοί φασιν· ὅταν γεννηθῇ ὁ ἄνθρωπος, ἔχει τὸ ἡγεμονικὸν μέρος τῆς ψυχῆς ὥσπερ χάρτιν εὐέργον εἰς ἀπογραφὴν· εἰς τοῦτο μίαν ἐκάστην τῶν ἐννοιῶν ἐναπογράφεται. Πρῶτος δὲ [ὁ] τῆς ἀναγραφῆς τρόπος ὁ διὰ τῶν αἰσθήσεων. αἰσθανόμενοι γάρ τινος οἶον λευκοῦ, ἀπελθόντος αὐτοῦ μνήμην

⁸⁰ Cic. *Fin.* III, x, 33.

⁸¹ Cic. *Luc.* ix, 27.

⁸² DL VII, 42: [...] διὰ γὰρ τῶν ἐννοιῶν τὰ πράγματα λαμβάνεται.

⁸³ DL VII, 54: “E Crisipo, no primeiro livro do *Acerca da razão*, diz, divergindo de si mesmo, que os critérios [da verdade] são a sensação e a prenoção, sendo prenoção uma noção natural daquilo que é universal”. [ὁ δὲ Χρύσιππος διαφερόμενος πρὸς αὐτὸν ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ λόγου κριτήριά φησιν εἶναι αἴθησιν καὶ πρόληψιν· ἔστι δ' ἡ πρόληψις ἐννοια φυσική τῶν καθόλου].

⁸⁴ Cic. *Leg.* I, ix, 26.

⁸⁵ Carlos Lévy, *Cicero Academicus: recherches sur les Académiques et sur la philosophie cicéronienne*, Roma, École française de Rome, 1992, p. 304.

ἔχουσιν· ὅταν δὲ ὁμοειδεῖς πολλαὶ μνημαὶ γένωνται, τότε φάμεν ἔχειν ἐμπειρίαν· ἐμπειρία γάρ ἐστι τὸ τῶν ὁμοειδῶν φαντασιῶν πλήθος. Τῶν δὲ ἐννοιῶν αἱ μὲν φυσικῶς γίνονται κατὰ τοὺς εἰρημένους τρόπους καὶ ἀνεπιτεχνήτως, αἱ δὲ ἤδη δι’ ἡμετέρας διδασκαλίας καὶ ἐπιμελείας· αὗται μὲν οὖν ἐννοιαὶ καλοῦνται μόνον, ἐκεῖναι δὲ καὶ προλήψεις. Ὁ δὲ λόγος, καθ’ ὃν προσαγορευόμεθα λογικοὶ ἐκ τῶν προλήψεων συμπληροῦσθαι λέγεται κατὰ τὴν πρώτην ἐβδομάδα.⁸⁶

Dizem os estoicos: quando o homem nasce, a parte hegemônica de sua alma é como uma folha de papel pronta para ser escrita. Sobre ela inscreve-se cada uma de suas noções [ἐκάστην τῶν ἐννοιῶν]. O primeiro modo dessa escrita é por meio das sensações [διὰ τῶν αἰσθήσεων], pois os que sentem algo branco têm a memória dele quando ele se vai. E quando são geradas uniformemente muitas memórias dizemos ter experiência, pois “experiência” [ἐμπειρία] é uma pluralidade de visões uniformes [τὸ τῶν ὁμοειδῶν φαντασιῶν πλήθος]. Das noções [ἐννοιῶν] umas geram-se naturalmente e sem artifício pelos sobreditos modos; já outras mediante nosso aprendizado e exercício. As segundas são chamadas apenas “noções” [ἐννοιαὶ], ao passo que as primeiras também se chamam “prenoções” [προλήψεις]. E diz-se que a razão (em razão da qual somos chamados “racionais”) se enche completamente de prenoções nos primeiros sete anos de vida.

Evidentemente, não é porque nos *Topica* e no *De legibus* Cícero se vale da teoria estoica e antioquiana das noções naturalmente impressas que ele necessariamente as adotaria no *Orator*. Com efeito, numa obra em que se remete o inquérito da eloquência perfeita às ideias de Platão, ideias essas que não se podem perceber “nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem por nenhum sentido” e que abarcamos “tão só com a cogitação e a mente”,⁸⁷ não parece ser possível a utilização de uma doutrina “sensualista” das noções qual a estoica (note-se que Luculo afirma que a mente é fonte dos sentidos e ela mesma um sentido).

A questão, porém, não é tão simples. Na doutrina acadêmica de Antíoco exposta por Luculo já se postula que as noções, embora tenham origem nos sentidos, não são percebidas propriamente por eles, mas sim pela alma.

Atque qualia sunt haec quae sensibus percipi dicimus, talia secuntur ea quae non sensibus ipsis percipi dicuntur sed quodam modo sensibus, ut haec: ‘Illud est album, hoc dulce, canorum illud, hoc bene olens, hoc asperum.’ Animo iam haec tenemus comprehensa, non sensibus. ‘Ille’ deinceps ‘equus est, ille canis.’ Cetera series deinde sequitur maiora nectens, ut haec quae quasi expletam rerum comprehensionem amplectuntur: ‘Si homo est, animal

⁸⁶ SVF II, 83.

⁸⁷ Cic. *Or.* ii, 8.

est mortale, rationis particeps.’ Quo e genere nobis notitiae rerum imprimuntur, sine quibus nec intellegi quidquam nec quaeri disputarive potest. Quodsi essent falsae notitiae (ἔννοιας enim notitias appellare tu videbare) – si igitur essent hae falsae aut eius modi visis impressae qualia visa a falsis discerni non possent, quo tandem iis modo uteremur? quo modo autem quid cuique rei consentaneum esset, quid repugnaret, videremus?⁸⁸

E tal qual aquilo que dizemos ser percebido pelos sentidos é aquilo que dizem que não é percebido propriamente pelos sentidos, mas *de certo modo* pelos sentidos, como o seguinte: ‘Aquilo é branco, isto é doce, aquilo é canoro, isto cheira bem, aquilo é áspero’. Temos a apreensão disso já por meio da alma [*Animo iam haec tenemus comprehensa*], não pelos sentidos. Depois, ‘aquilo é um cavalo, aquilo, um cão’. Então se segue a série que conecta o que é maior, como, por exemplo, o seguinte, que abraça como que uma apreensão completa das coisas: “Se é homem, é animal mortal partícipe da razão”. São desse gênero as noções que se imprimem em nós das coisas, sem as quais noções não se pode nem entender nem inquirir nem discutir o que quer que seja. Por outro lado, se houvesse noções falsas (com efeito, tu chamavas “noções” as *ennóias*) – se, portanto, houvesse noções falsas ou impressas por visões de tal qualidade que não pudessem discernir-se das falsas, de que modo poderíamos fazer uso delas? Ora, de que modo veríamos o que é consentâneo com cada coisa, o que lhe é antagônico?

Em primeiro lugar, infere-se da fala de Luculo que Cícero já teria tratado das noções, traduzindo por *notiones* as ἔννοιαι e propondo que elas podem ser falsas. A razão dessa proposição provavelmente é que para Cícero elas se originariam de visões que já podem ser falsas, não trazendo em si a marca da evidência estoica e, portanto, não podendo ser “percebidas” e “apreendidas” propriamente em sentido estoico. Como sabemos, Cícero não adota a doutrina estoica e antioquiana que postula uma série lógica coesa que partiria de visões evidentemente apreensíveis para, passando pelas noções e pela “apreensão completa”, chegar à sapiência. Contudo, é fazendo uso da doutrina das visões que os neocadêmicos, e entre eles Cícero, refutam a doutrina dessa série contínua. Como inferimos da comparação desse passo do *Lucullus* com os passos citados do *De legibus* e dos *Topica*, Cícero teria se apropriado não só da doutrina das visões, retirando muito embora seu fundamento de verdade, mas teria feito uso também da doutrina das noções que lhe é consequente.

Em segundo lugar, uma vez que as noções são apreendidas pela alma, e não propriamente pelos sentidos (embora *de certo modo* pelos sentidos), não haveria contradição com os postulados do *Orator* acerca da apreensão das ideias pela alma se nesse livro Cícero

⁸⁸ Cic. *Luc.* vii, 21-2.

estivesse fazendo um uso neoacadêmico da doutrina estoica das noções tal qual fora apropriada por Antíoco. A afirmação de Luculo de que “apreendemos as noções já com a alma” (*animo iam haec tenemus comprehensa*) em nada destoa da afirmação de Cícero no *Orator* de que não se pode ver ou apreender as ideias com os sentidos, mas só com a cogitação e a mente, na qual enfim elas se assentam; nem destoa da afirmação de que Antônio “havia apreendido certa forma da eloquência com a alma” (*habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae*); muito pelo contrário, ambas as afirmações se assemelham.

Aquilo de que parece destoar é a afirmação de que as ideias são sempre num único e mesmo estado,⁸⁹ pois, se fossem apenas noções, certamente não seriam assim. Embora elas não se reduzam às noções, note-se que em alguns passos Cícero marca a autoria platônica da doutrina antes de predicar daquele modo as ideias: “Platão diz que elas sempre são”, “retornemos àquela forma ou espécie da coisa, a de Platão” etc.

Ego enim quid desiderem, non quid uiderim disputo redeoque ad illam Platonis de qua dixeram rei formam et speciem, quam etsi non cernimus, tamen animo tenere possumus. Non enim eloquentem quaero neque quicumque mortale et caducum sed illud ipsum, cuius qui sit compos, sit eloquens; quod nihil est aliud nisi eloquentia ipsa, quam nullis nisi mentis oculis uidere possumus.⁹⁰

Com efeito, eu discuto o que desejo, não o que vi, e retorno àquela forma ou espécie da coisa de que falei, a de Platão, a qual, embora não possamos discernir, podemos deter com a alma. Pois não inquiri um eloquente, nem algo mortal e caduco, mas aquilo mesmo que quem tiver em seu poder será eloquente, e que nada mais é senão a própria eloquência, a qual não podemos ver com os olhos, a não ser os da mente.

Ademais, note-se que, de acordo com Cícero, Antônio não apreendera a forma da eloquência, mas *certa* forma da eloquência.

[...] quod si ille nec se nec L. Crassum eloquentem putauit, habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae [...].⁹¹

⁸⁹ Cic. *Or.* iii, 10.

⁹⁰ Cic. *Or.* xxix, 101.

⁹¹ Cic. *Or.* v, 19.

[...] e, se ele nem a si nem a Lúcio Crasso reputou eloquente, é certo que tinha apreendido com a alma certa forma da eloquência [...].

E, do mesmo modo, na mente de Fídias não estava assentada a espécie exímia da beleza, mas *certa* espécie exímia da beleza.

[...] sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam.⁹²

[...] mas em sua própria mente estava assentada certa espécie exímia da beleza.

Aqui e ali, as formas parecem ser assim, digamos, relativizadas. No *Lucullus*, ao tratar da terceira parte da filosofia, a lógica, Cícero, arrolando as opiniões de filósofos e de disciplinas filosóficas acerca do critério (*iudicium*) da verdade, insere entre elas a doutrina platônica da separação entre os sentidos e a mente, doutrina essa que, a nosso ver, poderia fundamentar a afirmação dogmática da teoria das formas.

Aliud iudicium Protagorae est qui putet id cuique verum esse quod cuique videatur, aliud Cyrenaicorum qui praeter permotiones intimas nihil putant esse iudicii, aliud Epicuri qui omne iudicium in sensibus et in rerum notitiis et in voluptate constituit; Plato autem omne iudicium veritatis veritatemque ipsam abductam ab opinionibus et a sensibus cogitationis ipsius et mentis esse voluit.⁹³

Um juízo é o de Protágoras, que reputa ser verdadeiro para cada qual tudo o que parece ser verdadeiro a cada qual; outro é o dos cirenaicos, que reputam não haver nenhum juízo exceto o dos movimentos internos; outro é o de Epicuro, que estabelece que todo juízo está nos sentidos e nas noções das coisas e na volúpia; Platão, por sua vez, quis que todo o juízo da verdade e a própria verdade, separando-se das opiniões e dos sentidos, pertencessem à cogitação e à mente.

Contudo, Cícero não mostra estrita adesão a essa doutrina da separação dos sentidos e da mente, assim como não mostra adesão à doutrina de Antíoco que propõe que se atribua confiança aos sentidos, isto é, às visões evidentes e “apreensíveis”. Mais próxima à sua posição parece ser aquela da chamada Nova Academia, iniciada por Arcesilau, que instituiu

⁹² Cic. *Or.* ii, 9.

⁹³ Cic. *Luc.* xlvi, 142.

um certame com Zenão, afirmando que nada pode ser conhecido nem percebido, pois, de um lado, a verdade está imersa nas profundezas e tudo permanece oculto, rodeado de trevas e sujeito apenas à opinião, e, de outro, os sentidos são estreitos, a alma, débil. Importa notar, contudo, que Cícero diz que essa Nova Academia lhe parece ser velha, pois remonta a Platão, “em cujos livros nada se afirma e muitas coisas se dissertam em prol e contra [*in utramque partem*], de tudo se inquire e nada se diz com certeza”.⁹⁴ Portanto, sua leitura da doutrina das formas e da imortalidade da alma parece se dar pelo viés da incerteza e do provável, e não em chave dogmática.

Aliás, devia causar espécie já entre os contemporâneos a asseveração da doutrina das ideias e de outras doutrinas, como as estoicas, por parte de alguém que professava seguir a chamada Nova Academia, o que se pode inferir de um passo do *De officiis* no qual Cícero, defendendo o dito “probabilismo”, responde a certas acusações de inconsistência que lhe teriam lançado os “doutos e eruditos”.

Nos autem, ut ceteri alia certa, alia incerta esse dicunt, sic ab iis dissidentes alia probabilia, contra alia dicimus. Quid est igitur quod me impediat ea quae probabilia mihi videantur sequi, quae contra improbare, atque adfirmandi adrogantiam vitantem fugere temeritatem, quae a sapientia dissidet plurimum? Contra autem omnia disputatur a nostris, quod hoc ipsum probabile elucere non posset nisi ex utraque parte causarum esset facta contentio.⁹⁵

Por outro lado, assim como os demais dizem que há umas coisas certas, outras incertas, assim nós, discordando deles, dizemos que há umas coisas prováveis, outras o contrário disso. Portanto, o que me impede de seguir aquilo que me parece provável, evitando assim a arrogância da afirmação para escapar à temeridade, que é o que há mais discordante da sapiência? Ora, os nossos discutem contra tudo, porque esse provável não pode transluzir [*eluceat*] se não se fizer uma contenda das causas em prol e contra [*nisi ex utraque parte causarum esset facta contentio*].

Assimila-se de certo modo esse “provável” ao que é “verossímil”, como se depreende da comparação com um passo do *Lucullus*.⁹⁶ Portanto, o “semelhante ao verdadeiro” a que Cícero se restringe no *Orator* parece ser como aquilo que é provável, o que transluz de uma

⁹⁴ CIC. *Acad.* xii, 44-6.

⁹⁵ CIC. *Off.* II, 7-8.

⁹⁶ CIC. *Luc.* iii, 7-8.

contenda *in utramque partem*, “em prol e contra”, como por sua vez podemos inferir da comparação desses passos com a conclusão do livro.

Habes meum de oratore, Brute, iudicium; quod aut sequere, si probaueris, aut tuo stabis, si aliud quoddam est tuum. In quo neque pugnabo tecum neque hoc meum, de quo tantopere hoc libro asseueravi, umquam affirmabo esse uerius quam tuum. Potest enim non solum aliud mihi ac tibi, sed mihimet ipsi aliud alias uideri. Nec in hac modo re, quae ad uulgi adsensum spectet et ad aurium uoluptatem, quae duo sunt ad iudicandum leuissima, sed ne in maximis quidem rebus quicquam adhuc inueni firmius, quod tenerem aut quo iudicium meum dirigerem, quam id quodcumque mihi quam simillimum ueri uideretur, cum ipsum illud uerum tamen in occulto lateret.⁹⁷

Tens, Bruto, o meu juízo acerca do orador; podes segui-lo, se o tiveres aprovado, ou podes ficar com o teu, se é outro. Quanto a isso, não lutarei contigo, nem afirmarei jamais que o meu, que tive tanto trabalho para asseverar neste livro, é mais verdadeiro que o teu. Pode ser não só que a mim me pareça uma coisa, e a ti outra, como a mim mesmo a mesma coisa pode em momentos distintos me parecer diferente. E não só nessa coisa, em que se observa o assentimento do vulgo e a volúpia dos ouvidos, que são ambos o que há de mais leve para julgar, mas nem sequer nas maiores coisas descobri até agora algo que eu pudesse deter ou pelo qual pudesse dirigir o meu juízo que fosse mais firme que aquilo que, o que quer que seja, me parecesse ser o mais semelhante ao que é verdadeiro, permanecendo este, todavia, oculto.

Observe-se que postular um verdadeiro que está oculto e ao qual o verossímil e o provável se assemelham não implica que esse verdadeiro seja uma forma de Platão. Aliás, se a doutrina exposta no *Orator* segundo a qual se pode ver com a alma a forma da eloquência assentada na mente fosse tomada em sentido dogmático, haveria contradição com a restrição à verossimilhança com que Cícero conclui o livro, pois, uma vez que se avistou a forma, e ela é a verdade, esta não estaria oculta. Tendo isso em vista, para usar a doutrina das formas de modo coerente com a restrição ao verossímil, Cícero parece retirar sutilmente a verdade delas, fazendo uso da doutrina estoica e acadêmica para associar a forma de Platão a uma noção e para reduzir a afirmação da doutrina das formas a uma afirmação apenas provável, mantendo muito embora sua função de guia para a prática dialética e de exemplar para a composição do orador perfeito.

⁹⁷ CIC. *Or.* lxxi, 237.

Portanto, como Cícero associa a ideia à noção, e como ele usa *notio* não só para traduzir a *prólepsis*, que parece ser natural, mas também a *énnoia*, que parece ser fruto da doutrina e exercício, não sendo, para os estoicos e epicuristas, nem uma nem outra inata, melhor talvez seja entender o particípio *insita* atribuído à forma no *Orator* apenas como “implantada”, deixando assim aberta a interpretação. Do mesmo modo, o verbo *containeri*, “apreender-se”, usado por Cícero para referir-se às ideias em *easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intellegentia containeri* (“e nega-lhes o gerar-se e diz que elas sempre são e apreendem-se pela razão e o entendimento”),⁹⁸ pode remeter tanto à doutrina da reminiscência exposta nas *Tusculanae* como à doutrina da noção impressa de Antíoco após uma provável apropriação neocadêmica. Outro particípio usado por Cícero no mesmo passo do *Orator* para se referir à *species*, a saber, *cogitata*, também não resolve a indecisão, pois pode significar tanto a combinação das percepções⁹⁹ de uma coisa exterior guardadas e ocultas na memória, como a excogitação de algo que está na alma de modo inato.

Até agora vimos que no *Orator* Cícero entende *forma et species* como tradução tanto de *idéa* como de *kharaktér*. Já nos *Topica*,¹⁰⁰ lemos que “forma” ou “espécie” traduz também o grego *éidos*, explicando-se, além disso, o motivo do uso da locução *forma et species*, que encontramos no *Orator*: Cícero afirma que os romanos, em verdade, quando acaso tratam da divisão, traduzem *éidos* por *species* (recordemos aqui que é a palavra *species* que a personagem Varrão propõe para a tradução de *idéa* nos *Academica*)¹⁰¹, mas que considera essa palavra incômoda em alguns casos da língua latina, como no genitivo e no ablativo ou dativo plural. Julgando assim que não gostaria de dizer *specierum* ou *speciebus*, mas *formis* e *formarum* sim, e como uma e outra palavra significam a mesma coisa, opta pela comodidade

⁹⁸ Cic. *Or.* iii, 10.

⁹⁹ Cic. *Fin.* V, xxvi, 76: “‘Quem pode não aprovar aquilo que lhe parece provável?’ / ‘Por acaso’, diz Pisão, ‘alguém pode aprovar o que não percebeu, não compreendeu, não conheceu?’ / ‘Não há aí, Pisão, um grande dissenso’, respondi. ‘Com efeito, não é outra a razão pela qual nada me parece poder ser percebido, senão a de que o valor da percepção é definido pelos estoicos de forma a dizerem que nada pode ser percebido senão o que é verdadeiro de tal modo que não possa ser falso’”. [*Quis enim potest ea quae probabilia uideantur ei non probare? / An uero, inquit [sc. Piso], quisquam potest probare, quod perceptum, quod comprehensum, quod cognitum non habet? / Non est ista, inquam, Piso, magna dissensio. Nihil enim est aliud, quam ob rem mihi percipi nihil posse uideatur, nisi quod percipiendi uis ita definitur a Stoicis, ut negent quicquam posse percipi nisi tale uerum, quale falsum esse non possit*].

¹⁰⁰ Cic. *Top.* 30.

¹⁰¹ Cic. *Acad.* viii, 30-1.

no uso da língua.¹⁰² Parece-nos, portanto, que usando o segundo termo da locução *forma et species* ele deixaria claro aos seus leitores aquilo a que se refere, e associando-o ao primeiro termo faria com que este pudesse ser utilizado isoladamente quando mais cômodo.

De qualquer modo, importa saber que nos *Topica* tanto o “gênero” como a “forma” são noções, sendo gênero “uma noção pertinente a muitas diferenças”, e forma “uma noção cuja diferença pode reportar-se à cabeça e fonte, por assim dizer, do gênero”.¹⁰³ Se o que se define, como vimos, é a noção, e se tanto o gênero como a forma são noções, eles devem ser definidos.

Ademais, a “definição” é passível de uma segunda divisão afora aquela que se faz entre as coisas que são e as que não são. Cícero afirma que umas definições se fazem mediante partições, outras mediante divisões, diferindo partição e divisão em que esta esgota as formas ou espécies em que se divide o gênero,¹⁰⁴ enquanto a partição tem potencialmente infinitas partes.¹⁰⁵ “Formas”, portanto, são aquilo “em que o gênero se divide sem que nenhuma seja omitida”; por exemplo, o gênero do direito se divide em três formas, a saber, em lei, costume e equidade.¹⁰⁶

Ora, quanto às formas ou espécies do discurso no *Orator*, por serem precisamente três, opera-se a divisão do gênero em formas.

2. A divisão

Pois que se reformulou a conversação (*sermo*) do *Orator* em termos que, embora emprestados ao sentido da visão e às artes da escultura e da pintura, remetem à filosofia, recorre-se, como dissemos, no inquérito da questão do gênero do discurso, a um dos métodos (*ratio et via*) convenientes à discussão filosófica (*disputatio*)¹⁰⁷, qual seja, o método dialético. Como se pode depreender dos passos citados que dizem respeito à dialética, esse método

¹⁰² Cíc. *Top.* 30.

¹⁰³ Cíc. *Top.* 31.

¹⁰⁴ Cíc. *Top.* 31.

¹⁰⁵ Agradeço a Yuri Brandão Ulbricht por chamar a atenção para esse passo.

¹⁰⁶ Cíc. *Top.* 31.

¹⁰⁷ Cíc. *Or.* xxix, 101; xliii, 148; lxi, 204; xlvi, 222; lxxi, 238.

preceitua que primeiro se veja o gênero a que pertence a coisa que se discute, depois que esta se explique por meio de definição e, enfim, que se divida em suas formas e espécies. Sabemos que o que Cícero intenta exprimir é a força e a natureza da coisa, isto é, da eloquência perfeita, versando o inquérito, ou questão, não acerca dos homens, mas acerca da coisa;¹⁰⁸ e que, para esboçar a forma da coisa em sua perfeição, é preciso discernir o gênero a que essa forma ou espécie última pertence,¹⁰⁹ pois nem todos os gêneros incidem numa mesma e única forma.¹¹⁰

Desse modo, verifica-se que, embora a eloquência atinja a sua força máxima no orador, ela não lhe é exclusiva. Com efeito, para Cícero, no orador deve haver cinco coisas (*res*), a saber, descoberta (*inventio*), disposição, elocução, memória e atuação. As duas primeiras, descoberta e disposição, são condição necessária, embora não suficiente, da eloquência, sendo mais próprias da prudência.¹¹¹ Afirma-se, então, recorrendo-se à etimologia, que “eloquente” é qualidade da “eloquência”, caracterizando-se esta, no *Orator*, principalmente pela elocução; logo, ao orador, por se lhe atribuir, e somente a si, o valor ou força (*vis*) máxima da elocução, pode-se com propriedade chamar “eloquente”.

Sed iam illius perfecti oratoris et summae eloquentiae species exprimenda est. Quem hoc uno excellere id est oratione, cetera in eo latere indicat nomen ipsum; non enim inuentor aut compositor aut actor qui haec complexus est omnia, sed et Graece ab eloquendo ῥήτωρ et Latine eloquens dictus est; ceterarum enim rerum, quae sunt in oratore, partem aliquam sibi quisque uindicat, dicendi autem, id est eloquendi, maxima uis soli huic conceditur.¹¹²

Mas já há que exprimir a espécie daquele orador perfeito e da suma eloquência. O seu próprio nome indica que ele excede só nisto, isto é, no discurso [*oratio*], e que o resto está nele oculto; pois não se chamou “descobridor” ou “compositor” ou “ator” quem abarcou todas essas coisas [as coisas da eloquência], mas, de “elóquio” [*eloquendi*], chamou-se, em grego, *rhétor*, em latim “eloquente” [*eloquens*]; pois, das outras coisas que estão no orador, cada um reivindica uma parte; do discursar – isto é, do elóquio –, no entanto, a força [*uis*] máxima só a ele se concede.

¹⁰⁸ Cíc. *Or.* xxxi, 112.

¹⁰⁹ Cíc. *Or.* iv, 16.

¹¹⁰ Cíc. *Or.* xxxi, 112.

¹¹¹ Cíc. *Or.* xiv, 44.

¹¹² Cíc. *Or.* xix, 61.

Pelo que, supostas a descoberta e a disposição – condições necessárias, mas supridas pela prudência –, assim como a atuação e a memória – por ser, a primeira, mais própria do ator, e a segunda, comum a outras artes, não pertencendo nem uma nem outra ao cerne da questão tratada no *Orator* –, o inquérito pode, sem omitir o restante, concentrar-se no que é mais próprio ao orador, a elocução.

Portanto, Cícero, depois de, como vimos, estabelecer o que se discute, toma por critério a elocução e separa de outros gêneros consemelhantes o gênero que é próprio do orador. Separado assim o gênero do orador dos gêneros dos filósofos¹¹³, dos sofistas¹¹⁴, dos historiadores¹¹⁵ e dos poetas¹¹⁶, formula-se então a definição do eloquente:

Erit igitur eloquens [...] is qui in foro causisque ciuilibus ita dicet ut probet, ut delectet, ut flectat.¹¹⁷

Será, portanto, eloquente [...] aquele que no fórum e nas causas civis discursar de modo que prove, que deleite, que dobre [os ouvintes].

Após acrescentar que “provar é de necessidade, deleitar de doçura, dobrar de vitória”, pois, de todos, o dobrar é o que tem mais poder (*potest plurimum*) para ganhar as causas,¹¹⁸ Cícero atrela os gêneros do discurso a esses três ofícios do orador (*officia oratoris*): quantos são os ofícios, tantos são os gêneros do discursar.¹¹⁹ Assim, o orador, de um lado, há de ter “suma capacidade” (*summa facultas*) para discursar de qualquer modo que a causa solicitar; de outro, há de ter grande juízo (*magnum iudicium*), porque, julgando o que é conveniente a cada coisa, há de moderar e temperar essa variedade tripartite dos gêneros.¹²⁰

O orador há de julgar conforme a conveniência (*decorum, prépon*), pois é por observar a conveniência nos pensamentos e nas palavras do discurso que escolhe aqueles que convêm à ocasião, à coisa de que se trata e às pessoas – tanto dos que ouvem, como dos que

¹¹³ CIC. *Or.* xix, 62-64.

¹¹⁴ CIC. *Or.* xix, 65.

¹¹⁵ CIC. *Or.* xix, 66.

¹¹⁶ CIC. *Or.* xix, 66-68.

¹¹⁷ CIC. *Or.* xxi, 69.

¹¹⁸ CIC. *Or.* xxi, 69.

¹¹⁹ CIC. *Or.* xxi, 69.

¹²⁰ CIC. *Or.* xxi, 70.

discursam.¹²¹ Esse juízo coloca-o Cícero no âmbito da sapiência, a qual, sendo fundamento de todas as coisas, é condição da eloquência: a sapiência diz tanto à vida – matéria de uma das partes da filosofia – como ao discurso, à gramática, à pintura, à comédia e aos poemas.

Consistindo a eloquência propriamente no modo como se tratam as coisas por meio de palavras e pensamentos, é “evidente [suposto o juízo do orador] que, não só as partes do discurso, senão causas inteiras devem ser tratadas por uma ou outra forma do discursar”.¹²² Daí se depreende que Cícero, ao atrelar os três gêneros do discurso aos três ofícios do orador, dialeticamente dividira, após defini-lo, o gênero do discursar em suas formas ou espécies. É para que se conheça cada uma dessas formas que irá então inquirir de suas respectivas “notas” (*notae*) ou “fórmulas” (*formulae*).¹²³ Descrevem-se para isso os três gêneros ou espécies, descrição que parece inserir-se, assim como toda a definição do orador que expusemos, numa questão acerca do gênero universal (*quaestio de universo genere*),¹²⁴ regrando-se por seu método de inquérito, do qual a definição é um tópico.

3. As questões e os tópicos

Nos *Topica* a *ratio disserendi*, isto é, a lógica,¹²⁵ divide-se em duas artes, sendo uma delas a do descobrir (*inveniendi*) e a outra a do julgar (*iudicandi*): a primeira se chama *topiké*, “tópica”; a segunda, *dialektiké*, “dialética”. Afirma-se também que Aristóteles foi o primeiro em ambas.¹²⁶

A “tópica” é o aprendizado que ensina a descobrir argumentos (*disciplinam argumentorum inveniendorum*), a chegar até eles com método (*ratione et via*), sem nenhuma errância.¹²⁷ Os “tópicos”, ou melhor, os “lugares”, são como que as regiões das quais se extraem os argumentos, e “argumento” é o arrazoadado que traz credibilidade a uma coisa

¹²¹ Cíc. *Or.* xxi, 70.

¹²² Cíc. *Or.* xxii, 74.

¹²³ Cíc. *Or.* xxiii, 75.

¹²⁴ Cíc. *De or.* III, vi, 25.

¹²⁵ Cíc. *Fat.* i, 1.

¹²⁶ Cíc. *Top.* 6.

¹²⁷ Cíc. *Top.* 2.

duvidosa (*rationem quae rei dubiae faciat fidem*).¹²⁸ A tópica, portanto, é a arte que indica os lugares nos quais se devem buscar esses argumentos.

Não há nenhuma discussão (*disputatio*) em que não incida algum tópico.¹²⁹ Contudo, nem todos os tópicos incidem em todas as questões, havendo tópicos mais adequados a cada uma delas. Por isso importa conhecer os gêneros de questões, que são dois: um é o das questões indefinidas, ou *théseis*; o outro é o das questões definidas, ou *hypothéseis*. Nos *Topica*, a *hypóthesis*, ou “causa”, é definida por pessoas, lugares, tempos, ações e negócios certos, por todas essas determinações ou pela maioria delas ou pelas mais importantes; já na questão indefinida se podem discernir alguma ou algumas delas, mas nunca as mais importantes.¹³⁰ A relação entre questão e tópico evidencia-se no seguinte passo do *Orator*, assim como a remissão dos tópicos a Aristóteles.

Nam et inuenire et iudicare quid dicas magna illa quidem sunt et tamquam animi instar in corpore, sed propria magis prudentiae quam eloquentiae; qua tamen in causa est uacua prudentia? Nouerit igitur hic quidem orator, quem summum esse uolumus, argumentorum et rationum locos. Nam quoniam, quicquid est quod in controuersia aut in contentione versetur, in eo aut sitne aut quid sit aut quale sit quaeritur; sitne, signis; quid sit, definitionibus; quale sit, recti prauique partibus; quibus ut uti possit orator, non ille uulgaris sed hic excellens, a propriis personis et temporibus semper, si potest, auocat controuersiam; latius enim de genere quam de parte disceptare licet, ut quod in uniuerso sit probatum id in parte sit probari necesse. Haec igitur quaestio a propriis personis et temporibus ad uniuersi generis rationem traducta appellatur *θέσις*. In hac Aristoteles adulescentes non ad philosophorum morem tenuiter disserendi, sed ad copiam rhetorum, in utramque partem, ut ornatius et uberius dici posset, exercuit; idemque locos – sic enim appellat – quasi argumentorum notas tradidit unde omnis in utramque partem traheretur oratio.¹³¹

Pois descobrir [*inuenire*] e julgar o que dizer são de fato coisas imensas, e como que a alma para o corpo, porém mais próprias da prudência que da eloquência; mas em que causa a prudência é vã? Que conheça, então, esse orador que queremos que seja o sumo os lugares dos argumentos e das razões. Pois, uma vez que no que quer que se verse em controuersia ou contenda se inquire se é [*sitne*], ou o que é [*quid sit*], ou de que qualidade é [*quale sit*] – se é, por meio de sinais; o que é, por meio de definições; de que qualidade é, pelas partes do correto e do errado –, para que o orador (não

¹²⁸ Cic. *Top.* 7-8.

¹²⁹ Cic. *Top.* 79.

¹³⁰ Cic. *Top.* 79-80.

¹³¹ Cic. *Or.* xiv, 44-6.

aquele vulgar, mas este, excelente) possa fazer uso disso, sempre chamará a controvérsia para longe das pessoas e tempos próprios; pois mais largamente se pode discutir acerca do gênero que da parte, de forma que o que for aprovado no universal é necessário que se aprove na parte. Essa questão, pois, transportada das pessoas e tempos próprios para o discurso do gênero universal se chama *thésis*. Nela Aristóteles exercitou os jovens, não segundo o costume dos filósofos de dissertar de maneira tênue, mas conforme a opulência dos rétores em prol e contra [*in utramque partem*], para que se pudesse discursar de modo mais ornado e úbere; e ele mesmo transmitiu os “lugares” – pois assim os chama –, que são como que notas dos argumentos, de onde se extrai o discurso todo em prol e contra.

Importa saber que os tópicos podem incidir não só no discurso das causas e nos exercícios oratórios das *théseis*, mas também nas discussões filosóficas.¹³² Portanto, sendo o *Orator* uma discussão (*disputatio*)¹³³ em que se conjugam os preceitos oratórios com a filosofia (assim como teriam feito Aristóteles e Teofrasto),¹³⁴ propomos analisar também as questões e os tópicos a que Cícero recorre em seu inquérito.

Inquire-se acerca da melhor espécie do discurso, conforme questão colocada por Bruto. Para responder a essa questão, inquire-se também da natureza e da força da eloquência, procurando-se definir o orador perfeito e suas espécies. Nem em uma nem em outra questão as determinações de pessoa, lugar, tempo, ação ou negócio são as mais importantes; portanto, são questões indefinidas ou “gerais”, isto é, de gênero. Mais especificamente, a primeira questão é questão geral de comparação, pois se inquire acerca da melhor espécie de discurso dentre as três que há em absoluto, comparando-as entre si. A segunda questão, que se articula àquela, é questão geral de definição, pois se definem tanto o gênero do orador, como cada uma de suas espécies. Portanto, analisemos primeiro as preceptivas acerca da questão de comparação para, em seguida, analisar as preceptivas acerca da questão de definição.

No *De oratore* Crasso subdivide a questão indefinida (*consultatio infinita*) em questão de ação e questão de cognição, subdividindo-se esta em três gêneros: “conjetura”, “definição” e “consecução”.¹³⁵ Explica-se que se trata de consecução quando se inquire o que se segue a cada coisa, como, por exemplo, “é do homem bom mentir às vezes?”.¹³⁶ A questão de

¹³² Cíc. *De or.* II, xxxvi, 152.

¹³³ Cíc. *Or.* xxix, 101; xliii, 148; lxi, 204; xlvii, 222; lxxi, 238.

¹³⁴ Cíc. *Div.* II, i, 4.

¹³⁵ Cíc. *De or.* III, xxix, 111-3.

¹³⁶ Cíc. *De or.* III, xxix, 111-3.

consecução, por sua vez, subdivide-se em “simples” e “por comparação”, havendo dois modos de comparação: o primeiro, quando se inquire se algo é outro ou o mesmo, como o rei e o tirano, o adulator e o amigo etc.; o segundo, quando se inquire em que medida uma coisa ultrapassa ou sobressai (*praestet*) a outra, como quando se inquire se os sábios se devem conduzir pelo louvor dos melhores homens ou pelo do povo.¹³⁷

Nas *Partitiones oratoriae* a questão indefinida (*propositum*) também se subdivide em questão de ação e questão de cognição, e esta se subdivide em questão acerca de “se é ou não” (*sit necne sit*), acerca “do que é” (*quid sit*) e acerca “de que qualidade é” (*quale sit*).¹³⁸ Esta questão acerca da qualidade subdivide-se, por sua vez, em dois subgêneros, sendo um simples e o outro por comparação.¹³⁹ Ao passo que no gênero simples se inquire do que é honesto, do que é útil e do que é equitativo, no gênero por comparação inquire-se também do que é mais honesto, do que é mais útil, do que é mais equitativo, e ainda do que é o mais honesto (*honestissimum*), do que é o mais útil (*utilissimum*) e do que é o mais equitativo (*aequissimum*).¹⁴⁰

Nos *Topica*, a questão indefinida (*thesis, propositum* ou *quacumque de re*) subdivide-se igualmente em questão de ação e questão de cognição, havendo desta também três gêneros: no primeiro se inquire, por conjectura, “se é” (*sitne*); no segundo, por meio de definição, “o que é” (*quid sit*); no terceiro, mediante a distinção do justo e do injusto, “de que qualidade é” (*quale sit*).¹⁴¹ Quando se inquire acerca da qualidade, pode-se inquirir de modo simples ou por comparação, havendo da questão simples três gêneros: o primeiro, o do buscar e do evitar; o segundo, o do justo e do injusto; o terceiro, o do honesto e do torpe.¹⁴² A questão por comparação, por sua vez, se subdivide em dois gêneros: o primeiro é aquele acerca do mesmo e do outro, como quando se inquire em que difere o amigo do adulator, o rei do tirano; o segundo é acerca do maior e do menor, como quando se inquire o que vale mais, a eloquência ou a ciência do direito civil.¹⁴³

¹³⁷ Cíc. *De or.* III, xxix, 116-7.

¹³⁸ Cíc. *Part.* xviii, 62.

¹³⁹ Cíc. *Part.* xix, 66.

¹⁴⁰ Cíc. *Part.* xix, 66.

¹⁴¹ Cíc. *Top.* 81-2.

¹⁴² Cíc. *Top.* 84.

¹⁴³ Cíc. *Top.* 85.

Portanto, no *Orator*, ao se inquirir qual é o gênero de eloquência que mais se aprova, inquire-se comparativamente acerca daquilo que ultrapassa outra coisa, ou que é mais prestante do que ela, assim como no exemplo de questão de comparação oferecido no *De oratore*, e, o que é mais, inquire-se superlativamente daquilo “que não pode ser ultrapassado por nada” (*quo nihil esse possit praestantius*)¹⁴⁴, aquilo que é sumo e perfeitíssimo, assim como no gênero de questão de comparação superlativa das *Partitiones oratoriae* se inquire do que é honestíssimo, do que é utilíssimo ou do que é igualíssimo. Como veremos, a comparação também se faz entre aquilo que é maior e o que é menor, como naquele segundo gênero da questão de comparação dos *Topica*.

Contudo, se a questão acerca da melhor espécie do discurso, sendo questão de comparação, é questão de qualidade, e nesse gênero de questão se costuma inquirir da honestidade, utilidade ou equitatividade de algo, a melhor espécie seria a mais honesta, a mais útil ou a mais equitativa? Ora, o gênero de discurso que mais se aprova, isto é, aquele que detém os maiores louvores, é aquele que é o melhor, sendo por isso o mais útil e honesto, pois se a própria eloquência não só é útil,¹⁴⁵ mas, por definir-se como “sabedoria que fala com opulência”,¹⁴⁶ é também uma virtude,¹⁴⁷ sendo, portanto, também honesta e louvável,¹⁴⁸ aquele que, sendo prudente, alcança merecidamente os maiores louvores da elocução¹⁴⁹ é consequentemente o mais honesto e útil.

Contudo, para comparar os três gêneros do discurso entre si e decidir qual deles é o mais louvável Cícero precisa antes de um critério pelo qual fazer o julgamento. É para estabelecer esse critério que ele define o orador e cada uma de suas espécies, incidindo, portanto, numa questão de definição. A questão de definição é a mais apropriada a explicar a força ou valor (*vis*) de cada coisa, como podemos depreender do seguinte passo do *De oratore*, em que se trata desse gênero de questão.

¹⁴⁴ Cíc. *Or.* ii, 7.

¹⁴⁵ Cíc. *Off.* II, xiv, 48-9.

¹⁴⁶ Cíc. *Part.* xxii, 79.

¹⁴⁷ Cíc. *De or.* II, lxxxiv, 344.

¹⁴⁸ Cp. Cíc. *Top.* 41; *De or.* II, lxxxiv, 343; *Part.* xxiii, 79; *Or.* xli, 142.

¹⁴⁹ Cíc. *Or.* xxiv, 79.

Quam autem uim quaeque res habeat definitio explicat, ut si quaeratur quid sit sapientia.¹⁵⁰

A definição explica que força [*uis*] cada coisa tem, como, por exemplo, o inquirir-se o que é a sapiência [*quid sit sapientia*].

Como vimos nas preceptivas apresentadas por Crasso no *De oratore*, questão de definição (*quid sit*) é um dos subgêneros da questão de cognição, a qual, por sua vez, é um subgênero da questão indefinida (*consultatio infinita*). De acordo com a personagem, subdivide-se a questão de definição, por sua vez, em quatro gêneros, que enumeramos na tradução para efeito de clareza.

Definitionis autem sunt disceptationes aut cum quaeritur quid in communi mente quasi impressum sit, ut si disseratur idne sit ius, quod maxumae parti sit utile; aut cum quid quousque sit proprium exquiritur, ut ornate dicere propriumne sit oratoris an id etiam aliquis praeterea facere possit? aut cum res distribuitur in partis, ut si quaeratur quot sint genera rerum expetendarum, ut sintne tria, corporis, animi exterarumque rerum; aut cum quae forma et quasi naturalis nota quousque sit describitur, ut si quaeratur auari species, seditiosi, gloriosi.¹⁵¹

As disputas são de definição quando [1] se inquire do que está impresso, por assim dizer, no senso comum [*communi mente*], como quando se debate se o direito é aquilo que é mais útil à parte mais forte; ou quando [2] se inquire do que é próprio a cada um, como quando se inquire se o discursar com ornato é próprio do orador ou se, além dele, alguém mais pode fazê-lo; ou quando [3] a coisa se distribui em partes, como quando se inquire quantos são os gêneros das coisas que se deve buscar, se, por exemplo, elas são três, as do corpo, as da alma e as das coisas exteriores; ou quando [4] se descreve qual é a forma e a nota natural, por assim dizer, de cada uma (*forma et quasi naturalis nota cuiusque*), como quando se inquire da espécie do avaro, do sedicioso, do fanfarrão.

Divisão essa muito semelhante à divisão da questão de definição que se encontra nos *Topica*.

Cum autem quid sit quaeritur, notio explicanda est et proprietas et divisio et partitio. Haec enim sunt definitioni attributa; additur etiam descriptio, quam χαρακτήρα Graeci vocant. Notio sic quaeritur: sitne id aequum quod ei qui

¹⁵⁰ CIC. *De or.* III, xxix, 113.

¹⁵¹ CIC. *De or.* III, xxix, 115.

plus potest utile est. Proprietas sic: in hominemne solum cadat an etiam in beluas aegritudo. Divisio et eodem pacto partitio sic: triane genera bonorum sint. Descriptio: qualis sit avarus, qualis adulator ceteraque eiusdem generis in quibus et natura et vita describitur.¹⁵²

Quando se inquire o que é, deve-se explicar [1] a noção, bem como [2] a propriedade e [3] a divisão ou partição. Isso é o que se atribui à definição, e acrescenta-se ainda [4] a descrição, a que os gregos chamam *kharaktéra*. Inquire-se [1] acerca da noção assim: é equitativo aquilo que é útil ao mais poderoso? [2] Acerca da propriedade, assim: a tristeza incide apenas no homem ou também nas bestas? [3] Acerca da divisão e, do mesmo modo, da partição, assim: são três os gêneros de bens? [4] Acerca da descrição: qual é a qualidade do avaro, qual a do adulator, e outras coisas do mesmo gênero em que a natureza e a vida são descritas.

No *Orator*, Cícero faz uso de todos os quatro gêneros da questão de definição: primeiro, inquiriu da noção que está impressa no senso comum ao dissertar acerca do que dizem os que se querem áticos e acerca do que é a eloquência, se ela é tão só a doutrina das palavras, se tão só a doutrina das coisas, ou se ambas; segundo, inquiriu, precisamente como no exemplo oferecido no passo do *De oratore*, se é próprio do orador o discursar com ornato ou se mais alguém pode fazê-lo, comparando o orador com o sofista, o filósofo, o historiador e o poeta, para separar, a partir do que lhe é próprio, o seu gênero dos gêneros destes; terceiro, dividiu o gênero do discursar nos três gêneros ou formas ou espécies ou caracteres do discurso; por fim, descreverá agora, para compará-las, a “forma” ou “nota” de cada um desses gêneros do discurso, como se inquirisse acerca dos caracteres da chamada “comédia nova” grega ou da *palliata* romana, como o caráter do avaro, do sedicioso ou do fanfarrão.¹⁵³

¹⁵² CIC. *Top.* 83.

¹⁵³ ISID. *Etym.* II, 29: “A quarta espécie de definição é a que os gregos chamam *hypographiké*, a que Túlio dá o nome de ‘descrição’. Quando aplicada, ela evidencia o que é a coisa por uma circunlocução de ditos e feitos. Com efeito, inquire-se o que é o avaro, o que é o cruel, o que é o luxurioso, e descreve-se a natureza universal do luxurioso, do avaro, do cruel; de modo que, se queremos definir o luxurioso, dizemos: luxurioso é aquele a quem apetece um viver que não é necessário, mas suntuoso e oneroso, e que é afluente nas delícias, pronto na libido. Essas coisas e outras definem o luxurioso, mas o definem por meio de uma descrição. Essa espécie de definição é mais adequada aos oradores que aos dialéticos, porque é dilatada, e essa semelhança se põe nas coisas boas e nas más”. [*Quarta species definitionis est, quae Graece ύπογραφική, Latine a Tullio descriptio nominatur, quae adhibita circuitione dictorum factorumque rem, quae sit, descriptione declarat. Quaeritur enim quid avarus sit, quid crudelis, quid luxuriosus, et universa luxuriosi, avari, crudelis natura describitur; ut, si luxuriosum volumus definire, dicimus: Luxuriosus est victus non necessarii, sed sumptuosi et onerosi appetens, in deliciis adfluens, in libidine promptus. Haec et alia definiunt luxuriosum, sed per descriptionem definiunt. Quae species definitionis oratoribus magis apta est quam Dialecticis, quia latitudines habet, quae similitudo in bonis rebus ponitur et in malis*]. DL VII, 60: ύπογραφὴ δέ ἐστι λόγος τυπωδῶς εἰσάγων εἰς τὰ πράγματα, ἥ ὁρος ἀπλούστερον τὴν τοῦ ὅρου δύναμιν προσενηνεγμένους.

Importa atentar na ordem e no modo de descrição dos gêneros ou espécies. Cícero começa por dar forma ao orador tênue,¹⁵⁴ depois ao mediano¹⁵⁵ e, só então, depois de formados os anteriores, conclui com a descrição do terceiro orador, que não é senão o grave¹⁵⁶. Afirmo, logo a seguir, ter descoberto o orador que procura,¹⁵⁷ do qual apresenta, contudo, uma definição muito semelhante à que já formulara anteriormente, mas em cujas dessemelhanças devemos atentar.

Isso quanto à ordem. No que diz respeito ao modo de exposição, Cícero apresenta de cada um dos gêneros descrição mais ou menos breve, em direção ascendente, por graus, como numa escalada ou como no crescimento¹⁵⁸: parte do mais abaixado e tênue (diríamos “franzino” ou “esbelto”), passa pelo mediano e termina com o mais elevado, grave, “pesado” e robusto. Começando com o orador tênue, afirma que ele, embora não seja o de maior “sangue”, precisa, não obstante, ter alguma “seiva” (*sucus*), de forma que, embora careça daqueles máximos vigos, ou das maiores forças (*maximis viribus*), há de ter a saúde íntegra, ou “íntegra valia” (*integra valetudine*). Ele estará, também, livre das cadeias do ritmo oratório, andando solto, mas não errante, e terá hiatos que indiquem a graciosa negligência de quem trabalha mais acerca da coisa que acerca das palavras. Ademais, há de ter conversação pura e latina (*sermo purus et latinus*); há de discursar dilúcida e planamente; há de observar o que é conveniente – ou seja, há de ter todos os louvores do discurso enumerados por Teofrasto, exceto o quarto louvor, a saber, a ornamentação doce e afluenta. Pensamentos agudos e frequentes por ele serão expostos, escavados sabe-se lá de onde, e é isso que nele predominará. Não ter o louvor da ornamentação não significa, porém, ser desprovido de ornato – apenas esse orador será mais modesto ao usar os utensílios oratórios na ornamentação de palavras e pensamentos. Sendo parco, ele os terá em menor quantidade – parco, porém, não quer dizer pobre, pois, como o anfitrião de um banquete, não poderá deixar de apresentar elegância na escolha dos utensílios, particularmente no que se refere ao concerto das palavras e a determinadas figuras, evitando as que são para mais valentes pulmões

¹⁵⁴ Cíc. *Or.* xxiii, 75 – xxvi, 90.

¹⁵⁵ Cíc. *Or.* xxvi, 91 – xxvii, 96.

¹⁵⁶ Cíc. *Or.* xxiii, 97 – xxix, 99.

¹⁵⁷ Cíc. *Or.* xxviii, 100.

¹⁵⁸ A fonte do modelo de florescimento e aperfeiçoamento que se pode notar no *De republica*, no *Orator*, no *Brutus* e no *De optimo genere oratorum* parece ser Políbio. Cf. Marcos Martinho dos Santos, “Suetônio: Dos gramáticos”, in *Classica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 231-7, 2014.

(*valentiorum laterum*), pois é assim que se apresenta essa personagem (*talem enim inducimus*). Sua atuação não será trágica nem cênica, mas sim moderada. Usará, enfim, da facécia e da dicacidade áticas – pois tudo o que tem sal, assim como tudo o que é salubre, é próprio dos áticos.

Segue-se a descrição do orador mediano, que é mais úbere e um tanto mais robusto do que o anterior, embora mais abaixado (*summissius*) do que aquele que será tratado a seguir, o amplíssimo. Neste, mediano, há o mínimo de nervos, o máximo de doçura. Mais cheio que o primeiro – o enucleado –, é, no entanto, mais abaixado que o seguinte – o ornado e opulento. Diz Cícero que, segundo o seu julgamento, Demétrio de Falero, cujo discurso não só desliza plácido e calmo, mas também se ilumina com palavras translatas e trocadas – como que estrelas –, ultrapassa a todos nesse gênero. Este é módico e temperado, e nele recaem todos os lumes de palavra e muitos dos de pensamento e se explicam discussões eruditas e estão presentes, sem haver contenda, lugares comuns: emanado das escolas dos filósofos, há de ser aprovado, a menos que se lhe confronte, em presença, aquele mais forte; já quando insigne e florente, pitoresco e polido, entrelaçam-se nele todos os encantos (*lepores*) de palavra, todos os de pensamento, e todo ele flui das fontes dos sofistas para o fórum, mas, desprezado pelos sutis, repellido pelos graves, assenta-se na mediania de que fala Cícero.

O terceiro orador é o amplo, opulento, grave, ornado, no qual de fato está a força máxima (*maxima vis*) da eloquência. Este é aquele cuja ornamentação e opulência no discursar admiraram as gentes, que então permitiram à eloquência valer o máximo nas cidades (*in civitatibus plurimum valere*). Desta eloquência é o tratar as almas, dela é o movê-las de todos os modos.

Após essa breve descrição do gênero grave, Cícero nota que ele difere em muito dos anteriores. O orador sutil e agudo, se conseguir discursar calejada e argutamente, e não cogitar nada mais alto do que isso, alcançada a perfeição no gênero, já pode ser tido como grande, embora não como o maior orador: ele nunca frequentará lugar escorregadio e, uma vez que se firmar em seu lugar, nunca cairá. O médio, ao qual Cícero chama medido e temperado, se for bastante instruído no seu gênero, não temerá causas controversas e casos incertos; ainda que eles ocorram, como sucede frequentemente, não irá de encontro a eles, evitando grandes perigos, pois não pode cair das alturas. Assim, de um lado, o orador abaixado que se dedicar somente ao seu gênero, já costuma parecer sapiente; o orador médio, já costuma parecer doce. Ao grave, porém, à diferença dos outros, só se concede a perfeição

em seu gênero se for versado também naqueles, pois, se não temperar sua opulência com esses outros gêneros, discursando com tranquilidade, com afabilidade, com partições, com definições, distinções e facécias – uma vez que as causas assim exigem –, deve ser desprezado como um louco entre sãos ou como um vinulento entre sóbrios. Só temperando o seu gênero com o médio e o agudo é que o grave alcançará a primazia que ora lhe atribui Cícero.¹⁵⁹

Não por coincidência, é depois desse passo que Cícero afirma ter descoberto o eloquente que procura, repetindo aparentemente a definição que já formulara.

Tenemus igitur, Brute, quem quaerimus, sed animo; nam manu si prehendissem, ne ipse quidem sua tanta eloquentia mihi persuasisset ut se dimitterem. Sed inuentus profecto est ille eloquens, quem nunquam uidit Antonius. Quis est igitur is? Complectar breui, disseram pluribus. Is est enim eloquens, qui et humilia subtiliter et alta grauiter et mediocria temperate potest dicere.¹⁶⁰

Detivemos, pois, aquele que inquirimos, Bruto, mas com a alma; pois se com as mãos eu o tivesse prendido, nem mesmo ele, com sua tamanha eloquência, me teria persuadido a soltá-lo. Mas, de fato, descobriu-se [*inuentus est*] aquele eloquente que Antônio nunca viu. Então, quem ele é? Abarcarei brevemente, dissertarei com mais extensão. É, sim, eloquente quem pode discursar sutilmente acerca do que é chão e gravemente do que é alto e temperadamente do que é mediano.

Depois de remeter mais uma vez o eloquente, não a alguém que exista ou tenha existido, mas à forma ou espécie de Platão, reitera-se pela terceira vez a definição, apenas com vocábulos sinônimos e em ordem diversa da anterior.

Is erit igitur eloquens, ut idem illud iteremus, qui poterit parua summisce, modica temperate, magna grauiter dicere.¹⁶¹

Portanto, será eloquente – para que o reiteremos – aquele que puder discursar abaixadamente acerca do que é pequeno, temperadamente do que é mediano, gravemente do que é grande.

¹⁵⁹ CIC. *Or.* xxviii, 99.

¹⁶⁰ CIC. *Or.* xxix, 100.

¹⁶¹ CIC. *Or.* xxix, 101.

Cícero formulou a definição do orador que procura: aquele que, sabendo ver o que convém, pode discursar em cada um dos gêneros de modo conveniente à coisa de que se trata, não se identificando, aparentemente, com nenhum deles.

4. Contradições

Contudo, começamos a observar aparentes contradições na argumentação. Se Cícero, como estimador, propõe explicar a força e a natureza da eloquência, e se julga que o melhor orador é aquele que pode discursar nos três gêneros, como então pode afirmar que o gênero grave do discurso é o “primeiro” (*princeps*), que nele há a força máxima, que o dobrar – atrelado ao gênero grave – é o ofício do orador que tem mais poder para ganhar as causas? Aliás, por que diz que descobriu o orador que procura só depois de descrever novamente cada um dos três gêneros do discurso, e não antes disso, se a definição dele formulada não parece ser senão a reiteração da definição que já oferecera antes?

Cícero afirma que os ouvidos da cidade de Roma não se alimentavam desse discurso múltiplo e igualmente difuso por todos os gêneros, e que ele, Cícero, foi o primeiro a convertê-los ao desejo de ouvir esse gênero do discursar. Essa afirmação parece coadunar-se tanto com a definição do eloquente como com os exemplos que oferecera da difusão de seus próprios discursos pelos três gêneros. Coaduna-se, também, com a avaliação que faz de Demóstenes, que “não deve nada em sutileza a Lísias, nada em argúcias e acume a Hipérides, nada a Ésquines no polimento e no esplendor das palavras”,¹⁶² havendo dele discursos inteiramente sutis, outros inteiramente graves, e outros variados, nos quais ele desliza (*delabitur*) do discurso grave de preferência para o mediano.¹⁶³

Essas afirmações não parecem se coadunar, porém, com o que Cícero acrescenta logo a seguir, a saber, que “[Demóstenes], porém, move então os clamores e então leva a efeito o máximo no discursar [*in dicendo plurimum efficit*] quando usa os lugares da gravidade”.¹⁶⁴ A quarta vez em que apresenta a definição do eloquente também permite entrever a aparente

¹⁶² CIC. *Or.* xxxi, 110.

¹⁶³ CIC. *Or.* xxxi, 111.

¹⁶⁴ CIC. *Or.* xxxi, 111.

contradição, pois, de um lado, diz que o orador há de discursar em todos os gêneros conforme a causa postular; de outro, afirma que a força da eloquência é expressa quando o orador se derrama mais dilatadamente, quando rege e dobra as almas, quando move os afetos, isto é, quando faz uso do gênero grave do discurso.

Cum uero causa ea inciderit, in qua uis eloquentiae possit expromi, tum se latius fundet orator, tum reget et flectet animos et sic afficiet ut uolet, id est ut causae natura et ratio temporis postulabit.¹⁶⁵

Quando, porém, incidir uma daquelas causas em que se pode exprimir a força da eloquência, então o orador se derramará mais dilatadamente, então regerá e dobrará as almas e as afetará assim como bem quiser, isto é, como a natureza da causa e a razão da ocasião postularem.

De fato, a investigação do melhor gênero do discursar não se dá por conclusa com a breve definição do eloquente. Em vez disso, Cícero a explica, retomando o tratamento das partes da filosofia, a começar pela dialética.

Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam solum facultatem habere quae sit eius propria, fuse lateque dicendi, sed etiam uicinam eius ac finitimam dialecticorum scientiam assumere. Quamquam aliud uidetur oratio esse aliud disputatio, nec idem loqui esse quod dicere, ac tamen utrumque in disserendo est; disputandi ratio et loquendi dialecticorum sit, oratorum autem dicendi et ornandi.¹⁶⁶

Julgo, pois, ser do perfeito eloquente não só ter aquela capacidade que lhe é própria, qual seja, discursar difusa e dilatadamente, mas é dele também o tomar para si a ciência vizinha, a dos dialéticos, a mais confim daquela. Embora o discurso (*oratio*) pareça ser uma coisa, a discussão (*disputatio*) outra, e falar (*loqui*) não pareça ser o mesmo que discursar (*dicere*), ambos estão no dissertar; que pertença aos dialéticos o método (*ratio*) do discutir e do falar; aos oradores, o do discursar e do ornar.

O sumo orador deve conhecer todo o método do falar – restrito esse “todo”, porém, ao que se puder transmitir ao discursar,¹⁶⁷ pois o método do falar não é tão próprio do orador

¹⁶⁵ CIC. *Or.* xxxvi, 125.

¹⁶⁶ CIC. *Or.* xxxii, 113.

¹⁶⁷ CIC. *Or.* xxxii, 114.

quanto dos dialéticos. Ademais, a capacidade de discutir estará no eloquente de modo diverso que nos dialéticos, subentendendo-se aqui os dialéticos estoicos.

Erit igitur haec facultas in eo quem uolumus esse eloquentem, ut definire rem possit nec id faciat tam presse et anguste quam in illis eruditissimis disputationibus fieri solet, sed cum explanatius tum etiam uberius et ad commune iudicium popularemque intellegentiam accommodatius; idemque etiam, cum res postulabit, genus uniuersum in species certas, ut nulla neque praetermittatur neque redundet, partietur ac diuidet.¹⁶⁸

Estará, pois, essa capacidade naquele que queremos eloquente, de modo que possa definir a coisa, mas que não o faça tão compressa e estreitamente quanto se costuma fazer naquelas eruditíssimas discussões, e sim de modo mais explanado e também mais úbere e mais acomodado ao juízo comum e ao entendimento do povo; e ele mesmo, também, quando a coisa postular, repartirá e dividirá o gênero universal em espécies determinadas, de modo que nenhuma se negligencie ou redunde.

Diferem entre si o método do falar e o do discursar em que o primeiro é mais contrato (*contractior*), o segundo mais dilatado (*latior*).¹⁶⁹ Pois que a discussão dialética é espontaneamente mais esquálida, há de empregar-se nas explicações certo brilho do discurso.¹⁷⁰ E, para discursar grave, ampla e opulentamente, o orador deve ser instruído, não só na dialética, mas ainda no tratamento de todos os lugares da filosofia: naqueles acerca da religião, da morte, da piedade, do querer bem à pátria, das coisas boas e más, das virtudes e dos vícios, do ofício, da dor, da volúpia, das perturbações e erros da alma.¹⁷¹ Também deve conhecer os físicos e ser versado tanto nas coisas celestes e divinas quanto nas humanas, como o direito civil e a história romana. Isso tudo, no entanto, é concernente tão só à matéria do discurso, não ao próprio gênero do discursar.¹⁷² Não sendo as coisas que fazem o discurso admirável, mas sim o tratamento que se lhes dá¹⁷³, conclui-se que se deve atentar no modo de discursar.

¹⁶⁸ CIC. Or. xxxiii, 117.

¹⁶⁹ CIC. Or. xxii, 114.

¹⁷⁰ CIC. Or. xxxii, 115.

¹⁷¹ CIC. Or. xxxiii, 118.

¹⁷² CIC. Or. xxxiv, 119.

¹⁷³ CIC. Or. xxxv, 122.

A retomada do tratamento das partes da filosofia por Cícero não é desprovida de função. Ao deslocar o método do falar e do discutir propriamente para o âmbito da dialética, isto é, da filosofia, Cícero torna menos próprias da eloquência algumas características que haviam sido atribuídas ao gênero tênue quando da sua descrição. Ademais, das quatro virtudes do discurso enumeradas por Teofrasto, ao orador tênue foram atribuídas tão somente o ser conveniente, o ter conversação pura e latina e o discursar plana e dilucidamente, não tendo ele, pois, o louvor da quarta virtude, a saber, a ornamentação, pois esta ele a possui em grau menor do que os oradores dos outros gêneros. Note-se, porém, que as três virtudes que tem não são tão admiráveis na eloquência, mas sim apenas necessárias a ela, pois a primeira, o ser decoroso, embora fundamental, pertence à sapiência, que é comum às outras artes e, em geral, à vida; e as duas seguintes não são tão próprias do discursar (*dicere*) quanto do falar (*loqui*), como se pode inferir da comparação desse passo com o seguinte, extraído do terceiro livro do *De oratore*.

Ergo haec et agenda sunt ab oratore, quae explicauit Antonius, et dicenda quodam modo. Quinam igitur dicendi est modus melior – nam de actione post uidero –, quam ut latine, ut plane, ut ornate, ut ad id, quodcumque agetur, apte congruenterque dicamus? Atque eorum quidem, quae duo prima dixi, rationem non arbitror exspectari a me puri dilucidique sermonis. Neque enim conamur docere eum dicere qui loqui nesciat, nec sperare, qui latine non possit, hunc ornate esse dicturum, neque uero, qui non dicat quod intellegamus, hunc posse quod admiremur dicere. Linquamus igitur haec, quae cognitionem habent facilem, usum necessarium. Nam alterum traditur litteris doctrinaque puerili, alterum adhibetur ob eam causam, ut intellegatur quid quisque dicat, quod uidemus ita esse necessarium, ut tamen eo minus nihil esse possit. Sed omnis loquendi elegantia, quamquam expolitur scientia litterarum, tamen augetur legendis oratoribus et poetis. Sunt enim illi ueteres, qui ornare nondum poterant ea quae dicebant, omnes prope praeclare locuti; quorum sermone assuefacti qui erunt, ne cupientes quidem poterunt loqui nisi latine.¹⁷⁴

Portanto, é preciso que o orador atue e *discourse de certo modo acerca daquilo* que Antônio apontou. Que modo de discursar é melhor – pois verei mais tarde a respeito da atuação – do que discursar de maneira *latina* [*latine*], clara [*plane*], ornada [*ornate*], adequada e conveniente [*apte congruenterque*] àquilo que se defende, seja o que for? E não creio que se espere de mim o método dos dois primeiros a que fiz menção, a *conversação* pura e *dilúcida* [*puri dilucidique sermonis*]. Pois não estamos tentando ensinar a discursar aquele que não sabe falar; nem ter esperança de que

¹⁷⁴ CIC. *De or.* III, x, 38-9.

aquele que não é capaz de falar *com latinidade* [*latine*] discursar de maneira ornada; nem, na verdade, que aquele que não discursar de modo inteligível possa discursar de modo admirável. Deixemos de lado, então, esses elementos que apresentam um conhecimento fácil, um uso necessário. Pois um deles é ensinado nas letras e *doutrina das crianças* [*litteris doctrinaque puerili*], o outro é empregado para que se entenda o que cada um diz, algo que percebemos ser tão necessário que não é possível haver menos do que isso. Ora, toda a elegância da fala [*loquendi elegantia*], embora seja aperfeiçoada com o conhecimento da *gramática* [*litterarum scientia*], aumenta com a leitura de oradores e poetas. De fato, quase todos aqueles antigos que ainda não podiam ornar o que *discursavam* falaram de maneira magnífica. Aqueles que se acostumarem à sua *conversação* [*sermone*] não poderão, ainda que queiram, falar [*loqui*] senão *com latinidade* [*latine*].¹⁷⁵

O falar é anterior ao discursar, sendo deste condição. Assim, as virtudes do discurso do orador tênue, embora sejam necessárias ao discursar, pertencem mais propriamente à conversação (*sermo*). Outra de suas características, a argumentação sutil, atrelada ao ofício do ensinar (*docere*), embora também se faça uso dela no discursar, é mais própria da discussão, tendo sido emprestada dos dialéticos. Já o “aticismo”, cujo correspondente seria a “latinidade” (*latinitas*) do discurso, parece remeter igualmente ao falar, senão ao menos a uma condição discursiva comum aos três gêneros: tudo o que é salubre é ático, isto é, tudo o que é elegante e adequado aos ouvidos de homens judiciosos, como eram aqueles da Atenas de outrora (recordemos que Cícero, em sua digressão sobre o aticismo, já afirmara que os gêneros do ático são muitos e não só aquele que desejam os que se autodenominam “áticos”, qual seja, o subgênero impolido do gênero tênue).¹⁷⁶ É ático, ademais, tudo o que tem sal, ou seja, as facécias e dicacidades, comuns aos três gêneros.

Se a primeira virtude do discurso – o ser conveniente – pertence mais propriamente à sapiência, e se as outras duas virtudes – a latinidade e a clareza – indicam apenas a ausência de vícios no falar, é à virtude da ornamentação que pode caber propriamente o louvor da eloquência – louvor que o gênero tênue, porque menos ornamentado que os outros dois, não obtém.

¹⁷⁵ Tradução de Adriano Scatolin, com alterações minhas (marcadas em itálico). Adriano Scatolin, *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares* I, 9, 23, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, orientada por Zélia Ladeira Veras de Almeida Cardoso, São Paulo, 2009, inédita, p. 270.

¹⁷⁶ Cíc. *Or.* ix, 28.

Esse louvor caberia, portanto, ao gênero médio, dotado de “todas as figuras de pensamento, todas as de palavra”? Também não, porque o ornato do gênero médio visa à doçura, emanando das fontes dos filósofos ou dos sofistas, gêneros que Cícero já separara, logo de início, do gênero do orador: se aqueles buscam com a doçura de seus discursos sobretudo o deleite (às vezes combinado ao ensino), o orador, por outro lado, havendo de discursar nas causas civis e forenses, deve buscar principalmente mover a audiência, sendo, por isso, mormente contencioso o seu discurso, e não apenas doce. Acresce que o gênero médio não possui características próprias, participando dos outros dois gêneros, ou antes, como diz Cícero, não participando de nenhum.

É dúplice, diz, o ornato que faz admirável o discurso, e, “embora todas as partes do discurso devam ser louváveis, de modo que não escape nenhuma palavra senão grave ou elegante, duas partes são sobretudo luminosas e como que atuantes”:¹⁷⁷ uma delas está posta na questão do gênero universal, chamada pelos gregos *thésis*, que contém todas as causas; a outra, no aumentar e amplificar as coisas, chamada por aqueles *áuxesis*, por meio da qual não há nada que o discurso não possa levar a efeito e que, embora deva difundir-se por todo o corpo do discurso, excele sobretudo nos lugares comuns, sendo utilizada sempre que houver lugar para aumento ou diminuição e quase infinitamente no perorar.¹⁷⁸ Demais, há duas coisas que, “se bem tratadas pelo orador, fazem admirável a eloquência”: uma a que os gregos chamam *ethikón*, pois “acomodada às naturezas e aos hábitos e a todo o costume da vida”; e outra a que chamam *pathetikón*, com a qual se perturbam e concitam as almas e unicamente na qual reina o discurso.¹⁷⁹ Destas duas últimas, a primeira serve para conciliar os ânimos dos ouvintes, com vistas à sua bem-querença; a segunda, sendo veemente, acesa, impetuosa, arrebatada as causas. É o ímpeto desta, mais própria do gênero grave, que Cícero diz sempre ter mais usado em seus discursos, principalmente na peroração, derribando os adversários de todas as suas posições.¹⁸⁰

Sendo o mais próprio da eloquência usar a virtude da ornamentação do discurso para mover os ouvintes, pode-se agora avaliar comparativamente qual dos gêneros alcança a maior

¹⁷⁷ CIC. *Or.* xxxvii, 125.

¹⁷⁸ CIC. *Or.* xxxvii, 125-7.

¹⁷⁹ CIC. *Or.* xxxvii, 128.

¹⁸⁰ CIC. *Or.* xxxvii, 129.

força da eloquência, merecendo este o maior louvor e aprovação da parte do juiz ou estimador.

Nos *Topica*,¹⁸¹ quando trata da questão de comparação, Cícero arrola os tópicos segundo os quais se pode fazer uma comparação, que são o número, a espécie, a força e ainda uma afecção a outras coisas. A força (*vis*) discerne-se na comparação do seguinte modo: a causa eficiente é mais grave que a não eficiente; aquilo que basta a si é melhor que o que precisa de outro; o que está sob nosso poder é melhor que o que está sob o poder dos outros; o que é estável é melhor que o que é incerto; e o que não pode ser arrebatado de nós é melhor que o que pode. São essas as características da força que está em maior grau no orador grave, e por meio dela esse orador, contendo em si a causa eficiente do movimento, é o que mais pode mover os ouvintes.

E antes que se façam objeções, o ser o gênero grave o mais aprovado está de acordo com a definição do eloquente formulada por Cícero, não apenas com aquela apresentada antes de anunciar que descobrira o eloquente, mas sobretudo com a que oferece após a afirmação de sua descoberta: eloquente não é só aquele que discursa nas causas civis e forenses de modo que prove, deleite e dobre os ouvintes, como se entende da primeira definição, mas sim, mais explanadamente, aquele que *pode* assim discursar, como se entende das definições posteriores. Importa agora inquirir de onde lhe advém esse poder. Para tanto, permita-se aqui uma breve digressão.

5. Cícero demiurgo

Em determinado momento da argumentação do *Timeu* de Platão, tal qual traduzido por Cícero, coloca-se a seguinte questão: à semelhança de qual dos seres animados o deus teria forjado o mundo? Ora, responde-se, de nenhum dos que nos são conhecidos. Com efeito, todos os seres animados estão repartidos em gêneros e são como que esboços, imperfeitos em todas as suas partes, e o que é belo não pode ser semelhante a nada que seja imperfeito ou que

¹⁸¹ CIC. *Top.* 68-70.

não esteja arrematado (*imperfecto autem nec absoluto*).¹⁸² O mundo é semelhante, portanto, àquele ser animado do qual todos os outros são como que pequenas partes, quer se possa discerni-lo em cada um dos seres animados, quer no gênero universal (*in universo genere*).¹⁸³ O deus, assim, fez o mundo semelhante àquele ser animado em que estão contidos todos os outros, e que deve ser um só, pois se não fosse um só, mas houvesse outro, logo seria necessário haver um terceiro que contivesse os dois. Assim, este céu que vemos é um simulacro daquele céu que é único e “último” (*ultimum*), isto é, o mais elevado, o primeiro, e não de outro céu que viesse em segundo lugar (*proximus*) depois daquele.¹⁸⁴

Comparemos, agora, um passo dessa mesma tradução do *Timeu* com o passo citado do *Orator* em que Cícero, estabelecendo a comparação entre a arte escultórica de Fídias e o seu labor em forjar o sumo orador, associa a espécie da perfeita eloquência à *idéa* de Platão. De um lado, temos a doutrina oferecida no *Orator*.

Sed ego sic statuo, nihil esse in ullo genere tam pulchrum, quo non pulchrius id sit unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimatur; quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur. Itaque et Phidiae simulacris, quibus nihil in illo genere perfectius videmus, et iis picturis quas nominaui cogitare tamen possumus pulchriora; nec uero ille artifex, cum faceret Iouis formam aut Minervae, contemplabatur aliquem, e quo similitudinem duceret, sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam, quam intuens in eaque defixus ad illius similitudinem artem et manum dirigebat.

Vt igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad cogitatum speciem imitando referuntur ea quae sub oculos ipsa non cadunt, sic perfectae eloquentiae speciem animo uidemus, effigiem auribus quaerimus. Has rerum formas appellat *idéas* ille non intellegendi solum sed etiam dicendi grauissimus auctor et magister Plato, easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intellegentia contineri; cetera nasci, occidere, fluere, labi nec diutius esse uno et eodem statu. Quicquid est igitur de quo ratione et uia disputetur, id est ad ultimam sui generis formam speciemque redigendum.¹⁸⁵

Mas eu, de minha parte, assim estabeleço: não há em nenhum gênero nada tão belo, que não seja mais belo aquilo de onde, como de um rosto, ele, como uma imagem, é expresso; que nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem por nenhum sentido se pode perceber, que abarcamos tão só com a

¹⁸² Cíc. *Ti.* 11.

¹⁸³ Cíc. *Ti.* 11.

¹⁸⁴ Cíc. *Ti.* 12.

¹⁸⁵ Cíc. *Or.* ii, 8 – iii, 10.

cogitação e a mente. E assim, embora nada vemos mais perfeito do que eles em seu gênero, podemos não obstante pensar algo mais belo que os simulacros de Fídias, e também mais belo que as pinturas que citei; no entanto, o célebre artífice, ao fazer a forma de Jove ou de Minerva, não contemplava alguém de quem tirava a semelhança, mas em sua própria mente estava assentada certa espécie exímia da beleza, que observava e na qual se fixava, dirigindo para a sua semelhança a arte e a mão.

Assim, pois, tal como nas formas e figuras há algo perfeito e excelente, a cuja cogitada espécie, no imitar, se reporta aquilo mesmo que não recai sob o olhar, assim também vemos com a alma a espécie da eloquência perfeita, com os ouvidos inquirimos a sua efigie. Platão, aquele gravíssimo autor, e mestre não só do entender, senão também do discursar, a essas formas das coisas chama *idéas*, e nega-lhes o gerar-se e diz que elas sempre são e apreendem-se pela razão e o entendimento; o resto, diz nascer, morrer, fluir, deslizar, nem demoradamente ser em um único e mesmo estado. Portanto, o que quer que se discuta com razão e método deve ser reconduzido à forma ou espécie última do seu gênero.

De outro lado, temos a doutrina exposta no *Timeu*.

Quid est, quod semper sit neque ullum habeat ortum, et quod gignatur nec umquam sit? quorum alterum intellegentia et ratione comprehenditur, quod unum atque idem semper est; alterum, quod adfert <ad> opinionem sensus rationis expers, quod totum opinabile est, id gignitur et interit nec umquam esse vere potest.[...]. quocirca si is, qui aliquod munus efficere molitur eam speciem, quae semper eadem est, intuebitur atque id sibi proponet exemplar, praeclarum opus efficiat necesse est; sin autem eam quae gignitur, numquam illam quam expetet pulchritudinem consequetur.¹⁸⁶

O que é aquilo que sempre é e que não tem nenhuma origem, e o que é aquilo que é gerado e que nunca é? O primeiro compreende-se pelo entendimento e razão, ele que é um e é sempre o mesmo; já o segundo, que traz a opinião dos sentidos e não participa da razão, que é todo opinável, este é gerado e perece, e nunca pode ser verdadeiramente. [...] Por isso, se aquele que se esforçar por levar a efeito algum trabalho [*munus*] observar aquela espécie que é sempre a mesma e a puser diante de si como exemplar, é necessário que leve a efeito uma obra ilustre; mas se observar aquela que é gerada, nunca alcançará a beleza que está buscando.

Rita Pierini, em artigo de 1979, assinalou as semelhanças entre essas passagens.¹⁸⁷ A partir delas, julgamos que não é temerário afirmar, com Pierini, que Cícero, no *Orator*,

¹⁸⁶ Cíc. *Tim.* 2.

¹⁸⁷ De um lado *Or.* II, 9 *species... quam intuens in eaque defixus*, de outro *Tim.* 4 *eam speciem, quae semper eadem est, intuebitur*; de um lado *Or.* II, 8 *quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur* e *Or.* III, 10 *easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et*

valendo-se do *Timeu* de Platão, procura de certo modo levar a efeito um *munus*, “trabalho”, que não é outro senão o próprio livro,¹⁸⁸ e forjar o sumo orador assim como o demiurgo do *Timeu* leva a efeito a sua obra, isto é, pela observação e imitação da espécie que é sempre uma e a mesma. Por sinal, Cícero, após propor a investigação do orador que Antônio nunca viu, afirma que ele, Antônio, dizia que imitar e exprimir tal orador a custo fora concedido a um deus (*vix deo concessum esse dicebat*).¹⁸⁹

Portanto, se compreendermos a questão dos gêneros e da espécie do orador perfeito no *Orator* à luz da mesma questão relativa ao mundo no *Timeu*, concluiremos que, quanto ao sumo orador, Cícero remontou ao gênero que contém as três espécies: uma vez que o orador tênue, o médio e o agudo são todos eles oradores, o gênero que contém os três, como se infere da denominação comum, não é outro senão “orador”.

Essa proposição aparecerá de modo mais evidente no *De optimo genere oratorum*, em que Cícero afirma que não há gêneros de orador, no plural, mas um único gênero, diferenciando-se os oradores entre si não por gênero, mas por capacidade.

Oratorem genere non divido; perfectum enim quaero. Unum est autem genus perfecti, a quo qui absunt, non genere differunt, ut Terentius ab Accio, sed in eodem genere non sunt pares. Optumus est enim orator, qui dicendo animos audientium et docet et delectat et permovet; docere debitum est, delectare honorarium, permovere necessarium. Haec ut alius melius quam alius, concedendum est; verum id fit non genere, sed gradu. Optimum quidem unum est, et proximum, quod ei simillimum. Ex quo perspicuum est, quod optumo dissimillimum sit, id esse deterrimum.¹⁹⁰

Não divido o orador em gêneros: inquiri, sim, do perfeito. Ora, um só é o gênero do perfeito, de quem os que se afastam não diferem em gênero – como Terêncio difere de Ácio – mas no mesmo gênero não se lhe equiparam. Pois o melhor orador é o que, pelo discursar, ensina e deleita e move cabalmente as almas dos ouvintes. Ensinar é um dever; deleitar, uma honra; mover, uma necessidade. Que um faz uma coisa melhor que outro, deve-se conceder; o que, todavia, não se dá por gênero, mas por grau. Aquilo

intellegentia contineri: cetera nasci occidere, fluere labi nec diutius esse uno et eodem statu, de outro *Tim.* 3 *quorum alterum intelligentia et ratione comprehenditur, quod unum atque idem semper est; alterum, quod adfert opinio et sensus rationis expers, quod totum opinabile est, id gignitur et interit nec umquam esse vere potest.* Rita Degl’Innocenti Pierini, “Cicerone ‘demiurgo’ dell’oratore ideale: Riflessioni in margine a *Orator* 7-10”, *Studi italiani di filologia classica*, Firenze, vol. LI, fasc. 1-2, p. 84-102, 1979.

¹⁸⁸ CIC. *Or.* x, 35; xvii, 54.

¹⁸⁹ CIC. *Or.* v, 19.

¹⁹⁰ CIC. *De opt.* i, 3-4.

que é o melhor é um só; e o segundo, o que lhe é mais semelhante. Donde é evidente que aquilo que for mais dessemelhante do melhor é o pior.

Contudo, importa que, no *Orator*, não sendo evidentemente a forma última da eloquência nem a tênue nem a mediana, também não é uma possível quarta forma que estaria acima das demais: é, pensamos, a própria forma do gênero grave, porque, conforme a sua descrição, ela é a mais elevada, porque contém em si as outras, porque nada lhe falta, sendo a que tem mais poder, não só para mover a audiência e ganhar as causas, o que é o mais próprio da eloquência, estando nisso a sua força máxima, mas também para ensinar e deleitar os ouvintes, ofícios mais próprios dos gêneros do discurso tênue e mediano, respectivamente, mas que o orador grave precisa ter abarcado para se tornar verdadeiramente grave.

Analisando o sintagma *ad ultimam sui generis formam speciemque* (“à forma ou espécie última do seu gênero”), constatamos que aos substantivos *forma* e *species* Cícero atribuiu tanto o significado de “espécie”, participando-os do método dialético de divisão, como o de “forma” ou “aspecto”, identificando-os à forma última de Platão. Ao adjetivo *ultima*, ele atribuiu particularmente o significado de “mais elevada”, à maneira do céu “último” e único do *Timeu*. Esse deslizamento semântico se faz por meio do método dialético que descrevemos.

O gênero, por definição, deve abarcar todas as espécies que a ele pertencem, o que vale dizer que o que se predica do gênero se deve predica das espécies.¹⁹¹ Se o orador é definido como aquele que é capaz de julgar o que convém a cada causa e, por meio do discursar, pode ensinar, mover e deleitar os ouvintes para atender a tal conveniência, essa definição deve predica-se de todas as espécies do gênero “orador”, seja ele tênue, médio ou grave. Como podemos depreender da descrição das três espécies oferecida após a definição do orador, os três podem receber essa definição; entretanto – e aqui ocorre o deslizamento semântico –, eles não a recebem no mesmo grau.

O orador necessariamente precisa ensinar e deleitar, mas o que é mais próprio da eloquência é o mover. Assim, na descrição dos caracteres do discurso evidencia-se a causa da ordenação dos componentes da fórmula do orador: o ensinar e o deleitar são condições necessárias, aparecendo primeiro na fórmula, ao passo que o mover é o que é mais próprio da

¹⁹¹ CIC. *Top.* 39-40.

eloquência e, por isso, coloca-se por último. Cícero exemplifica esse modo da definição nos *Topica*.

Sic igitur veteres praecipunt: cum sumpseris ea quae sint ei rei quam definire velis cum aliis communia, usque eo persequi dum proprium efficiatur quod nullam in aliam rem transferri possit. Ut haec: Hereditas est pecunia. Commune adhuc; multa enim genera pecuniae. Adde quod sequitur: quae morte alicuius ad quempiam pervenit. Nondum est definitio; multis enim modis sine hereditate teneri pecuniae mortuorum possunt. Unum adde verbum: iure; iam a communitate res diiuncta videbitur, ut sit explicata definitio sic: Hereditas est pecunia quae morte alicuius ad quempiam pervenit iure.¹⁹²

Assim preceituam os antigos: após tomar-se aquilo que é comum àquela coisa que se quer definir, deve-se continuar até que se leve a efeito o que lhe é próprio, o que não se pode transferir a nenhuma outra coisa. Por exemplo: “herança é dinheiro”. Até aqui, isto é comum, pois há muitos gêneros de dinheiro. Acrescenta o seguinte: “que pela morte de outro advém a alguém”. Ainda não é a definição, pois o dinheiro dos mortos pode ser tomado de muitos modos sem ser por herança. Acrescenta uma única locução: “por direito”. A coisa já parece estar separada do que é comum, de modo que a definição se explica assim: “Herança é dinheiro que pela morte de outro advém a alguém por direito”.

Após estabelecer desse modo o que é próprio da eloquência, o mover, Cícero toma essa propriedade por critério e divide o gênero do orador em espécies ou formas partindo do menor grau do mover em direção ao seu grau mais elevado. Escalonando-se as formas do discurso, identifica-se sutilmente a forma da perfeita eloquência a uma delas, a *ultima*, a mais elevada, a primeira, que é a do orador grave, este que, tendo passado em direção ascendente pelos outros gêneros (tanto pelo tênue, em que aprendeu a falar,¹⁹³ como pelo médio, que é como que o berço do orador¹⁹⁴), ficou maior e mais robusto e atingiu o cume da eloquência, que se situa no gênero mais alto, tornando-se, assim, o *summus orator*, o “orador mais elevado”. Passa-se assim de uma dispersão horizontal do gênero em espécies a uma hierarquização vertical dos oradores segundo o grau de semelhança com a forma única e última do gênero.

¹⁹² CIC. *Top.* 29.

¹⁹³ CIC. *De or.* III, x, 38-9.

¹⁹⁴ CIC. *Or.* xiii, 42: *oratoris quasi incunabulis*.

A forma do orador grave tal qual descrita no *Orator* é a forma do próprio orador, porque, por meio do discurso, em virtude de sua capacidade, ele pode ensinar, deleitar e mover, cumprindo os dois primeiros ofícios tão bem quanto necessário, e perfazendo este último, que é o mais próprio da eloquência, no mais elevado grau. A forma grave do discurso é, portanto, a forma última do gênero universal do orador. Por isso, não há contradição entre essa identificação e a definição do orador formulada por Cícero.

6. Conclusão: a imagem

O inquérito, porém, ainda não atingiu o seu fim, pois resta concluir a descrição encetada da própria forma do discurso.

Sed iam forma ipsa restat et *χαρακτήρ* ille qui dicitur; qui qualis debeat esse ex iis ipsis quae supra dicta sunt intellegi potest.¹⁹⁵

Mas resta agora a forma mesma e aquilo que se chama *kharaktér*; de que qualidade ele deve ser [*qualis debeat esse*] pode entender-se daquilo que foi dito acima.

Diz Cícero que se pode entender do que foi dito a qualidade do *kharaktér* porque já se tocou nos ornatos de pensamento e de palavras, tanto das singulares como daquelas em colocação. As figuras de palavra e de pensamento Cícero as enumera brevemente,¹⁹⁶ observando, porém, que alguns julgam que são as figuras de pensamento que fazem a eloquência de Demóstenes a mais louvável; que não há quase nenhum lugar em Demóstenes sem conformação de pensamento; que a eloquência nada mais é senão iluminar com alguma figura (*specie*), se não todos, pelo menos a maioria dos pensamentos; e que é nesse gênero que cumpre reluzir toda a grandeza do discurso.

A essa questão chamamos “qualitativa”, mas como subgênero daquela questão de definição que analisamos quando da descrição das três espécies ou caracteres de orador. Trata-se, reiteremos, de uma questão de definição (*quid sit*) em que se descreve a qualidade

¹⁹⁵ CIC. *Or.* xxxix, 134.

¹⁹⁶ CIC. *Or.* xxxix, 135–xli, 139.

(*qualis sit*) de um caráter, como se explica nos passos supracitados do *De oratore* e dos *Topica*.¹⁹⁷ Acrescente-se agora a esses passos um terceiro, desta vez extraído das *Partitiones oratoriae*, em que se trata ainda da definição e, mais particularmente, da descrição.

Illius autem generis, in quo quod sit id de quo agitur quaeritur, duo sint [genera], quorum in altero disputandum est aliud an idem sit, ut pertinacia et perseuerantia; in altero autem, descriptio generis aliquoius et quasi imago est exprimenda, ut qualis sit auarus aut quid sit superbus.¹⁹⁸

Daquele gênero em que se inquire acerca do que é aquilo de que se trata são dois os subgêneros: em um, deve-se discutir se duas coisas são diferentes ou se são a mesma coisa, como a pertinácia e a perseverança; no outro, deve-se exprimir, como uma imagem [*quasi imago est exprimenda*], a descrição de um gênero, como, por exemplo, qual é a qualidade [*qualis sit*] do avarento ou o que é [*quid sit*] o soberbo.

Ora, como vimos, um dos propósitos de Cícero no *Orator* pertence ao primeiro subgênero de definição citado, pois ele procura demonstrar que “ático” não é a mesma coisa que “orador tênue”, como queriam os que se diziam áticos, nem é a mesma coisa que “orador”. Já outro de seus propósitos, que se relaciona àquele, pertence ao segundo subgênero, pois é precisamente o que se atribui à descrição, a saber, o de tentar exprimir a *imago* de um gênero: assim como na preceptiva se exprime a *imago* do avarento ou do soberbo, no *Orator* se exprime a do gênero do orador perfeito ou da suma eloquência.¹⁹⁹ Poderíamos dizer que é como se Cícero estivesse forjando, por imitação, uma máscara (*imago*) a partir do exemplar que é a forma última do orador, como se forjasse uma máscara de personagem (*persona*) da comédia nova.

Segundo o testemunho de Políbio,²⁰⁰ em Roma as *imagines* eram máscaras de cera expressas dos rostos dos notáveis para ser expostas em armários no *atrium* da casa logo após o proferimento dos discursos laudatórios e demais cerimônias fúnebres. Quando algum membro da mesma *gens* morria, essas máscaras eram levadas ao funeral para que homens que guardavam semelhança com os respectivos modelos em estatura e porte as usassem, enquanto

¹⁹⁷ CIC. *De or.* III, xxix, 115; *Top.* 83

¹⁹⁸ CIC. *Part. or.* xix, 65.

¹⁹⁹ CIC. *Or.* ii, 8: *imago est exprimenda*; *Or.* v, 19: *quem si imitari atque exprimere non possumus, quod idem ille uix deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.*

²⁰⁰ POLYB. VI, 53-4.

desfilavam em carruagens portando insígnias e vestidos de toga, cuja cor demonstrava a posição hierárquica do modelo conforme os feitos ou funções realizadas por ele em vida. Chegando ao *rostrum*, esses homens sentavam-se em fileiras em assentos de marfim. Admirados com um espetáculo de tal modo glorioso, os jovens romanos quereriam imitar as virtudes dos falecidos, almejando realizar feitos tão ilustres quanto os de seus antepassados. Essa prática de observação e imitação das *imagines* ainda pode ser notada de certo modo em Cícero, como se demonstra no discurso *Pro Archia*, em que ela se relaciona metaforicamente à escrita e ao gênero de causa laudatório.²⁰¹

Quam multas nobis imagines non solum ad intuendum verum etiam ad imitandum fortissimorum virorum expressas scriptores Graeci et Latini reliquerunt! quas ego mihi semper in administranda re publica proponens animum et mentem meam ipsa cogitatione hominum excellentium conformabam.²⁰²

Quantas imagens de varões valentes deixaram-nos os escritores gregos e latinos, e não só para as observarmos, senão ainda para imitarmos! Na administração da coisa pública eu sempre as pus diante de mim, conformando minha alma e minha mente segundo a cogitação mesma dos homens mais excelentes.

No caso da oratória, uma vez que é por imitação de determinado orador que se fazem gerações de oradores conformes a um gênero do discurso, e é por imitação que se fazem esses próprios gêneros,²⁰³ ao forjar uma *imago* do gênero do orador perfeito, Cícero propõe aos contemporâneos e aos pósteros um exemplar para ser lembrado e imitado, visando a conformar assim o gênero a que se filia, o qual remonta a Demóstenes.

Na segunda parte do livro,²⁰⁴ portanto, Cícero dá continuidade à descrição da espécie última da eloquência, detendo-se no nexa e colocação das palavras, sem o que não se pode aspirar ao louvor que se quer.²⁰⁵ A colocação deve fazer-se ou de modo que se adaptem com máxima coerência o fim e o início das palavras e que elas tenham os sons mais doces; ou de

²⁰¹ Cf. Cíc. *Brut.* xvi, 61-2.

²⁰² Cíc. *Arch.* 14.

²⁰³ Cíc. *De or.* II, xxii, 92.

²⁰⁴ Cíc. *Or.* xli, 140 – lxxi, 238.

²⁰⁵ Cíc. *Or.* xli, 140.

modo que a própria forma e concerto das palavras leve a efeito o seu círculo; ou de modo que o encerramento das palavras caia com ritmo e adequação.²⁰⁶

Constatamos, pela descrição que se apresentou de cada gênero, que não só as figuras de palavra e pensamento, senão a colocação mesma das palavras para fins de oratória deliberativa e judicial atingem a força máxima no gênero grave. Especifica-se agora que é neste gênero que se pode combinar o concerto de palavras com o uso variado de incisos, membros e períodos, que é o modo de discursar aprovado por Cícero e, segundo ele, desprezado pelos novos áticos.²⁰⁷

Hoc modo dicere nemo umquam noluit nemoque potuit quin dixerit, qui autem aliter dixerunt, hoc assequi non potuerunt. Ita facti sunt repente Attici; quasi uero Trallianus fuerit Demosthenes, cuius non tam uibrarent fulmina illa, nisi numeris contorta ferrentur.²⁰⁸

Ninguém jamais deixou de querer discursar desse modo, e nunca ninguém pôde e não o fez; os que discursaram de outro modo, é porque não puderam alcançá-lo. Assim, de repente, fizeram-se áticos; como se Traliano fosse Demóstenes! Cujos famosos raios jamais vibrariam se ao ser arremessados não tivessem sido torcidos pelos ritmos.

Como se pode depreender do próprio *Orator*²⁰⁹ e dos testemunhos de Tácito²¹⁰ e Quintiliano²¹¹, a controvérsia com os áticos incidia não só no louvor ou vitupério que cada

²⁰⁶ CIC. *Or.* xliv, 149.

²⁰⁷ CIC. *Or.* lxxi, 235.

²⁰⁸ CIC. *Or.* lxx, 234.

²⁰⁹ CIC. *Or.* lxxi, 235.

²¹⁰ TAC. *Dial.* xviii, 4-6: “Bem consta que nem mesmo a Cícero faltaram detratores, aos quais ele parecia inchado e túmido, e não suficientemente comprimido, mas saltitante além da medida, supérfluo e pouco antigo. Decerto lestes as epístolas enviadas a Cícero por Calvo e Bruto. É fácil depreender delas que, de fato, para Cícero, Calvo parecia ser exangue e abatido, já Bruto ocioso e desconjuntado; e que, por sua vez, aqueles falavam mal de Cícero: Calvo dizia que ele era solto e enervado; já Bruto, para usar suas próprias palavras, que era quebrado e deslombado. Se me perguntares, todos me parecem ter dito a verdade: mas em breve irei a cada um deles; agora meu negócio é com os universais”. [*Satis constat ne Ciceroni quidem obrectatores defuisse, quibus inflatus et tumens nec satis pressus, sed supra modum exsultans et superfluens et parum antiquus uideretur. Legistis utique et Calui et Bruti ad Ciceronem missas epistulas, ex quibus facile est deprehendere Caluum quidem Ciceroni uisum exsanguem et attritum, Brutum autem otiosum atque diiunctum; rursusque Ciceronem a Caluo quidem male audisse tamquam solutum et eneruatum, a Bruto autem, ut ipsius uerbis utar, tamquam fractum atque elumbem. Si me interroges, omnes mihi uidentur uerum dixisse: sed mox ad singulos ueniam, nunc mihi cum uniuersis negotium est*].

²¹¹ QUINT. *Inst.* XII, x, 12-3: “Não consideramos que Marco Túlio, por sua vez, seja, como um Eufrantor, prestante em muitas espécies de artes: é, sim, o mais eminente em todas as que em cada homem se podem louvar. Ainda assim, os homens de seu tempo ousavam atacá-lo dizendo que era túmido, asiano, redundante,

uma das partes atribuía à elegância, antiguidade e ornamentação do discurso, senão sobretudo à utilização do discurso periódico. Daí a importância central da segunda parte do livro, na qual se conclui a descrição da imagem do orador perfeito pelo tratamento da questão do ritmo discursivo.

Sabemos que, para Cícero, sempre que possível, é preciso chamar uma controvérsia para longe das pessoas e do tempo que lhe são próprios, pois pode-se discutir mais largamente sobre o gênero do que sobre suas partes e, o que se fizer aprovar no gênero, é de necessidade que se fará aprovar na parte; como vimos, essa questão, transferida das pessoas e tempo próprios para o gênero universal, se chama *thésis*.²¹² Por isso, para responder à invectivas que lhe faziam aqueles que, ao passo que se diziam “áticos”, lhe negavam essa qualidade,²¹³ Cícero remeteu a controvérsia à “questão do gênero universal”: tratou do gênero do discurso – do melhor gênero, o que vale dizer do único – para responder às partes, isto é, aos oradores; e tratou da coisa, isto é, da eloquência, para responder aos homens.

Ac licet non ad singula respondentem de uniuerso genere sic dicere, ut etiam singulis satis responsum esse uideatur.²¹⁴

Ademais, é lícito, não respondendo às coisas uma por uma, discursar acerca do gênero universal de modo que pareça ter-se respondido suficientemente também a cada qual.

Portanto, Cícero persistiu no caminho tópico e dialético no inquérito da questão acerca da melhor espécie do discursar. Após ter definido, como vimos, o gênero do orador e tê-lo dividido em três formas, ou espécies, e ter descrito cada uma delas para então poder julgar qual é a melhor espécie, ou qual a forma última do gênero da eloquência, associando essa

excessivo nas repetições, às vezes frio nas facécias, quebrado na composição, saltitante e, o que está longe de ser, macio demais para um homem. Contudo, após ter sido eliminado pela proscrição dos triúmviros, os que o odiavam, os invejosos, os emulos, e também os adutores do poder presente, arremeteram contra ele por todos os lados, pois não haveria de responder”. [*At M. Tullium non illum habemus Euphranorem circa plures artium species praestantem, sed in omnibus, quae in quoque laudantur, eminentissimum. Quem tamen et suorum homines temporum incessere audebant ut tumidiorem et Asianum et redundantem et in repetitionibus nimium et in salibus aliquando frigidum et in compositione fractum, exultantem ac paene, quod procul absit, viro molliorem; postea vero quam triumvirali proscriptione consumptus est, passim qui oderant, qui inuidebant, qui aemulabantur, adultores etiam praesentis potentiae non responsurum invaserunt*].

²¹² CIC. *Or.* xiv, 45-6.

²¹³ CIC. *De opt.* iv, 11; QUINT. *Inst.* XII, x, 14.

²¹⁴ CIC. *Or.* lxi, 207.

forma não só à noção estoica, como ainda à ideia de Platão, termina de forjar o orador a partir da observação e imitação dessa espécie, descrevendo o discurso sonoro e rítmico na segunda parte do *Orator*. Ao descrevê-la e aprová-la, Cícero não só resolve a tese ou questão geral que formulara a partir da pergunta epistolar de Bruto, como responde aos novos áticos²¹⁵ e, levando a efeito o livro, o *Orator*, fornece o modelo para aprovar e louvar por longa data tanto a Demóstenes como a si mesmo pela maior semelhança com a espécie aprovada.

Enfim, por conter em si a espécie última a força máxima da eloquência, Cícero, imitando-a, se assemelha em maior grau à própria eloquência, quase identificando-se a ela. Pode-se vislumbrá-lo da avaliação de Quintiliano, quando contrapõe, assim como fizera Cícero, homem e coisa.

Quare non inmerito ab hominibus aetatis suae regnare in iudiciis dictus est, apud posteros uero id consecutus ut Cicero iam non hominis nomen sed eloquentiae habeatur.²¹⁶

Pelo que, não imerecidamente, disseram os homens de sua época que ele reinava nos julgamentos; na verdade, junto aos pósteros ele conseguiu que se considerasse “Cícero” não o nome de um homem, mas da própria eloquência.

²¹⁵ Dentre os quais parece estar o próprio Bruto, pelo que se entende da epístola *Att.* XV 1a: “Nosso Bruto enviou-me o discurso que proferiu na assembleia do Capitólio, pedindo-me que antes da publicação eu o corrigisse com imparcialidade. Ora, é um discurso escrito com pensamentos elegantíssimos, e com palavras mais elegantes do que as quais não há: eu, porém, se tivesse proferido aquela causa, teria escrito com mais ardor: vês qual é a *hypóthesis* e qual é a pessoa do orador. Assim, eu não pude corrigi-lo. O gênero em que nosso Bruto quer estar, fazendo o juízo que faz do melhor gênero do discursar, ele alcançou a tal ponto que não pode haver nada mais elegante; mas o que eu sigo é outro, quer esteja eu certo ou errado. Contudo, eu gostaria que tu lesasses esse discurso, se é que já não o leste, e me comunicasses o teu próprio julgamento; muito embora eu tenha receio de que, engando-te o teu próprio nome, sejas “hiper-ático” ao julgar. Porém, se te recordares dos raios de Demóstenes, então entenderás que é possível discursar do modo mais ático e com a maior gravidade”. [*Brutus noster misit ad me orationem suam habitam in contione Capitolina, petivitque a me, ut eam ne ambitiose corrigerem, antequam ederet. Est autem oratio scripta elegantissime sententiis, verbis, ut nihil possit ultra. Ego tamen, si illam causam habuissem, scripsissem ardentius. Υπόθεσις vides quae sit et persona dicentis. Itaque eam corrigere non potui. Quo enim in genere Brutus noster esse vult et quod iudicium habet de optimo genere dicendi, id ita consecutus in ea oratione est, ut elegantius esse nihil possit; sed ego secutus aliud sum, sive hoc recte sive non recte. Tu tamen velim orationem legas, nisi forte iam legisti, certioreme facias, quid iudices ipse. Quamquam vereor, ne cognomine tuo lapsus ὑπεραττικὸς sis in iudicando. Sed, si recordabere Δημοσθένους fulmina, tum intelleges posse vel ἀττικώτατα gravissime dici*].

²¹⁶ QUINT. *Inst.* X, i, 112.

PARTE II. *O ORADOR* DE CÍCERO

M. TVLLI CICERONIS ORATOR AD M.
BRVTVM

I. [1] Vtrum difficilius aut maius esset negare tibi saepius idem roganti an efficere id quod rogaes diu multumque, Brute, dubitavi. Nam et negare ei quem unice diligere cuique me carissimum esse sentirem, praesertim et iusta petenti et praeclara cupienti, durum admodum mihi uidebatur, et suscipere tantam rem, quantam non modo facultate consequi difficile esset sed etiam cogitatione complecti, uix arbitrari esse eius qui uereretur reprehensionem doctorum atque prudentium. [2] Quid enim est maius quam, cum tanta sit inter oratores bonos dissimilitudo, iudicare quae sit optima species et quasi figura dicendi? Quod quoniam me saepius rogas, aggrediar non tam perficiendi spe quam experiendi uoluntate; malo enim, cum studio tuo sim obsecutus, desiderari a te prudentiam meam quam, si id non fecerim, beneuolentiam.

[3] Quaeris igitur idque iam saepius

O ORADOR, DE MARCO TÚLIO CÍCERO.
PARA MARCO BRUTO.

I. [1] Por muito tempo, Bruto, minha dúvida foi sobre o que seria maior ou mais difícil: dizer não a ti, que pedias com insistência uma mesma coisa, ou levar a efeito o que me pedias. Ora, dizer não a quem tenho em singular estima e a quem, segundo penso, sou caríssimo, parecia-me demasiado duro, principalmente pedindo ele algo que é justo e cobijando o que é ilustre; por outro lado, meter ombros a coisa tão grande que não só é difícil ter capacidade para atingir, senão até mesmo cogitação para abarcar, eu julgava a custo que seria próprio de quem teme a repreensão dos doutos e prudentes. [2] Com efeito, havendo tamanha dessemelhança entre os bons oradores, o que pode ser maior que julgar qual é a melhor espécie ou, por assim dizer, a melhor figura do discursar? O que, já que me pedes com insistência, empreenderei, não tanto com esperança de cumprir quanto com vontade de experimentar; mais quero, sim, cedendo ao teu empenho, que minha prudência te deixe a desejar do que, se eu recusasse, minha benevolência.

[3] Inquires, portanto, e isto já com

quod eloquentiae genus probem maxime et quale mihi uideatur illud, quo nihil addi possit, quod ego summum et perfectissimum iudicem. In quo uereor ne, si id quod uis effecero eumque oratorem quem quaeris expressero, tandem studia multorum, qui desperatione debilitati experiri id nolent quod se assequi posse diffidant. [4] Sed par est omnis omnia experiri, qui res magnas et magno opere expetendas concupiuerunt. Quod si quem [aut natura sua] aut illa praestantis ingeni uis forte deficiet aut minus instructus erit magnarum artium disciplinis, teneat tamen eum cursum quem poterit; prima enim sequentem honestum est in secundis tertiisque consistere. Nam in poetis non Homero soli locus est, ut de Graecis loquar, aut Archilochus aut Sophocles aut Píndarus, sed horum uel secundis uel etiam infra secundos; [5] nec uero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia ceterorum studia restinxit.

II. Nec solum ab optimis studiis excellentes uiri deterriti non sunt, sed

insistência, que gênero de eloquência eu mais aprovo, e de que qualidade me parece ser aquele ao qual nada se pode acrescentar, e qual eu julgo ser o sumo e perfeitíssimo. Quanto a isso, se eu levar a efeito o que queres e exprimir o orador que inquires, receio que detenha o empenho de muitos, que, debilitados pelo desespero, não quererão experimentar o que não acreditam poder alcançar. [4] Mas é justo que experimentem tudo todos os que cobiçaram coisas grandes e grandemente apeteceíveis. Porque se a alguém acaso lhe falecer aquela célebre força, própria de um engenho preeminente, ou se não estiver tão instrumentado com os aprendizados das grandes artes, que se atenha, todavia, àquele curso que puder; ao que persegue as coisas primeiras é honroso ficar entre os segundos ou terceiros. Pois, para falar dos gregos, entre os poetas não há lugar só para Homero, ou Arquíloco, ou Sófocles, ou Píndaro, mas para os que vêm em seguida e ainda para os que estão abaixo dos segundos; nem, na filosofia, a amplitude de Platão afastou Aristóteles da escrita, nem o próprio Aristóteles, com uma ciência e opulência admiráveis, extinguiu o empenho dos demais.

II. E não só não se afastaram dos melhores estudos os homens mais excelentes, como

ne opifices quidem se ab artibus suis remouerunt, qui aut Ialysi, quem Rhodi uidimus, non potuerunt aut Coae Veneris pulchritudinem imitari, nec simulacro Iouis Olympii aut doryphori statua deterriti reliqui minus experti sunt quid efficere aut quo progredi possent; quorum tanta multitudo fuit, tanta in suo cuiusque genere laus, ut, cum summa miraremur, inferiora tamen probaremus. [6] In oratoribus uero, Graecis quidem, admirabile est quantum inter omnis unus excellat; ac tamen, cum esset Demosthenes, multi oratores magni et clari fuerunt et antea fuerant nec postea defecerunt. Quare non est cur eorum qui se studio eloquentiae dediderunt spes infringatur aut languescat industria; nam neque illud ipsum quod est optimum desperandum est et in praestantibus rebus magna sunt ea quae sunt optimis proxima. [7] Atque ego in summo oratore fingendo talem informabo qualis fortasse nemo fuit. Non enim quaero quis fuerit, sed quid sit illud, quo nihil esse possit praestantius, quod in perpetuitate dicendi non saepe atque haud scio an numquam, in aliqua autem parte eluceat aliquando, idem apud alios

não se apartaram de suas artes sequer os obreiros que não puderam imitar a beleza de Iáliso, que vimos em Rodes, ou da Vênus de Cós; nem, afastados pelo simulacro de Jove Olímpio ou pela estátua do doríforo, os restantes deixaram de experimentar o que podiam levar a efeito ou aonde podiam avançar; foi tão grande a multidão deles, tão grande o louvor de cada qual em seu gênero, que, embora admirássemos aquilo que era sumo, aprovávamos não obstante o que era inferior. [6] Porém, entre os oradores – entre os gregos, ao menos –, é admirável quanto, dentre todos, um é excelente; e todavia, embora houvesse Demóstenes, houve muitos oradores grandes e ilustres, e tanto houve antes, como não faltaram depois. Portanto, não há por que findar-se a esperança ou enlanguescer a indústria dos que se dedicaram com empenho à eloquência; pois não se deve desesperar daquilo mesmo que é o melhor e, nas coisas preeminentes, é grande o que está mais perto do melhor. [7] Ademais, eu, no forjar o sumo orador, o enformarei tal qual talvez ninguém nunca tenha sido. Pois não inquiri quem foi, mas o que é aquilo que não pode ser ultrapassado por nada, que no contínuo do discursar quase nunca – e talvez nunca – transluz, embora em algumas de suas partes às vezes; isso em alguns com maior frequência, em

densius, apud alios fortasse rarius. [8] Sed ego sic statuo, nihil esse in ullo genere tam pulchrum, quo non pulchrius id sit unde illud ut ex ore aliquo quasi imago exprimatur; quod neque oculis neque auribus neque ullo sensu percipi potest, cogitatione tantum et mente complectimur. Itaque et Phidiae simulacris, quibus nihil in illo genere perfectius uidemus, et iis picturis quas nominaui cogitare tamen possumus pulchriora; [9] nec uero ille artifex, cum faceret Iouis formam aut Mineruae, contemplabatur aliquem, e quo similitudinem duceret, sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximia quaedam, quam intuens in eaque defixus ad illius similitudinem artem et manum dirigebat.

III. Vt igitur in formis et figuris est aliquid perfectum et excellens, cuius ad cogitatam speciem imitando referuntur ea quae sub oculos ipsa non cadunt, sic perfectae eloquentiae speciem animo uidemus, effigiem auribus quaerimus. [10] Has rerum formas appellat *idéas* ille non intellegendi solum sed etiam dicendi grauissimus auctor et magister Plato,

outros talvez com mais rareza. [8] Mas eu, de minha parte, assim estabeleço: não há em nenhum gênero nada tão belo, que não seja mais belo aquilo de onde, como de um rosto, ele, como uma imagem, é expresso; que nem pelos olhos, nem pelos ouvidos, nem por nenhum sentido se pode perceber, que abarcamos tão só com a cogitação e a mente. E assim, embora nada vemos mais perfeito do que eles em seu gênero, podemos não obstante pensar algo mais belo que os simulacros de Fídias, e também mais belo que as pinturas que citei; [9] no entanto, o célebre artífice, ao fazer a forma de Jove ou de Minerva, não contemplava alguém de quem tirava a semelhança, mas em sua própria mente estava assentada certa espécie exímia da beleza, que observava e na qual se fixava, dirigindo para a sua semelhança a arte e a mão.

III. Assim, pois, tal como nas formas e figuras há algo perfeito e excelente, a cuja cogitada espécie, no imitar, se reporta aquilo mesmo que não recai sob o olhar, assim também vemos com a alma a espécie da eloquência perfeita, com os ouvidos inquirimos a sua effigie. [10] Platão, aquele gravíssimo autor, e mestre não só do entender, senão também do discursar, a essas formas das coisas chama *idéas*, e

easque gigni negat et ait semper esse ac ratione et intellegentia contineri; cetera nasci, occidere, fluere, labi nec diutius esse uno et eodem statu. Quicquid est igitur de quo ratione et uia disputetur, id est ad ultimam sui generis formam speciemque redigendum.

[11] Ac uideo hanc primam ingressionem meam non ex oratoris disputationibus ductam, sed e media philosophia repetitam et eam quidem cum antiquam tum subobscuram aut reprehensionis aliquid aut certe admirationis habituram. Nam aut mirabuntur quid haec pertineant ad ea quae quaerimus — quibus satis faciet res ipsa cognita, ut non sine causa alte repetita uideatur — aut reprehendent, quod inusitatas uias indagemus, tritas relinquamus. [12] Ego autem et me saepe noua uideri dicere intellego, cum peruetera dicam sed inaudita plerisque, et fateor me oratorem, si modo sim aut etiam quicumque sim, non ex rhetorum officinis, sed ex Academiae spatiis exstitisse; illa enim sunt curricula multiplicium uariorumque sermonum, in quibus Platonis primum sunt impressa uestigia. Sed et huius et

nega-lhes o gerar-se e diz que elas sempre são e apreendem-se pela razão e o entendimento; o resto, diz nascer, morrer, fluir, deslizar, nem demoradamente ser em um único e mesmo estado. Portanto, o que quer que se discuta com razão e método deve ser reconduzido à forma ou espécie última do seu gênero.

[11] Ademais, reparo que esse meu primeiro ingresso não o tirei das discussões dos oradores, mas fui buscá-lo de volta lá atrás em meio à filosofia, sendo ele não só antigo, senão um tanto quanto obscuro, digno de repreensão ou, quando menos, de admiração. Pois alguns perguntarão admirados em que isso tudo é atinente ao que inquiremos, e a esses o conhecimento da coisa mesma bastará, de forma que não sem causa lhes pareça ter sido tão longe buscada de volta; outros nos repreenderão, porque indagaremos caminhos inusitados, abandonaremos os batidos. [12] Quanto a mim, entendo que muitas vezes pareço dizer novidades — embora diga antigualhas, mas a muitos inauditas — e confesso ter-me alçado a orador — se é que o sou, ou por reles que o seja — a partir não das oficinas dos rétores, mas dos espaços da Academia; esses são veredas de múltiplas e variadas conversas, nas quais primeiramente se imprimiram as pegadas de Platão. Mas tanto por suas

aliorum philosophorum
 disputationibus et exagitatus maxime
 orator est et adiutus; omnis enim
 ubertas et quasi silua dicendi ducta
 ab illis est nec satis tamen instructa
 ad forensis causas, quas, ut illi ipsi
 dicere solebant, agrestioribus Musis
 reliquerunt. [13] Sic eloquentia haec
 forensis spreta a philosophis et
 repudiata multis quidem illa
 adiumentis magnisque caruit, sed
 tamen ornata uerbis atque sententiis
 iactationem habuit in populo nec
 paucorum iudicium
 reprehensionemque pertimuit: ita et
 doctis eloquentia popularis et disertis
 elegans doctrina defuit.

IV. [14] Positum sit igitur in primis,
 quod post magis intellegatur, sine
 philosophia non posse effici quem
 quaerimus eloquentem, non ut in ea
 tamen omnia sint, sed ut sic adiuuet
 ut palaestra histrionem; parua enim
 magnis saepe rectissime conferuntur.
 Nam nec latius atque copiosius de
 magnis uariisque rebus sine
 philosophia potest quisquam dicere
 [15] – si quidem etiam in Phaedro
 Platonis hoc Periclem praestitisse
 ceteris dicit oratoribus Socrates, quod
 is Anaxagorae physici fuerit auditor;

discussões, como pelas de outros filósofos,
 é sobretudo açodado e auxiliado o orador,
 pois toda a uberdade e, assim o diga, toda a
 floresta do discurso foi tomada deles, ainda
 que não suficientemente instrumentada para
 as causas forenses, as quais, como eles
 mesmos costumavam dizer, deixaram a
 Musas mais agrestes. [13] Assim, essa
 eloquência forense, desprezada e repudiada
 pelos filósofos, careceu de muitos e grandes
 auxílios; porém, ornada com palavras e
 pensamentos, teve voga entre o povo e não
 temeu muito o julgamento e a repreensão de
 uns poucos: assim, aos doutos faltou a
 eloquência popular; aos disertos, a elegante
 doutrina.

IV. [14] Esteja posto, pois, em primeiro
 lugar, – isto que depois se entenderá melhor
 – que sem a filosofia não se pode levar a
 efeito o eloquente que inquirimos – não de
 maneira que nela esteja tudo, mas que sirva
 de auxílio, assim como ao histrião a palestra
 (sim, frequentemente as pequenas coisas
 muito corretamente se comparam às
 grandes). Pois ninguém pode discursar larga
 e opulentamente sobre coisas grandes e
 várias sem filosofia – [15] pois até mesmo
 no *Fedro* de Platão diz Sócrates que
 Péricles ultrapassou os demais oradores
 porque fora ouvinte de Anaxágoras, o físico,

a quo censet eum, cum alia praeclara quaedam et magnifica didicisse, tum uberem et fecundum fuisse gnarumque, quod est eloquentiae maximum, quibus orationis modis quaeque animorum partes pellerentur; quod idem de Demosthene existimari potest, cuius ex epistulis intellegi licet quam frequens fuerit Platonis auditor; – [16] nec uero sine philosophorum disciplina genus et speciem cuiusque rei cernere neque eam definiendo explicare nec tribuere in partes possumus nec iudicare quae uera quae falsa sint neque cernere consequentia, repugnantia uidere, ambigua distinguere. Quid dicam de natura rerum, cuius cognitio magnam orationi suppeditat copiam, de uita, de officiis, de uirtute, de moribus: sine multa earum ipsarum rerum disciplina aut dici aut intellegi potest?

V. [17] Ad has tot tantasque res adhibenda sunt ornamenta innumerabilia; quae sola tum quidem tradebantur ab iis qui dicendi numerabantur magistri; quo fit ut ueram illam et absolutam eloquentiam nemo consequatur, quod alia intellegendi alia dicendi

de quem, segundo pensa, não só teria aprendido coisas ilustres e magníficas, como se fizera úbere e fecundo e (o que é o máximo para a eloquência) conhecedor dos modos do discurso pelos quais se impele cada parte da alma (o que se pode estimar também a respeito de Demóstenes, de cujas epístolas se pode entender quão assíduo ouvinte fora de Platão) – [16] nem, na verdade, sem o aprendizado dos filósofos podemos discernir o gênero e a espécie de cada coisa, nem definindo explicá-la, nem distribuí-la em partes, nem julgar o que é verdadeiro, o que é falso, nem discernir o que é consequente, ver o que é antagônico, distinguir o que é ambíguo. Que direi da natureza das coisas, cujo conhecimento supre de grande opulência o discurso? Que direi da vida, dos deveres, da virtude, dos costumes? Sem um grande aprendizado dessas coisas mesmas, pode-se porventura discursar ou entender?

V. [17] A essas muitas e tão grandes coisas não de aplicar-se ornamentos inumeráveis, que era só o que transmitiam outrora os que eram tidos por mestres do discursar; pelo que sucede que aquela verdadeira e arrematada eloquência ninguém a atinge, porque um é o aprendizado do entender, outro o do discursar, e porque uns inquirem

disciplina est et ab aliis rerum ab aliis uerborum doctrina quaeritur. [18] Itaque M. Antonius, cui uel primas eloquentiae patrum nostrorum tribuebat aetas, uir natura peracutus et prudens, in eo libro quem unum reliquit, disertos ait se uidisse multos, eloquentem omnino neminem. Insidebat uidelicet in eius mente species eloquentiae, quam cernebat animo, re ipsa non uidebat. Vir autem acerrimo ingenio — sic enim fuit — multa et in se et in aliis desiderans neminem plane qui recte appellari eloquens posset uidebat; [19] quod si ille nec se nec L. Crassum eloquentem putauit, habuit profecto comprehensam animo quandam formam eloquentiae, cui quoniam nihil deerat, eos quibus aliquid aut plura deerant in eam formam non poterat includere.

Inuestigemus hunc igitur, Brute, si possumus, quem numquam uidit Antonius aut qui omnino nullus umquam fuit; quem si imitari atque exprimere non possumus, quod idem ille deo concessum esse dicebat, at qualis esse debeat poterimus fortasse dicere.

VI. [20] Tria sunt omnino genera

a doutrina das coisas, outros, a das palavras.

[18] Assim, Marco Antônio, a quem a época de nossos pais atribuía a primazia na eloquência, homem por natureza bem agudo e prudente, diz, naquele único livro que deixou, ter visto muitos disertos, eloquente absolutamente ninguém. Assentava-se, como se vê, em sua mente a espécie da eloquência, que discernia com a alma, na coisa mesma ele não a via. Homem, contudo, de engenho acérrimo — pois ele assim foi —, sentindo falta de muitas coisas, em si e nos outros, não via claramente ninguém que pudesse com correção chamar-se eloquente; [19] e, se ele nem a si nem a Lúcio Crasso reputou eloquente, é certo que tinha apreendido com a alma certa forma da eloquência; e uma vez que nada faltava a esta forma, aqueles aos quais faltava alguma coisa — ou muitas coisas — ele não os podia encerrar nela.

Portanto, Bruto, investiguemos, se pudermos, aquele que Antônio nunca viu, ou que em absoluto ninguém jamais foi; se não podemos imitá-lo e exprimi-lo — ele mesmo dizia que isso a custo havia sido concedido a um deus —, poderemos, no entanto, quem sabe, dizer de que qualidade ele deve ser.

VI. [20] Três são, em absoluto, os gêneros

dicendi, quibus in singulis quidam floruerunt, peraeque autem, id quod uolumus, perpauci in omnibus. Nam et grandiloqui, ut ita dicam, fuerunt, cum ampla et sententiarum grauitate et maiestate uerborum, uehementes, uarii, copiosi, graues, ad permouendos et conuertendos animos instructi et parati — quod ipsum alii aspera, tristi, horrida oratione neque perfecta atque conclusa, alii leui et structa et terminata — et contra tenues, acuti, omnia docentes et dilucidiora, non ampliora facientes, subtili quadam et pressa oratione limati; VI. in eodemque genere alii callidi, sed impoliti et consulto rudium similes et imperitorum, alii in eadem ieiunitate concinniores id est faceti, florentes etiam et leuiter ornati. [21] Est autem quidam interiectus inter hos medius et quasi temperatus nec acumine posteriorum nec flumine utens superiorum, uicinus amborum, in neutro excellens, utriusque particeps uel utriusque, si uerum quaerimus, potius expers; isque uno tenore, ut aiunt, in dicendo fluit, nihil afferens praeter facilitatem et aequalitatem, aut addit aliquos, ut in corona, toros omnemque orationem ornamentis

do discursar, em cada um dos quais alguns homens floresceram, mas igualmente em todos — e isso é o que queremos —, bem poucos. Pois grandiloquos, por assim dizer, houve, com ampla gravidade nos pensamentos e majestade nas palavras, veementes, variados, opulentos, graves, instrumentados e preparados para mover cabalmente e converter as almas — uns, com um discurso áspero, austero, encrespado, e não perfeito e cerrado; outros, com um polido, estruturado e delimitado. Houve também, ao revés, os tênues, agudos, tudo ensinando, e fazendo mais dilúcidas as coisas, e não mais amplas, limados por um discurso sutil e comprimido; VI. nesse mesmo gênero uns foram calejados, mas impolidos e de propósito semelhantes aos rudes e imperitos; outros foram nesse mesmo jejum mais concertados, isto é, facetos, até mesmo florentes e levemente ornados. [21] Há, porém, um interjacente entre esses, médio e como que temperado, que não usa nem do acume dos últimos nem do flume dos primeiros, vizinho a ambos, nem num nem noutro excelente, participe de cada um dos dois — ou melhor, se inquirimos a verdade, participante de nenhum; e ele, de um só fôlego, como se diz, nada trazendo além de facilidade e igualdade, flui no discursar; ou então acrescenta, como a uma guirlanda, alguns

modicis uerborum sententiarumque distinguit. [22] Horum singulorum generum quicumque uim in singulis consecuti sunt, magnum in oratoribus nomen habuerunt. Sed quaerendum est satisne id quod uolumus effecerint.

VII. Videmus enim fuisse quosdam, qui idem ornate et grauiter, idem uersute et subtiliter dicerent. Atque utinam in Latinis talis oratoris simulacrum reperire possemus! Esset egregium non quaerere externa, domesticis esse contentos. [23] Sed ego idem, qui in illo sermone nostro qui est expositus in “Bruto”, multum tribuerim Latinis, uel ut hortarer alios uel quod amarem meos, recordor longe omnibus unum anteferre Demosthenem, huiusque uim accommodare ad eam quam sentiam eloquentiam, non ad eam quam in aliquo ipse cognouerim; hoc nec grauior exstitit quisquam nec callidior nec temperatior. Itaque nobis monendi sunt ii quorum sermo imperitus increbruit, qui aut dici se desiderant Atticos aut ipsi Attice uolunt dicere, ut mirentur hunc maxime, quo ne Athenas quidem ipsas magis credo fuisse Atticas; quid

atrilhos, e distingue todo o discurso com moderados ornamentos de palavra e pensamento. [22] Quem quer que tenha atingido a força de cada um desses gêneros teve grande renome entre os oradores. Mas há de se inquirir se levou a efeito satisfatoriamente aquilo que queremos.

VII. Vemos, sim, ter havido alguns que discursavam tanto ornada e gravemente, como versátil e sutilmente. E quem me dera pudéssemos encontrar entre os latinos o simulacro de tal orador! Seria egrégio não ter de inquirir o que é estrangeiro, mas estar contentes com o que é de casa. [23] Mas eu mesmo, embora naquela nossa conversa que foi exposta no *Bruto* tenha atribuído muito aos latinos, ou para exortar os outros, ou porque amava os meus, recordo-me de a todos ter anteposto, de longe, um, Demóstenes, cuja força eu gostaria de acomodar àquela eloquência que está em meu pensamento, não a que eu mesmo conheci em alguém. Mais grave do que ele ninguém se alçou, nem mais calejado, nem mais temperado. Assim, devemos advertir aqueles cuja conversa imperita vem se espalhando – a saber, os que desejam ser chamados áticos ou que querem mesmo discursar de modo ático – para que admirem sobretudo este, do que o qual, creio, nem a própria Atenas foi mais ática; que

enim sit Atticum discant eloquentiamque ipsius uiribus, non imbecillitate sua metiantur. [24] Nunc enim tantum quisque laudat quantum se posse sperat imitari. Sed tamen eos, studio optimo, iudicio minus firmo praeditos docere quae sit propria laus Atticorum non alienum puto.

VIII. Semper oratorum eloquentiae moderatrix fuit auditorum prudentia. Omnes enim qui probari uolunt uoluntatem eorum qui audiunt intuentur ad eamque et ad eorum arbitrium et nutum totos se fingunt et accommodant. [25] Itaque Caria et Phrygia et Mysia, quod minime politae minimeque elegantes sunt, asciuerunt aptum suis auribus opimum quoddam et tamquam adipale dictionis genus, quod eorum uicini non ita lato interiecto mari Rhodii numquam probauerunt, Graecia autem multo minus, Athenienses uero funditus repudiauerunt; quorum semper fuit prudens sincerumque iudicium, nihil ut possent nisi incorruptum audire et elegans. Eorum religioni cum seruiet orator, nullum uerbum insolens, nullum odiosum ponere audebat. [26] Itaque hic, quem

aprendam, sim, o que é ático e meçam a eloquência pela sua força, não pela própria debilidade. [24] Pois cada qual agora louva tão só quanto espera poder imitar. Não julgo, porém, fora de propósito ensinar àqueles dotados do melhor empenho, embora de juízo menos firme, qual é o louvor próprio dos áticos.

VIII. A medida da eloquência dos oradores sempre foi a prudência dos ouvintes. Pois todos os que querem ser aprovados observam a vontade dos que os ouvem e se forjam e se acomodam por inteiro a ela e ao arbítrio e anuência daqueles. [25] E assim a Cária, a Frígia e a Mísia, porque não são nada polidas nem nada elegantes, admitiram como adequado aos seus ouvidos certo gênero de discurso opimo e como que adiposo, que os seus vizinhos – separados por um mar nem tão largo assim –, os ródios, nunca aprovaram, e a Grécia, por sua vez, muito menos, e que os atenienses, em verdade, repudiaram profundamente; o juízo deles sempre foi prudente e límpido, de sorte que não podiam ouvir nada que não fosse incorrupto e elegante. Como o orador obedecia a tais escrúpulos, não ousava expor nenhuma palavra insólita, nenhuma importuna. [26] E assim, esse que dissemos ultrapassar os demais, no famoso discurso *A*

praestitisse diximus ceteris, in illa pro Ctesiphonte oratione longe optima, summissius a primo, deinde, dum de legibus disputat, pressius, post sensim incendens iudices, ut uidit ardentes, in reliquis exsultauit audacius. Ac tamen in hoc ipso diligenter examinante uerborum omnium pondera reprehendit Aeschines quaedam et exagitat inludensque dura, odiosa, intolerabilia esse dicit; quin etiam quaerit ab ipso, cum quidem eum beluam appellet, utrum illa uerba an portenta sint, ut Aeschini ne Demosthenes quidem uideatur Attice dicere. [27] Facile est enim uerbum aliquod ardens, ut ita dicam, notare, idque restinctis iam animorum incendiis inridere. Itaque se purgans iocatur Demosthenes: negat in eo positas esse fortunas Graeciae hocine an illo uerbo usus sit, huc an illuc manum porrexerit. Quonam igitur modo audiretur Mysus aut Phryx Athenis, cum etiam Demosthenes exagitetur ut putidus? Cum uero inclinata ululantique uoce more Asiatico canere coepisset, quis eum ferret aut potius quis non iuberet auferri?

favor de Ctesifonte (de longe o melhor), primeiro discursou de modo mais abaixado; então, quando discute as leis, com mais premência; depois, a pouco e pouco incendiando os juízes, logo que os viu incendiados, no que restava do discurso solevou-se com mais atrevimento. E, no entanto, examinando com diligência o peso de todas as palavras, Ésquines repreende algumas delas, e as ataca e, escarnecendo, diz que são duras, importunas, intoleráveis; e chega mesmo a inquirir, chamando-o de bestial, se aquilo são palavras ou monstruosidades; de forma que, para Ésquines, nem sequer Demóstenes parece discursar de modo ático. [27] É fácil, sim, notar alguma palavra, por assim dizer, inflamada e, depois de já extinto nas almas o incêndio, ridicularizá-la. E assim, desculpando-se, jogueteia Demóstenes: diz que a fortuna da Grécia não depende disto: de ter usado esta ou aquela palavra, de ter estendido a mão aqui ou acolá. Portanto, como se ouviria em Atenas um miso, ou um frígio, quando se ataca até mesmo Demóstenes por ser rançoso? Quando um deles, todavia, começasse a cantar com sua voz ululante de baixo, conforme o costume asiático, quem o suportaria, ou melhor, quem não lhe ordenaria que se retirasse?

IX. [28] Ad Atticorum igitur aures teretes et religiosas qui se accommodant, ii sunt existimandi Attice dicere. Quorum genera plura sunt; hi unum modo quale sit suspicantur. Putant enim qui horride inculteque dicat, modo id eleganter enucleateque faciat, eum solum Attice dicere. Errant, quod solum; quod Attice, non falluntur. [29] Istorum enim iudicio, si solum illud est Atticum, ne Pericles quidem dixit Attice, cui primae sine controuersia deferebantur; qui si tenui genere uteretur, numquam ab Aristophane poeta fulgere, tonare, permiscere Graeciam dictus esset. Dicat igitur Attice uenustissimus ille scriptor ac politissimus Lysias – quis enim id possit negare? – dum intellegamus hoc esse Atticum in Lysia, non quod tenuis sit atque inornatus, sed quod [non] nihil habeat insolens aut ineptum; ornate uero et grauiter et copiose dicere aut Atticorum sit aut ne sit Aeschines neue Demosthenes Atticus.

[30] Ecce autem aliqui se Thucydideos esse profitentur, nouum quoddam imperitorum et inauditum genus! Nam qui Lysiam sequuntur

IX. [28] Deve-se estimar, portanto, que os que acomodam a si mesmos aos ouvidos polidos e escrupulosos dos áticos discursam de modo ático. Os seus gêneros são muitos, mas esses aí têm a mera suspeita da qualidade de apenas um deles. Com efeito, julgam que só discursa de modo ático quem discursa de maneira encrespada e inculta, desde que o faça de modo elegante e enucleado. Erram quanto ao “só”; quanto ao “ático”, não se enganam. [29] Pois se, segundo o seu julgamento, só isso é ático, nem mesmo Péricles discursou de modo ático, a quem se concedia, sem controvérsia, a primazia, e que, se tivesse usado do gênero tênue, Aristófanes o poeta nunca teria dito que ele fulge, trovoa, turbilhona a Grécia. Admito, então, que discursa aticamente aquele venustíssimo escritor, e polidíssimo, Lísias – pois quem o poderia negar? –, contanto que entendamos que em Lísias é ático isto, a saber: não ele ser tênue e desornado, mas nada ter de insólito ou inadequado; mas, ou há de pertencer aos áticos o discursar ornada e grave e opulentamente, ou nem Ésquines nem Demóstenes serão áticos.

[30] Eis, porém, que uns se declaram tucididianos: gênero novo e inaudito de imperitos! Pois os que seguem Lísias,

causidicum quendam sequuntur non illum quidem amplum atque grandem, subtilem et elegantem tamen et qui in forensibus causis possit praeclare consistere. Thucydides autem res gestas et bella narrat et proelia, grauitur sane et probe, sed nihil ab eo transferri potest ad forensem usum et publicum. Ipsae illae contiones ita multas habent obscuras abditasque sententias uix ut intellegantur, quod est in oratione ciuili uitium uel maximum. [31] Quae est autem in hominibus tanta peruersitas, ut inuentis frugibus glande uescantur? An uictus hominum Atheniensium beneficio excoli potuit, oratio non potuit? Quis porro umquam Graecorum rhetorum a Thucydide quicquam duxit? At laudatus est ab omnibus. Fateor, sed ita ut rerum explicator prudens, seuerus, grauis, non ut in iudiciis uersaret causas, sed ut in historiis bella narraret; [32] itaque numquam est numeratus orator, nec uero, si historiam non scripsisset, nomen eius exstaret, cum praesertim fuisset honoratus et nobilis. Huius tamen nemo neque uerborum neque sententiarum grauitatem imitatur, sed cum mutila quaedam et hiantia locuti sunt, quae

seguem certo advogadozinho de pequenas causas, não, de fato, amplo e grande, mas sutil e elegante e que nas causas forenses é capaz de sustentar-se ilustremente. Tucídides, porém, narra gestas, guerras e prélios, decerto grave e diligentemente, mas nada se pode transferir dele para uso forense e público. Até mesmo aqueles seus famosos discursos oratórios têm tantos e tão recônditos pensamentos que a custo se podem entender, o que no discurso civil é o vício maior de todos. [31] Que enorme perversidade é esta nos homens que, embora já descobertos os cereais, se alimentam de bolotas? Quer dizer que o alimento, graças ao bom feito dos homens atenienses, pôde ser cultivado, e o discurso não pôde? Quem, ademais, dentre os rétores gregos, alguma vez tomou de Tucídides o que quer que seja? “Mas foi louvado por todos!”. Confesso; mas como um explicador de coisas prudente, severo, grave; não porque nos julgamentos versava as causas, mas porque nas histórias narrava as guerras; [32] assim, jamais foi considerado orador e, na verdade, se não houvesse escrito história, seu nome jamais se teria alçado, embora tenha sido precipuamente honrado e nobre. Dele, porém, ninguém imita a gravidade das palavras e pensamentos, mas, tão logo falam algo mutilado e fendido, o que podem fazer mesmo sem mestre, julgam-se

uel sine magistro facere potuerunt,
germanos se putant esse Thucydidas.

Nactus sum etiam qui Xenophontis
similem esse se cuperet, cuius sermo
est ille quidem melle dulcior, sed a
forensi strepitu remotissimus.

[33] Referamus nos igitur ad eum
quem uolumus incohandum et eadem
eloquentia informandum quam in
nullo cognouit Antonius. X. Magnum
opus omnino et arduum, Brute,
conamur; sed nihil difficile amanti
puto. Amo autem et semper amaui
ingenium, studia, mores tuos.
Incendor porro cotidie magis non
desiderio solum, quo quidem
conficior, congressus nostros,
consuetudinem uictus, doctissimos
sermones requirens tuos, sed etiam
admirabili fama uirtutum
incredibilium, quae, specie dispares,
prudencia coniunguntur. [34] Quid
enim tam distans quam a seueritate
comitas? Quis tamen umquam te aut
sanctior est habitus aut dulcior? Quid
tam difficile quam in plurimorum
controuersiis diiudicandis ab omnibus
diligere? Consequeris tamen ut eos
ipsos quos contra statuas aequos
placatosque dimittas. Itaque efficis
ut, cum gratiae causa nihil facias,

legítimos Tucídides.

Deparei também com quem cobiçava ser
semelhante a Xenofonte, cuja conversação é
mais doce que o mel, mas a mais remota do
estrépito forense.

[33] Reportemo-nos, portanto, àquele que
queremos esboçar e enformar por aquela
mesma eloquência que Antônio não
conheceu em ninguém. X. Grande obra, e
árdua, a que se intenta, Bruto; mas nada
julgo difícil para quem ama. Amo, e
semprei amei, o teu engenho, a tua
dedicação, os teus hábitos. Incendeio-me
cada dia mais, não só com a saudade, que
verdadeiramente me aflige quando
rememoro nossos encontros, nossa
companhia, tuas doutíssimas conversas, mas
também com a admirável fama de tuas
incríveis virtudes, as quais, embora díspares
na espécie, se conjugam sob a prudência.
[34] Pois que há mais distante da severidade
que o companheirismo? Quem, porém,
alguma vez foi considerado mais santo ou
mais doce que tu? Que pode haver tão
difícil quanto, ao julgar as controvérsias de
muitos, ser estimado por todos? Consegues,
porém, que se vão calmos e aplacados
aqueles mesmos aos quais tenha sido
contrária a tua decisão. E assim, fazes com
que, embora nada faças com vistas a obter

omnia tamen sint grata quae facis. Ergo ex omnibus terris una Gallia communi non ardet incendio; in qua frueris ipse te, cum in Italiae luce cognosceris uersarisque in optimorum ciuium uel flore uel robore.

Iam quantum illud est, quod in maximis occupationibus numquam intermittis studia doctrinae, semper aut ipse scribis aliquid aut me uocas ad scribendum! [35] Itaque hoc sum aggressus statim Catone absoluto – quem ipsum numquam attigissem tempora timens inimica uirtuti, nisi tibi hortanti et illius memoriam mihi caram excitanti non parere nefas esse duxissem, – sed testificor me a te rogatum et recusantem haec scribere esse ausum. Volo enim mihi tecum commune esse crimen, ut, si sustinere tantam quaestionem non potuero, iniusti oneris impositi tua culpa sit, mea recepti; in quo tamen iudicii nostri errorem laus tibi dati muneris compensabit.

XI. [36] Sed in omni re difficillimum est formam, qui χαρακτήρ Graece dicitur, exponere optimi, quod aliud aliis uidetur optimum. Ennio delector, ait quispiam, quod non discedit a communi more uerborum;

gratidão, sejam gratas todas as coisas que fazes. Logo, de todas as terras, uma só, a Gália, não arde com o comum incêndio; na qual tu te deleitas contigo mesmo, sendo conhecido à luz da Itália e fazendo parte da flor ou boa cepa dos melhores cidadãos.

Como já é grande isto: que, em meio às maiores ocupações, nunca interrompes os estudos de doutrina e sempre tu mesmo me escreves algo ou me chamas à escrita! [35] E assim acometi esta obra tão logo arrematado o *Catão* – o que eu nunca teria feito, por temor destes tempos hostis à virtude, se não julgasse nefário desobedecer a ti, que me exortavas e me despertavas a memória dele, tão cara a mim –, mas eu testifico que só depois de tu teres pedido e eu recusado é que ousei escrever estas coisas. Quero, sim, que o crime seja comum a mim e a ti, de forma que, se eu não puder sustentar tamanho inquérito, tua seja a culpa da imposição de um injusto fardo, minha a de aceitá-lo; quanto a isso, porém, compensará o erro de nosso juízo o louvor por um trabalho a ti dado.

XI. [36] Mas em todas as coisas o mais difícil é expor a forma – que em grego se diz *kharaktér* – do melhor, porque a cada um algo parece o melhor. “Eu me deleito com Ênio”, diz alguém, “porque ele não se aparta do uso comum das palavras”; “eu,

Pacuuio, inquit alius: omnes apud hunc ornati elaboratique sunt uersus, multa apud alterum negligentius; fac alium Accio; uaria enim sunt iudicia ut in Graecis, nec facilis explicatio, quae forma maxime excellat. In picturis alios horrida, inculta, [abditae] opaca, contra alios nitida, laeta, conlustrata delectant. Quid est quo praescriptum aliquod aut formulam exprimas, cum in suo quodque genere praestet et genera plura sint? Hac ego religione non sum ab hoc conatu repulsus existimauique in omnibus rebus esse aliquid optimum, etiam si lateret, idque ab eo posse qui eius rei gnarus esset iudicari.

[37] Sed quoniam plura sunt orationum genera eaque diuersa neque in unam formam cadunt omnia, laudationum scriptionem et historiarum et talium suasionum, qualem Isocrates fecit Panegyricum multique alii qui sunt nominati sophistae, reliquarumque rerum formam, quae absunt a forense contentione eiusque totius generis, quod Graece ἐπιδεικτικὸν nominatur, quia quasi ad inspiciendum delectationis causa comparatum est, non complectar hoc tempore; non quo

com Pacúvio”, diz outro, “nele, todos os versos são ornados e elaborados, naquele há muito descuido”; imagina tu o mesmo com relação a Ácio; variados, sim, são os juízos, como entre os gregos, e não é fácil explicar qual forma é a mais excelente. Na pintura, a uns deleita o encrespado, inculto, [recôndito e] opaco; a outros, ao contrário, o brilhante, alegre e iluminado. Como é que se pode exprimir uma prescrição ou fórmula, quando cada um é preeminente em seu gênero e muitos são os gêneros? A mim não rechaçou desta tentativa esse escrúpulo, e estimo que em todas as coisas há algo que é o melhor, ainda que esteja oculto, e que pode julgá-lo quem é conhecedor dessa coisa.

[37] Mas, uma vez que muitos são os gêneros do discurso e eles mesmos diversos, não incidindo todos numa única forma, não abarcarei nesta ocasião a escritura dos louvores, das histórias e de suasórias como o *Panegírico* de Isócrates (e de muitos outros que foram chamados “sofistas”), nem a forma das demais coisas que não tocam à contenda forense, nem de todo aquele gênero que em grego se chama *epideiktikón*, porque foi preparado como que para a inspeção, com vistas ao deleite. E não porque essa forma seja negligenciável – é, sim, a nutriz, por assim dizer, daquele

neglegenda sit; est enim illa quasi nutrix eius oratoris quem informare uolumus et de quo molimur aliquid exquisitius dicere.

XII. Ab hac et uerborum copia alitur et eorum constructio et numerus liberiore quadam fruitur licentia. [38] Datur etiam uenia concinnitati sententiarum et arguti certique et circumscripti uerborum ambitus conceduntur, de industriaque non ex insidiis sed aperte ac palam elaboratur ut uerba uerbis quasi demensa et paria respondeant, ut crebro conferantur pignantia comparenturque contraria et ut pariter extrema terminentur eundemque referant in cadendo sonum; quae in ueritate causarum et rarius multo facimus et certe occultius. In Panathenaico autem Isocrates ea studio se consecratum fatetur; non enim ad iudiciorum certamen, sed ad uoluptatem aurium scripserat.

[39] Haec tractasse Thrasy Machum Calchedonium primum et Leontinum ferunt Gorgiam, Theodorum inde Byzantium multosque alios, quos λογοδαιδάλους appellat in Phaedro Socrates; quorum satis arguta multa,

orador que queremos enformar e sobre o qual nos empenhamos em dizer algo mais averiguado.

XII. É por meio dela que se alimenta a opulência das palavras e a construção delas e o ritmo fruem de uma mais desprendida licença. [38] Dá-se também vênua ao concerto dos pensamentos e concedem-se giros verbais mais argutos, definidos e circunscritos, e elabora-se propositalmente, não por insídias, mas aberta e visivelmente, de forma que às palavras correspondam palavras como que comensuradas e pareadas; de forma que com frequência se confrontem as opostas e se pareiem as contrárias; e de forma que as últimas palavras terminem pareadamente e, ao cair, tornem a trazer o mesmo som; nas causas de verdade, fazemos isso tudo com muito menos frequência e certamente às ocultas. Ora, no *Panathenaico*, porém, Isócrates confessa ter-se empenhado por consegui-lo; com efeito, escrevera não para o certame dos juízos, mas para a volúpia dos ouvidos.

[39] Dizem que os primeiros a tratar disso foram Trasímaco da Calcedônia e Górgias de Leontino; depois, então, Teodoro de Bizâncio e muitos outros, que Sócrates no *Fedro* chama *logodaidálois*; deles há muitas coisas bastante argutas, mas, como

sed, ut modo primumque nascentia, minuta et uersiculorum similia quaedam nimiumque depicta. Quo magis sunt Herodotus Thucydidesque mirabiles; quorum aetas cum in eorum tempora quos nominaui incidisset, longissime tamen ipsi a talibus deliciis uel potius ineptiis afuerunt. Alter enim sine ullis salebris quasi sedatus amnis fluit, alter incitator fertur et de bellicis rebus canit etiam quodam modo bellicum; primisque ab his, ut ait Theophrastus, historia commota est ut auderet uberius quam superiores et ornatus dicere.

XIII. [40] Horum aetati successit Isocrates, qui praeter ceteros eiusdem generis laudatur semper a nobis, non numquam, Brute, leniter et erudite repugnante te; sed credas mihi fortasse, si quid in eo laudem cognoueris. Nam cum concisus ei Thrasymachus minutis numeris uideretur et Gorgias, qui tamen primi traduntur arte quadam uerba uinxisse, Theodorus autem praefracior nec satis, ut ita dicam, rotundus, primus instituit dilatare uerbis et mollioribus numeris explere sententias; in quo cum doceret eos qui partim in

aquilo que acabou de nascer, algumas miúdas e semelhantes a versinhos e por demais pitorescas. Por isso, Heródoto e Tucídides são ainda mais admiráveis; embora sua época incidisse no tempo daqueles que citei, passaram muito longe de tais delícias, ou melhor, de tais inépcias. Pois o primeiro, sem nenhum obstáculo, flui como um rio tranquilo; o segundo transporta-se mais agitado e canta sobre coisas bélicas de certo modo bélico; por esses pioneiros, segundo o dizer de Teofrasto, é que a história foi posta em movimento, para que então ousasse falar com mais uberdade e ornato que as precedentes.

XIII. [40] À época deles sucedeu Isócrates, que sempre é louvado por nós para além dos demais do mesmo gênero, embora, às vezes, Bruto, tu te oponhas a isso com afabilidade e erudição; mas crerias em mim, talvez, se conhecesses o que nele louvo. Pois, como Trasímaco e Górgias lhe parecessem cortados em ritmos miúdos – os quais, porém, diz-se, foram os primeiros a atar as palavras com alguma arte –, já Teodoro mais quebrado e insuficientemente, por assim dizer, rotundo, por primeiro insitiu dilatar os pensamentos com palavras e preenchê-los com ritmos mais macios; quanto a isto, porque ensinava aqueles que,

dicendo partim in scribendo principes exstiterunt, domus eius officina habita eloquentiae est.

[41] Itaque ut ego, cum a nostro Catone laudabar uel reprehendi me a ceteris facile patiebar, sic Isocrates uidetur testimonio Platonis aliorum iudicia debere contemnere. Est enim, ut scis, quasi in extrema pagina Phaedri his ipsis uerbis loquens Socrates: “Adulescens etiam nunc, o Phaedre, Isocrates est, sed quid de illo augurer libet dicere. – Quid tandem? inquit ille. – Maiore mihi ingenio uidetur esse, quam ut cum orationibus Lysiae comparetur, praeterea ad uirtutem maior indoles, ut minime mirum futurum sit, si, cum aetate processerit, aut in hoc orationum genere cui nunc studet, tantum quantum pueris reliquis praestet omnibus qui umquam orationes attigerunt aut, si contentus his non fuerit, diuino aliquo animi motu maiora concupiscat; inest enim natura philosophia in huius uiri mente quaedam”. [42] Haec de adulescente Socrates auguratur. At ea de seniore scribit Plato et scribit aequalis et quidem exagitator omnium rhetorum hunc miratur

parte no escrever, parte no discursar, se alçaram como principais, sua casa foi considerada a oficina da eloquência.

[41] E assim como eu, que, enquanto era louvado pelo nosso Catão, sofria facilmente ser repreendido pelos demais, assim Isócrates, por causa do testemunho de Platão, parece dever desprezar os juízos dos outros. Pois, como tu sabes, quase na última página do *Fedro* está Sócrates a falar com estas exatas palavras: “Isócrates ainda é um adolescente, Fedro, mas me apraz dizer o que agouro a respeito dele”. “O que é, então?”, diz este. “Parece-me ter um engenho grande demais para que se equiparem os seus discursos aos de Lísias, além de uma maior índole para a virtude, de modo que não há de ser nada surpreendente se, quando avançar em idade, assim como ultrapassa os demais meninos, ultrapassar, neste gênero de discurso a que agora se aplica, todos os que jamais se ocuparam com discursos, ou, se com isso não estiver contente, cobiçar, por algum divino movimento da alma, coisas maiores; há, sim, por natureza, na mente deste homem certa filosofia”. [42] Essas coisas acerca de um adolescente agoura Sócrates. Mas isso acerca dele já mais velho escreve Platão, e escreve sendo seu contemporâneo e, embora perseguidor de todos os rétores, admira

unum; me autem qui Isocratem non diligunt una cum Socrate et cum Platone errare patiantur.

Dulce igitur orationis genus et solutum et affluens, sentiis argutum, uerbis sonans est in illo epidictico genere quod diximus, proprium sophistarum, pompae quam pugnae aptius, gymnasiis et palaestrae dicatum, spretum et pulsum foro. Sed quod educata huius nutrimentis eloquentia [est] ipsa se postea colorat et roborat, non alienum fuit de oratoris quasi incunabulis dicere. Verum haec ludorum atque pompae; nos autem iam in aciem dimicationemque ueniamus.

XIV. [43] Quoniam tria uidenda sunt oratori, quid dicat et quo quidque loco et quo modo, dicendum omnino est quid sit optimum in singulis, sed aliquanto secus atque in tradenda arte dici solet. Nulla praecepta ponemus, neque enim id suscepimus, sed excellentis eloquentiae speciem et formam adumbrabimus, nec quibus rebus ea paretur exponemus, sed qualis nobis esse uideatur.

[44] Ac duo breuiter prima; sunt enim

unicamente este; ora, quem não estima a Isócrates sofra que eu erre junto com Sócrates e com Platão.

Doce gênero, portanto, de discurso, solto e afluente, arguto nos pensamentos, soante nas palavras, há naquele gênero epidítico que dissemos ser próprio dos sofistas, mais adequado à pompa que à peleja, destinado ao ginásio e à palestra, desprezado e expulso do fórum. Mas porque a eloquência, nutrida com esses alimentos, depois por si mesma toma cor e se robustece, não foi fora de propósito falar do berço, por assim dizer, do orador. Isso tudo, na verdade, quanto aos jogos e à pompa; quanto a nós, porém, vamos já à batalha e ao combate.

XIV. [43] Pois que três coisas deve ver o orador – o que dizer e o que em que lugar e de que modo – há de dizer-se absolutamente o que é o melhor em cada uma, mas de forma algo diferente do que se costuma dizer na transmissão da arte. Não proporemos nenhum preceito, nem a isso metemos ombros, mas adumbraremos a espécie ou forma da eloquência excelente; nem exporemos as coisas por meio das quais ela é preparada, mas de que qualidade ela nos parece ser.

[44] E as duas primeiras coisas,

non tam insignia ad maximam laudem quam necessaria et [tamen] cum multis paene communia.

Nam et inuenire et iudicare quid dicas magna illa quidem sunt et tamquam animi instar in corpore, sed propria magis prudentiae quam eloquentiae; qua tamen in causa est uacua prudentia? Nouerit igitur hic quidem orator, quem summum esse uolumus, argumentorum et rationum locos. [45] Nam quoniam, quicquid est quod in controuersia aut in contentione uersetur, in eo aut sitne aut quid sit aut quale sit quaeritur; sitne, signis; quid sit, definitionibus; quale sit, recti prauique partibus; quibus ut uti possit orator, non ille uulgaris sed hic excellens, a propriis personis et temporibus semper, si potest, auocet controuersiam; latius enim de genere quam de parte disceptare licet, ut quod in uniuerso sit probatum id in parte sit probari necesse. [46] Haec igitur quaestio a propriis personis et temporibus ad uniuersi generis orationem traducta appellatur *θέσις*. In hac Aristoteles adulescentes non ad philosophorum morem tenuiter disserendi, sed ad copiam rhetorum, in utramque

brevemente; pois não são tão insígnies para a obtenção do louvor máximo quanto necessárias e geralmente comuns a muitos.

Pois descobrir e julgar o que dizer são de fato coisas imensas, e como que a alma para o corpo, porém mais próprias da prudência que da eloquência; mas em que causa a prudência é vã? Que conheça, então, esse orador que queremos que seja o sumo os lugares dos argumentos e das razões. [45] Pois, uma vez que no que quer que se verse em controvérsia ou contenda se inquire se é, ou o que é, ou de que qualidade é – se é, por meio de sinais; o que é, por meio de definições; de que qualidade é, pelas partes do correto e do errado –, para que o orador (não aquele vulgar, mas este, excelente) possa fazer uso disso, sempre que puder chamará a controvérsia para longe das pessoas e tempos próprios; pois mais largamente se pode debater acerca do gênero que da parte, de forma que o que for aprovado no universal é necessário que se aprove na parte. [46] Essa questão, pois, transportada das pessoas e tempos próprios para o discurso do gênero universal se chama *thésis*. Nela Aristóteles exercitou os jovens, não segundo o costume dos filósofos de dissertar de maneira tênue, mas conforme a opulência dos rétores em prol e contra, para que se pudesse discursar de

partem, ut ornatius et uberius dici posset, exercuit; idemque locos – sic enim appellat – quasi argumentorum notas tradidit unde omnis in utramque partem traheretur oratio. XV. [47] Faciet igitur hic noster – non enim declamatorem aliquem de ludo aut rabulam de foro sed doctissimum et perfectissimum quaerimus – ut, quoniam loci certi traduntur, percurrat omnes, utatur aptis, generatim dicat; ex quo emanant etiam qui communes appellantur loci.

Nec uero utetur imprudenter hac copia, sed omnia expendet et seliget; non enim semper nec in omnibus causis ex isdem argumentorum momenta sunt. [48] Iudicium igitur adhibebit nec inueniet solum quid dicat sed etiam expendet. Nihil enim est feracius ingeniis, iis praesertim quae disciplinis exculta sunt. Sed ut segetes fecundae et uberes non solum fruges uerum herbas etiam effundunt inimicissimas frugibus, sic interdum ex illis locis aut leuia quaedam aut causis aliena aut non utilia gignuntur. [49] Quorum nisi ab oratoris iudicio dilectus magnus adhibebitur, quonam modo ille in bonis haerebit et habitabit suis aut molliet dura aut

modo mais ornado e úbere; e ele mesmo transmitiu os “lugares” – pois assim os chama –, que são como que notas dos argumentos, de onde se extrai o discurso todo em prol e contra. XV. [47] Portanto, este, o nosso, – pois não inquirimos um declamador de escola ou um rábula de fórum, mas o mais douto e perfeito –, fará com que, uma vez que se transmitem lugares definidos, percorra-os todos, faça uso dos adequados, discursar conforme os gêneros; daí emanam também os lugares que são chamados comuns.

Não utilizará, porém, imprudentemente essa opulência, mas ponderará tudo e elegerá; pois nem sempre nem em todas as causas são os mesmos os pesos dos argumentos tirados dos mesmos lugares. [48] Portanto, aplicará o juízo e não só descobrirá o que dizer, mas também ponderará. Pois nada é mais feraz que os engenhos, principalmente os que foram bem cultivados com os aprendizados. Mas, assim como as searas fecundas e úberes não vertem apenas cereais, mas também as ervas mais inimigas dos cereais, assim, às vezes, daqueles lugares se engendram coisas leves, ou alheias às causas, ou inúteis. [49] Se o juízo do orador não lhes aplicar grande seleção, de que modo ele aderirá ao que é bom, habitará no que é seu, ou amaciara o que é

occultabit quae dilui non poterunt
atque omnino opprimet, si licebit, aut
abducet animos, aut aliud afferet,
quod oppositum probabilius sit quam
illud quod obstat?

[50] Iam uero ea quae inuenerit qua
diligentia conlocabit! quoniam id
secundum erat de tribus. Vestibula
nimirum honesta aditusque ad causam
faciet illustres cumque animos prima
aggressione occupauerit, sua
confirmabit, infirmabit excludetque
contraria; de firmissimis alia prima
ponet, alia postrema inculcabitque
leuiores.

XVI. [51] Atque in primis duabus
dicendi partibus qualis esset
summatim breuiterque descripsimus.
Sed, ut ante dictum est, in his
partibus, etsi graues atque magnae
sunt, minus et artis est et laboris;
cum autem et quid et quo loco dicat
inuenerit, illud est longe maximum,
uidere quonam modo; scitum est
enim, quod Carneades noster dicere
solebat, Clitomachus eadem dicere,
Charmadas autem eodem etiam modo
dicere. Quod si in philosophia tantum
interest quem ad modum dicas, ubi
res spectatur, non uerba penduntur,
quid tandem in causis existimandum

duro, ou ocultará o que não se puder
desmontar, e absolutamente subjugará, se
for possível, ou abduzirá as almas, ou
oferecerá algo que, opondo-se, seja mais
provável que aquilo a que se opõe?

[50] Já aquilo que houver descoberto com
que diligência ele o colocará! Pois esta era a
segunda das três coisas. Vestíbulos sem
dúvida honoráveis e entradas ilustres fará
para a causa; e quando houver ocupado as
almas com o primeiro assalto, confirmará o
que é seu, e infirmará e excluirá o que lhe é
contrário; das coisas mais firmes, umas há
de pôr primeiro; outras, por último; e no
meio inculcará as mais leves.

XVI. [51] E nas duas primeiras partes
descrevemos sumária e brevemente a sua
qualidade. Mas, como foi dito antes, nessas
partes, ainda que sejam graves e grandes, há
menos arte e menos labor; quando, porém,
houver descoberto o que dizer e em que
lugar, isto é de longe o maior: ver de que
modo; é, sim, sabido que as coisas que o
nosso Carneades costumava dizer,
Clitômaco as dizia as mesmas; Cármadas,
porém, as dizia ainda do mesmo modo.
Mas, se na filosofia, onde se observa a
coisa, e não se pesam as palavras, importa
tanto o modo de dizer, o que enfim se deve
estimar nas causas, para as quais se mede

est, quibus totis moderatur oratio?

[52] Quod quidem ego, Brute, ex tuis litteris sentiebam, non te id sciscitari, qualem ego in inueniendo et in conlocando summum esse oratorem uellem, sed id mihi quaerere uidebare, quod genus ipsius orationis optimum iudicarem. Rem difficilem, di immortales, atque omnium difficillimam! Nam cum est oratio mollis et tenera et ita flexibilis ut sequatur quocumque torqueas, tum et naturae uariae et uoluntates multum inter se distantia effecerunt genera dicendi. [53] Flumen aliis uerborum uolubilitasque cordi est, qui ponunt in orationis celeritate eloquentiam; distincta alios et interpuncta interualla, morae respirationesque delectant. Quid potest esse tam diuersum? tamen est in utroque aliquid excellens. Elaborant alii in lenitate et aequabilitate et puro quasi quodam et candido genere dicendi; ecce aliqui duritatem et seueritatem quandam in uerbis et orationis quasi maestitiam sequuntur, quodque paulo ante diuisimus, ut alii graues, alii tenues, alii temperati uellent uideri, quot orationum genera esse diximus, totidem oratorum reperiuntur.

inteiramente o discurso?

[52] Isto, Bruto, eu percebia de tuas epístolas: não tu sondares quem eu queria que fosse o sumo orador no descobrir e no colocar, mas tu me parecias inquirir qual gênero do discurso mesmo eu julgo o melhor. Coisa difícil, ó deuses imortais, e de todas a mais difícil! Pois não só o discurso é macio e tenro e de tal modo flexível que segue para onde quer que o torças, mas também a variedade das naturezas e das vontades fizeram muito distantes entre si os gêneros do discursar. [53] Ao coração de uns toca o flume de palavras e a velocidade, esses que põem na celeridade do discurso a eloquência; a outros deleitam os intervalos distintos e entrepontuados, as demoras e as respirações. O que pode haver mais diverso? Porém há em ambos algo excelente. Uns laboram na afabilidade e igualdade e em certo gênero do discursar como que puro e cândido; eis que outros seguem a dureza e certa severidade nas palavras e como que uma melancolia do discurso; e quanto à nossa divisão de há pouco, que uns querem parecer graves, outros tênues, outros temperados, quantos gêneros de discurso dissemos haver, tantos de oradores se encontram.

XVII. [54] Et quoniam coepi iam cumulatius hoc munus augere, quam a te postulatum est – tibi enim tantum de orationis genere quaerenti respondi etiam breuiter de inueniendo et conlocando –, ne nunc quidem solum de orationis modo dicam sed etiam de actionis; ita praetermissa pars nulla erit, quando quidem de memoria nihil est hoc loco dicendum, quae communis est multarum artium.

[55] Quo modo autem dicatur, id est in duobus, in agendo et in eloquendo. Est enim actio quasi corporis quaedam eloquentia, cum constet e uoce atque motu. Vocis mutationes totidem sunt quot animorum, qui maxime uoce commouentur. Itaque ille perfectus, quem iamdudum nostra indicat oratio, utcumque se affectum uideri et animum audientis moueri uolet, ita certum uocis admouebit sonum; de quo plura dicerem, si hoc praecipiendo tempus esset aut si tu hoc quaereres. Dicerem etiam de gestu, cum quo iunctus est uultus; quibus omnibus dici potest quantum intersit quem ad modum utatur orator. [56] Nam et infantes actionis dignitate eloquentiae saepe fructum tulerunt et disertis deformitate agendi

XVII. [54] E, já que comecei a aumentar este trabalho com um acúmulo maior do que tu pediste – pois a ti, que inquirias só do gênero do discurso, respondi também, brevemente, acerca do descobrir e do colocar –, agora mesmo não direi apenas do modo do discurso, mas também do da ação; assim, parte nenhuma terá sido preterida, pois que da memória nada se há de dizer neste lugar, ela que é comum a muitas artes.

[55] Ora, o modo como se discursa está nestas duas coisas: na atuação e no elóquio. É, sim, a atuação como que certa eloquência do corpo, consistindo em voz e movimentação. As mutações da voz são tantas quantas as das almas, que são comovidas sobretudo pela voz. E assim aquele perfeito, para o qual já há tempo aponta nosso discurso, toda vez que quiser parecer ter sido afetado e quiser que se mova a alma do ouvinte, moverá um determinado som da voz; sobre isso eu diria mais, se esta fosse a ocasião de preceituar ou se fosse isto o que tu inquirias. Diria também do gesto, ao qual está unido o semblante; a custo se pode dizer quanto importa ao orador o modo como vai utilizar tudo isso. [56] Pois os incapazes de falar colheram amiúde da dignidade da atuação o fruto da eloquência, e muitos disertos foram

multi infantes putati sunt; ut iam non sine causa Demosthenes tribuerit et primas et secundas et tertias actioni; si enim eloquentia nulla sine hac, haec autem sine eloquentia tanta est, certe plurimum in dicendo potest.

Volet igitur ille qui eloquentiae principatum petet, et contenta uoce atrociter dicere et summissa leniter et inclinata uideri grauis et inflexa miserabilis; [57] mira est enim quaedam natura uocis, cuius quidem e tribus omnino sonis, inflexo, acuto, graui tanta sit et tam suauis uarietas perfecta in cantibus. XVIII. Est autem etiam in dicendo quidam cantus obscurior, non hic e Phrygia et Caria rhetorum epilogus paene canticum, sed ille, quem significat Demosthenes et Aeschines, cum alter alteri obicit uocis flexiones [dicit plura etiam Demosthenes illumque saepe praedicat uoce dulci et clara fuisse].

[58] In quo illud etiam notandum mihi uidetur ad studium persequendae suauitatis in uocibus; ipsa enim natura, quasi modularetur hominum orationem, in omni uerbo posuit

considerados incapazes de falar por causa da deformidade do seu atuar; de modo que não sem motivo já Demóstenes atribuiu o primeiro lugar, e o segundo, e o terceiro, à atuação; pois, se não há eloquência alguma sem ela, mas ela, sem a eloquência, é tão grande, certamente ela é a que mais pode no discursar.

Portanto, quem buscar o principado da eloquência quererá discursar atrocemente com voz tensa, afavelmente com voz abaixada, e com voz de baixo quererá parecer grave e, com inflexa, miserando; [57] sim, é admirável certa natureza da voz, de cujos três sons, em absoluto – inflexo, agudo e grave –, advém tão grande e tão doce variedade, perfeita nos cantos. XVIII. Contudo, também no discursar há certo canto mais obscuro, não este epílogo dos rétores da Frígia e da Cária, quase que um cântico, mas aquele que sinalizam Demóstenes e Ésquines, quando um lança em rosto ao outro as inflexões de sua voz.

[58] Aqui também isto me parece dever ser notado no que toca ao empenho de perseguir a doçura nas vozes: a própria natureza, como que modulando o discurso humano, pôs em toda palavra uma voz

acutam uocem nec una plus nec a postrema syllaba citra tertiam; quo magis naturam ducem ad aurium uoluptatem sequatur industria. [59] Ac uocis quidem bonitas optanda est; non est enim in nobis, sed tractatio atque usus in nobis. Ergo ille princeps uariabit et mutabit: omnis sonorum tum intendens tum remittens persequetur gradus.

Idemque motu sic utetur, nihil ut supersit. In gestu status erectus et celsus; rarus incessus nec ita longus; excursio moderata eaque rara; nulla mollitia ceruicis, nullae argutiae digitorum, non ad numerum articulus cadens; trunco magis toto se ipse moderans et uirili laterum flexione, brachii proiectione in contentionibus, contractione in remissis.

[60] Vultus uero, qui secundum uocem plurimum potest, quantam affert tum dignitatem tum uenustatem! In quo cum effeceris ne quid ineptum aut uoltuosum sit, tum oculorum est quaedam magna moderatio. Nam ut imago est animi uultus, sic indices oculi; quorum et

aguda, nem mais do que uma, nem, contando-se a partir da última sílaba, para além da terceira; por isso mesmo, mais deve a indústria seguir a natureza como guia para a volúpia dos ouvidos. [59] E há que se anelar por uma boa voz; não, isso não está em nosso poder, mas o seu tratamento e uso estão. Logo, aquele que detém o primeiro lugar há de variá-la e trocá-la: ora distendendo-a, ora relaxando-a, há de percorrer toda a gradação sonora.

E ele usará também a movimentação, de modo que já nada reste. No gesto, postura ereta e excelsa; raro o caminhar, e não muito longo; o giro, comedido e ainda assim raro; nenhuma moleza na cerviz, nenhuma argúcia nos dedos, nenhuma articulação deles a cair conforme o ritmo; em vez disso, com todo o tronco mede-se a si mesmo e ainda com a flexão viril dos flancos, com a projeção do braço nas contensões, com a sua contração nos relaxamentos.

[60] O semblante, porém, que depois da voz é o que mais pode, ora quanta dignidade, ora quanta venustidade traz! Quando houveres feito com que nele nada haja de inadequado ou de caricatural, depois ainda há um grande comedimento dos olhos. Pois, assim como o semblante é a

hilaritatis et uicissim tristitiae modum res ipsae, de quibus agetur, temperabunt.

XIX. [61] Sed iam illius perfecti oratoris et summae eloquentiae species exprimenda est. Quem hoc uno excellere id est oratione, cetera in eo latere indicat nomen ipsum; non enim inuentor aut compositor aut actor qui haec complexus est omnia, sed et Graece ab eloquendo ῥήτωρ et Latine eloquens dictus est; ceterarum enim rerum quae sunt in oratore, partem aliquam sibi quisque uindicat, dicendi autem, id est eloquendi, maxima uis soli huic conceditur.

[62] Quamquam enim et philosophi quidam ornate locuti sunt, – si quidem et Theophrastus diuinitate loquendi nomen inuenit et Aristoteles Isocratem ipsum laccessiuit et Xenophontis uoce Musas quasi locutas ferunt et longe omnium quicumque scripserunt aut locuti sunt exstitit et suauitate et grauitate princeps Plato, – tamen horum oratio neque neruos neque aculeos oratorios ac forenses habet. [63] Loquuntur cum doctis, quorum sedare animos malunt quam incitare, et de rebus

imagem da alma, assim os olhos são os seus índices; a medida de sua alegria e, por sua vez, de sua tristeza hão de temperá-la as próprias coisas de que se trata.

XIX. [61] Mas já há que exprimir a espécie daquele orador perfeito e da suma eloquência. O seu próprio nome indica que ele excele só nisto, isto é, no discurso, e que o resto está nele oculto; pois não se chamou “descobridor” ou “compositor” ou “ator” quem abarcou todas essas coisas, mas, de “elóquio”, chamou-se, em grego, *rhétor*, em latim, “eloquente” [*eloquens*]; pois, das outras coisas que estão no orador, cada um reivindica uma parte; do discursar – isto é, do elóquio –, no entanto, a força máxima só a ele se concede.

[62] Com efeito, embora também certos filósofos tenham falado de modo ornado – se é verdade que Teofrasto recebeu o seu nome por causa da divindade do seu falar; e que Aristóteles desafiou o próprio Isócrates; e que pela voz de Xenofonte, segundo dizem, as Musas como que falaram; e que, de todos os que escreveram ou falaram, pela doçura e gravidade alçou-se de longe em primeiro lugar Platão – não obstante, o discurso deles não tem nem os nervos, nem os agulhões oratórios e forenses. [63] Falam com doutos, cujas almas mais querem tranquilizar que agitar, e falam de

placatis ac minime turbulentis docendi causa non capiendi loquuntur, ut in eo ipso, quod delectationem aliquam dicendo aucupentur, plus non nullis quam necesse sit facere uideantur. Ergo ab hoc genere non difficile est hanc eloquentiam, de qua nunc agitur, secernere. [64] Mollis est enim oratio philosophorum et umbratilis, nec sentiis nec uerbis instructa popularibus, nec uincta numeris, sed soluta liberius; nihil iratum habet, nihil inuidum, nihil atrox, nihil miserabile, nihil astutum, casta, uerecunda, uirgo incorrupta quodam modo. Itaque sermo potius quam oratio dicitur. Quamquam enim omnis locutio oratio est, tamen unius oratoris locutio hoc proprio signata nomine est.

[65] Sophistarum, de quibus supra dixi, magis distinguenda similitudo uidetur, qui omnes eosdem uolunt flores, quos adhibet orator in causis, persequi. Sed hoc differunt quod, cum sit iis propositum non perturbare animos, sed placare potius nec tam persuadere quam delectare, et apertius id faciunt quam nos et crebrius, concinnas magis sententias

coisas plácidas e nada turbulentas, com vistas a ensinar, não a capturar, de modo que, naquilo mesmo de procurar por meio do discursar algum deleite, a alguns parecem fazer mais do que o necessário. Logo, não é difícil separar desse gênero esta eloquência de que agora se trata. [64] Macio, sim, é o discurso dos filósofos, e ocioso, não estando nem instrumentado com os pensamentos e as palavras do povo, nem amarrado pelos ritmos, mas mais solto e desprendido; nada tem de irado, nada de inveja, nada atroz, nada miserando, nada astuto; casto, recatado, uma virgem incorrupta de certo modo. E assim antes se chama conversação [*sermo*] que discurso [*oratio*]. Pois, embora todo falar [*locutio*] seja discurso [*oratio*], unicamente o do orador [*orator*] é propriamente assinalado com esse nome.

[65] Mais deve-se distinguir a semelhança dos sofistas, de quem falei acima, os quais querem alcançar todas as mesmas flores que o orador aplica nas causas. Mas eles diferem porque, sendo o seu propósito não o de perturbar as almas, mas, antes, aplacá-las, e, não tanto persuadir, quanto deleitar, e porque o fazem mais abertamente e com mais frequência, procuram antes pensamentos concertados que prováveis,

exquirunt quam probabiles, a re saepe discedunt, intexunt fabulas, uerba apertius transferunt eaque ita disponunt ut pictores uarietatem colorum, paria paribus referunt, aduersa contrariis, saepissimeque similiter extrema definiunt.

XX. [66] Huic generi historia finitima est, in qua et narratur ornate et regio saepe aut pugna describitur; interponuntur etiam contiones et hortationes, sed in his tracta quaedam et fluens expetitur, non haec contorta et acris oratio. Ab his non multo secus quam a poetis haec eloquentia, quam quaerimus, seuocanda est.

Nam etiam poetae quaestionem attulerunt quidnam esset illud, quo ipsi differrent ab oratoribus; numero maxime uidebantur antea et uersu, nunc apud oratores iam ipse numerus increbruit. [67] Quicquid est enim, quod sub aurium mensuram aliquam cadit, etiam si abest a uersu — nam id quidem orationis est uitium — numerus uocatur qui Graece *ῥυθμός* dicitur. Itaque uideo uisum esse nonnullis Platonis et Democriti locutionem, etsi absit a uersu, tamen, quod incitatus feratur et clarissimis uerborum luminibus utatur, potius

muitas vezes apartam-se da coisa, entretecem fábulas, transladam palavras mais abertamente e as dispõem como os pintores fazem com a variedade das cores, reportam as pareadas às pareadas, as adversas às contrárias, e muitíssimas vezes findam de modo semelhante as extremas.

XX. [66] A história é a mais confim desse gênero, na qual se narra de modo ornado e se descreve muitas vezes uma região ou uma peleja; entepõem-se também assembleias e exortações, mas nestas buscase um discurso arrastado e fluente, e não este, torcido e acerado. De modo não muito diverso, esta eloquência que inquirimos deve ser separada da dos poetas.

Pois também os poetas levantaram a questão do que é aquilo em que eles mesmos diferem dos oradores; antes pareciam diferir sobretudo pelo ritmo e pelo verso; agora já o próprio ritmo difundiu-se entre os oradores. [67] Com efeito, o que quer que caia sob alguma mensura dos ouvidos, ainda que se afaste do verso — pois este, de fato, é um vício no discurso —, chama-se ritmo [*numerus*], que em grego se diz *rhythμός*. E assim vejo que pareceu a alguns que o falar de Platão e de Demócrito, porque é levado de modo mais agitado e se utiliza de claríssimos lumes de palavras, ainda que se afaste do verso, deve ser

poema putandum quam comitorum poetarum; apud quos, nisi quod uersiculi sunt, nihil est aliud cotidiani dissimile sermonis. Nec tamen id est poetae maximum, etsi est eo laudabilior quod uirtutes oratoris persequitur, cum uersu sit astrictior. [68] Ego autem, etiam si quorundam grandis et ornata uox est poetarum, tamen in ea cum licentiam statuo maiorem esse quam in nobis faciendorum iungendorumque uerborum, tum etiam nonnullorum uoluntati uocibus magis quam rebus inseruiunt; nec uero, si quid est unum inter eos simile – id autem est iudicium electioque uerborum –, propterea ceterarum rerum dissimilitudo intellegi non potest; sed id nec dubium est et, si quid habet quaestionis, hoc tamen ipsum ad id, quod propositum est, non est necessarium.

Seiunctus igitur orator a philosophorum eloquentia, a sophistarum, ab historicorum, a poetarum, explicandus est nobis qualis futurus sit.

XXI. [69] Erit igitur eloquens – hunc enim auctore Antonio quaerimus – is qui in foro causisque ciuilibus ita

considerado poema mais que o dos poetas cômicos; nestes, excetuando-se o fato de que são versinhos, nada mais há que seja dessemelhante da conversação cotidiana. Mas isto não é o que há de maior para um poeta, ainda que ele seja mais louvável por atingir as virtudes do orador, estando, porém, mais atado pelo verso. [68] Eu, todavia, embora seja grande e ornada a voz de alguns poetas, não só estabeleço que nela há maior licença para fazer e juntar palavras do que em nós, senão também que eles servem à vontade de alguns mais com as palavras do que com as coisas; e, no entanto, ainda que haja algo de semelhante entre eles – e esse algo é o julgamento e a eleição das palavras –, não por isso não se pode entender a dessemelhança das demais coisas; mas isto nem é duvidoso, nem, se tem algo de questionável, é necessário para o que foi proposto.

Separado, portanto, o orador da eloquência dos filósofos, da dos sofistas, da dos historiadores, da dos poetas, devemos explicar de que qualidade ele há de ser.

XXI. [69] Será, portanto, eloquente – pois este é quem, sob a autoridade de Antônio, inquirimos – aquele que no fórum e nas

dicet ut probet, ut delectet, ut flectat. Probare necessitatis est, delectare suauitatis, flectere uictoriae: nam id unum ex omnibus ad obtinendas causas potest plurimum. Sed quot officia oratoris, tot sunt genera dicendi, subtile in probando, modicum in delectando, uehemens in flectendo, in quo uno uis omnis oratoris est. [70] Magni igitur iudici, summae etiam facultatis esse debet moderator ille et quasi temperator huius tripartitae uarietatis; nam et iudicabit quid cuique opus sit et poterit quocumque modo postulabit causa dicere.

Sed est eloquentiae sicut reliquarum rerum fundamentum sapientia. Vt enim in uita sic in oratione nihil est difficilius quam quid deceat uidere. Πρέπον appellant hoc Graeci, nos dicamus sane decorum; de quo praeclare et multa praecipiuntur et res est cognitione dignissima; huius ignorance non modo in uita sed saepissime et in poematis et in oratione peccatur.

[71] Est autem quid deceat oratori uidendum non in sentiis solum sed etiam in uerbis. Non enim omnis fortuna, non omnis honos, non omnis

causas civis discursar de modo que prove, que deleite, que dobre. Provar é de necessidade; deleitar, de doçura; dobrar, de vitória: pois só isto, de tudo, é o que tem mais poder para ganhar as causas. Mas quantos são os officios do orador, tantos os gêneros do discursar: sutil no provar, comedido no deleitar, veemente no dobrar; unicamente no qual está toda a força do orador. [70] Portanto, há de ter grande juízo, e também suma capacidade, aquele mensurador e como que temperador desta tripartite variedade; pois, de um lado, ele julgará o que é preciso a cada um; de outro, poderá discursar de qualquer modo que postular a causa.

Mas da eloquência, assim como das demais coisas, é fundamento a sapiência. Pois, assim como na vida, assim no discurso nada é mais difícil do que ver o que é conveniente. *Prépon* chamam-no os gregos, digamos, nós, sem dúvida, “conveniência” [*decorum*]; sobre o que muito se preceitua, e ilustremente, e a coisa é digníssima de ser conhecida; por ignorá-la não se peca só na vida, mas muitíssimas vezes também nos poemas e no discurso.

[71] O que é conveniente deve vê-lo o orador não só nos pensamentos, mas também nas palavras. Com efeito, não toda fortuna, não toda honra, não toda

auctoritas, non omnis aetas, nec uero locus aut tempus aut auditor omnis eodem aut uerborum genere tractandus est aut sententiarum, semperque in omni parte orationis ut uitae quid deceat est considerandum; quod et in re, de qua agitur, positum est, et in personis et eorum qui dicunt et eorum qui audiunt.

[72] Itaque hunc locum longe et late patentem philosophi solent in officiis tractare – non cum de recto ipso disputant, nam id quidem unum est –, grammatici in poetis, eloquentes in omni et genere et parte causarum. Quam enim indecorum est, de stillicidiis cum apud unum iudicem dicas, amplissimis uerbis et locis uti communibus, de maiestate populi Romani summis et subtiliter! XXII. Hi genere toto, at persona alii peccant aut sua aut iudicem aut etiam aduersariorum, nec re solum, sed saepe uerbo; etsi sine re nulla uis uerbi est, tamen eadem res saepe aut probatur aut reicitur alio atque alio elata uerbo. [73] In omnibusque rebus uidendum est quatenus; etsi enim suus cuique modus est, tamen magis offendit nimium quam parum; in quo Apelles pictores quoque eos peccare

autoridade, não toda idade, nem, na verdade, todo lugar, tempo ou ouvinte devem ser tratados com o mesmo gênero de palavra ou de pensamento, e sempre em todas as partes do discurso, assim como da vida, deve-se considerar o que é conveniente; isto está posto tanto na coisa de que se trata, como nas pessoas, tanto dos que discursam, como dos que ouvem.

[72] E assim, este tópico, profunda e largamente patente, costumam tratá-lo os filósofos com relação aos ofícios – não quando discutem sobre a própria retidão, pois ela de fato é uma só –, os gramáticos com relação aos poetas, os eloquentes com relação a todo gênero e parte de causa. Pois como é inconveniente, ao discursar sobre gotas para um único juiz, usar palavras amplíssimas e lugares comuns, já sobre a majestade do povo romano discursar abaixada e sutilmente! XXII. Estes pecam quanto ao gênero todo, mas outros pecam por causa da sua pessoa ou da dos juizes ou ainda da dos adversários, e não só na coisa, mas também na palavra; ainda que sem a coisa a palavra não tenha nenhuma força, muitas vezes uma mesma coisa é provada ou refutada se proferida com tal ou qual palavra. [73] E em todas as coisas há de se ver até onde; pois ainda que cada uma tenha a sua medida, mais aborrece o demasiado

dicebat qui non sentirent quid esset satis.

Magnus est locus hic, Brute, quod te non fugit, et magnum uolumen aliud desiderat; sed ad id quod agitur illud satis. Cum hoc decere – quod semper usurpamus in omnibus dictis et factis, minimis et maximis – cum hoc, inquam, decere dicimus, illud non decere, et id usquequaque quantum sit appareat in alioque ponatur aliudque totum sit, utrum decere an oportere dicas, – [74] oportere enim perfectionem declarat officii, quo et semper utendum est et omnibus, decere quasi aptum esse consentaneumque tempori et personae; quod cum in factis saepissime tum in dictis ualet, in uultu denique et gestu et incessu, contraque item dedecere, – quod si poeta fugit ut maximum uitium, qui peccat etiam, cum probam orationem affingit improbo stultouae sapientis; si denique pictor ille uidit, cum immolanda Iphigenia tristis Calchas esset, tristior Vlixes, maereret Menelaus, obuoluendum caput Agamemnonis esse, quoniam summum illum luctum penicillo non

que o pouco; quanto a isso, Apeles dizia que pecam também aqueles pintores que não percebem o que é suficiente.

Grande é este tópico, Bruto, o que não te escapa, e deseja outro grande volume; mas para isto de que se trata é o suficiente. Quando dizemos que isto é conveniente – termo que sempre tomamos emprestado para todos os ditos e feitos, dos menores aos maiores –, quando, repito, dizemos que isto é conveniente, aquilo não é, que também esteja claro quão importante é sempre o seguinte (e que se ponha em outro lugar e seja algo inteiramente outro): a diferença entre dizer que algo é conveniente e que cumpre fazê-lo; [74] pois o cumprir declara a perfeição do ofício, de que sempre se deve usar e para com todos; o convir é como que adequado e consentâneo ao tempo e à pessoa; valendo isso muitíssimas vezes não só nos feitos, mas também nos ditos, no semblante enfim, e no gesto e no andar, e do mesmo modo o contrário disso é ser inconveniente; e se o poeta foge disso como o vício maior de todos (ele, que também peca quando forja um discurso probo para o improbo ou para o estulto o de um sábio); se, afinal, aquele famoso pintor, na imolação de Ifigênia estando Calcas triste, mais triste Ulisses, desolado Menelau, vê que a cabeça de Agamêmnon deveria estar

posset imitari; si denique histrio quid deceat quaerit, quid faciendum oratori putemus? Sed, cum hoc tantum sit, quid in causis earumque quasi membris faciat orator uiderit; illud quidem perspicuum est, non modo partis orationis, sed etiam causas totas alias alia forma dicendi esse tractandas.

XXIII. [75] Sequitur ut cuiusque generis nota quaeratur et formula. Magnum opus et arduum, ut saepe iam diximus; sed ingredientibus considerandum fuit quid ageremus; nunc quidem iam quocumque feremur danda nimirum uela sunt.

Ac primum informandus est ille nobis, quem solum quidam uocant Atticum. [76] Summissus est et humilis, consuetudinem imitans, ab indisertis re plus quam opinione differens. Itaque eum qui audiunt, quamuis ipsi infantes sint, tamen illo modo confidunt se posse dicere. Nam orationis subtilitas imitabilis illa quidem uidetur esse existimanti, sed nihil est experienti minus. Etsi enim non plurimi sanguinis est, habeat tamen sucum aliquem oportet, ut, etiam si illis maximis uiribus careat,

coberta, pois que aquele sumo luto não se poderia imitar com o pincel; se, enfim, o comediante procura o que é conveniente – o que julgamos que o orador há de fazer? Mas, sendo isso de tamanha grandeza, o orador deve ver o que fará nas causas e, por assim dizer, nos membros delas: pois é evidente que não só as partes do discurso, senão causas inteiras devem ser tratadas cada uma por uma forma do discursar.

XXIII. [75] Segue-se que há de se inquirir a nota de cada gênero e a sua fórmula: grande obra, e árdua, como muitas vezes já dissemos; mas quando ingressantes foi preciso considerar o que faríamos; agora, para onde quer que formos levados devem-se sem dúvida dar velas.

E em primeiro lugar nós devemos enformar aquele que alguns unicamente chamam ático. [76] Ele é abaixado, e chão, imitando o costume, diferindo dos indisertos mais pela coisa que pela opinião. E assim os que o ouvem, embora sejam eles mesmos incapazes de falar, acreditam que podem discursar daquele modo. Pois aquela sutileza do discurso parece ela mesma imitável ao que a estima, mas nada o é menos ao que a experimenta. Pois, embora não tenha muito sangue, cumpre que tenha certa seiva, de forma que, ainda que careça da força máxima, deve ter, por assim dizer,

sit, ut ita dicam, integra ualeitudine. [77] Primum igitur eum tamquam e uinculis numerorum eximamus. Sunt enim quidam, ut scis, oratori numeri, de quibus mox agemus, obseruandi ratione quadam, sed alio in genere orationis, in hoc omnino relinquendi. Solutum quiddam sit nec uagum tamen, ut ingredi libere, non ut licenter uideatur errare. Verba etiam uerbis quasi coagmentare neglegat. Habet enim ille tamquam hiatus concursu uocalium molle quiddam et quod indicet non ingratham neglegentiam de re hominis magis quam de uerbis laborantis.

[78] Sed erit uidendum de reliquis, cum haec duo ei liberiora fuerint, circuitus conglutinatioque uerborum. Illa enim ipsa contracta et minuta non neglegenter tractanda sunt, sed quaedam etiam neglegentia est diligens. Nam ut mulieres esse dicuntur nonnullae inornatae, quas id ipsum deceat, sic haec subtilis oratio etiam incompta delectat; fit enim quiddam in utroque, quo sit uenustius, sed non ut appareat. Tum remouebitur omnis insignis ornatus quasi margaritarum; ne calamistri

a saúde íntegra. [77] Portanto, em primeiro lugar, libertemo-lo, por assim dizer, dos vínculos dos ritmos. Pois, como tu sabes, certos ritmos, dos quais trataremos em breve, devem ser observados pelo orador mediante certa razão, mas em outro gênero do discurso: neste, devem-se absolutamente abandonar. Que haja algo solto – não, porém, vago, de modo que pareça caminhar livremente, mas não licenciosamente errar. Que não faça caso de, assim o diga, amalgamar palavras com palavras. Pois esse hiato, por assim dizer, que se faz do concurso vocal tem algo de macio que indica a grata negligência de homem que labora mais acerca da coisa que acerca das palavras.

[78] Mas terá de ver o restante, tendo-lhe sido estas duas coisas mais livres, o período e a conglutinação das palavras. Com efeito, mesmo estas, contratas e miúdas, não devem ser tratadas de forma negligente, mas há também certa negligência diligente. Pois, assim como dizem haver algumas mulheres sem ornatos às quais isso mesmo é conveniente, assim também este discurso sutil ainda que despenteado deleita; pois algo se faz em ambos pelo que são mais venustos, mas não de modo que apareça. Então se removerá todo ornato insigne, como o das pérolas; não se aplicarão sequer

quidem adhibebuntur; [79] fucati uero medicamenta candoris et ruboris omnia repellentur; elegantia modo et munditia remanebit.

Sermo purus erit et Latinus; dilucide planeque dicetur, quid deceat circumspicietur; XXIV. unum aberit, quod quartum numerat Theophrastus in orationis laudibus, ornatum illud, suaue et affluens. Acutae crebraeque sententiae ponentur et nescio unde ex abdito erutae, idque in hoc oratore dominabitur. Verecundus erit usus oratoriae quasi supellectilis.

[80] Supellex est enim quodam modo nostra, quae est in ornamentis, alia rerum alia uerborum. Ornatus autem uerborum duplex: unus simplicium, alter collocatorum. Simplex probatur in propriis usitatisque uerbis, quod aut optime sonat aut rem maxime explanat; in alienis aut translatum et tractum aliunde ut mutuo aut factum ab ipso et nouum aut priscum et inusitatum; sed etiam inusitata ac prisca sunt in propriis, nisi quod raro utimur. [81] Collocata autem uerba habent ornatum, si aliquid concinnitatis efficiunt, quod uerbis

calamistros; [79] maquiagens de alvura e rubor tingidos serão todos rechaçados; permanecerão só elegância e apuro.

A conversação será pura e latina, dilúcida e planamente se discursará, o que é conveniente se observará; XXIV. só uma coisa estará ausente, a que Teofrasto enumera como o quarto dentre os louvores do discurso: o famoso ornato, doce e afluyente. Agudos e assíduos pensamentos serão postos, e sabe-se lá de que lugar remoto desenterrados, e é isso o que neste orador há de predominar. Será modesto o uso dos utensílios, por assim dizer, oratórios.

[80] Com efeito, os nossos utensílios são os que estão nos ornamentos, sendo um de coisas, outro de palavras. Ora, o ornato de palavras é duplo: um é o das simples, outro o daquelas em colocação. O simples é aprovado nas palavras próprias e usuais, e é o que soa melhor ou o que mais explana a coisa; nas alheias, aquele que é transladado e arrastado de outro lugar, como um empréstimo; ou feito pelo próprio orador e novo; ou arcaico e inusitado; mas também as palavras arcaicas e inusitadas estariam entre as próprias, só não estando porque raramente as utilizamos. [81] Ora, as palavras em colocação têm ornato se levam

mutatis non maneat manente sententia; nam sententiarum ornamenta, quae permanent, etiam si uerba mutaueris, sunt illa quidem permulta, sed quae emineant pauciora.

Ergo ille tenuis orator, modo sit elegans, nec in faciendis uerbis erit audax, et in transferendis uerecundus et parcus, et in priscis in reliquisque ornamentis et uerborum et sententiarum demissior, translatione fortasse crebrior, qua frequentissime sermo omnis utitur non modo urbanorum, sed etiam rusticorum, si quidem est eorum gemmare uites, sitire agros, laetas esse segetes, luxuriosa frumenta. [82] Nihil horum parum audacter, sed aut simile est illi unde transferas, aut, si res suum nullum habet nomen, docendi causa sumptum, non ludendi uidetur. Hoc ornamento liberius paulo quam ceteris utetur hic summissus, nec tam licenter tamen quam si genere dicendi uteretur amplissimo; XXV. itaque illud indecorum, quod quale sit ex decoro debet intellegi, hic quoque apparet, cum uerbum aliquod altius transfertur idque in oratione humili ponitur quod idem in alta deceret.

a efeito um concerto que, mudando-se as palavras, não permanece, permanecendo porém o pensamento; pois os ornamentos de pensamento que permanecem ainda que se mudem as palavras são de fato muitos, mas poucos os que são eminentes.

Portanto, aquele orador tênue, sendo elegante, não será audacioso em fazer palavras, e em transladá-las será recatado e parcimonioso, e nos arcaísmos e demais ornamentos, tanto de palavras como de pensamentos, será mais remisso; talvez use mais frequentemente aquela translação de que faz uso toda conversação, não só a urbana, mas também a dos rústicos: pois é deles “gemarem” as vinhas, terem “sede” os campos, estarem “ledas” as searas, “luxuriantes” os trigais. [82] Nada disso é pouco audacioso; porém, ou é semelhante àquilo donde se transfere, ou, não tendo a coisa nenhum nome seu, parece ter sido tomado por causa do ensinar, não do folgar. Este orador abaixado usa mais livremente esse ornamento que os demais, mas não com tanta licença quanta teria se usasse o mais amplo dos gêneros do discursar; XXV. e assim, aquilo que é inconveniente, e que se deve entender a partir do que é conveniente, também aparece aqui, quando se translada alguma palavra mais elevada e se põe no discurso chão, sendo ela

[83] Illam autem concinnitatem, quae uerborum conlocationem inluminat iis luminibus quae Graeci quasi aliquos gestus orationis σχήματα appellant, quod idem uerbum ab iis etiam in sententiarum ornamenta transfertur, adhibet quidem hic subtilis, quem nisi quod solum, ceteroqui recte quidam uocant Atticum, sed paulo parcius; nam si ut in epularum apparatu, a magnificentia recedens, non se parum solum sed etiam elegantem uideri uolet, eligit quibus utatur; [84] sunt enim pleraque apta huius ipsius oratoris, de quo loquor, parsimoniae. Nam illa, de quibus ante dixi, huic acuto fugienda sunt, paria paribus relata et similiter conclusa eodemque pacto cadentia et immutatione litterae [quasi] quaesitae uenustates, ne elaborata concinnitas et quoddam aucupium delectationis manifesto deprehensum appareat; [85] itemque si quae uerborum iterationes contentionem aliquam et clamorem requirent, erunt ab hac submissione orationis alienae; ceteris promiscue poterit uti, continuationem uerborum modo relaxet et diuidat utaturque uerbis

conveniente em discurso elevado.

[83] Ora, este sutil orador (a quem alguns unicamente chamam ático e, exceto pelo “unicamente”, de resto corretamente) costuma aplicar também aquele célebre concerto, que ilumina a colocação das palavras com os lumes a que os gregos chamam, como se fossem “gestos” do discurso, *skhémata* – palavra essa que eles transladaram também para os ornamentos de pensamento –, mas com um pouco mais parcimônia; pois, se, tal como no preparo de um banquete, afastando-se da magnificência, não quiser só parecer parcimonioso, senão também elegante, ele elegerá aquilo que utilizará; [84] com efeito, há muita coisa adequada à parcimônia deste orador do qual eu falo. Assim o digo, porque ele, agudo, deve evitar aquilo de que falei antes – palavras pareadas que remetem a pareadas, palavras que se encerram de modo semelhante e que caem do mesmo modo, e a procura de venustidades pela mudança de uma letra –, para que não transpareça um concerto elaborado e certa caça ao deleite empreendida de maneira manifesta; [85] igualmente, se algumas reiteraões de palavras exigem certa contensão e clamor, serão alheias ao abaixamento deste discurso; das outras poderá usar misturadamente, contanto que

quam usitatissimis, translationibus
quam mollissimis; etiam illa
sententiarum lumina adsumat, quae
non erunt uehementer inlustria. Non
faciet rem publicam loquentem nec
ab inferis mortuos excitabit nec
aceruatim multa frequentans una
complexione deuinciet. Valentiorum
haec laterum sunt, nec ab hoc, quem
informamus, aut expectanda aut
postulanda; erit enim ut uoce sic
etiam oratione suppressior. [86] Sed
pleraque ex illis conuenient etiam
huic tenuitati, quamquam isdem
ornamentis utetur horridius; talem
enim inducimus.

Accedit actio non tragica nec
scaenae, sed modica iactatione
corporis, uultu tamen multa
conficiens, non hoc, quo dicuntur os
ducere, sed illo, quo significant
ingenue quo sensu quidque
pronuntient.

XXVI. [87] Huic generi orationis
aspergentur etiam sales, qui in
dicendo nimium quantum ualent;
quorum duo genera sunt, unum
facetiarum, alterum dicacitatis.
Utetur utroque; sed altero in narrando
aliquid uenuste, altero in iaciendo

relaxe a continuação das palavras e a dívida,
e use as palavras mais usuais, as translações
mais macias; tomará ainda para si aqueles
lumes do pensamento, que, contudo, não
serão intensamente brilhantes. Não fará com
que a coisa pública fale, nem despertará os
mortos dentre os íferos, nem, ajuntando
em monte muitas coisas, há de atá-las num
só período. Isso é para pulmões mais fortes,
e não se devem esperar nem solicitar a este
que agora enformamos; pois tanto na voz,
como no discurso, será mais contido. [86]
Mas muitas coisas daqueles outros convêm
também a esta tenuidade, embora utilize os
mesmos ornamentos de maneira mais
encrespada; pois tal o apresentamos.

Sobrevém uma atuação que não é nem
trágica nem cênica, mas de comedida
gesticulação corporal, não obstante
conseguindo muito com o semblante; não
“fazendo caras e bocas”, como dizem, mas
com aquele semblante com o qual se
sinaliza com franqueza em que sentido se
pronuncia o quê.

XXVI. [87] A este gênero de discurso
devem ainda aspergir-se sais, que no
discursar valem sobremaneira; são dois os
seus gêneros: um, o das facécias; outro, o da
dicacidade. Usará ambos, mas aquele, no
narrar algo com venustidade; este, no jogar
e lançar ao ridículo, cujos gêneros são

mittendoque ridiculo, cuius genera plura sunt; sed nunc aliud agimus. [88] Illud admonemus tamen, ridiculo sic usurum oratorem, ut nec nimis frequenti, ne scurrile sit, nec subobsceno, ne mimicum, nec petulanti, ne improbum, nec in calamitatem, ne inhumanum, nec in facinus, ne odii locum risus occupet, neque aut sua persona aut iudicium aut tempore alienum. Haec enim ad illud indecorum referuntur. [89] Vitabit etiam quaesita nec ex tempore ficta, sed domo allata, quae plerumque sunt frigida. Parcet et amicitii et dignitatibus; vitabit insanabilis contumelias; tantummodo aduersarios figet nec eos tamen semper nec omnis nec omni modo. Quibus exceptis, sic utetur sale et facetiis, ut ego ex istis nouis Atticis talem cognouerim neminem, cum id certe sit uel maxime Atticum.

[90] Hanc ego iudico formam summissi oratoris, sed magni tamen et germani Attici, quoniam quicquid est salsum aut salubre in oratione, id proprium Atticorum est. E quibus tamen non omnes faceti, Lysias satis

muitos; mas agora estamos tratando de outra coisa. [88] Advertimos, porém, o seguinte: que o orador há de usar o ridículo de maneira não demasiadamente frequente, para que não seja bufo; nem de forma um tanto quanto obscena, para que não seja mímico; nem de modo petulante, para que não seja ímprobo; nem na calamidade, para que não seja inumano; nem nos maus feitos, para que o riso não ocupe o lugar do ódio; nem deve o riso ser alheio à sua pessoa, nem às dos juízes, nem à ocasião – com efeito, isto remete àquilo que chamamos inconveniente. [89] Evitará também o que for planejado e não forjado *ex tempore*, mas trazido de casa, o que no mais das vezes é frio. Poupará tanto as amizades como as dignidades, evitará contumélia insanáveis, espetará tão só os adversários, e mesmo estes nem sempre, nem a todos, nem de todos os modos. Isto excetuado, usará do sal e das facécias de tal maneira que jamais conheci alguém assim entre esses novos áticos, embora isto seja certamente o que há de mais ático.

[90] Esta julgo eu que é a forma do orador abaixado, porém grande, e ático legítimo; pois o que quer que haja de salso ou salubre no discurso é próprio dos áticos. Entre eles, porém, nem todos são facetos: Lísias o foi suficientemente, assim como Hipérides;

et Hyperides, Demades praeter ceteros fertur, Demosthenes minus habetur; quo quidem mihi nihil uidetur urbanus, sed non tam dicax fuit quam facetus; est autem illud acrioris ingeni, hoc maioris artis.

[91] Vberius est aliud aliquantoque robustius quam hoc humile, de quo dictum est, summissius autem quam illud, de quo iam dicetur, amplissimum. Hoc in genere neruorum uel minimum, suauitatis autem est uel plurimum. Est enim plenius quam hoc enucleatum, quam autem illud ornatum copiosumque summissius. XXVII. [92] Huic omnia dicendi ornamenta conueniunt plurimumque est in hac orationis forma suauitatis. In qua multi floruerunt apud Graecos, sed Phalereus Demetrius meo iudicio praestitit ceteris, cuius oratio cum sedate placideque labitur, tum illustrant eam quasi stellae quaedam tralata uerba atque mutata.

Tralata dico, ut saepe iam, quae per similitudinem ab alia re aut suauitatis aut inopiae causa transferuntur, mutata, in quibus pro uerbo proprio subicitur aliud, quod idem significet, sumptum ex re aliqua consequenti.

Dêmades, diz-se, mais que todos os outros; Demóstenes considera-se que menos; do que ele, de fato, nada me parece ser mais urbano, mas não foi tão dicaz quanto facetos: aquilo pertence a um engenho mais acerado; isto, a uma maior arte.

[91] Há outro gênero mais úbere e um tanto quanto mais robusto do que esse chão de que se falou; mais abaixado, porém, do que aquele do qual já se falará, o amplíssimo. Neste gênero há o mínimo de nervos; o máximo, porém, de doçura. Ele é mais cheio, sim, do que esse, o enucleado, contudo mais abaixado do que aquele, o ornado e opulento. XXVII. [92] A ele convêm todos os ornamentos do discursar, havendo nessa forma de discurso o máximo de doçura. Nela muitos floresceram dentre os gregos, mas Demétrio de Falero, segundo o meu julgamento, sobressai aos demais, ele cujo discurso não só desliza tranquila e placidamente, mas também se abrilhanta com certas palavras, como que estrelas, trasladadas e permutadas.

“Trasladadas” chamo, como já chamei muitas vezes, aquelas que, por semelhança, se transladam de outra coisa, seja em razão da doçura, seja da inófia; “permutadas”, aquelas em que à palavra própria se substitui outra que significa o mesmo e que

[93] Quod quamquam transferendo fit, tamen alio modo transtulit cum dixit Ennius: “arce et urbe orba sum”, alio modo [si pro patria arcem dixisset, et:] “horridam Africam terribili tremere tumultu” cum dicit pro Afris immutate Africam; hanc ὑπαλλαγήν rhetores, quia quasi summutantur uerba pro uerbis, μετωνυμίαν grammatici uocant, quod nomina transferuntur; [94] Aristoteles autem translationi et haec ipsa subiungit et abusionem, quam κατάχρησιν uocat, ut cum minutum dicimus animum pro paruo, et abutimur uerbis propinquis, si opus est uel quod delectat uel quod decet. Iam cum fluxerunt continuo plures tralationes, alia plane fit oratio; itaque genus hoc Graeci appellant ἀλληγορίαν: nomine recte, genere melius ille qui ista omnia tralationes uocat. Haec frequentat Phalereus maxime suntque dulcissima; et quamquam tralatio est apud eum multa, tamen immutationes nusquam crebriores.

[95] In idem genus orationis – loquor

é tomada de alguma coisa contígua. [93] Embora fazendo-se ambas por translação, de um modo trasladou Ênio quando disse: “estou orfã de cidadela e de cidade”; de outro, quando disse “a África encrespada treme em terrível tumulto”, pois, por permuta, diz “África” em vez de “africanos”; a esta chamam os rétores *hypallagén* [“hipálage”], porque nela como que se substituem palavras a palavras; os gramáticos, *metonymían* [“metonímia”], porque se trasladam nomes; [94] Aristóteles, porém, à translação submeteu tanto a hipálage como a abusão, a que chama *katákhresin* [“catacrese”], como quando dizemos espírito “estreito” em vez de “pequeno”; e abusamos de palavras avizinhas quando há necessidade ou de algo que deleite ou de algo que seja conveniente. Já quando fluem continuamente muitas translações, faz-se o discurso claramente outro; e, assim, a esse gênero os gregos chamam *allegorían* [“alegoria”]: quanto ao nome, corretamente; quanto ao gênero, melhor o que a todas chama translações. Estas são as que mais acumula Demétrio de Falero, e são dulcíssimas; e, embora haja nele muitas translações, em nenhum outro há maior frequência de permutas.

[95] No mesmo gênero de discurso – falo

enim de illa modica ac temperata – uerborum cadunt lumina omnia, multa etiam sententiarum; latae eruditaeque disputationes ab eodem explicantur et loci communes sine contentione dicuntur. Quid multa? e philosophorum scholis tales fere euadunt, et nisi coram erit comparatus ille fortior, per se hic, quem dico, probabitur. [96] Est enim quoddam etiam insigne et florens orationis pictum et expolitum genus, in quo omnes uerborum, omnes sententiarum illigantur lepores. Hoc totum e sophistarum fontibus defluxit in forum, sed spretum a subtilibus, repulsum a grauibus, in ea de qua loquor mediocritate consedit.

XXVIII. [97] Tertius est ille amplus, copiosus, grauis, ornatus, in quo profecto uis maxima est. Hic est enim, cuius ornatum dicendi et copiam admiratae gentes eloquentiam in ciuitatibus plurimum ualere passae sunt, sed hanc eloquentiam, quae cursu magno sonituque ferretur, quam suspicerent omnes, quam admirarentur, quam se assequi posse diffident. Huius eloquentiae est tractare animos, huius omni modo permouere. Haec modo perfringit,

daquele moderado e temperado – incidem todos os lumes de palavra, muitos, ainda, de pensamento; dilatadas e eruditas discussões são por ele explicadas, e lugares comuns se discursam sem contensão. Por que me estender? Das escolas dos filósofos geralmente eles emanam; e, se com ele não se comparar, face a face, aquele mais forte, por si mesmo esse de que falo será aprovado. [96] Há, ainda, certo gênero de discurso insigne e florente, pitoresco e bem polido, no qual se enlaçam todas as graças de palavra, todas as de pensamento. Este fluíu inteiramente das fontes dos sofistas para o fórum, mas, desprezado pelos sutis, repellido pelos graves, assentou-se naquela mediania de que falo.

XXVIII. [97] O terceiro é aquele amplo, opulento, grave, ornado, no qual de fato há o máximo de força. Este, sim, é aquele cujo ornato e opulência no discursar tendo admirado as gentes, sofreram que a eloquência valesse mais que tudo nas cidades, mas esta eloquência, a saber: a que era transportada com grande curso e sonido, a que todos suspeitavam, a que todos admiravam, a que não acreditavam poder alcançar. Desta eloquência é tratar as almas, dela é movê-las cabalmente de todos os modos. Esta ora espedaça, ora insinua-se

modo inrepat in sensus; inserit nouas opiniones, euellit insitas.

[98] Sed multum interest inter hoc dicendi genus et superiora. Qui in illo subtili et acuto elaborauit, ut callide arguteque diceret nec quicquam altius cogitaret, hoc uno perfecto magnus orator est, si non maximus, minimeque in lubrico uersabitur et, si semel constiterit, numquam cadet. Medius ille autem, quem modicum et temperatum uoco, si modo suum illud satis instruxerit, non extimescet ancipites dicendi incertosque casus; etiam si quando minus succedet, ut saepe fit, magnum tamen periculum non adibit; alte enim cadere non potest. [99] At uero hic noster, quem principem ponimus, grauis, acer ardens, si ad hoc unum est natus aut in hoc solo se exercuit aut huic generi studuit uni nec suam copiam cum illis duobus generibus temperauit, maxime est contemnendus. Ille enim summissus, quod acute et ueteratorie dicit, sapiens iam, medius suauis, hic autem copiosissimus, si nihil est aliud, uix satis sanus uideri solet. Qui enim nihil potest tranquille, nihil leniter, nihil partite, definite,

nos sentidos; implanta novas opiniões, arranca as implantadas.

[98] Mas difere muito este gênero dos anteriores. Quem laborou naquele, sutil e agudo, de modo que discursou calejada e argutamente e não cogitou nada mais elevado, uma vez alcançada a perfeição nele, é um grande orador, ainda que não o maior; não frequentará de jeito nenhum lugar escorregadio e, uma vez tendo-se firmado, nunca cairá. Já aquele médio, a que chamo moderado e temperado, se houver se instrumentado suficientemente com aquilo que é seu, não temerá os casos ambíguos e incertos do discursar; ainda que alguma vez lhe suceda, como frequentemente acontece, não acorrerá a grande perigo: com efeito, não pode cair de lugar elevado. [99] Porém, este, o nosso, que propomos como o primeiro, grave, acerado, ardente, se só para este gênero nasceu, ou se só neste se exercitou, ou neste só se empenhou, e não temperou sua opulência com aqueles dois outros gêneros, mais que todos há de ser desprezado. Pois aquele, abaixado, porque discursa de modo agudo e experimentado, já costuma parecer sábio; aquele, o médio, doce; este, porém, opulentíssimo, se nada mais houver, a custo costuma parecer são. Pois quem não pode discursar nada com tranquilidade, nada com afabilidade, nada

distincte, facete dicere, praesertim cum causae partim totae sint eo modo, partim aliqua ex parte tractandae, si is non praeparatis auribus inflammare rem coepit, furere apud sanos et quasi inter sobrios bacchari uinulentus uidetur.

[100] Tenemus igitur, Brute, quem quaerimus, sed animo; nam manu si prehendissem, ne ipse quidem sua tanta eloquentia mihi persuasisset ut se dimitterem. XXIX. Sed inuentus profecto est ille eloquens, quem numquam uidit Antonius. Quis est igitur is? Complectar breui, disseram pluribus. Is est enim eloquens, qui et humilia subtiliter et alta grauiter et mediocria temperate potest dicere.

[101] “Nemo is”, inquires, “umquam fuit”. Ne fuerit. Ego enim quid desiderem, non quid uiderim disputo redeoque ad illam Platonis de qua dixeram rei formam et speciem, quam etsi non cernimus, tamen animo tenere possumus. Non enim eloquentem quaero neque quicquam mortale et caducum sed illud ipsum, cuius qui sit compos, sit eloquens; quod nihil est aliud nisi eloquentia ipsa, quam nullis nisi mentis oculis

com partições, definições, distinções e facécias, principalmente devendo as causas às vezes ser tratadas inteiras desse modo, às vezes em alguma de suas partes, se não começar a inflamar a coisa com os ouvidos já preparados, parecerá enfurecer-se entre sãos, e, vinulento, como que celebrar bacanais entre sóbrios.

[100] Detivemos, pois, aquele que inquirimos, Bruto, mas com a alma; pois se com as mãos eu o tivesse prendido, nem mesmo ele, com sua tamanha eloquência, me teria persuadido a soltá-lo. XXIX. Mas, de fato, descobriu-se aquele eloquente que Antônio nunca viu. Então, quem ele é? Abarcarei brevemente, dissertarei com mais extensão. É, sim, eloquente quem pode discursar sutilmente acerca do que é chão e gravemente do que é elevado e temperadamente do que é mediano. [101] “Ninguém”, dirás, “jamais foi”. Que não tenha sido. Com efeito, eu discuto o que desejo, não o que vi, e retorno àquela forma ou espécie da coisa de que falei, a de Platão, a qual, embora não possamos discernir, podemos deter com a alma. Pois não inquirio um eloquente, nem algo mortal e caduco, mas aquilo mesmo que quem tiver em seu poder será eloquente, e que nada mais é senão a própria eloquência, a qual não podemos ver com os olhos, a não ser os da

uidere possumus.

Is erit igitur eloquens, ut idem illud iteremus, qui poterit parua summis, modica temperate, magna grauitate dicere. [102] Tota mihi causa pro Caecina de uerbis interdicti fuit; res inuolutas definiendo explicauimus, ius ciuile laudauimus, uerba ambigua distinximus. Fuit ornandus in Manilia lege Pompeius; temperata oratione ornandi copiam persecuti sumus. Ius omne retinendae maiestatis Rabiri causa continebatur; ergo in ea omni genere amplificationis exarsimus. [103] At haec interdum temperanda et uarianda sunt? Quod igitur in Accusationis septem libris non reperitur genus? Quod in Habitu? quod in Corneli? quod in plurimis nostris defensionibus? quae exempla selegissem, nisi uel nota esse arbitrarem uel ipsos posse eligere qui quaererent. Nulla est enim ullo in genere laus oratoris cuius in nostris orationibus non sit aliqua si non perfectio, at conatus tamen atque adumbratio. [104] Non assequimur, at quid sequi deceat uidemus.

mente.

Portanto, será eloquente – para que o reiteremos – aquele que puder discursar abaixadamente acerca do que é pequeno, temperadamente do que é mediano, gravemente do que é grande. [102] Toda a causa a favor de Cecina me foi acerca das palavras do interdito: explicamos as coisas involutas definindo-as, louvamos o direito civil, distinguimos as palavras ambíguas. Havia de se ornar na Lei Manília Pompeu: com um discurso temperado perseguimos a opulência do ornar. A causa de Rabírio continha em si toda a legislação acerca da conservação da majestade: logo, inflamamo-nos nela com todo gênero de amplificação. [103] Mas isso tudo deve às vezes ser temperado e variado? Qual gênero, pois, não se encontra nos sete livros da *Acusação*? Qual não se encontra no discurso a favor de Habito? Qual não se encontra naquele a favor de Cornélio? Qual não se encontra na maioria das nossas defesas? Eu colheria exemplos, se não os julgasse bem conhecidos, ou se quem procurasse não os pudesse colher por si mesmo. Não há em nenhum gênero nenhum louvor do orador que não obtenha em nossos discursos, não digo a perfeição, mas pelo menos uma tentativa e adumbração. [104] Não alcançamos; vemos, contudo, o

Nec enim nunc de nobis, sed de re dicimus; in quo tantum abest ut nostra miremur, et usque eo difficiles ac morosi sumus, ut nobis non satisfaciat ipse Demosthenes; qui quamquam unus eminet inter omnes in omni genere dicendi, tamen non semper implet aures meas; ita sunt auidae et capaces et saepe aliquid immensum infinitumque desiderant! XXX. [105] Sed tamen, quoniam et hunc tu oratorem cum eius studiosissimo Pammene, cum esses Athenis, totum diligentissime cognouisti nec eum dimittis e manibus et tamen nostra etiam lectitas, uides profecto illum multa perficere, nos multa conari, illum posse, nos uelle quocumque modo causa postulet dicere. Sed ille magnus, nam et successit ipse magnis et maximos oratores habuit aequales; nos magnum fecissemus, si quidem potuissemus quo contendimus peruenire, in ea urbe in qua, ut ait Antonius, auditus eloquens nemo erat. [106] Atqui si Antonio Crassus eloquens uisus non est aut sibi ipse, numquam Cotta uisus esset, numquam Sulpicius, numquam

que convém seguir.

Com efeito, não estamos falando agora de nós, mas da coisa; quanto a isso, estamos tão longe de admirar o que é nosso, e somos a tal ponto difíceis e exigentes, que o próprio Demóstenes não nos satisfaz; embora erguendo-se sozinho sobre todos em todos os gêneros do discursar, nem sempre ele preenche meus ouvidos, a tal ponto são ávidos e espaçosos e amiúde desejam algo imenso e infinito. XXX. [105] Porém, uma vez que, com o maior de seus estudiosos, Pamene, tu conhecestes com a maior diligência e por inteiro esse orador, quando estavas em Atenas, e, sem afastá-lo das mãos, não obstante lês e relês nossos discursos, vês de fato que ele fez muito, nós muito tentamos, ele pôde, nós quisemos discursar de qualquer modo que postulasse a causa. Mas ele foi grande, pois ele mesmo sucedeu a grandes e teve como contemporâneos os maiores oradores; quanto a nós, teríamos feito algo grande, se pudéssemos ter chegado aonde nos dirigíamos naquela cidade na qual, como diz Antônio, não se ouvia ninguém eloquente. [106] Mas se a Antônio Crasso não pareceu eloquente, nem ele a si mesmo, nunca Cota pareceria, nunca Sulpício, nunca Hortênsio; pois nada discursou de modo amplo Cota, nada de modo afável Sulpício,

Hortensius; nihil enim ample Cotta, nihil leniter Sulpicius, non multa grauitur Hortensius; superiores magis ad omne genus apti, Crassum dico et Antonium.

Ieiunas igitur huius multiplicis et aequabiliter in omnia genera fusae orationis auris ciuitatis accepimus, easque nos primi, quicumque eramus et quantulumcumque dicebamus, ad huius generis dicendi audiendi incredibilia studia conuertimus. [107] Quantis illa clamoribus adulescentuli diximus de supplicio parricidarum, quae nequaquam satis deferuisse post aliquanto sentire coepimus: “Quid enim tam commune quam spiritus uiuis, terra mortuis, mare fluctuantibus, litus eiectis? Ita uiuunt, dum possunt, ut ducere animam de caelo non queant; ita moriuntur, ut eorum ossa terra non tangat; ita iactantur fluctibus, ut numquam alluantur; ita postremo eiciuntur, ut ne ad saxa quidem mortui conquiescant”, et quae sequuntur; sunt enim omnia sic ut adulescentis non tam re et maturitate quam spe et expectatione laudati. Ab hac etiam indole iam illa matura: “uxor generi, nouerca fili, filiae

pouco de modo grave Hortênsio; eram mais aptos para todos os gêneros os anteriores – Crasso quero dizer, e Antônio.

Recebemos, portanto, os ouvidos da cidade jejunos deste discurso múltiplice e igualmente difuso por todos os gêneros, e fomos os primeiros – por menores que fôssemos e por pouco que discursássemos – a convertê-los aos incríveis desejos de ouvir esse gênero de discurso. [107] Com que clamores nós, quando jovens, discursamos aquilo acerca do suplício dos parricidas, o que, algum tempo depois, começamos a perceber que ainda era fervente demais: “Pois que pode haver de tão comum quanto o fôlego para os vivos, a terra para os mortos, o mar para os navegantes, a costa para os náufragos? Vivem de tal modo, enquanto podem, que não são capazes de tirar alento do ar; morrem de tal modo, que não toca seus ossos a terra; são jogados pelas ondas de tal modo, que nunca se molham; naufragam, enfim, de tal modo, que nem mesmo junto aos rochedos depois de mortos descansam”, e o que segue; tudo isso é como de um jovem que foi louvado não tanto pela coisa e pela maturidade quanto pela esperança e pela expectativa. É dessa mesma índole também aquilo já da

paelex." [108] Nec uero hic erat unus ardor in nobis, ut hoc modo omnia diceremus. Ipsa enim illa [pro Roscio] iuuenilis redundantia multa habet attenuata, quaedam etiam paulo hilariora, ut pro Habito, pro Cornelio compluresque aliae. Nemo enim orator tam multa ne in Graeco quidem otio scripsit quam multa sunt nostra eaque hanc ipsam habent quam probouarietatem.

XXXI. [109] An ego Homero, Ennio, reliquis poetis et maxime tragicis concederem ut ne omnibus locis eadem contentione uterentur crebroque mutarent, nonnumquam etiam ad cotidianum genus sermonis accederent; ipse numquam ab illa acerrima contentione discederem? Sed quid poetas diuino ingenio profero? Histriones eos uidimus quibus nihil posset in suo genere esse praestantius, qui non solum in dissimillimis personis satis faciebant, cum tamen in suis uersarentur, sed et comoedum in tragoediis et tragoedum in comoediis admodum placere uidimus, ego non elaborem?

[110] Cum dico me, te, Brute, dico;

maturidade: "Do genro foi esposa, do filho madrasta, da filha rival." [108] Não havia, contudo, em nós apenas esse ardor, de forma que discursássemos tudo desse modo. Mesmo aquela redundância juvenil [, a favor de Róscio,] tem muitas coisas atenuadas, algumas também um pouco mais alegres, como a favor de Habito, a favor de Cornélio e em muitos outros discursos. Com efeito, nenhum orador escreveu tantas coisas, nem mesmo no ócio grego, quantas são as nossas, e estas têm aquela variedade mesma que eu aprovo.

XXXI. [109] Eu, por acaso, concederia a Homero, a Ênio, aos outros poetas, e sobretudo aos trágicos, que não usassem a mesma contensão em todos os lugares e a trocassem com frequência, e às vezes se aproximassem até mesmo do gênero cotidiano da conversação, eu mesmo não me apartando jamais daquela acérrima contensão? Mas por que referir esses poetas de divino engenho? Nós vimos aqueles histriões a quem nada podia ultrapassar em seu gênero, os quais não só nos satisfaziam nas personagens mais dessemelhantes, embora frequentassem as suas próprias, mas vimos agradar sobremaneira o cômico nas tragédias e o trágico nas comédias: e eu não laborarei para isso?

[110] Quando digo "eu", é "tu", Bruto, que

nam in me quidem iam pridem effectum est quod futurum fuit; tu autem eodem modo omnis causas ages? aut aliquod causarum genus repudiabis? aut in isdem causis perpetuum et eundem spiritum sine ulla commutatione obtinebis? Demosthenes quidem, cuius nuper inter imagines tuas ac tuorum, quod eum credo amares, cum ad te in Tusculanum uenissem, imaginem ex aere uidi, nil Lysiae subtilitate cedit, nihil argutiis et acumine Hyperidi, nil leuitate Aeschini et splendore uerborum. [111] Multae sunt eius totae orationes subtiles, ut contra Leptinem; multae totae graues, ut quaedam Philippicae; multae uariae, ut contra Aeschinem falsae legationis, ut contra eundem pro causa Ctesiphontis. Iam illud medium quotiens uult arripit et a grauissimo discedens eo potissimum delabitur. Clamores tamen tum mouet et tum in dicendo plurimum efficit, cum grauitatis locis utitur.

[112] Sed ab hoc parumper abeamus, quando quidem de genere, non de homine quaerimus; rei potius, id est eloquentiae uim et naturam

quero dizer; pois em mim, de fato, já se levou a efeito o que havia de ser; tu, porém, tratarás do mesmo modo todas as causas? Ou recusarás algum gênero de causa? Ou numa mesma causa sustentarás um só fôlego, o mesmo e contínuo, sem nenhuma troca? Demóstenes mesmo, cuja imagem feita em bronze vi há pouco, quando cheguei à tua casa em Túsculo, em meio a imagens tuas e dos teus, porque, creio, o amas, em nada ficou atrás de Lísias em sutilidade, em nada de Hipérides em argúcias e acume, em nada de Ésquines em polimento e esplendor de palavras. [111] Muitos de seus discursos são inteiramente sutis, como contra Léptines; muitos inteiramente graves, como certas *Filípicas*; muitos variados, como contra Ésquines por este haver mentido em delegação, como contra o mesmo Ésquines a favor da causa de Ctesifonte. Já aquele gênero médio, quantas vezes ele quer ele o arrebatada e, apartando-se do mais grave, desliza de preferência para ali. Porém, move então os clamores e então leva a efeito o máximo no discursar quando usa os lugares da gravidade.

[112] Mas afastemo-nos um pouco dele, uma vez que inquirimos do gênero, não do homem: expliquemos antes a força e a natureza da coisa, isto é, da eloquência.

explicemus. Illud tamen, quod iam ante diximus, meminerimus, nihil nos praecipendi causa esse dicturos atque ita potius acturos, ut existimatores uideamur loqui, non magistri. In quo tamen longius saepe progredimur, quod uidemus non te haec solum esse lecturum, qui ea multo quam nos qui quasi docere uideamur habeas notiora, sed hunc librum etiam si minus nostra commendatione, tuo tamen nomine diuulgari necesse est.

XXXII. [113] Esse igitur perfecte eloquentis puto non eam tantum facultatem habere quae sit eius propria, fuse lateque dicendi, sed etiam uicinam eius ac finitimam dialecticorum scientiam assumere. Quamquam aliud uidetur oratio esse aliud disputatio, nec idem loqui esse quod dicere, ac tamen utrumque in disserendo est; disputandi ratio et loquendi dialecticorum sit, oratorum autem dicendi et ornandi. Zeno quidem ille, a quo disciplina Stoicorum est, manu demonstrare solebat quid inter has artis interesset; nam cum compresserat digitos pugnumque fecerat, dialecticam aiebat eius modi esse; cum autem

Recordemos, porém, o que já dissemos anteriormente: não falaremos nada com vistas a preceituar; em vez disso, atuaremos de modo a parecer falar como estimadores, não como mestres. Quanto a isso, muitas vezes fomos longe demais, porque vemos que não é só tu que há de ler estas coisas, tu que as conheces muito mais do que nós, que quase parecemos ensiná-las, mas é necessário divulgar este livro, se não com a nossa recomendação, pelo menos com o teu nome.

XXXII. [113] Julgo, pois, ser do perfeito eloquente não só ter aquela capacidade que lhe é própria, qual seja, discursar difusa e dilatadamente, mas é dele também o tomar para si a ciência vizinha, a dos dialéticos, a mais confim daquela. Embora o discurso pareça ser uma coisa, a discussão outra, e falar não pareça ser o mesmo que discursar, ambos estão no dissertar: que pertença aos dialéticos o método do discutir e do falar; aos oradores, o do discursar e do ornar. O célebre Zenão, de quem proveio o aprendizado dos estoicos, costumava demonstrar com a mão a diferença entre essas artes; pois, tendo comprimido os dedos e fechado o punho, dizia ser assim a dialética; mas, tendo-os estendido, e dilatado a mão, dizia ser a eloquência

diduxerat et manum dilatauerat, palmae illius similem eloquentiam esse dicebat. [114] Atque etiam ante hunc Aristoteles principio artis rhetoricae dicit illam artem quasi ex altera parte respondere dialecticae, ut hoc uidelicet differant inter se, quod haec ratio dicendi latior sit, illa loquendi contractior.

Volo igitur huic summo omnem quae ad dicendum trahi possit loquendi rationem esse notam; quae quidem res, quod te his artibus eruditum minime fallit, duplicem habuit docendi uiam. Nam et ipse Aristoteles tradidit praecepta plurima disserendi et postea qui dialectici dicuntur spinosiora multa pepererunt. [115] Ergo eum censeo qui eloquentiae laude ducatur non esse earum rerum omnino rudem, sed uel illa antiqua uel hac Chrysippi disciplina institutum. Nouerit primum uim, naturam, genera uerborum et simplicium et copulorum; deinde quot modis quidque dicatur; qua ratione uerum falsumne sit iudicetur; quid efficiatur e quoque; quid cuique consequens sit quidque contrarium; cumque ambigue multa dicantur, quo modo quidque eorum diuidi

semelhante à sua palma. [114] Contudo, até mesmo antes dele, já Aristóteles, no princípio da *Arte retórica*, diz que essa arte corresponde, como sua contraparte, à dialética, embora, como se vê, difiram entre si em que esta razão, a do discursar, é mais dilatada; aquela, a do falar, mais contrata.

Quero, portanto, que este, o sumo, conheça toda a razão do falar que se possa trazer para o discursar; de fato, essa coisa teve – o que não te escapa, erudito que és nessas artes – duas vias de ensino. Pois o próprio Aristóteles transmitiu muitos preceitos do dissertar, e os chamados dialéticos depois deram à luz muitas coisas mais espinhosas. [115] Portanto, penso que quem for levado pelo louvor da eloquência não deve ser de forma alguma rude nessas coisas, mas instruído ou naquele antigo aprendizado ou neste de Crisipo. Que conheça primeiro a força, a natureza, os gêneros das palavras simples e das copuladas; então, de quantos modos cada coisa se diz; por meio de que razão se julgam o verdadeiro e o falso; o que se leva a efeito a partir do quê; o que é consequente ao quê e o que lhe é contrário; e, como muitas coisas se dizem de forma ambígua, de que modo cumpre dividir e explicar cada uma delas. Todas essas coisas

explanarique oporteat. Haec tenenda sunt oratori – saepe enim occurrunt, – sed quia sua sponte squalidiora sunt, adhibendus erit in his explicandis quidam orationis nitor.

XXXIII. [116] Et quoniam in omnibus, quae ratione docentur et uia, primum constituendum est quid quidque sit – nisi enim inter eos qui disceptant conuenit quid sit illud de quo ambigitur, nec recte disseri nec umquam ad exitum perueniri potest, – explicanda est saepe uerbis mens nostra de quaque re atque inuolutae rei notitia definiendo aperienda est, si quidem est definitio oratio, quae quid sit id de quo agitur ostendit quam breuissime; tum, ut scis, explicato genere cuiusque rei, uidendum est quae sint eius generis siue formae siue partes, ut in eas tribuatur omnis oratio. [117] Erit igitur haec facultas in eo quem uolumus esse eloquentem, ut definire rem possit nec id faciat tam presse et anguste quam in illis eruditissimis disputationibus fieri solet, sed cum explanatius tum etiam uberius et ad commune iudicium popularemque intellegentiam accommodatius; idemque etiam, cum res postulabit, genus uniuersum in

deve o orador deter – pois frequentemente lhe acorrem –, mas, porque espontaneamente são mais esquálidas, ao explicá-las deve aplicar-se certo brilho do discurso.

XXXIII. [116] E uma vez que em tudo que se ensina com razão e método é preciso estabelecer primeiro o que algo é (pois, a menos que entre os debatedores se chegue a um acordo acerca do que é aquilo sobre o que se disputa, não se pode nem dissertar corretamente, nem jamais se chegar a uma saída), deve-se explicar com palavras nosso pensamento acerca de cada coisa e deve-se pôr a descoberto, definindo-a, a noção da coisa involuta – se é verdade que “definição” é o discurso que mostra o mais brevemente possível aquilo de que se trata; então, como tu sabes, explicado o gênero de cada coisa, há de se ver quais são as formas ou quais as partes desse gênero, para que nelas se distribua todo o discurso. [117] Estará, pois, essa capacidade naquele que queremos eloquente, de modo que possa definir a coisa, mas que não o faça de forma tão compressa e estreita quanto se costuma fazer naquelas eruditíssimas discussões, e sim de modo mais explanado e também mais úbere e mais acomodado ao juízo comum e ao entendimento do povo; e ele mesmo, também, quando a coisa postular,

species certas, ut nulla neque praetermittatur neque redundet, partietur ac diuidet. Quando autem id faciat aut quo modo, nihil ad hoc tempus, quoniam, ut supra dixi, iudicem esse me, non doctorem uolo.

[118] Nec uero a dialecticis modo sit instructus sed habeat omnis philosophiae notos et tractatos locos. Nihil enim de religione, nihil de morte, nihil de pietate, nihil de caritate patriae, nihil de bonis rebus aut malis, nihil de uirtutibus aut uitiiis, nihil de officio, nihil de dolore, nihil de uoluptate, nihil de perturbationibus animi et erroribus quae saepe cadunt in causas et ieiunius aguntur, nihil, inquam, sine ea scientia quam dixi, grauiter, ample, copiose dici et explicari potest.

XXXIV. [119] De materia loquor orationis etiam nunc, non de ipso genere dicendi. Volo enim prius habeat orator rem, de qua dicat, dignam auribus eruditis, quam cogitet quibus uerbis quidque dicat aut quo modo; quem etiam, quo grandior sit et quodam modo excelsior, ut de Pericle dixi supra, ne physicorum quidem esse ignarum uolo. Omnia

repartirá e dividirá o gênero universal em espécies certas, de modo que nenhuma seja omitida ou redunde. Quando, porém, ele o fará, ou de que modo, nada importa nesta ocasião, uma vez que, como disse, quero-me juiz, não professor.

[118] E que não tenha sido instrumentado apenas pelos dialéticos, mas que tenha também conhecido e tratado todos os lugares da filosofia. Pois nada sobre a religião, nada sobre a morte, nada sobre a piedade, nada sobre o querer bem à pátria, nada sobre as coisas boas ou más, nada sobre as virtudes ou os vícios, nada sobre o ofício, nada sobre a dor, nada sobre a volúpia, nada sobre as perturbações da alma e os seus erros – tudo que muitas vezes incide nas causas e é tratado de modo mais jejuno –, nada, insisto, sem aquela ciência de que falei se pode discursar e explicar grave, ampla e opulentamente.

XXXIV. [119] Ainda agora falo da matéria do discurso, não do próprio gênero do discursar. Pois quero que antes tenha o orador uma coisa digna de ouvidos eruditos sobre a qual discursar do que excogite com que palavras dirá o quê ou de que modo; e, para que ele seja maior e, de certo modo, mais excelso, como eu disse acima com relação a Péricles, não quero que desconheça nem mesmo os físicos. Tudo, de

profecto, cum se a caelestibus rebus referet ad humanas, excelsius magnificentiusque et dicet et sentiet. [120] Cumque illa diuina cognouerit, nolo ignoret ne haec quidem humana. Ius ciuile teneat, quo egent causae forenses cotidie. Quid est enim turpius quam legitimarum et ciuiliū controuersiarum patrocinia suscipere, cum sis legum et ciuilis iuris ignarus?

Cognoscat etiam rerum gestarum et memoriae ueteris ordinem, maxime scilicet nostrae ciuitatis, sed etiam imperiosorum populorum et regum illustrium; quem laborem nobis Attici nostri leuauit labor, qui conseruatis notatisque temporibus, nihil cum illustre praetermitteret, annorum septingentorum memoriam uno libro colligauit. Nescire autem quid ante quam natus sis acciderit, id est semper esse puerum. Quid enim est aetas hominis, nisi ea memoria rerum ueterum cum superiorum aetate contextitur? Commemoratio autem antiquitatis exemplorumque prolatio summa cum delectatione et auctoritatem orationi affert et fidem.

[121] Sic igitur instructus ueniet ad causas, quarum habebit genera

fato, quando reconduzido das coisas celestes às humanas, há de se discursar e pensar mais excelsa e magnificamente. [120] E tendo ele conhecido o que é divino, não quero que ignore nem mesmo o seguinte, que é humano. Que aprenda o direito civil, do qual cotidianamente necessitam as causas; pois o que é mais torpe que meter ombros ao patrocínio de controvérsias legais e civis, ignorando-se as leis e o direito civil?

Que conheça também a ordem das coisas feitas e da memória antiga, sobretudo a da nossa cidade, mas também a dos povos imperiosos e dos reis ilustres; livrou-nos desse labor o labor do nosso Ático, que, guardados e notados os tempos, não omitindo nada ilustre, enlaçou num único livro a memória de setecentos anos. Ora, desconhecer o que aconteceu antes de ter nascido é ser para sempre um menino. O que é, pois, a vida humana, se pela memória das coisas antigas não se entretecer com a vida dos antepassados? Ora, a comemoração da antiguidade e a proferição de exemplos trazem, com sumo deleite, tanto autoridade como credibilidade para o discurso.

[121] Portanto, assim instrumentado, chegará às causas, cujos gêneros terá

primum ipsa cognita. Erit enim ei perspectum nihil ambigi posse, in quo non aut res controuersiam faciat aut uerba; res aut de uero aut de recto aut de nomine, uerba aut de ambiguo aut de contrario. Nam si quando aliud in sententia uidetur esse aliud in uerbis, genus est quoddam ambigui, quod ex praeterito uerbo fieri solet, in quo, quod est ambiguum proprium, res duas significari uidemus.

XXXV. [122] Cum tam pauca sint genera causarum, etiam argumentorum praecepta pauca sunt. Traditi sunt e quibus ea ducantur duplices loci, uni e rebus ipsis, alteri assumpti.

Tractatio igitur rerum efficit admirabilem orationem; nam ipsae quidem res in perfacili cognitione uersantur. Quid enim iam sequitur, quod quidem artis sit, nisi ordiri orationem, in quo aut concilietur auditor aut erigatur aut paret se ad discendum; rem breuiter exponere et probabiliter et aperte, ut quid agatur intellegi possit; sua confirmare, aduersaria euertere, eaque efficere non perturbate, sed singulis argumentationibus ita concludendis,

primeiro conhecido. Será evidente para ele que nada se pode disputar sem que a coisa ou as palavras façam a controvérsia: a coisa, acerca do verdadeiro ou do correto ou do nome; as palavras, acerca do ambíguo ou do contrário. Pois, quando parece haver no pensamento uma coisa, nas palavras outra, há certo gênero de ambiguidade que costuma fazer-se por causa de uma palavra omitida, gênero no qual vemos duas coisas ser significadas, isso que é próprio dos ambíguos.

XXXV. [122] Sendo tão poucos os gêneros de causa, também os preceitos dos argumentos são poucos. Foram transmitidos lugares dúplices dos quais tirá-los: uns, das coisas mesmas; outros, assumptivos.

O tratamento das coisas, portanto, faz admirável o discurso, pois as coisas mesmas andam bem facilmente no conhecimento de todos. O que há de seguir-se, agora, daquilo que pertence à arte, senão principiar um discurso no qual o ouvinte seja ou conciliado ou espertado ou preparado para aprender; expor a coisa de maneira breve e provável e abertamente, de modo que se possa entender do que se trata; confirmar o que é seu, deitar abaixo o que é do adversário, e fazê-lo não de forma perturbada, mas encerrando cada uma das

ut efficiatur quod sit consequens iis quae sumentur ad quamque rem confirmandam; post omnia perorationem inflammantem restinguentemue concludere? Has partis quem ad modum tractet singulas difficile dictu est hoc loco; nec enim semper tractantur uno modo. [123] Quoniam autem non quem doceam quaero, sed quem probem, probabo primum eum qui quid deceat uiderit.

Haec enim sapientia maxime adhibenda eloquenti est, ut sit temporum personarumque moderator. Nam nec semper nec apud omnis nec contra omnis nec pro omnibus nec omnibus eodem modo dicendum arbitror. XXXVI. Is erit ergo eloquens, qui ad id quodcumque decebit poterit accommodare orationem. Quod cum statuerit, tum ut quidque erit dicendum ita dicet, nec satura ieiune nec grandia minute nec item contra, sed erit rebus ipsis par et aequalis oratio. [124] Principia uerecunda, nondum elatis incensa uerbis, sed acuta sententiis uel ad offensionem aduersarii uel ad commendationem sui. Narrationes credibiles nec historico sed prope

argumentações de tal modo, que se leve a efeito o que é consequente àquilo que for tomado para confirmar cada coisa; depois, encerrar tudo com uma peroração abrasadora ou arrefecedora? É difícil dizer aqui de que modo se deve tratar cada uma dessas partes, pois elas nem sempre são tratadas de um mesmo modo. [123] Mas, uma vez que não procuro alguém para ensinar, mas para aprovar, aprovarei primeiro aquele que vir o que convém.

Com efeito, o eloquente deve aplicar sobretudo essa sabedoria, de modo que seja um mensurador das ocasiões e das pessoas. Pois julgo que não se deve discursar de um mesmo modo sempre, nem junto a todos, nem contra todos, nem por todos, nem para todos. XXXVI. Portanto, será eloquente aquele que puder acomodar o discurso ao que quer que seja conveniente. Depois de o estabelecer, então o que se houver de discursar ele discursará do modo como se deve, e não jejunamente o que é farto, nem miudamente o que é grande, nem o contrário disso, mas às próprias coisas se equipará e se igualará o discurso. [124] Devem ser recitados os princípios, e ainda não acesos com palavras elevadas, mas aguçados com pensamentos, com vistas ou a ferir o adversário, ou a recomendar a si. E

cotidiano sermone explicatae dilucide. Dein si tenues causae, tum etiam argumentandi tenue filum et in docendo et in refellendo, idque ita tenebitur ut quanta ad rem tanta ad orationem fiat accessio. [125] Cum uero causa ea inciderit, in qua uis eloquentiae possit expromi, tum se latius fundet orator, tum reget et flectet animos et sic afficiet ut uolet, id est ut causae natura et ratio temporis postulabit.

Sed erit duplex eius omnis ornatus ille admirabilis propter quem ascendit in tantum honorem eloquentia. Nam cum omnis pars orationis esse debet laudabilis, sic ut uerbum nullum nisi aut graue aut elegans excidat, tum sunt maxime luminosae et quasi actuosae partes duae: quarum alteram in uniuersi generis quaestione pono, quam, ut supra dixi, Graeci appellant θέσις, alteram in augendis amplificandisque rebus, quae ab isdem αὔξησις est nominata. [126] Quae etsi aequabiliter toto corpore orationis fusa esse debet, tamen in communibus locis maxime excellet;

credíveis as narrações, e explicadas de maneira dilúcida, com conversação quase cotidiana, e não com aquela que é própria à história. Então, se forem tênues as causas, também há de ser tênue o fio da argumentação no ensinar e no refutar, e ele será conservado de tal modo que, quanto de incremento se fizer à coisa, tanto se faça ao discurso. [125] Quando, porém, incidir uma daquelas causas em que se pode exprimir a força da eloquência, então o orador se derramará mais dilatadamente, então regerá e dobrará as almas e as afetará como bem quiser, isto é, como a natureza da causa e a razão da ocasião postularem.

Mas será duplo todo aquele seu admirável ornato, em razão do qual ascendeu a tamanhas honras a eloquência. Pois, embora todas as partes do discurso devam ser louváveis, de modo que não escape nenhuma palavra senão grave ou elegante, duas partes são sobretudo luminosas e como que atuantes: uma delas ponho na questão do gênero universal, a qual, como disse acima, os gregos chamam *thésis*; a outra, no aumento e amplificação das coisas, a que os mesmos gregos deram o nome de *áuxesis*. [126] Esta, ainda que deva derramar-se por igual por todo o corpo do discurso, excele sobretudo nos lugares comuns, que são assim chamados porque parecem ser os

qui communes sunt appellati eo, quod uidentur multarum idem esse causarum, sed proprii singularum esse debebunt. At uero illa pars orationis, quae est de genere uniuerso, totas causas saepe continet. Quicquid est enim illud, in quo quasi certamen est controuersiae, quod Graece κρινόμενον dicitur, id ita dici placet ut traducatur ad perpetuam quaestionem atque ut de uniuerso genere dicatur, nisi cum de uero ambigetur, quod quaeri coniectura solet. [127] Dicitur autem non Peripateticorum more – est enim illorum exercitatio elegans iam inde ab Aristotele constituta, – sed aliquanto neruosius et ita de re communia dicentur, ut et pro reis multa leniter dicantur et in aduersarios aspere. Augendis uero rebus et contra abiciendis nihil est quod non perficere possit oratio; quod et inter media argumenta faciendum est quotienscumque dabitur uel amplificandi uel minuendi locus, et paene infinite in perorando.

XXXVII. [128] Duo sunt enim, quae bene tractata ab oratore admirabilem eloquentiam faciant. Quorum alterum est, quod Graeci ἡθικὸν uocant, ad

mesmos em muitas causas, mas deverão ser próprios de cada uma delas. Mas aquela parte do discurso que é acerca do gênero universal contém amiúde causas inteiras. Pois tudo em que houver, por assim dizer, um certame de controvérsia, o qual os gregos chamam *krinómenon*, se deve discursar de modo que seja transferido para a questão perpétua e de modo que se discurse sobre o gênero universal – exceto quando se disputar sobre o verdadeiro, pois isto costuma inquirir-se por conjectura. [127] Deve-se discursar, porém, não segundo o hábito dos peripatéticos – é, pois, elegante o seu exercício, já desde sua constituição por Aristóteles –, mas de modo um pouco mais nervoso, e se discursarão os lugares comuns acerca da coisa de modo que, em favor dos réus, muitos daqueles lugares se discurssem de modo afável e, contra os adversários, muitos de modo áspero. Aumentando as coisas e, inversamente, rebaixando-as, nada há que o discurso não possa fazer; isso deve ser feito entre os argumentos toda vez que for dado lugar para amplificação ou diminuição, e quase ao infinito no perorar.

XXXVII. [128] Há, pois, duas coisas, que, quando bem tratadas pelo orador, podem fazer admirável a eloquência. Uma delas é aquilo a que os gregos dão o nome de

naturas et ad mores et ad omnem uitae consuetudinem accommodatum; alterum, quod idem παθητικὸν nominant, quo perturbantur animi et concitantur, in quo uno regnat oratio. Illud superius come, iucundum, ad beneuolentiam conciliandam paratum; hoc uehemens, incensum, incitatum, quo causae eripiuntur; quod cum rapide fertur, sustineri nullo pacto potest. [129] Quo genere nos mediocres aut multo etiam minus, sed magno semper usi impetu, saepe aduersarios de statu omni deiecimus. Nobis pro familiari reo summus orator non respondit Hortensius; a nobis homo audacissimus Catilina in senatu accusatus obmutuit; nobis priuata in causa magna et graui cum coepisset Curio pater respondere, subito assedit, cum sibi uenenis ereptam memoriam diceret. [130] Quid ego de miserationibus loquar? Quibus eo sum usus pluribus quod, etiam si plures dicebamus, perorationem mihi tamen omnes relinquebant; in quo ut uiderer excellere non ingenio sed dolore adsequebar. Quae qualiacumque in me sunt – me enim ipsum paenitet quanta sint, – sed apparent in orationibus, etsi carent libri spiritu

ethikón, acomodado às naturezas e aos hábitos e a todo o costume da vida; a outra, o que eles chamam *pathetikón*: com ele se perturbam e concitam as almas, nele só reina o discurso. O primeiro é cortês, agradável, preparado para conciliar a bem-querença; o segundo é veemente, aceso, agitado, e com ele arrebatam-se as causas: ele, quando se transporta com rapidez, de modo algum pode ser sustido. [129] Nesse gênero nós somos medianos, ou nem isso, mas, fazendo uso sempre de grande ímpeto, muitas vezes derribamos de qualquer posição os adversários. Em defesa de um réu que era familiar seu, não nos respondeu o sumo orador, Hortêncio; acusado por nós, o mais audacioso dos homens, Catilina, calou-se no senado; quando começara a nos responder, em uma causa privada, porém grande e grave, Curião pai subitamente sentou-se, dizendo que a memória lhe havia sido arrebatada por venenos. [130] Que falarei eu das comiserações? Eu, que sempre mais as usava porque, ainda que fôssemos muitos a discursar, todos sempre deixavam para mim a peroração; quanto a isso, eu conseguia parecer que não era no engenho que eu excelia, mas na dor. As coisas que há em mim, quaisquer que sejam – a mim mesmo pesa-me a sua pouca magnitude –, aparecem nos discursos, ainda que os livros careçam daquele fôlego em

illo, propter quem maiora eadem illa cum aguntur quam cum leguntur uideri solent.

XXXVIII. [131] Nec uero miseratione solum mens iudicum permouenda est – qua nos ita dolenter uti solemus ut puerum infantem in manibus perorantes tenuerimus, ut alia in causa excitato reo nobili, sublato etiam filio paruo, plangore et lamentatione complerimus forum, – sed est faciendum etiam ut irascatur iudex mitigetur, inuideat faueat, contemnat admiretur, oderit diligat, cupiat taedeat, speret metuat, laetetur doleat; qua in uarietate duriorum Accusatio suppedabit exempla, mitiorum defensiones meae. [132] Nullo enim modo animus audientis aut incitari aut leniri potest, qui modus a me non tentatus sit – dicerem perfectum, si ita iudicaret, nec in ueritate crimen arrogantiae extimescerem; sed, ut supra dixi, nulla me ingeni sed magna uis animi inflamat, ut me ipse non teneam; nec umquam is qui audiret incenderetur, nisi ardens ad eum perueniret oratio. Vterer exemplis domesticis, nisi ea legisses; uterer alienis uel Latinis, si ulla reperirem,

virtude do qual aquelas mesmas coisas costumam parecer maiores na atuação que na leitura.

XXXVIII. [131] Contudo, não é só pela comiseração que se deve mover a mente dos juízes – embora nós costumemos usá-la de modo tão dolente, que seguramos um menino infante nas mãos enquanto perorávamos; e, em outra causa, tendo-se erguido o réu, um notável, e tendo levantado também seu filho pequeno, enchemos o fórum de pranto e lamentação – , mas deve-se fazer também com que o juiz fique irado, se abrande, inveje, favoreça, despreze, admire, odeie, estime, deseje, se enfastie, tenha esperança, tema, se alegre, sinta dor; dentro dessa variedade, a *Acusação* oferecerá exemplos do que for mais duro; minhas defesas, do que for mais brando. [132] Com efeito, não há nenhum modo pelo qual se possa agitar ou afagar a alma do ouvinte que não tenha sido tentado por mim – diria eu “levado a perfeição” por mim, se assim o julgasse e, em verdade, se não temesse a acusação de arrogância; mas, como disse acima, nenhuma força do engenho me inflama, e sim da alma, a ponto de que eu mesmo não me contenha; e, aliás, nunca se abrasaria o ouvinte se o discurso não lhe chegasse já inflamado. Eu utilizaria exemplos de casa, se tu já não os tivesse

uel Graecis, si deceret. Sed Crassi perpauca sunt nec ea iudiciorum, nihil Antoni, nihil Cottae, nihil Sulpici; dicebat melius quam scripsit Hortensius. [133] Verum haec uis, quam quaerimus, quanta sit suspicemur, quoniam exemplum non habemus, aut si exempla sequimur, a Demosthene sumamus et quidem perpetuae dictionis ex eo loco unde in Ctesiphontis iudicio de suis factis, consiliis, meritis in rem publicam aggressus est dicere. Ea profecto oratio in eam formam quae est insita in mentibus nostris includi sic potest ut maior eloquentia non requiratur.

XXXIX. [134] Sed iam forma ipsa restat et χαρακτήρ ille qui dicitur; qui qualis debeat esse ex iis ipsis quae supra dicta sunt intellegi potest. Nam et singulorum uerborum et collocatorum lumina attigimus; quibus sic abundabit ut uerbum ex ore nullum nisi aut elegans aut graue exeat ex omnique genere frequentissimae tralationes erunt, quod eae propter similitudinem transferunt animos et referunt ac

lido; ou de outros, quer sejam latinos, se encontrasse algum, quer gregos, se fosse conveniente. Mas de Crasso há bem poucos, e não são de julgamentos, nada de Antônio, nada de Cota, nada de Sulpício; discursava melhor do que escreveu Hortênsio. [133] Na verdade, esta força que inquirimos apenas suspeitamos quão grande ela pode ser, uma vez que dela não temos exemplo ou, se seguirmos exemplos, tomemo-los de Demóstenes, principalmente daquele lugar do discurso como um todo em que, no julgamento de Ctesifonte, começou a discursar sobre os seus feitos, conselhos e méritos para com a coisa pública. De fato, pode-se encerrar esse discurso naquela forma que está implantada em nossas mentes de modo que não se procure eloquência maior.

XXXIX. [134] Mas resta agora a forma mesma e aquilo que se chama *kharaktér*; de que qualidade ele deve ser pode entender-se daquilo mesmo que foi dito acima. Pois tocamos nos lumes de palavras isoladas e em colocação; neles será abundante a tal ponto, que nenhuma palavra sairá de sua boca que não seja ou elegante ou grave; e haverá frequentíssimas translações, de todo gênero, porque elas, em virtude da semelhança, transportam as almas, e as trazem de volta, e as movem aqui e acolá, e

mouent huc et illuc, qui motus cogitationis celeriter agitatus per se ipse delectat. Et reliqua ex collocatione uerborum quae sumuntur quasi lumina magnum afferunt ornatum orationi; sunt enim similia illis, quae in amplo ornatu scaenae aut fori appellantur insignia, non quia sola ornent, sed quod excellant. [135] Eadem ratio est horum, quae sunt orationis lumina et quodam modo insignia; cum aut duplicantur iteranturque uerba aut leuiter commutata ponuntur, aut ab eodem uerbo ducitur saepius oratio aut in idem conicitur aut utrumque, aut adiungitur idem iteratum aut idem ad extremum refertur aut continenter unum uerbum non in eadem sententia ponitur; aut cum similiter uel cadunt uerba uel desinunt; aut cum sunt contrariis relata contraria; aut cum gradatim sursum uersus reditur; aut cum demptis coniunctionibus dissolute plura dicuntur; aut cum aliquid praetereuntes cur id faciamus ostendimus, aut cum corrigimus nosmet ipsos quasi reprehendentes; aut si est aliqua exclamatio uel admirationis uel questionis; aut cum eiusdem nominis casus saepius

esse movimento do pensamento celeremente agitado deleita por si mesmo. E os outros lumes, por assim dizer, os que se tomam da colocação das palavras, trazem grande ornato ao discurso; pois são semelhantes aos que no amplo ornato da cena ou do fórum se chamam “insígnias”, não só porque ornem, mas porque excedam. [135] É a mesma a razão daqueles que são os lumes do discurso e, de certo modo, suas insígnias: quando se duplicam ou se reiteram as palavras; ou quando se repõem levemente mudadas; ou quando o discurso parte muitas vezes de uma mesma palavra, ou recai na mesma, ou ambas as coisas; ou quando se ajunta a mesma palavra repetida, ou a mesma é trazida de volta no final, ou uma mesma palavra é repostada de imediato, mas não no mesmo sentido; ou quando as palavras caem ou terminam semelhantemente; ou quando às contrárias se reportam as contrárias; ou quando se vai gradativamente para frente voltando-se para trás; ou quando, retirando-se as conjunções, se dizem muitas palavras soltas; ou quando, omitindo algo, mostramos por que o fazemos; ou quando corrigimos a nós mesmos como se estivéssemos nos repreendendo; ou quando há alguma exclamação de admiração ou de lamento; ou quando se trocam muitas vezes os casos de

commutantur.

[136] Sed sententiarum ornamenta maiora sunt; quibus quia frequentissime Demosthenes utitur, sunt qui putent idcirco eius eloquentiam maxime esse laudabilem. Et uero nullus fere ab eo locus sine quadam conformatione sententiae dicitur, nec quicquam est aliud dicere nisi omnis aut certe plerasque aliqua specie inluminare sententias. Quas cum tu optime, Brute, teneas, quid attinet nominibus uti aut exemplis? Tantum modo notetur locus.

XL. [137] Sic igitur dicet ille, quem expetimus, ut uerset saepe multis modis eadem et in una re haereat in eademque commoretur sententia; saepe etiam ut extenuet aliquid, saepe ut irrideat; ut declinet a proposito deflectatque sententiam; ut proponat quid dicturus sit; ut, cum transegerit iam aliquid, definiat; ut se ipse reuocet; ut quod dixit iteret; ut argumentum ratione concludat; ut interrogando urgeat; ut rursus quasi ad interrogata sibi ipse respondeat; ut contra ac dicat accipi et sentiri uelit; ut addubitet ecquid potius aut quo modo dicat; ut diuidat in partis; ut aliquid relinquat ac neglegat; ut ante

um mesmo nome.

[136] Mas os ornamentos de pensamento são maiores; e porque Demóstenes se utiliza deles com a maior frequência, há quem julgue que por isso mesmo a sua eloquência é a mais louvável. E, na verdade, ele não discursa nenhum tópico sem alguma conformação do pensamento; e não é outra coisa o discursar senão iluminar todos os pensamentos, ou ao menos a maior parte deles, com alguma figura. Sendo tu quem melhor as conhece, Bruto, para que fazer uso de nomes ou exemplos? Note-se apenas o tópico.

XL. [137] Portanto, aquele que buscamos discursará de maneira que frequente muitas vezes e de muitos modos as mesmas coisas e se prenda a uma única coisa e se demore num mesmo pensamento; que muitas vezes também atenue algo, que muitas o ridicularize; que se afaste do que propôs e torça para outro lado o pensamento; que proponha o que há de discursar; que, quando já houver passado por algo, o defina; que chame de volta a si mesmo; que reitere o que disse; que encerre um argumento fazendo uso da razão; que aperte interrogando; que, inversamente, responda como que para si mesmo o que interrogou; que queira que se perceba e se pense o contrário do que disse; que hesite sobre o

praemuniat; ut in eo ipso, in quo reprehendatur, culpam in aduersarium conferat; [138] ut saepe cum iis qui audiunt, non numquam etiam cum aduersario quasi deliberet; ut hominum sermones moresque describat; ut muta quaedam loquentia inducat; ut ab eo quod agitur auertat animos; ut saepe in hilaritatem risumue conuertat; ut ante occupet quod uideatur opponi; ut comparet similitudines; ut utatur exemplis; ut aliud alii tribuens dispertiat; ut interpellatorem coerceat; ut aliquid reticere se dicat; ut denuntiet quid caueant; ut liberius quid audeat; ut irascatur etiam, ut obiurget aliquando; ut deprecetur, ut supplicet, ut medeatur; ut a proposito declinet aliquantum, ut optet, ut exsecretur; ut fiat iis apud quos dicet familiaris. [139] Atque alias etiam dicendi quasi uirtutes sequetur, breuitatem, si res petet; saepe etiam rem dicendo subiciet oculis; saepe supra feret quam fieri possit; significatio saepe erit maior quam oratio; saepe hilaritas, saepe uitae naturarumque imitatio. XLI. Hoc in genere – nam quasi siluam uides – omnis eluceat oportet eloquentiae magnitudo.

que é melhor dizer ou de que modo o fará; que divida em partes; que abandone e negligencie algo; que se municie com antecipação; que confira ao adversário a culpa daquilo mesmo de que foi repreendido; [138] que muitas vezes como que delibere com os que o ouvem, às vezes até mesmo com o adversário; que descreva as conversas e os hábitos dos homens; que apresente certas coisas que são mudas como falantes; que afaste as almas daquilo de que se trata; que muitas vezes faça que se volte à alegria ou ao riso; que se assenhoreie antecipadamente do que parece que irá se opor; que compare semelhanças; que use exemplos; que atribuindo algo a cada qual faça partições; que contenha quem o interpelar; que diga calar algo; que anuncie aquilo contra o que se deve precaver; que ouse algo com maior liberdade; que também fique irado, que faça uma exprobração de quando em quando; que implore, que suplique, que remedeie; que decline um pouco do que foi proposto, que deseje, que excre, que se faça familiar daqueles junto a quem discursará. [139] E ele seguirá também outras virtudes, por assim dizer, do discursar: brevidade, se a coisa pedir; também lançará muitas vezes por meio do discurso a coisa diante dos olhos; muitas a levará acima do que se poderia fazer; muitas a significação será maior que o discurso:

[140] Sed haec, nisi collocata et quasi structa et nexa uerbis, ad eam laudem quam uolumus aspirare non possunt. De quo cum mihi deinceps uiderem esse dicendum, etsi mouebant iam me illa quae supra dixeram, tamen iis quae sequuntur perturbabar magis. Occurrebat enim posse reperiri non inuidos solum, quibus referta sunt omnia, sed fautores etiam laudum mearum, qui non censerent eius uiri esse, de cuius meritis tanta senatus iudicia fecisset comprobante populo Romano quanta de nullo, de artificio dicendi litteris tam multa mandare. Quibus si nihil aliud responderem nisi me M. Bruto negare roganti noluisse, iusta esset excusatio, cum et amicissimo et praestantissimo uiro et recta et honesta petenti satis facere uoluisset. [141] Sed si profiterer – quod utinam possem! – me studiosis dicendi praecepta et quasi uias quae ad eloquentiam ferrent traditurum, quis tandem id iustus rerum

haverá muitas vezes alegria, muitas imitação da vida e das naturezas. XLI. Nesse gênero – pois vês como que uma floresta – cumpre reluzir toda a grandeza da eloquência.

[140] Mas essas coisas não podem aspirar àquele louvor que queremos se não estiverem em colocação e como que estruturadas e conectadas com palavras. Parecendo-me que em seguida eu haveria de discursar sobre isso, embora me movesse aquilo que antes dissera, perturbava-me mais aquilo que viria a seguir. Ocorria-me que eu poderia encontrar não só invejosos, dos quais tudo está cheio, mas também homens favoráveis a meus louvores que poderiam julgar que confiar às letras tantas coisas acerca do artifício do discursar não é próprio de um homem de cujos méritos o senado, com a aprovação do povo romano, fez juízo tão elevado quanto jamais fez a ninguém. Se eu não lhes respondesse nada senão que não quisera negar a Marco Bruto o que me pedira, seria uma desculpa justa, pois eu quis satisfazer a um amigo, e homem proeminentíssimo, que me pedia algo correto e honesto. [141] Mas se eu professasse – e quem me dera eu pudesse! – que havia de transmitir aos estudiosos os preceitos do discursar e como que os caminhos que levam à eloquência, quem,

existimator reprehenderet? Nam quis umquam dubitavit quin in re publica nostra primas eloquentia tenuerit semper urbanis pacatisque rebus, secundas iuris scientia? cum in altera gratiae, gloriae, praesidii plurimum esset, in altera persecutionum cautionumque praeceptio, quae quidem ipsa auxilium ab eloquentia saepe peteret, ea uero repugnante uix suas regiones finesque defenderet. [142] Cur igitur ius civile docere semper pulchrum fuit hominumque clarissimorum discipulis floruerunt domus, ad dicendum si quis acuat aut adiuuet in eo iuventutem, uituperetur? Nam si uitiosum est dicere ornate, pellatur omnino e ciuitate eloquentia; sin ea non modo eos ornat penes quos est, sed etiam iuuat uniuersam rem publicam, cur aut discere turpe est quod scire honestum est aut quod nosse pulcherrimum est id non gloriosum est docere?

XLII. [143] At alterum factitatum est, alterum nouum. Fateor; sed utriusque rei causa est. Alteros enim respondentes audire sat erat, ut ii qui docerent nullum sibi ad eam rem tempus ipsi seponerent, sed eodem

estimando justamente as coisas, me haveria de repreender? Pois quem alguma vez pôs em dúvida que, em nossa república, quando as coisas da cidade estavam em paz, a eloquência sempre manteve o primeiro lugar, e a ciência jurídica o segundo? Havendo na primeira o máximo de gratidão, de glória, de proteção, e na segunda os preceitos das intimações e das garantias, esta, que muitas vezes pedia auxílio à eloquência, quando ela se opunha, mal era capaz de defender seus territórios e limites. [142] Portanto, por que sempre foi belo ensinar o direito civil, e as casas dos homens mais ilustres floresceram com discípulos, mas, se alguém aguçar ou ajudar a juventude a discursar, é vituperado? Pois, se é vício discursar de modo ornado, que absolutamente se expulse da cidade a eloquência; mas se ela não só orna aqueles em quem está, mas também ajuda universalmente a coisa pública, por que é torpe aprender aquilo que é honesto saber, ou melhor, por que não é glorioso ensinar aquilo que é belíssimo conhecer?

XLII. [143] “Mas uma coisa sempre foi feita assim, a outra é nova”. Confesso; mas há para ambas uma causa. Quanto aos primeiros, era suficiente ouvi-los enquanto davam suas respostas, de modo que os que ensinavam não reservavam tempo algum

tempore et discentibus satis facerent et consulentibus; alteri, cum domesticum tempus in cognoscendis componendisque causis, forense in agendis, reliquum in se ipsis reficiendis omne consumerent, quem habebant instituendi aut docendi locum? Atque haud scio an plerique nostrorum oratorum ingenio plus ualuerint quam doctrina; itaque illi dicere melius quam praecipere, nos contra fortasse possumus. [144] At dignitatem docere non habet. Certe, si quasi in ludo; sed si monendo, si cohortando, si percontando, si comunicando, si interdum etiam una legendo, audiendo, nescio cur non docendo etiam aliquid aliquando, possis meliores facere, cur nolis? An quibus uerbis sacrorum alienatio fiat docere honestum est, ut est, quibus ipsa sacra retineri defendique possint non honestum est? [145] At ius profitentur etiam qui nesciunt; eloquentiam autem illi ipsi qui consecuti sunt tamen ea se ualere dissimulant, propterea quod prudentia hominibus grata est, lingua suspecta. Num igitur aut latere eloquentia potest aut id quod dissimulat effugit aut est periculum ne quis putet in magna arte et gloriosa turpe esse

para aquela coisa, mas satisfaziam juntamente os aprendizes e os consulentes; quanto aos segundos, como em casa consumiam todo o tempo em conhecer e compor as causas; no fórum, em tratá-las; e o tempo restante, em refazer a si mesmos, que lugar haveria para instruir ou para ensinar? E quem sabe a maior parte de nossos oradores tenha se valido mais do engenho que da doutrina; e, assim, eles podiam discursar melhor que preceituar; nós, talvez, o contrário disso. [144] “Mas o ensinar não tem dignidade”. Com certeza, se feito como numa escola; mas, se advertindo, se exortando, se perguntando, se comunicando, se às vezes também lendo, ouvindo, não sei por que, uma vez que poderias fazer os homens melhores – até mesmo ensinando-lhes algo de quando em quando –, não o quererias. Por acaso ensinar com quais palavras se deve fazer a alienação de bens sacros é honesto, como de fato é, mas ensinar com quais os próprios bens sacros podem ser preservados e defendidos não é? [145] “Mas professam o direito até os que não o conhecem; quanto à eloquência, porém, mesmo aqueles que a alcançaram dissimulam valer-se dela”. Isso porque a prudência é grata aos homens; a língua, suspeita. Pode-se por acaso ocultar a eloquência? Ou ela escapa àquilo que se dissimula? Há perigo de que numa arte

docere alios id quod ipsi fuerit honestissimum discere? [146] Ac fortasse ceteri tectiores; ego semper me didicisse prae me tuli. Quid enim? possem, cum et afuissem domo adulescens et horum studiorum causa maria transissem et doctissimis hominibus referta domus esset et aliquae fortasse inessent in sermone nostro doctrinarum notae cumque uulgo scripta nostra legerentur, dissimulare me didicisse? Quid erat cur probarem nisi quod parum fortasse profeceram?

XLIII. Quod cum ita sit, tamen ea quae supra dicta sunt plus in disputando quam ea de quibus dicendum est dignitatis habuerunt. [147] De uerbis enim componendis et de syllabis propemodum dinumerandis et demetiendis loquemur; quae etiam si sunt, sicuti mihi uidentur, necessaria, tamen fiunt magnificentius quam docentur. Est id omnino uerum, sed proprie in hoc dicitur. Nam omnium magnarum artium sicut arborum altitudo nos delectat, radices stirpesque non item; sed esse illa sine his non potest. Me autem siue peruolgatissimus ille

grande e gloriosa alguém julgue que seja torpe ensinar aos outros aquilo que para si mesmo foi honestíssimo aprender? [146] Mas os outros, talvez, sejam mais rebuçados; quanto a mim, sempre ostentei que aprendi. Pois o quê? Tendo-me ausentado de casa quando adolescente e atravessado os mares por causa desses estudos, e estando minha casa cheia dos homens mais doutos, e havendo, quem sabe, em nossa conversação algumas notas de doutrinas, e sendo nossos escritos lidos e divulgados, eu poderia dissimular que aprendi? Por que outra razão eu o tentaria, senão, talvez, porque pouco progredira?

XLIII. Ainda que seja assim, tudo aquilo que foi dito acima tem na discussão mais dignidade do que aquilo que se há de dizer. [147] Pois falaremos sobre a composição das palavras e quase sobre a contagem e mensuração das sílabas; ainda que seja necessário, como me parece, isso se faz com maior magnificência do que se ensina. Isto é verdadeiro em absoluto, mas aqui se diz com propriedade. Pois deleita-nos a elevação de todas as grandes artes, como a das árvores, mas não igualmente suas raízes e radículas; contudo, aquela não pode existir sem estas. Quanto a mim, ou aquele verso muito vulgarizado que nos proíbe de “ter vergonha de ostentar a arte que exercemos”

uersus, qui uetat “artem pudere proloqui quam factites”, dissimulare non sinit quin delecter, siue tuum studium hoc a me uolumen expressit, tamen iis quos aliquid reprehensuros suspicabar respondendum fuit. [148] Quod si ea quae dixi non ita essent, quis tamen se tam durum agrestemque praeberet, qui hanc mihi non daret ueniam ut, cum meae forenses artes et actiones publicae concidissent, non me aut desidia, quod facere non possum, aut maestitia, cui resisto, potius quam litteris dederem? Quae quidem me antea in iudicia atque in curiam deducebant, nunc oblectant domi, nec uero talibus modo rebus, qualis hic liber continet, sed multo etiam grauioribus et maioribus; quae si erunt perfectae, profecto forensibus nostris rebus etiam domesticae litterae respondebunt. Sed ad institutam disputationem reuertamur.

XLIV. [149] Collocabuntur igitur uerba, aut ut inter se quam aptissime cohaereant extrema cum primis eaque sint quam suauissimis uocibus, aut ut forma ipsa concinnitasque uerborum conficiat orbem suum, aut ut comprehensio numerose et apte cadat.

não me permite dissimular que me deleito, ou então foi o teu empenho que arrancou de mim este volume; não obstante, foi preciso responder àqueles que eu suspeitava haveriam de me repreender em algo. [148] Mas, ainda que as coisas não fossem como eu disse, quem se mostraria tão duro e agreste a ponto de não me dar licença, depois de interrompidas minhas artes forenses e ações públicas, para me entregar, não à preguiça, o que não posso, nem à tristeza, a que resisto, mas antes às letras. O que antes me conduzia aos julgamentos e à cúria agora me deleita em casa; mas não só por coisas tais como as que contém este livro, senão também por outras, muito mais graves e maiores; se se consumarem, certamente nossas letras domésticas estarão à altura das coisas forenses. Mas voltemos à discussão iniciada.

XLIV. [149] Portanto, hão de se colocar as palavras ou de modo que o fim e o começo delas tenham aderência entre si com a maior adequação possível e apresentem os sons mais doces; ou de maneira que a própria forma e concerto das palavras perfaça o seu círculo; ou de maneira que o período caia

Atque illud primum uideamus quale sit, quod uel maxime desiderat diligentiam, ut fiat quasi structura quaedam nec tamen fiat operose; nam esset cum infinitus tum puerilis labor; quod apud Lucilium scite exagitat in Albucio Scaeuola:

quam lepide lexis compostae ut
[tesserulae omnes
arte pauimento atque emblemate
[uermiculato!

[150] Nolo haec tam minuta constructio appareat; sed tamen stilus exercitatus efficiet facile formulam componendi. Nam ut in legendo oculus sic animus in dicendo prospiciet quid sequatur, ne extremorum uerborum cum insequentibus primis concursus aut hiulcas uoces efficiat aut asperas. Quamuis enim suaues grauesque sententiae tamen, si inconditis uerbis efferuntur, offendunt aures, quarum est iudicium superbissimum. Quod quidem Latina lingua sic obseruat, nemo ut tam rusticus sit quin uocalis nolit coniungere. [151] In quo quidam Theopompum etiam reprehendunt, quod eas litteras tantopere fugerit, etsi idem magister

com ritmo e adequação. Mas examinemos a qualidade daquilo que dissemos por primeiro e que é o que mais deseja diligência: que se faça certa estrutura, mas que não se faça de maneira muito elaborada; pois isso seria um labor não só infinito, mas sobretudo pueril; e é isso que, em Lucílio, Cévola, com sagacidade, censura a Albúcio:

“Mas como é lépida essa léxis, composta
[como as pedrinhas todas
de um mosaico num pavimento
[artisticamente vermiculado.”

[150] Não quero que uma construção tão minuciosa seja aparente; mas, de qualquer modo, um estilete exercitado levará a efeito facilmente a fórmula de composição. Pois, assim como o olho no ato da leitura, assim a alma irá prever o que se segue no discursar, para que do concurso dos fins de umas palavras com os inícios das seguintes não se façam sons ásperos ou fendidos. Com efeito, por mais que os pensamentos sejam graves e doces, se forem pronunciados com palavras irregulares ofenderão os ouvidos, cujo juízo é o mais altaneiro. E a língua latina o observa, de modo que ninguém pode ser tão rústico a ponto de não querer juntar as vogais. [151] Quanto a isso, alguns repreendem até mesmo Teopompo, porque ele teria feito demasiado esforço para fugir dessas letras (ainda que seu mestre,

eius Isocrates fecerat; at non Thucydides, ne ille quidem haud paulo maior scriptor Plato nec solum in iis sermonibus, qui διάλογοι dicuntur, ubi etiam de industria id faciendum fuit, sed in populari oratione, qua mos est Athenis laudari in contione eos qui sint in proeliis interfecti quae sic probata est, ut eam quotannis, ut scis, illo die recitari necesse sit. In ea est crebra ista uocum concursio, quam magna ex parte ut uitiosam fugit Demosthenes.

XLV. [152] Sed Graeci uiderint; nobis ne si cupiamus quidem distrahere uoces conceditur. Indicant orationes illae ipsae horridulae Catonis, indicant omnes poetae praeter eos qui, ut uersum facerent, saepe hiabant, ut Naeuius:

uos, qui accolitis Histrum fluuium
[atque algidam

et ibidem:

quam numquam uobis Grai atque
[barbari.

At Ennius semel: “Scipio inuicte”, et

Isócrates, tenha feito o mesmo); mas não o fez Tucídides, e nem mesmo aquele célebre e muito maior escritor, Platão, e não só naquelas conversações que se intitulam *diálogoi*, onde isso havia de ser feito até de propósito, mas naquele discurso para o povo em que é costume em Atenas louvar-se na assembleia aqueles que foram mortos em combate; discurso que tem grande aprovação, de modo que todo ano, como tu sabes, é preciso recitá-lo em tal dia. Nele é frequente esse concurso de vogais, do qual em grande parte Demóstenes foge como vicioso.

XLV. [152] Contudo, tenham-no observado os gregos; a nós, nem se quiséssemos nos seria concedido apartar os sons. Indicam-no aqueles encrespados discursos mesmos de Catão, indicam-no todos os poetas, com exceção daqueles que, a fim de fazer um verso, produziam muitas vezes um hiato, como Nêvio:

vos, qui accolitis Histrum fluvium atque
[algidam

E também dele:

quam numquam vobis Grai atque
[barbari.

Ademais, Ênio o fez uma vez: *Scipio*

quidem nos:

hoc motu radiantis etesiae in uada
[ponti.

[153] Hoc idem nostri saepius non tulissent, quod Graeci laudare etiam solent. Sed quid ego uocalis? Sine uocalibus saepe breuitatis causa contrahebant, ut ita dicerent: “multi' modis, in uas' argenteis, palmi' et crinibus, tecti' fractis”. Quid uero licentius, quam quod hominum etiam nomina contrahebant, quo essent aptiora? nam ut “duellum” bellum, et “duis” bis, sic Duellium eum qui Poenos classe deuicit Bellium nominauerunt, cum superiores appellati essent semper Duellii. Quin etiam uerba saepe contrahuntur non usus causa sed aurium. Quo modo enim uester Axilla Ala factus est nisi fuga litterae uastioris? quam litteram etiam e “maxillis” et “taxillis” et “uexillo” et “pauxillo” consuetudo elegans Latini sermonis euellit.

[154] Libenter etiam copulando uerba iungebant, ut “sodes” pro “si audes”, “sis” pro “si uis”. Iam in uno

invicte; e também nós:

hoc motu radiantis etesiae in vada ponti.

[153] Isso que os nossos não suportariam se feito com frequência os gregos costumam até louvar. Mas por que falar de vogais? Sem vogais muitas vezes faziam contrações com vistas à brevidade, de modo que diziam: *multi' modis, in vas' argenteis, palmi' et crinibus, tecti' fractis*. Que licença pode haver maior do que a contração que faziam até mesmo dos nomes dos homens, para que se fizessem mais adequados? Pois, assim como chamaram *duellum bellum*, e *duis bis*, assim também aquele *Duellius*, que com sua frota venceu os cartagineses, chamaram *Bellus*, não obstante seus antepassados sempre terem se chamado *Duellius*. Pois muitas vezes contraíam as palavras não por causa do uso, mas por causa dos ouvidos. Com efeito, por que razão vossa *axilla* teria se tornado *ala*, se não para fugir de uma letra demasiadamente grosseira? Letra essa que o elegante costume da conversação latina também arrancou de *maxillum, taxillum, vexillum* e *pauxillum*.

[154] De bom grado juntavam as letras também por meio da cópula, como *sodes* em vez de *si audes*, *sis* em vez de *si vis*. Já

“capsis” tria uerba sunt. “Ain” pro “aisne”, “nequire” pro “non quire”, “malle” pro “magis uelle”, “nolle” pro “non uelle”, “dein” etiam saepe et “exin” pro “deinde” et pro “exinde” dicimus. Quid, illud non olet unde sit, quod dicitur “cum illis”, “cum” autem “nobis” non dicitur, sed “nobiscum”? quia si ita diceretur, obscaenius concurrerent litterae, ut etiam modo, nisi “autem” interposuisssem, concurrissent. Ex eo est “mecum” et “tecum”, non “cum me” et “cum te”, ut esset simile illis “nobiscum” atque “uobiscum”.

XLVI. [155] Atque etiam a quibusdam sero iam emendatur antiquitas, qui haec reprehendunt. Nam pro “deum atque hominum” fidem “deorum” aiunt. Ita credo hoc illi nesciebant, an dabat hanc licentiam consuetudo? Itaque idem poeta qui inusitatus contraxerat: “patris mei meum factum pudet” pro “meorum factorum”, et “textitur, exitium examen rapit”, pro “exitiorum”, non dicit “liberum” ut plerique loquimur, cum “cupidos liberum” aut “in liberum loco” dicimus, sed ut isti uolunt:

neque tuom umquam in gremium

só num único *capsis* há três palavras. Dizemos *ain* em vez de *aisne*, *nequire* em vez de *non quire*, *malle* em vez de *magis uelle*, *nolle* em vez de *non uelle*, *dein* e *exin*, até com bastante frequência, em vez de *deinde* e *exinde*. Não se percebe de onde vem aquilo de dizer *cum illis*, mas não *cum* antes de *nobis*, dizendo-se, em vez disso, *nobiscum*? Porque se assim se dissesse, as letras fariam um concurso obsceno, como teriam feito agora, se eu não lhes interpusesse “antes de”. *Mecum* e *tecum*, em vez de *cum me* e *cum te*, vieram por causa da semelhança com aqueles *nobiscum* e *vobiscum*.

XLVI. [155] Ademais, alguns com sua repreensão emendam a antiguidade já tarde demais. Pois, em vez de *deum atque hominum fidem*, dizem *deorum*. Ah, sim, claro, os antigos deviam desconhecê-lo...! Ou será que o costume lhes dava essa licença? E assim aquele mesmo poeta fizera esta inusitada contração: *patris mei meum factum pudet* em vez de dizer *meorum factorum*; e diz *textitur, exitium examen rapit* em vez de *exitiorum*; mas não diz *cupidos liberum*, como falamos a maioria das vezes, quando dizemos *liberum* ou *in liberum loco*, e sim como esses aí querem:

neque tuom umquam in gremium

[extollas liberorum ex te genus,

et idem:

namque Aesculapi liberorum.

At ille alter in Chryse non solum:

ciues, antiqui amici maiorum
[meum,

quod erat usitatum, sed durius etiam:

consilium socii, augurium atque
[extum interpretes;

idemque pergit:

postquam prodigium horriferum,
[portentum pauos;

quae non sane sunt in omnibus
neutris usitata. Nec enim dixerim tam
libenter “armum iudicium”, etsi est
apud eundem:

nihilne ad te de iudicio armum
[accidit?

[156] quam “centuriam fabrum” et
“procum”, ut censoriae tabulae
loquuntur, audeo dicere, non
“fabrorum” aut “procorum”; planeque
“duorum uirorum iudicium” aut
“trium uirorum capitalium” aut

[extollas liberorum ex te genus

e também

namque Aesculapi liberorum.

Porém, daquele outro, no *Chryses*, é não só:

cives, antiqui amici maiorum meum,

o que era usual, mas também o seguinte,
mais duro:

consilium socii, augurium atque extum
[*interpretes;*

e ele continua:

postquam prodigium horriferum,
[*portentum pavos;*

isso que certamente não é usual em todos os
neutros. E eu não diria de tão bom grado
armum iudicium, embora também lá esteja
naquele:

nihilne ad te de iudicio armum accidit?

[156] porém ousa dizer *centuriam fabrum*, e
procum, como falam as tábuas do censo,
não *fabrorum* ou *procorum*; e,
evidentemente, jamais digo *duorum virorum*
iudicium, ou *trium virorum capitalium*, ou

“decem uirorum stlitibus iudicandis”
dico numquam. Atqui dixit Accius:

uideo sepulcra duo duorum
[corporum;

idemque “mulier una duum uirum”.
Quid uerum sit intellego; sed alias ita
loquor ut concessum est, ut hoc uel
“pro deum” dico uel “pro deorum”,
alias ut necesse est, cum “trium
uirum”, non “uirorum”, et
“sestertium”, “nummum”, non
“sestertiorum”, “nummorum”, quod
in his consuetudo uaria non est.

XLVII. [157] Quid quod sic loqui,
“nosse, iudicasse” uetant, “nouisse”
iubent et “iudicauisse”? quasi uero
nesciamus in hoc genere et plenum
uerbum recte dici et imminutum
usitate. Itaque utrumque Terentius:
“Eho tu, cognatum tuom non noras”?
post idem: “Stilponem inquam
noueras”. “Sient” plenum est, “sint”
imminutum, licet utare utroque. Ergo
ibidem:

quae quam sint cara post carendo
[intellegunt
quamque attinendi magni
[dominatus sient.

Nec uero reprehenderim: “scripsere

decem virorum stlitibus iudicandis.
Contudo, disse Ácio:

video sepulcra duo duorum corporum;

e também *mulier una duum virum*. Eu
entendo o que é verdadeiro; mas às vezes
falo da maneira que se concedeu, quando,
por exemplo, digo tanto *pro deum* como *pro*
deorum; às vezes, da maneira necessária,
quando falo *trium virum*, não *uirorum*, e
sestertium, *nummum*, não *sertertiorum*,
nummorum, porque aí já não é variável o
costume.

XLVII. [157] Por que é que se veta falar
assim: *nosse*, *iudicasse*, e se ordena falar
novisse e *iudicavisse*? Como se não
soubéssemos que nesse gênero a palavra
completa se diz por correção, e a reduzida,
por uso! E assim Terêncio fala dos dois
modos: *eho tu, cognatum tuom non noras*?
e, depois, também *Stilponem inquam*
noveras. *Sient* é completo, *sint* reduzido, e é
lícito fazer uso de ambos. Portanto, também
ele:

quae quam sint cara post carendo
[*intellegunt*
quamque attinendi magni dominatus
[*sient.*

E eu não repreenderia: *scripsere alii rem*,

alii rem”; [et] scripserunt esse uerius sentio; sed consuetudini auribus indulgenti libenter obsequor. “Idem campus habet” inquit Ennius; et in templis: IDEM PROBAVIT; at “isdem” erat uerius, nec tamen “eisdem” ut opimius; male sonabat “isdem”; impetratum est a consuetudine ut peccare suauitatis causa liceret. Et “posmeridianas”, “quadrigas” quam postmeridianas, quadriugas libentius dixerim et “mehercule” quam mehercules. “Non scire” quidem barbarum iam uidetur, nescire dulcius. Ipsum “meridiem” cur non medidiem? Credo, quod erat insuauius. [158] Insuauissima praepositio est “af”, quae nunc tantum in accepti tabulis manet ac ne his quidem omnium, in reliquo sermone mutata est; nam “amouit” dicimus et “abegit” et “abstulit”, ut iam nescias a’ ne uerum sit an “ab” an “abs”. Quid, si etiam “abfugit” turpe uisum est et “abfer” noluerunt, “aufugit” et “aufer” maluerunt? quae praepositio praeter haec duo uerba nullo alio in uerbo reperietur. “Noti” erant et “naui” et “nari”, quibus cum “in” praeponi oporteret, dulcius uisum est “ignotos”, “ignauos”, “ignaros” dicere, quam ut ueritas

embora pense ser *scripserunt* mais verdadeiro; mas de bom grado cedo ao costume, que é indulgente para com os ouvidos. *Idem campus habet* diz Ênio; e há, nos templos, IDEM PROBAVIT; contudo, *isdem* era mais verdadeiro, e não *eisdem*, que é mais opimo; soava mal *isdem*; o costume conseguiu que fosse lícito pecar com vistas à doçura. E de bom grado eu diria antes *posmeridianas*, *quadrigas* que *postmeridianas*, *quadriugas*, e antes *mehercule* que *mehercules*. *Non scire*, de fato, já parece bárbaro; *nescire*, mais doce. E quanto ao próprio *meridiem*, por que não *medidiem*? Creio que porque era menos doce. [158] Preposição muito pouco doce é *af*, que agora permanece tão só nas tábuas de contas – e mesmo nestas não em todas –, mas no restante da conversação foi trocada; pois dizemos *amouit* e *abegit* e *abstulit*, de maneira que já não se sabe se o verdadeiro é *a* ou *ab* ou *abs*. Por que também *abfugit* pareceu torpe e não se quis *abfer*, preferindo-se *aufugit* e *aufer*? Preposição que não se encontrará em nenhuma outra palavra, com exceção destas duas. Havia *noti*, *navi* e *nari*, mas, como cumprisse antepor-lhes *in*, pareceu mais doce dizer *ignotos*, *ignavos*, *ignaros* do que aquilo que a verdade postulava. Diz-se *ex usu* e *e re publica*, porque em um se segue uma vogal, no outro haveria aspereza se não se

postulabat. “Ex usu” dicunt et “e re publica”, quod in altero uocalis excipiebat, in altero esset asperitas, nisi litteram sustulisses, ut “exegit, edixit”; “refecit, rettulit, reddidit”: adiuncti uerbi prima littera praepositionem commutauit, ut “subegit, summouit, sustulit”.

XLVIII. [159] Quid, in uerbis iunctis quam scite “insipientem” non “insapientem”, “iniquum” non “inaequum”, “tricipitem” non “tricapitem”, “concisum” non “concaesum”? Ex quo quidam “pertisum” etiam uolunt, quod eadem consuetudo non probauit. Quid uero hoc elegantius, quod non fit natura, sed quodam instituto? “Indoctus” dicimus breui prima littera, “insanus” producta, “inhumanus” breui, “infelix” longa, et, ne multis, quibus in uerbis eae primae litterae sunt quae in “sapiente” atque “felice”, producte dicitur, in ceteris omnibus breuiter; itemque “composuit”, “consuevit”, “concrepuit”, “confecit”. Consule ueritatem, reprehendet; refer ad auris, probabunt. Quaere cur: ita se dicent iuuari. Voluptati autem aurium morigerari debet oratio.

suprimisse aquela letra, como em *exegit, edixit, refecit, rettulit, reddidit*: a primeira letra da palavra que foi acrescentada provocou a mudança na preposição, como em *subegit, summouit, sustulit*.

XLVIII. [159] Ora, e quanto às palavras compostas? Com que sagacidade se compôs *insipientem*, e não *insapientem*; *iniquum*, e não *inaequum*; *tricipitem*, e não *tricapitem*; *concisum*, e não *concaesum*! A partir daí alguns querem também *pertisum*, mas isso o mesmo costume não aprovou. O que pode haver de mais elegante que o que se faz não por natureza, mas por certa instituição? *Indoctus* nós dizemos, com a primeira letra breve; *insanus*, com ela alongada; *inhumanus*, com ela breve; *infelix*, com ela longa; e, para não me estender, nas palavras em que as primeiras letras são as mesmas de *sapiens* e *felix*, ela se alonga, em todas as outras ela é breve; e do mesmo modo *composuit, consuevit, concrepuit, confecit*. Consulta a verdade, ela repreenderá; submete aos ouvidos, eles aprovarão. Pergunta por que: eles te dirão “porque assim nos agrada”. Ora, o discurso deve aquiescer à volúpia dos ouvidos.

[160] Quin ego ipse, cum scirem ita maiores locutos esse ut nusquam nisi in uocali aspiratione uterentur, loquebar sic, ut “pulcros, Cetegos, triumphos, Cartaginem” dicerem; aliquando, idque sero, conuicio aurium cum extorta mihi ueritas esset, usum loquendi populo concessi, scientiam mihi reseruau. “Orciuos” tamen et “Matones”, “Otones”, “Caepiones”, “sepulcra”, “coronas”, “lacrimas” dicimus, quia per aurium iudicium licet. “Burrum” semper Ennius, numquam “Pyrrhum”; “Vi patefecerunt Bruges”, non “Phryges”, ipsius antiqui declarant libri. Nec enim Graecam litteram adhibebant, nunc autem etiam duas, et cum “Phrygum” et “Phrygibus” dicendum esset, absurdum erat aut etiam in barbaris casibus Graecam litteram adhibere aut recto casu solum Graece loqui; tamen et “Phryges” et “Pyrrhum” aurium causa dicimus. [161] Quin etiam, quod iam subrusticum uidetur, olim autem politius, eorum uerborum, quorum eadem erant postremae duae litterae quae sunt in “optumus”, postremam litteram detrahebant, nisi uocalis insequebatur. Ita non erat ea offensio in uersibus, quam nunc fugiunt

[160] E não é que eu mesmo, sabendo que os mais velhos falavam de modo a nunca fazer uso da aspiração, a não ser em vogais, dizia assim: *pulcros, Cetegos, triumphos, Cartaginem*; enfim, e já tarde, tendo o vozerio dos ouvidos arrancado de mim a verdade, cedi ao povo o uso do falar, reservei para mim a ciência. Dizemos, porém, *Orcivios*, e *Matones*, *Otones*, *Caepiones*, *sepulcra*, *coronas*, *lacrimas*, porque é lícito segundo o juízo dos ouvidos. Em Ênio, sempre *burrum*, nunca *Pyrrhum*; *Vi patefecerunt Bruges*, não *Phryges*, declaram os livros antigos dele mesmo. Com efeito, não se empregava nenhuma letra grega, mas agora se empregam até duas e, devendo-se dizer *Phrygum* e *Phrygibus*, seria absurdo empregar uma letra grega também nos casos bárbaros ou só falar grego no caso reto; contudo, dizemos, por causa dos ouvidos, tanto *Phryges* como *Pyrrhum*. [161] E – isto que hoje parece um tanto rústico, mas que outrora era mais polido – até mesmo se subtraía a última letra das palavras cujas duas últimas letras eram as mesmas de *optumus*, exceto quando se seguia uma vogal. Assim, nos versos não havia essa ofensa de que hoje fogem os poetas novos. Pois falávamos assim: *qui est omnibu’ princeps*, e não *omnibus princeps*; e *vita illa dignu’ loque*, e não *dignus*. Mas se o

poetae noui. Sic enim loquebamur: “qui est omnibu' princeps” non “omnibus princeps”, et “uita illa dignu' loque” non “dignus”. Quod si indocta consuetudo tam est artifex suauitatis, quid ab ipsa tandem arte et doctrina postulari putamus?

[162] Haec dixi breuius quam si hac de re una disputarem – est enim locus hic late patens de natura usuque uerborum, – longius autem quam instituta ratio postulabat.

XLIX. Sed quia rerum uerborumque iudicium in prudentia est, uocum autem et numerorum aures sunt iudices, et quod illa ad intellegentiam referuntur, haec ad uoluptatem, in illis ratio inuenit, in his sensus artem. Aut enim neglegenda fuit nobis uoluptas aurium, quibus probari uolebamus, aut ars eius conciliandae reperienda.

[163] Duae sunt igitur res, quae permulceant aures, sonus et numerus. De numero mox, nunc de sono quaerimus.

Verba, ut supra diximus, legenda sunt potissimum bene sonantia, sed ea non

indouto costume é tão grande artífice da doçura, o que, enfim, julgamos que se deve exigir da própria arte e doutrina?

[162] Tudo isso eu disse mais brevemente do que se discutisse sobre essa única coisa – com efeito, este tópico da natureza e do uso das palavras se estende na amplidão –, mas mais demoradamente do que exigia o arrazoado a que se deu início.

XLIX. Porém, porque o juízo das coisas e das palavras está na prudência, mas das vozes e dos ritmos são juízes os ouvidos, e porque aquilo remete à inteligência, isto à volúpia, naquilo a razão descobriu a arte, nisto descobriram-na os sentidos. Com efeito, ou havíamos de negligenciar a volúpia dos ouvidos, cuja aprovação queremos obter, ou era preciso encontrar a arte de conciliá-la.

[163] Portanto, duas são as coisas que acariciam os ouvidos: o som e o ritmo. Do ritmo falaremos em breve; agora inquirimos do som.

Como dissemos acima, devem-se colher de preferência as palavras bem soantes, mas

ut poetae exquisita ad sonum, sed sumpta de medio.

Qua pontus Helles, supera Tmolum
[ac Tauricos

locorum splendidis nominibus illuminatus est uersus, sed proximus inquinatus insuauissima littera:

Finis, frugifera et efferta arua
[Asiae tenet.

[164] Quare bonitate potius nostrorum uerborum utamur quam splendore Graecorum, nisi forte sic loqui paenitet: “Qua tempestate Helenam Paris” et quae sequuntur. Immo uero ista sequamur asperitatemque fugiamus: “habeo istanc ego perterricrepam” idemque: “uersutiloquas malitias”.

Nec solum componentur uerba ratione, sed etiam finientur, quoniam id iudicium esse alterum aurium diximus. Sed finientur aut compositione ipsa et quasi sua sponte, aut quodam genere uerborum, in quibus ipsis concinnitas inest; quae siue casus habent in exitu similes siue paribus paria redduntur

não aquelas, como as do poeta, perquiridas com vistas ao som, mas sim as que se tomam do comum.

Qua pontus Helles, supera Tmolum ac
[*Tauricos*

é um verso iluminado com esplêndidos nomes de lugares; já o seguinte foi corrompido pela letra menos doce de todas:

finis frugifera et efferta arua Asiae tenet.

[164] Portanto, façamos uso antes da bondade de nossas palavras que do esplendor das gregas; a não ser que porventura seja desagradável falar assim: *qua tempestate Helenam Paris*, e o que segue. Pelo contrário; devemos seguir isso mesmo, fugindo desta aspereza: *habeo istanc ego perterricrepam*; e, igualmente, de: *uersutiloquas malitias*.

E não só se há de usar a razão ao compor as palavras, mas também ao findá-las, uma vez que dissemos ser este o segundo dos juízos dos ouvidos. E hão de findar-se ou pela própria composição e como que espontaneamente, ou por certo gênero de palavras nas quais está o próprio concerto; se essas palavras têm casos similares em seu fim, ou se as pareadas remetem às pareadas, ou se se opõem contrárias, por sua própria

siue opponuntur contraria, suapte natura numerosa sunt, etiam si nihil est factum de industria. [165] In huius concinnitatis consecratione Gorgiam fuisse principem accepimus; quo de genere illa nostra sunt in Miloniana: “Est enim, iudices, haec non scripta, sed nata lex, quam non didicimus, accepimus, legimus, uerum ex natura ipsa arripuimus, hausimus, expressimus, ad quam non docti, sed facti, non instituti, sed imbuti sumus.” Haec enim talia sunt, ut, quia referuntur ea quae debent referri, intellegamus non quaesitum esse numerum, sed secutum. [166] Quod fit item in referendis contrariis, ut illa sunt, quibus non modo numerosa oratio sed etiam uersus efficitur:

Eam quam nihil accusas damnas

– “condemnas” diceret qui uersum effugere uellet, –

bene quam meritam esse autumas
[dicis]

male merere? id quod scis prodest
[nihil; id quod nescis obest?

Versum efficit ipsa relatio contrariorum. Idem esset in oratione

natureza são rítmicas, ainda que nada se tenha feito propositalmente. [165] Ouvimos dizer que o primeiro na caça desse concerto foi Górgias; e desse mesmo gênero é aquilo nosso no *Pro Milone*: “Com efeito, juízes, essa lei, não escrita, mas nata, a qual não aprendemos, ouvimos, lemos, mas da natureza mesma arrebatamos, sorvemos, expressamos, para a qual não fomos ensinados, mas formados, para a qual não fomos instruídos, mas imbuídos”. Essas palavras remetem aonde devem remeter de tal modo, que entendemos que o ritmo não foi procurado, mas advindo. [166] O que igualmente se faz na relação dos contrários, como o seguinte, em que se leva a efeito não só o discurso rítmico, mas também o verso:

Eam quam nihil accusas damnas

– *condemnas* diria quem quisesse escapar ao verso, –

bene quam meritam esse autumas [dicis]

*male merere? id quod scis prodest nihil;
[id quod nescis obest?*

O verso é levado a efeito pela própria relação dos contrários. O mesmo seria

numerosum: “quod scis nihil prodest, quod nescis multum obest”. L. Semper haec, quae Graeci ἀντίθετα nominant, cum contrariis opponuntur contraria, numerum oratorium necessitate ipsa efficiunt etiam sine industria. [167] Hoc genere antiqui iam ante Isocratem delectabantur et maxime Gorgias, cuius in oratione plerumque efficit numerum ipsa concinnitas. Nos etiam in hoc genere frequentes, ut illa sunt in quarto Accusationis: “Conferte hanc pacem cum illo bello, huius praetoris aduentum cum illius imperatoris uictoria, huius cohortem impuram cum illius exercitu inuicto, huius libidines cum illius continentia; ab illo qui cepit conditas, ab hoc qui constitutas accepit captas dicetis Syracusas”.

[168] Ergo et hi numeri sint cogniti et genus illud tertium explicetur quale sit, numerosae et aptae orationis. Quod qui non sentiunt, quas aures habeant aut quid in his hominis simile sit nescio. Meae quidem et perfecto completoque uerborum ambitu gaudent et curta sentiunt nec amant redundantia. Quid dico meas? Contiones saepe

rítmico no discurso: *quod scis nihil prodest, quod nescis multum obest*. L. Isso, a que os gregos chamam *antítheta*, quando aos contrários se opõem os contrários, sempre leva a efeito o ritmo discursivo pela própria necessidade, mesmo sem se fazer propósito disso. [167] Deleitavam-se os antigos com esse gênero já antes de Isócrates, sobretudo Górgias, em cujo discurso no mais das vezes o próprio concerto leva a efeito o ritmo. Nós também fomos assíduos nesse gênero, a que pertence aquilo que está no quarto livro da *Acusação*: “Comparai esta paz com aquela guerra, o advento deste pretor com a vitória daquele comandante, a coorte corrupta deste com o exército invicto daquele, as volúpias deste com a continência daquele: direis que aquele por quem Siracusa foi tomada a estabeleceu, este que a recebeu estabelecida a tomou”.

[168] Portanto, que se tenham por conhecidos esses ritmos e que se explique a qualidade daquele terceiro gênero de discurso rítmico e adequado. Quem não o percebe, não sei que ouvidos tem, nem o que nele há de semelhante a um homem. Os meus certamente se comprazem com um giro perfeito e completo, percebem o que é curto e não amam o que é redundante. Por que digo “os meus”? Muitas vezes vi a

exclamare uidi, cum apte uerba cecidissent. Id enim exspectant aures, ut uerbis colligetur sententia.

"Non erat hoc apud antiquos." Et quidem nihil aliud fere non erat; nam et uerba eligebant et sententias graues et suaues reperiabant, sed eas aut uinciebant aut explebant parum. [169] "Hoc me ipsum delectat", inquiunt. Quid, si antiquissima illa pictura paucorum colorum magis quam haec iam perfecta delectet, illa nobis sit credo repetenda, haec scilicet repudianda! Nominibus ueterum gloriantur. Habet autem ut in aetatibus auctoritatem senectus, sic in exemplis antiquitas, quae quidem apud me ipsum ualet plurimum. Nec ego id quod deest antiquitati flagito potius quam laudo quod est, praesertim cum ea maiora iudicem quae sunt, quam illa quae desunt. Plus est enim in uerbis et in sentiis boni, quibus illi excellunt, quam in conclusione sententiarum, quam non habent. LI. Post inuenta conclusio est, qua credo usuros ueteres illos fuisse, si iam nota atque usurpata res esset; qua inuenta omnes

aclamação das assembleias quando as palavras caíam com adequação. Os ouvidos esperam isto mesmo, a saber, que o pensamento esteja enlaçado com as palavras.

"Não havia isso entre os antigos". E de fato só faltava praticamente isso; pois eles elegiam as palavras e encontravam pensamentos graves e doces, mas pouco os atavam ou preenchiam. [169] "Isto mesmo me deleita", diz-se. O quê!? Se aquela antiquíssima pintura de poucas cores deleitar mais do que esta, já perfeita, até parece que devemos recuperar aquela e repudiar esta! Vangloriam-se com os nomes dos antigos. Ora, assim como na vida tem autoridade a velhice, assim nos exemplos a antiguidade, que para mim mesmo é o que tem o maior valor. Mas eu não exijo à antiguidade o que nela falta mais do que louvo o que nela há, principalmente quando julgo maiores as coisas que há do que as que faltam. Com efeito, há maior bem nas palavras e pensamentos, com o que aqueles excelem, do que no encerramento dos pensamentos, que eles não têm. LI. Depois descobriu-se o encerramento, do qual, creio, aqueles antigos teriam feito uso, se já fosse coisa conhecida e usual; depois de descoberto, vemos que todos os grandes oradores dele fizeram uso.

usos magnos oratores uidemus.

[170] Sed habet nomen inuidiam, cum in oratione iudiciali et forensi numerus Latine, Graece ῥυθμὸς inesse dicitur. Nimis enim insidiarum ad capiendas aures adhiberi uidetur, si etiam in dicendo numeri ab oratore quaeruntur. Hoc freti isti et ipsi infracta et amputata loquuntur et eos uituperant qui apta et finita pronuntiant; si inanibus uerbis leuibusque sententiis, iure; sin probares, lecta uerba, quid est cur claudere aut insistere orationem malint quam cum sententia pariter excurrere? Hic enim inuidiosus numerus nihil adfert aliud nisi ut sit apte uerbis comprehensa sententia; quod fit etiam ab antiquis, sed plerumque casu, saepe natura; et quae ualde laudantur apud illos, ea fere quia sunt conclusa laudantur. [171] Et apud Graecos quidem iam anni prope quadringenti sunt cum hoc probatur; nos nuper agnouimus. Ergo Ennio licuit uetera contemneri dicere:

Versibu' quos olim Fauni uatesque
[canebant,

[170] Mas é mal visto dizer que há ritmo (*numerus* em latim, em grego *rhythmós*) no discurso judicial e forense. Com efeito, parece que se empregam demasiadas artimanhas para capturar os ouvidos, se também o orador no discursar procurar os ritmos. Apoiando-se nisso, esses aí falam coisas fragmentadas e amputadas e vituperam aqueles que as pronunciam adequadas e limitadas; se com palavras inanes e pensamentos leves, com razão; mas se as coisas forem probas, as palavras eleitas, por que preferem que o discurso coxeie ou estaque em vez de correr até o fim de par com o pensamento? Com efeito, esse ritmo, tão mal visto, não oferece nada mais senão a envoltura do pensamento pelas palavras; também o faziam os antigos, mas quase sempre por acaso, muitas vezes por natureza; e o que se louva neles geralmente se louva porque é cerrado. [171] E entre os gregos já há quase quatrocentos anos isso é aprovado, enquanto nós disso só recentemente tomamos conhecimento. Portanto, a Ênio foi lícito, desprezando o que é antigo, dizer:

“em versos que outrora Faunos e vates
[cantavam”

mihi de antiquis eodem modo non licebit? praesertim cum dicturus non sim “ante hunc”, ut ille, nec quae sequuntur: “Nos ausi reserare”; – legi enim audiuique non nullos, quorum propemodum absolute concluderetur oratio. Quod qui non possunt, non est iis satis non contemni, laudari etiam uolunt. Ego autem illos ipsos laudo idque merito, quorum se isti imitatores esse dicunt, etsi in iis aliquid desidero, hos uero minime, qui nihil illorum nisi uitium sequuntur, cum a bonis absint longissime.

[172] Quod si aures tam inhumanas tamque agrestes habent, ne doctissimorum quidem uirorum eos mouebit auctoritas? Omitto Isocratem discipulosque eius Ephorum et Naucratem, quamquam orationis faciendae et ornandae auctores locupletissimi summi ipsi oratores esse debebant. Sed quis omnium doctior, quis acutior, quis in rebus uel inueniendis uel iudicandis acrior Aristotele fuit? quis porro Isocrati est aduersatus infensius? Is igitur uersum in oratione uetat esse, numerum iubet. Eius auditor Theodectes in

e a mim não será lícito falar do mesmo modo sobre os antigos? Sobretudo não havendo de dizer “antes deste”, como ele, nem o seguinte: “Nós, que ousamos ressemear...”; – com efeito, li e ouvi alguns cujo discurso quase se encerrava arrematadamente. Os que não podem, não lhes é suficiente não ser desprezados: querem ainda ser louvados! Ora, eu louvo, e merecidamente, aqueles mesmos a quem esses dizem imitar, mesmo desejando neles algo mais; porém, de modo algum louvo esses aí, que daqueles não seguem nada senão o que é vicioso, ficando muito longe, porém, do que neles é bom.

[172] Mas será que eles têm ouvidos tão inumanos e tão agrestes, que nem mesmo os moverá a autoridade dos homens mais doutos? Deixo de lado Isócrates e seus discípulos Éforo e Náucrates, embora sejam abonadíssimas autoridades em fazer e ornar o discurso e devessem ser eles mesmos sumos oradores. Mas quem foi mais douto, quem mais agudo, quem mais acerado em descobrir e julgar as coisas que Aristóteles? Quem, ademais, se opôs a Isócrates de modo mais infenso? Ele, pois, veta que no discurso haja verso; que haja ritmo, ordena. Teodectes, que estava entre seus melhores ouvintes, como ele mesmo, Aristóteles,

primis, ut Aristoteles saepe significat, politus scriptor atque artifex hoc idem et sentit et praecipit; Theophrastus uero iisdem de rebus etiam accuratius. Quis ergo istos ferat, qui hos auctores non probent? nisi omnino haec esse ab iis praecepta nesciunt. [173] Quod si ita est – nec uero aliter existimo, – quid, ipsi suis sensibus non mouentur? nihilne eis inane uidetur, nihil inconditum, nihil curtum, nihil claudicans, nihil redundans? In uersu quidem theatra tota exclamant, si fuit una syllaba aut breuior aut longior; nec uero multitudo pedes nouit nec ullos numeros tenet nec illud quod offendit aut cur aut in quo offendit intellegit: et tamen omnium longitudinum et breuitatum in sonis sicut acutarum grauiumque uocum iudicium ipsa natura in auribus nostris collocauit.

LII. [174] Visne igitur, Brute, totum hunc locum accuratius etiam explicemus quam illi ipsi, qui et haec et alia nobis tradiderunt, an iis contenti esse quae ab illis dicta sunt possumus? Sed quid quaero uelisne, cum litteris tuis eruditissime scriptis te id uel maxime uelle perspexerim?

frequentemente assinala, e que era um polido escritor e artífice, pensa e preceitua o mesmo. Teofrasto, por sua vez, fala sobre as mesmas coisas ainda com mais acurácia. Quem, portanto, há de suportar que esses aí não aprovelem tais autoridades? A não ser que eles desconheçam esses seus preceitos. [173] Mas, se assim é, – e não estimo que seja de outro modo –, não os moverão nem mesmo seus próprios sentidos? Nada lhes parece inane, nada irregular, nada curto, nada coxo, nada redundante? Quanto ao verso, teatros inteiros gritam, se uma única sílaba for mais breve ou mais longa; e a multidão não conhece os pés, nem compreende ritmo nenhum, nem entende por que ou em que ofende aquilo que ofende; contudo, a própria natureza colocou em nossos ouvidos o juízo de todos os sons longos e breves, assim como das vozes agudas e graves.

LII. [174] Tu queres, portanto, Bruto, que expliquemos todo este tópico com ainda mais acurácia do que aqueles mesmos que nos transmitiram essas e outras coisas? Ou podemos estar contentes com o que por eles foi dito? Mas por que pergunto se tu queres, tendo já percebido de tuas epístolas, escritas com a maior erudição, que é isso mesmo

Primum ergo origo, deinde causa, post natura, tum ad extremum usus ipse explicetur orationis aptae atque numerosae.

Nam qui Isocratem maxime mirantur, hoc in eius summis laudibus ferunt, quod uerbis solutis numeros primum adiunxerit. Cum enim uideret oratores cum seueritate audiri, poetas autem cum uoluptate, tum dicitur numeros secutus, quibus etiam in oratione uteremur, cum iucunditatis causa tum ut uarietas occurreret satietati. [175] Quod ab iis uere quadam ex parte, non totum dicitur. Nam neminem in eo genere scientius uersatum Isocrate confitendum est, sed princeps inueniendi fuit Thrasymachus, cuius omnia nimis etiam exstant scripta numerose. Nam, ut paulo ante dixi, paria paribus adiuncta et similiter definita itemque contrariis relata contraria, quae sua sponte, etiam si id non agas, cadunt plerumque numerose, Gorgias primus inuenit, sed iis est usus intemperantius. Id autem est genus, ut ante dictum est, ex tribus partibus collocationis alterum. [176] Horum uterque Isocratem aetate praecurrit,

que tu mais queres? Portanto, primeiro se explicará a origem do discurso adequado e rítmico, em seguida a sua causa, depois a sua natureza e, então, por fim, o seu uso mesmo.

Pois aqueles que admiram Isócrates acima de todos põem entre os seus sumos louvores isto, a saber, ele ter sido o primeiro a juntar ritmos às palavras soltas. Vendo que se ouviam os oradores com severidade, os poetas, porém, com volúpia, diz-se que ele passou então a seguir os ritmos, de que fazemos uso também no discurso, não só com vistas ao agradável, mas também para que à saciedade se opusesse a variedade. [175] Isso eles dizem em parte verdadeiramente, e não por inteiro. Pois é preciso confessar que nesse gênero ninguém foi versado com mais ciência que Isócrates, mas o primeiro a descobri-lo foi Trasímaco, cujos escritos se apresentam todos, até demasiadamente, rítmicos. Pois, como eu disse há pouco, foi Górgias o primeiro a descobrir o pareamento das palavras, o modo de terminá-las semelhantemente e também a relação das contrárias com as contrárias, palavras essas que, espontaneamente, ainda que nada se faça, caem quase sempre com ritmo; mas ele fez uso disso com intemperança. Ora, esse gênero, como foi dito, constitui a segunda

ut eos ille moderatione, non inuentione uicerit. Est enim, ut in transferendis faciendisue uerbis tranquillior sic in ipsis numeris sedatior. Gorgias autem audior est generis eius et his festiuitatibus – sic enim ipse censet – insolentius abutitur; quas Isocrates, cum tamen audiisset adulescens in Thessalia senem iam Gorgiam, moderatius temperauit. Quin etiam se ipse tantum quantum aetate procedebat – prope enim centum confecit annos – relaxarat a nimia necessitate numerorum, quod declarat in eo libro quem ad Philippum Macedonem scripsit, cum iam admodum esset senex; in quo dicit sese minus iam seruire numeris quam solitus esset. Ita non modo superiores sed etiam se ipse correxerat.

LIII. [177] Quoniam igitur habemus aptae orationis eos principes auctoresque quos diximus et origo inuenta est, causa quaeratur. Quae sic aperta est ut mirer ueteres non esse commotos, praesertim cum, ut fit, fortuito saepe aliquid concludere apteque dicerent. Quod cum animos hominum auresque pepulisset, ut

das três partes da colocação. [176] Ambos precederam Isócrates em idade; de modo que ele venceu em comedimento; eles, na descoberta. Ele, com efeito, assim como em transladar e fazer palavras é mais tranquilo, assim também nos próprios ritmos é mais calmo. Górgias, porém, é mais ávido por esse gênero e – ele mesmo assim considera – abusa de maneira mais insólita desses festins; Isócrates, quando jovem, tendo ouvido Górgias na Tessália, quando este já era velho, temperou-os usando de maior comedimento. Pois ele, conforme avançava em idade – com efeito, completou quase cem anos –, soltava a si mesmo da excessiva necessidade dos ritmos, o que declara no livro que escreveu para Filipo da Macedônia, quando já era bem velho: nele, diz já não servir aos ritmos tanto quanto costumava antes. Assim, não só corrigira seus predecessores, mas também a si mesmo.

LIII. [177] Portanto, uma vez que temos do discurso adequado as primeiras autoridades, sobre as quais falamos, e uma vez que se descobriu a sua origem, há de se inquirir a sua causa. Ela é tão patente, que me admiro de os antigos não se terem comovido, principalmente tendo eles muitas vezes, como acontece, discursado fortuitamente algo de modo cerrado e adequado. Uma vez

intellegi posset id quod casus effudisset cecidisse iucunde, notandum certe genus atque ipsi sibi imitandi fuerunt. Aures enim uel animus aurium nuntio naturalem quandam in se continet uocum omnium mentionem. [178] Itaque et longiora et breuiora iudicat et perfecta ac moderata semper expectat; mutila sentit quaedam et quasi decurtata, quibus tamquam debito fraudetur offenditur, productiora alia et quasi immoderatus excurrentia, quae magis etiam aspernantur aures, quod cum in plerisque tum in hoc genere nimium quod est offendit uehementius quam id quod uidetur parum. Vt igitur poetica et uersus inuentus est terminatione aurium, obseruatione prudentium, sic in oratione animaduersum est, multo illud quidem serius, sed eadem natura admonente, esse quosdam certos cursus conclusionesque uerborum.

[179] Quoniam igitur causam quoque ostendimus, naturam nunc – id enim erat tertium – si placet explicemus; quae disputatio non huius instituti sermonis est, sed artis intimae.

tendo isso impellido os ouvidos e as almas dos homens, de modo que se podia entender ter caído agradavelmente o que o acaso lançou, certamente o gênero havia de ser notado e eles imitados por si mesmos. Com efeito, os ouvidos, ou a alma, que é o nuncio dos ouvidos, contêm em si certa medida natural de todas as vozes. [178] E assim, eles julgam o que é mais longo e o que é mais breve, e sempre esperam algo perfeito e medido, percebem o que está mutilado e como que encurtado, que os ofende como se lhes estivesse fraudando uma dívida, e também sentem o que está alongado e o que, por assim dizer, corre desmedidamente, o que eles desprezam ainda mais; porque, em quase tudo, e principalmente neste gênero, o que é em demasia ofende mais vivamente do que o que parece pouco. Assim, pois, como a poética e o verso foram descobertos pela delimitação dos ouvidos e pela observação dos prudentes, assim também se notou – muito mais tarde, mas com a advertência da mesma natureza – que no discurso há alguns cursos e encerramentos certos de palavras.

[179] Uma vez, portanto, que mostramos também a causa, expliquemos agora, se lhe apraz, a natureza – sim, isso vinha em terceiro lugar; discussão que, note-se, não pertence a esta conversa, mas ao mais

Quaeri enim potest qui sit orationis numerus et ubi sit positus et natus ex quo, et is unusne sit an duo an plures quaque ratione componatur, et ad quam rem et quando et quo loco et quem ad modum adhibitus aliquid uoluptatis afferat. [180] Sed ut in plerisque rebus sic in hac duplex est considerandi uia quarum altera est longior, breuior altera, eadem etiam planior.

LIV. Est autem longioris prima illa quaestio sitne omnino ulla numerosa oratio; quibusdam enim non uidetur quia nihil insit in ea certi ut in uersibus, et quod ipsi qui affirmant esse eos numeros, rationem cur sint non queant reddere. Deinde, si sit numerus in oratione, qualis sit aut quales, et e poeticisne numeris an ex alio genere quodam et, si e poeticis, quis eorum sit aut qui; namque aliis unus modo aliis plures aliis omnes idem uidentur. Deinde, quicumque sunt siue unus siue plures, communesne sint omni generi orationis – quoniam aliud genus est narrandi, aliud persuadendi, aliud docendi, – an dispare numeri cuique orationis generi accommodentur; si communes, qui sint; si dispare, quid

íntimo da arte. Com efeito, pode-se inquirir o que é o ritmo no discurso e onde está posto e de onde nasce, e se é um só ou dois ou mais, e a razão com que se compõe, e para quê, e quando, e em que lugar e de que modo aplicado oferece alguma volúpia. [180] Contudo, assim como na maior parte das coisas, também nesta há dois caminhos para considerar, um dos quais é mais longo, o outro mais breve e também mais plano.

LIV. Pertence ao caminho mais longo aquela primeira questão: pode haver em absoluto um discurso rítmico? Com efeito, a alguns parece que não, porque no discurso não há nada de certo como nos versos, e porque aqueles que afirmam que há ritmos não podem fornecer a razão disso. Depois, segue-se outra questão: havendo ritmo no discurso, qual é, ou quais são eles; se provêm dos ritmos da poesia ou de algum outro gênero; e, se dos ritmos da poesia, de qual deles, ou de quais, pois a alguns parece que teríamos no discurso um só ritmo da poesia, a outros, mais de um, a outros, todos. Depois, vem a seguinte questão: quer haja um só ritmo, quer mais de um, se eles são comuns a todo e qualquer gênero de discurso – porquanto um gênero é o da narração, outro, o da persuasão, outro, o do ensino – ou se a cada gênero de discurso se

intersit, et cur non aequè in oratione
atque in uersu numerus appareat.

[181] Deinde, quod dicitur in oratione numerosum, id utrum numero solum efficiatur, an etiam uel compositione quadam uel genere uerborum; an sit suum cuiusque, ut numerus interuallis, compositio uocibus, genus ipsum uerborum quasi quaedam forma et lumen orationis appareat, sitque omnium fons compositio, ex eaque et numerus efficiatur et ea quae dicuntur orationis quasi formae et lumina, quae, ut dixi, Graeci uocant σχήματα.

[182] At non est unum nec idem quod uoce iucundum est et quod moderatione absolutum et quod illuminatum genere uerborum; quamquam id quidem finitimum est numero, quia per se plerumque perfectum est; compositio autem ab utroque differt, quae tota seruit grauitati uocum aut suauitati. Haec igitur fere sunt in quibus rei natura quaerenda sit.

LV. [183] Esse ergo in oratione

acomodam ritmos díspares; e se eles forem comuns, quais são eles; se díspares, o que difere entre eles e por que o ritmo não aparece no discurso de modo igual a que aparece no verso.

[181] Depois, a questão que nos vem é a seguinte: se o que se diz rítmico no discurso se leva a efeito só por meio do ritmo ou também por certa composição ou gênero de palavras; ou se cada uma dessas coisas possui o que é seu, de modo que o ritmo pertença aos intervalos; a composição às vozes; e o próprio gênero das palavras apareça como certa forma, por assim dizer, e lume do discurso, e se de tudo isso não é fonte a composição, levando-se a efeito a partir dela o ritmo e aquilo que se chama formas e lumes do discurso, aos quais, como disse, os gregos chamam *skhémata*.

[182] Não é, contudo, uma só e mesma coisa o que agrada com a voz, o que arremata com a medida e o que ilumina com o gênero de palavras, embora este último seja muito confim ao ritmo, porque é quase sempre levado por si mesmo à perfeição, enquanto a composição difere dos outros dois, ela que serve inteiramente à gravidade ou à doçura das vozes. Enfim, aí está praticamente tudo em que se deve inquirir a natureza da coisa.

LV. [183] Portanto, não é difícil tomar

numerus quendam non est difficile cognoscere. Iudicat enim sensus; in quo iniquum est quod accidit non agnoscere, si cur id accadat reperire nequeamus. Neque enim ipse uersus ratione est cognitus, sed natura atque sensu, quem dimensa ratio docuit quid accideret. Ita notatio naturae et animaduersio peperit artem. Sed in uersibus res est apertior, quamquam etiam a modis quibusdam cantu remoto soluta esse uidetur oratio maximeque id in optimo quoque eorum poetarum qui λυρικοί a Graecis nominantur, quos cum cantu spoliaueris, nuda paene remanet oratio. [184] Quorum similia sunt quaedam etiam apud nostros, uelut illa in Thyeste:

Quemnam te esse dicam? qui tarda
[in senectute

et quae sequuntur; quae, nisi cum tibicen accessit, orationis sunt solutae simillima. At comicorum senarii propter similitudinem sermonis sic saepe sunt abiecti, ut non numquam uix in eis numerus et uersus intellegi possit. Quo est ad inueniendum difficilior in oratione numerus quam in uersibus.

conhecimento de que há certo ritmo no discurso. Com efeito, os sentidos assim o julgam, e seria uma iniquidade não reconhecer o que neles acontece só por não podermos descobrir o porquê. Com efeito, nem mesmo o verso se conheceu pela razão, mas pela natureza e pelos sentidos, aos quais a razão com sua medida ensinou o que estava acontecendo. Assim, a notação e a advertência da natureza pariram a arte. Mas a coisa é mais evidente nos versos, ainda que, se retirarmos de certos metros o canto, pareça restar apenas um discurso solto; e isso sobretudo nos melhores dentre os poetas que os gregos chamam *lyrikói*: quando deles se espolia o canto, o que queda é quase que um discurso nu. [184] Também entre os nossos há algo de semelhante, como no *Tiestes*:

Quemnam te esse dicam? qui tarda in
[senectute

e o que segue; a menos que se aporte uma flautista, é o que pode haver de mais semelhante a um discurso solto. Os senários dos cômicos, porém, são tão rasteiros, por causa da semelhança que mantêm com a conversação, que por vezes a custo neles se pode entender o ritmo e o verso. Por isso é mais difícil descobrir o ritmo no discurso do que nos versos.

[185] Omnino duo sunt, quae condiant orationem, uerborum numerorumque iucunditas. In uerbis inest quasi materia quaedam, in numero autem expolitio. Sed ut ceteris in rebus, necessitatis inuenta antiquiora sunt quam uoluptatis; [186] itaque et Herodotus et eadem superiorque aetas numero caruit nisi quando temere ac fortuito, et scriptores peruecteres de numero nihil omnino, de oratione praecepta multa nobis reliquerunt – nam quod et facilius est et magis necessarium, id semper ante cognoscitur – LVI. itaque translata aut facta aut iuncta uerba facile sunt cognita, quia sumebantur e consuetudine cotidianoque sermone. Numerus autem non domo depromebatur neque habebat aliquam necessitudinem aut cognationem cum oratione. Itaque serius aliquanto notatus et cognitus quasi quamdam palaestram et extrema liniamenta orationi attulit. [187] Quod si et angusta quaedam atque concisa et alia est dilatata et fusa oratio, necesse est id non litterarum accidere natura, sed interuallorum longorum et breuium uarietate; quibus implicata atque permixta oratio, quoniam tum stabilis est tum

[185] Há, em absoluto, duas coisas que condimentam o discurso: a agradabilidade das palavras e a dos ritmos. Nas palavras há como que certa matéria; nos ritmos, porém, o seu polimento. Contudo, assim como nas demais coisas, aí também as descobertas da necessidade são mais antigas que as da volúpia; [186] e assim, tanto Heródoto como a sua época e a anterior careceram do ritmo, exceto quando ele se dava de maneira imprevista e fortuita; e os escritores muito antigos não nos deixaram absolutamente nenhum preceito sobre ele, mas deixaram muitos sobre o discurso, porquanto sempre primeiro se toma conhecimento do que é mais fácil e necessário; LVI. assim, a translação, a feitura e a composição de palavras foram facilmente conhecidas, porque eram tiradas do costume e da conversação cotidiana. Quanto ao ritmo, não se tomava em casa, nem tinha nenhuma ligação ou parentesco com o discurso. E assim, tendo sido notado e conhecido um pouco mais tarde, trouxe ao discurso certa palestra e certo contorno de lineamentos. [187] Se há, contudo, um discurso estreito e conciso, e outro dilatado e difuso, é necessário que isso aconteça não em razão da natureza das letras, mas por causa da variedade dos intervalos longos e breves; e uma vez que, implicado e misturado com esses intervalos, o discurso é às vezes

uolubilis, necesse est eius modi naturam numeris contineri. Nam circuitus ille, quem saepe iam diximus, incitatio numero ipso fertur et labitur, quoad perueniat ad finem et insistat.

Perspicuum est igitur numeris astrictam orationem esse debere, carere uersibus. [188] Sed hi numeri poeticine sint an ex alio genere quodam deinceps est uidendum. Nullus est igitur numerus extra poeticos, propterea quod definita sunt genera numerorum. Nam omnis talis est ut unus sit e tribus. Pes enim, qui adhibetur ad numeros, partitur in tria, ut necesse sit partem pedis aut aequalem esse alteri parti aut altero tanto aut sesqui esse maiorem. Ita fit aequalis dactylus, duplex iambus, sesquipleus paeon; qui pedes in orationem non cadere qui possunt? Quibus ordine locatis quod efficitur numerosum sit necesse est.

[189] Sed quaeritur quo numero aut quibus potissimum sit utendum. Incidere uero omnes in orationem etiam ex hoc intellegi potest, quod uersus saepe in oratione per imprudentiam dicimus. Est id uehementer uitiosum sed non

estável, às vezes veloz, é necessário que os ritmos conttenham em si tal natureza. Pois o período, sobre o qual já falamos muitas vezes, é levado por causa do próprio ritmo mais agitadamente e desliza até chegar ao fim e estacar.

É evidente, portanto, que o discurso deve estar amarrado com ritmos, mas estar livre de versos. [188] Deve-se ver agora, porém, se esses ritmos são os da poesia ou se são os de algum outro gênero. Ora, uma vez que os gêneros de ritmo são limitados, nenhum ritmo há além dos da poesia. Pois todo ritmo é um de três: com efeito, o pé que se emprega para os ritmos se reparte em três, de modo que é necessário ou que uma parte do pé seja igual à outra parte; ou que uma seja o dobro da outra; ou que uma seja uma vez e meia a outra. Assim, o dátilo tem medidas iguais; o iambo, uma e o dobro dela; o peônio é sesquiáltero. Como não incidiriam esses pés no discurso? Colocados numa ordem, é necessário que seja rítmico tudo o que se leva a efeito.

[189] Contudo, inquire-se qual ou quais ritmos se deve de preferência usar. Que todos incidem no discurso pode-se entender até mesmo a partir do seguinte: que muitas vezes dizemos, sem prever, versos no discurso. Isso é extremamente vicioso, mas não atentamos nem ouvimos a nós mesmos;

attendimus neque exaudimus nosmet ipsos; senarios uero et hipponacteos effugere possumus; magnam enim partem ex iambis nostra constat oratio. Sed tamen eos uersus facile agnoscit auditor; sunt enim usitatissimi; inculcamus autem per imprudentiam saepe etiam minus usitados, sed tamen uersus, uitiosum genus et longa animi prouisione fugiendum. [190] Elegit ex multis Isocrati libris triginta fortasse uersus Hieronymus, peripateticus in primis nobilis, plerosque senarios, sed etiam anapaestos; quo quid potest esse turpius? Etsi in eligendo fecit malitiose; prima enim syllaba dempta ex primo uerbo sententiae postremum ad uerbum primam rursus syllabam adiunxit insequentis sententiae; ita factus est anapaestus is qui aristophaneus nominatur; quod ne accidat obseruari nec potest nec necesse est. Sed tamen hic corrector in eo ipso loco quo reprehendit, ut a me animaduersum est studiose inquirente in eum, immittit imprudens ipse senarium. Sit igitur hoc cognitum in solutis etiam uerbis inesse numeros eosdemque esse oratorios qui sint poetici.

a custo, todavia, podemos escapar aos senários e aos hiponacteus; com efeito, nosso discurso consiste em grande parte de iampos. Mas o ouvinte reconhece facilmente esses versos, pois são os mais usuais; ora, por imprevidência muitas vezes inculcamos até mesmo versos menos usuais, mas que não deixam por isso de ser versos: gênero vicioso, de que se deve fugir fazendo uso de longa premeditação. [190] Jerônimo, peripatético dos mais notáveis, colheu dos muitos livros de Isócrates aproximadamente trinta versos, em sua maioria senários, havendo, contudo, também anapestos; o que pode ser mais torpe que isso? No entanto, ele os colheu com malícia: depois de excluir a primeira sílaba da primeira palavra da oração, acrescenta à última palavra a primeira sílaba da oração seguinte; e assim daquele verso que se chama aristofânio faz um anapesto; ora, não é possível nem é necessário que se evite o aristofânio. E ele, também, ao corrigir, no preciso lugar em que faz a repreensão, emite desavisadamente um senário, como reparei durante zelosa inquirição. Portanto, saibamos que também nas palavras soltas há ritmos e que os ritmos oratórios são os mesmos que os da poesia.

LVII. [191] Sequitur ergo ut qui maxime cadant in orationem aptam numeri uidendum sit. Sunt enim qui iambicum putent, quod sit orationis simillimus, qua de causa fieri ut is potissimum propter similitudinem ueritatis adhibeatur in fabulis, quod ille dactylicus numerus hexametrorum magniloquentiae sit accommodatior. Ephorus autem, leuis ipse orator sed profectus ex optima disciplina, paeana sequitur aut dactylum, fugit autem spondeum et trochaeum. Quod enim paeon habeat tris breuis, dactylus autem duas, breuitate et celeritate syllabarum labi putat uerba procliuius contraque accidere in spondeo et trochaeo; quod alter e longis constet alter e breuibis, fieri alteram nimis incitatum alteram nimis tardam orationem, neutram temperatam. [192] Sed et illi priores errant et Ephorus in culpa est. Nam et qui paeana praetereunt, non uident mollissimum a sese numerum eundemque amplissimum praeteriri. Quod longe Aristoteli uidetur secus, qui iudicat heroum numerum grandiore quam desideret soluta oratio, iambum autem nimis e uulgari esse sermone. Ita neque humilem et abiectam orationem nec nimis altam

LVII. [191] Segue-se, portanto, ver quais ritmos devem de preferência incidir no discurso adequado. Uns julgam seja o iâmbico, por ser o mais semelhante ao discurso, acontecendo por isso mesmo de aplicar-se às peças, em razão da semelhança que tem com a verdade, sendo aquele ritmo datílico dos hexâmetros mais acomodado à grandiloquência. Éforo, porém, ele mesmo orador leviano, mas proveniente do melhor dos aprendizados, segue o peônio ou o dátilo, fugindo, todavia, do espondeu e do troqueu. Porque o peônio contém três breues, e o dátilo, por sua vez, duas, ele julgava que com eles as palavras deslizavam em maior declive, em razão da brevidade e celeridade das sílabas, e que o contrário disso ocorria com o espondeu e com o troqueu; e porque destes um consiste em longas, o outro em breues, julga que, com um, o discurso se faz demasiadamente agitado, com o outro, demasiadamente tardo, e com nenhum dos dois temperado. [192] Erram, contudo, os anteriores, e Éforo também não está isento de culpa. Pois os que deixam de lado os peônios não vêem que estão deixando de lado o mais macio e mais amplo dos ritmos. Aristóteles vê isso de maneira inteiramente diferente, pois julga ser o ritmo heroico mais grandioso do que deseja o discurso solto, já o iambo ser demasiadamente da conversação vulgar.

et exaggeratam probat, plenam tamen eam uult esse grauitatis, ut eos qui audient ad maiorem admirationem possit traducere. [193] Trochaeum autem, qui est eodem spatio quo choreus, cordacem appellat, quia contractio et breuitas dignitatem non habeat. Ita paeana probat eoque ait uti omnes, sed ipsos non sentire, cum utantur; esse autem tertium ac medium inter illos, sed ita factos eos pedes esse, ut in eis singulis modus insit aut sesquipleus, aut duplex aut par. Itaque illi de quibus ante dixi, tantummodo commoditatis habuerunt rationem, nullam dignitatis. [194] Iambus enim et dactylus in uersum cadunt maxime; itaque ut uersum fugimus in oratione, sic hi sunt euitandi continuati pedes; aliud enim quiddam est oratio nec quidquam inimicius quam illa uersibus; paeana autem minime est aptus ad uersum, quo libentius eum recepit oratio. Ephorus uero ne spondeum quidem, quem fugit, intellegit esse aequalem dactylo, quem probat; syllabis enim metiendos pedes, non interuallis existimat. Quod idem facit in trochaeo, qui temporibus et interuallis est par iambo, sed eo uitiosus in oratione, si ponatur

Assim, ele não aprova nem o discurso chão e rasteiro, nem o demasiadamente alevantado e erguido, mas quer um discurso que esteja cheio de gravidade, de modo que possa trazer os ouvintes a uma maior admiração. [193] Já o troqueu, que tem a mesma duração do coreu, ele o chama *cordax*, porque a contração e brevidade nele presentes não têm dignidade. Assim, aprova o peônio e diz que dele usam todos, mas sem se aperceber disso quando o fazem; diz ainda que há um terceiro e como que intermédio, mas que é do feitio desses pés haver em cada um ou medida sesquiáltera, ou medida dobrada, ou igual medida. Assim, aqueles sobre os quais falei anteriormente retiveram tão só a razão da comodidade, não a da dignidade. [194] Com efeito, o iambo e o dátilo são os pés de maior incidência no verso; e assim como fugimos do verso no discurso, devemos evitar o uso continuado desses pés; pois o discurso é outra coisa, e nada é menos amigo do verso do que ele; ora, o peônio é o pé menos adequado ao verso, e por isso é o que o discurso recebe de melhor grado. Éforo, porém, nem sequer entende que o espondeu, do qual foge, é igual ao dátilo, que aprova; com efeito, estima que os pés devem ser medidos por sílabas, não por intervalos. E faz o mesmo também com relação ao troqueu, que pelos tempos e

extremus, quod uerba melius in syllabas longiores cadunt. Atque haec, quae sunt apud Aristotelem, eadem a Theophrasto Theodecteque de paeane dicuntur.

[195] Ego autem sentio omnes in oratione esse quasi permixtos et confusos pedes, nec enim effugere possemus animaduersionem, si semper isdem uteremur, quia nec numerosa esse, ut poema, neque extra numerum, ut sermo uulgi, esse debet oratio – alterum nimis est uinctum, ut de industria factum appareat, alterum nimis dissolutum, ut peruagatum ac uulgare uideatur; ut ab altero non delectere, alterum oderis –; [196] sit igitur, ut supra dixi, permixta et temperata numeris nec dissoluta nec tota numerosa, paeane maxime, quoniam optimus auctor ita censet, sed reliquis etiam numeris, quos ille praeterit, temperata.

LVIII. Quos autem numeros cum quibus tamquam purpuram misceri oporteat nunc dicendum est atque etiam quibus orationis generibus sint quique accommodatissimi. Iambus

intervallos se equipara ao iambo, sendo porém mais vicioso no discurso se posto no fim, porque as palavras caem melhor em sílabas mais longas. Tudo isso, que está em Aristóteles, também o dizem Teofrasto e Teodectes a respeito do peônio.

[195] Eu, porém, penso que todos os pés devem ser bem misturados e confundidos no discurso, e que não poderíamos escapar à advertência do ouvinte se usássemos sempre os mesmos pés, porque não deve o discurso nem ser rítmico como o poema, nem estar fora do ritmo, como a conversação do vulgo: o primeiro é demasiadamente atado, de modo que é aparente ter sido feito de propósito; o outro é demasiadamente solto, de modo que parece corriqueiro e vulgar; assim, um não te deleitará, o outro tu odiarás. [196] Portanto, como disse, que se misture e tempere o discurso com os ritmos, não ficando nem demasiadamente solto, nem completamente rítmico, e que seja temperado sobretudo com o peônio, já que a melhor das autoridades assim o julga, mas também com os demais ritmos, que ela deixou de lado.

LVIII. Agora, deve-se dizer quais ritmos cumpre misturar entre si assim como se mistura a púrpura, e a que gênero de discurso cada um deles é o mais acomodado. Com efeito, o iambo é o mais

enim frequentissimus est in iis quae demisso atque humili sermone dicuntur; [197] paeon autem in amplioribus, in utroque dactylus. Itaque in uaria et perpetua oratione hi sunt inter se miscendi et temperandi. Sic minime animaduertetur delectationis aucupium et quadrandae orationis industria; quae latebit eo magis, si et uerborum et sententiarum ponderibus utemur. Nam qui audiunt haec duo animaduertunt et iucunda sibi censent, uerba dico et sententias, eaque dum animis attentis admirantes excipiunt, fugit eos et praeteruolat numerus; qui tamen si abesset, illa ipsa delectarent minus. [198] Nec uero is cursus est numerorum – orationis dico, nam est longe aliter in uersibus, – nihil ut fiat extra modum; nam id quidem esset poema; sed omnis nec claudicans nec quasi fluctuans et aequabiliter constanterque ingrediens numerosa habetur oratio. Atque id in dicendo numerosum putatur, non quod totum constat e numeris, sed quod ad numeros proxime accedit; quo etiam difficilior est oratione uti quam uersibus, quod in illis certa quaedam et definita lex est, quam sequi sit necesse; in dicendo autem nihil est

frequente dos ritmos naquele que se discursa em conversação abaixada e chã; [197] o peônio, por sua vez, no que é mais amplo; o dátilo, tanto naquele como neste. E assim, num discurso variado e contínuo deve-se misturá-los e temperá-los. Assim não se atentará na caça ao deleite e no propósito de enquadrar o discurso, que tanto mais se ocultarão quanto mais usarmos o peso das palavras e dos pensamentos. Pois os ouvintes atentam nestas duas coisas e as consideram agradáveis – refiro-me às palavras e aos pensamentos – e, captando-as enquanto as admiram com alma atenta, passa despercebido, escapando-lhes, o ritmo; o qual se estivesse ausente, aquelas mesmas coisas deleitariam menos. [198] E, contudo, o curso dos ritmos – refiro-me ao dos discursos, pois nos versos é bem diferente – não é tal, que não se faça nada fora da medida, pois neste caso teríamos um poema; mas caminhando sem coxear e sem, por assim dizer, flutuar, mas de maneira igual e constante, o discurso será considerado rítmico como um todo. Ademais, julga-se que no discurso é rítmico não o que consta por inteiro de ritmos, mas o que mais se aproxima deles. Por isso é ainda mais difícil fazer uso do discurso do que dos versos, porquanto há nestes uma lei certa e definida que é necessário seguir; já no discurso não há nada posto de antemão,

propositum, nisi ut ne immoderata aut angusta aut dissoluta aut fluens sit oratio. Itaque non sunt in ea tamquam tibicinii percussionum modi, sed uniuersa comprehensio et species orationis clausa et terminata est, quod uoluptate aurium iudicatur.

LIX. [199] Solet autem quaeri totone in ambitu uerborum numeri tenendi sint an in primis partibus atque in extremis; plerique enim censent cadere tantum numero oportere terminarique sententiam. Est autem ut id maxime deceat, non ut solum; ponendus est enim ille ambitus, non abiciendus. Quare cum aures extremum semper exspectent in eoque acquiescant, id uacare numero non oportet, sed ad hunc exitum iam a principio ferri debet uerborum illa comprehensio et tota a capite ita fluere ut ad extremum ueniens ipsa consistat. [200] Id autem bona disciplina exercitatis, qui et multa scripserint et quaecumque etiam sine scripto dicerent similia scriptorum effecerint, non erit difficillimum. Ante enim circumscribitur mente sententia confestimque uerba concurrunt, quae mens eadem, qua nihil est celerius, statim dimittit, ut

exceto que não deve ser nem desmedido, nem estreito, nem demasiadamente solto, nem fluido. E, assim, nele não há nada como as medidas da percussão para a flautista, mas todo o período e a forma do discurso estão cerrados e terminados, o que se pode julgar pela volúpia dos ouvidos.

LIX. [199] Ora, costuma-se inquirir se os ritmos devem ser mantidos no período inteiro da oração ou se só na parte inicial e na final; com efeito, muitos consideram que cumpre apenas terminar e fazer cair a sentença ritmicamente. É aí de fato que mais convém fazê-lo, mas não só; pois é preciso depôr o período, não jogá-lo abaixo. Portanto, como os ouvidos sempre esperam o final e nele descansam, ele não pode carecer do ritmo, mas desde o princípio deve trazer-se o período para esse final, e desde a cabeceira deve fluir de tal modo, que chegando ao fim estaque por si mesmo. [200] Isso não será muito difícil para os que se exercitaram por meio de um bom aprendizado, escrevendo muito, e até sem escrever, mas fazendo semelhante aos escritos tudo o que discursam. Com efeito, de antemão a mente circunscreve o pensamento, e as palavras concorrem sem demora, palavras que a mesma mente – do que a qual nada há mais veloz – despede de imediato, de modo que cada uma obtenha o

suo quodque loco respondeant; quorum discriptus ordo alias alia terminatione concluditur. Atque omnia illa et prima et media uerba spectare debent ad ultimum. [201] Interdum enim cursus est in oratione incitator, interdum moderata ingressio, ut iam a principio uidendum sit quemadmodum uelis uenire ad extremum.

Nec in numeris magis quam in reliquis ornamentis orationis, eadem cum faciamus quae poetae, effugimus tamen in oratione poematis similitudinem. Est enim in utroque et materia et tractatio: materia in uerbis, tractatio in collocatione uerborum.

LX. Ternae autem sunt utriusque partes: uerborum tralatum, nouum, priscum, – nam de propriis nihil hoc loco dicimus; – collocationis autem eae, quas diximus, compositio, concinnitas, numerus. [202] Sed in utroque frequentiores sunt et liberiores poetae; nam et transferunt uerba cum crebrius tum etiam audacius et priscis libentius utuntur et liberius nouis. Quod idem fit in numeris, in quibus quasi necessitati parere coguntur. Sed tamen haec nec

seu correspondente lugar; a ordem delas assim disposta encerra-se às vezes com uma terminação, às vezes com outra. Além do mais, todas as palavras do início e do meio devem observar o fim. [201] Com efeito, às vezes o percurso é mais agitado, às vezes o ingresso moderado, de modo que desde o princípio há de se ver como se quer chegar ao fim.

E não mais nos ritmos que nos demais ornamentos discursivos, embora façamos as mesmas coisas que os poetas, devemos evitar a semelhança do discurso com o poema. Com efeito, há em ambos tanto a matéria como o seu tratamento: a matéria, nas palavras; o tratamento, na colocação delas.

LX. Ora, três são as suas respectivas partes: quanto às das palavras: a das translatas, a das novas e a das arcaicas – pois das próprias nada diremos neste lugar. Quanto às da colocação, suas partes são aquelas que dissemos: composição, concerto e ritmo. [202] E em ambas são mais assíduos e mais livres os poetas; pois tanto transladam palavras com mais frequência e principalmente com mais audácia, como usam de melhor grado as palavras arcaicas e com maior liberdade as novas. O que também se dá com os ritmos, nos quais eles

nimis esse diuersa neque nullo modo coniuncta intellegi licet. Ita fit ut non item in oratione ut in uersu numerus exstet idque quod numerosum in oratione dicitur non semper numero fiat, sed non numquam aut concinnitate aut constructione uerborum.

[203] Ita si numerus orationis quaeritur qui sit, omnis est, sed alius alio melior atque aptior; si locus, in omni parte uerborum; si unde ortus sit, ex aurium uoluptate; si componendorum ratio, dicetur alio loco, quia pertinet ad usum, quae pars quarta et extrema nobis in diuidendo fuit; si ad quam rem adhibeatur, ad delectationem; si quando, semper; si quo loco, in tota continuatione uerborum; si quae res efficiat uoluptatem, eadem quae in uersibus, quorum modum notat ars, sed aures ipsae tacito eum sensu sine arte definiunt.

LXI. [204] Satis multa de natura;

são como que coagidos a obedecer à necessidade. Contudo, não se deve entender daí que um é completamente diverso do outro ou que ambos não tenham nada em comum. Assim sucede que o ritmo não aparece no discurso do mesmo modo que no verso, e que o que se diz rítmico no discurso nem sempre se faz com o ritmo, mas às vezes com o concerto ou a construção das palavras.

[203] Assim, se alguém inquirir quais ritmos são os do discurso, responderemos “todos”, mas também que um é melhor e mais adequado que o outro; se inquirir do lugar, responderemos “em todas as partes do discurso”; se de onde ele nasce, responderemos “da volúpia dos ouvidos”; se qual a razão usada na composição, isso será respondido em outro lugar, porque toca ao uso, parte esta que colocamos por último em nossa divisão; se inquirir para que é aplicado, responderemos “para o deleite”; se quando, responderemos “sempre”; se em que lugar, responderemos “em toda a continuação do discurso”; se o que leva a efeito a volúpia, responderemos “a mesma coisa que nos versos”, e que a medida deles é notada pela arte, mas os próprios ouvidos a delimitam por si mesmos, sem arte, por meio de um sentido tácito.

LXI. [204] Sobre a natureza, basta; segue-se

sequitur usus, de quo est accuratius disputandum. In quo quaesitum est in totone circuitu illo orationis, quem Graeci περίοδον, nos tum ambitum, tum circuitum, tum comprehensionem aut continuationem aut circumscriptionem dicimus, an in principiis solum an in extremis an in utraque parte numerus tenendus sit; deinde cum aliud uideatur esse numerus aliud numerosum, quid intersit. [205] Tum autem in omnibusne numeris aequaliter particulas deceat incidere an facere alias breuiores alias longiores, idque quando aut cur; quibusque partibus, pluribusne an singulis, imparibus an aequalibus, et quando aut istis aut illis sit utendum; quaeque inter se aptissime collocentur et quo modo, an omnino nulla sit in eo genere distinctio; quodque ad rem maxime pertinet, qua ratione numerosa fiat oratio. [206] Explicandum etiam est unde orta sit forma uerborum dicendumque quantos circuitus facere deceat deque eorum particulis et tamquam incisionibus disserendum est quaerendumque utrum una species et longitudo sit earum an plures et, si plures, quo loco aut quando quoque genere uti oporteat. Postremo totius

o uso, sobre o qual há de se discutir com mais acurácia. Quanto a ele, inquiriu-se se se deveria manter o ritmo em todo o circuito discursivo, que os gregos chamam *períodos*, e nós, às vezes, “giro”, às vezes “circuito”, “complexo”, “continuação” ou “circunscrição”; ou se só no início ou só no fim ou em ambas as partes; então, parecendo uma coisa ser o ritmo, outra o rítmico, qual a diferença entre eles. [205] Então, inquiriu-se se em todos os ritmos convém cortar o discurso em pedaços iguais, ou fazer uns mais breves, outros mais longos, e isso mesmo quando e por quê; e de que partes se deve fazer uso, se de muitas ou se de uma só, se desiguais ou iguais, e quando se devem usar estas ou aquelas; e quais são colocadas umas com as outras da forma mais adequada, e de que modo, ou se não há absolutamente nenhuma distinção desse gênero; e, o que é mais pertinente para a coisa de que se trata, usando de que razão se faz o discurso rítmico. [206] Deve-se explicar ainda de onde nasce a forma das palavras e dizer de que tamanho convém fazer os períodos; dissertar acerca de seus pedaços e, por assim dizer, seus “incisos”; e inquirir se há uma espécie única e uma única extensão das palavras ou se há muitas e, se houver muitas, em que lugar e quando e de que gênero cumpre fazer uso. Por último, há de

generis utilitas explicanda est, quae quidem patet latius; non ad unam enim rem aliquam, sed ad plures accommodatur.

[207] Ac licet non ad singula respondentem de uniuerso genere sic dicere, ut etiam singulis satis responsum esse uideatur. Remotis igitur reliquis generibus unum selegimus hoc, quod in causis foroque uersatur, de quo diceremus. Ergo in aliis, id est in historia et in eo quod appellamus ἐπιδεικτικόν, placet omnia dici Isocrateo Theopompeoque more illa circumscriptione ambituque, ut tamquam in orbe inclusa currat oratio quoad insistat in singulis perfectis absolutisque sentiis. [208] Itaque posteaquam est nata haec uel circumscriptio uel comprehensio uel continuatio uel ambitus, si ita licet dicere, nemo, qui aliquo esset in numero, scripsit orationem generis eius quod esset ad delectationem comparatum remotumque a iudiciis forensique certamine, quin redigeret omnes fere in quadrum numerumque sententias. Nam cum is est auditor qui non uereatur ne compositae orationis insidiis sua fides

explicar-se a utilidade do gênero como um todo, que de fato é evidente: com efeito, ele não é cômodo para uma única coisa, mas para muitas.

[207] Ademais, é lícito, não respondendo às coisas uma por uma, discursar acerca do gênero universal de modo que pareça ter-se respondido suficientemente também a cada qual. Afastados, portanto, os demais gêneros, separamos unicamente este, a saber, o que se versa nas causas e no fórum, sobre o qual falaremos. Logo, nos outros, isto é, na história e naquele gênero a que chamamos *epideiktikón*, apraz discursar tudo segundo o hábito de Isócrates e Teopompo, com circunscrição e giro tais, que o discurso corre encerrado num círculo, até estacar num pensamento arrematado e perfeito. [208] E assim, depois que nasceu essa circunscrição – ou complexo, ou continuação, ou giro, se assim se pode dizer –, ninguém que é tido em conta escreveu um discurso naquele gênero preparado para o deleite e remoto dos julgamentos e do certame forense que não metesse quase todos os pensamentos num enquadramento e num ritmo. Pois quando o ouvinte não receia que se esteja a angariar sua confiança por meio das insídias de um discurso bem composto, fica também agradecido ao orador que serve à volúpia dos ouvidos.

attemptetur, gratiam quoque habet oratori uoluptati aurium seruienti.

LXII. [209] Genus autem hoc orationis neque totum assumendum est ad causas forenses neque omnino repudiandum; si enim semper utare, cum satietatem affert tum quale sit etiam ab imperitis agnoscitur; detrahit praeterea actionis dolorem, aufert humanum sensum actoris, tollit funditus ueritatem et fidem. Sed quoniam adhibenda nonnumquam est, primum uidendum est quo loco, deinde quam diu retinenda sit, tum quot modis commutanda. [210] Adhibenda est igitur numerosa oratio, si aut laudandum est aliquid ornatus, ut nos in Accusationis secundo de Siciliae laude diximus, ut in senatu de consulatu meo, aut exponenda narratio, quae plus dignitatis desiderat quam doloris, ut in quarto accusationis de Hennensi Cerere, de Segestana Diana, de Syracusarum situ diximus. Saepe etiam in amplificanda re concessu omnium funditur numerose et uolubiliter oratio. Id nos fortasse non perfecimus, conati quidem saepissime sumus; quod plurimis locis perorationes nostrae uoluisse nos atque animo contendisse

LXII. [209] Ora, esse gênero de discurso nem deve ser totalmente aplicado às causas forenses, nem de todo repudiado; pois, se dele se fizer uso sempre, não só causa saciedade, mas reconhecem-no até mesmo os imperitos; além do mais, subtrai a dor à atuação, rouba do ator o senso de humanidade, suprime profundamente a verdade e a confiança. Mas, já que às vezes se deve aplicar, em primeiro lugar há de se ver em que lugar; então, por quanto tempo deve ser mantido; depois, os modos como se deve trocar. [210] Portanto, o discurso rítmico deve ser aplicado ou para louvar algo de modo mais ornado, como nós fizemos no segundo livro da *Acusação*, quando discursamos sobre o louvor da Sicília, e como fizemos no senado acerca do meu consulado; ou para expor a narração, que deseja mais dignidade que dor, como no quarto livro da *Acusação* discursamos acerca da Ceres de Ena, da Diana de Segesta e da terra dos siracusanos. Também, no ampliar a coisa, todos o concedem, derrama-se muitas vezes o discurso com ritmo e velocidade. Isso nós talvez não tenhamos feito à perfeição, mas ao menos tentamos muitas vezes: declaram nossa vontade e a aplicação de nossa alma

declarant. Id autem tum ualet, cum is qui audit ab oratore iam obsessus est ac tenetur. Non enim id agit ut insidietur et obseruet, sed iam fauet processumque uult dicendique uim admirans non anquirat quid reprehendat.

[211] Haec autem forma retinenda non diu est, non dico in peroratione, quam in se includit, sed in orationis reliquis partibus. Nam cum sis eis locis usus quibus ostendi licere, transferenda tota dictio est ad illa quae nescio cur, cum Graeci κόμματα et κῶλα nomenclant, nos non recte incisa et membra dicamus. Neque enim esse possunt rebus ignotis nota nomina, sed cum uerba aut suauitatis aut inopiae causa transferre soleamus, in omnibus hoc fit artibus, ut, cum id appellandum sit quod propter rerum ignorance ipsarum nullum habuerit ante nomen, necessitas cogat aut nouum facere uerbum aut a simili mutuari.

LXIII. [212] Quo autem pacto deceat incise membratimue dici iam uidebimus; nunc quot modis mutantur

muitos lugares de nossas perorações. Isso, entretanto, tem valia quando o orador já se assenhoreou do ouuinte e o retém. Com efeito, este não considera que se trata de insídia, nem anda de sobreaviso, mas já lhe é favorável, quer o seu andamento e, admirando a força do discursar, não busca algo para repreender.

[211] Contudo, essa forma do discurso não deve ser mantida por muito tempo – não digo na peroração, que ela encerra em si, mas nas restantes partes do discurso. Pois, depois de usar os lugares que, conforme mostrei, é lícito usar, deve-se trasladar todo o discurso para aquilo a que, embora os gregos deem o nome de *kómmata* e *kóla*, nós, não sei por quê, chamamos, de forma incorreta, “incisos” e “membros”. Com efeito, coisas que se desconhecem não podem ter nomes conhecidos, mas, costumando nós trasladar palavras com vistas à doçura ou por causa da inófia, quando precisamos nomear algo que, por desconhecimento da própria coisa, ainda não tinha nome, em todas as artes acontece de a necessidade coagir-nos a fazer uma palavra nova ou tomá-la de empréstimo a uma coisa semelhante.

LXIII. [212] O modo como convém discursar por incisos ou por membros, já o veremos; agora, deve-se falar sobre os

comprehensiones conclusionesque dicendum est. Fluit omnino numerus a primo tum incitatus breuitate pedum, tum proceritate tardius. Cursum contentiones magis requirunt, expositiones rerum tarditatem. Insistit autem ambitus modis pluribus, e quibus unum est secuta Asia maxime, qui dichoreus uocatur, cum duo extremi chorei sunt, id est e singulis longis et breuib. Explanandum est enim, quod ab aliis eidem pedes aliis uocabulis nominantur. [213] Dichoreus non est ille quidem sua sponte uitiosus in clausulis, sed in orationis numero nihil est tam uitiosum quam si semper est idem. Cadit autem per se ille ipse praeclare, quo etiam satietas formidanda est magis. Me stante C. Carbo C. F. tribunus plebis in contione dixit his uerbis: “O Marce Druse, patrem appello”; haec quidem duo binis pedibus incisim; dein membratim: “Tu dicere solebas sacram esse rem publicam”; haec item duo membra ternis; [214] post ambitus: “Quicumque eam uiolauissent, ab omnibus esse ei poenas persolutas”; – dichoreus; nihil enim ad rem, extrema illa longa sit an breuis; deinde: “Patris dictum sapiens

modos como se devem trocar os complexos ou encerramentos. Flui o ritmo como um todo desde o início às vezes pela brevidade dos pés mais agitadamente, às vezes pelo alongamento deles com mais tardar. Requerem maior curso as contensões, mais tardeza a exposição das coisas. Ora, o giro pode estacar de muitos modos, dentre os quais a Ásia seguiu principalmente um, a que chamam “dicoreu”, porque os dois últimos pés são coreus, isto é, pés de uma sílaba longa e outra breve. Sim, é preciso explicar, porque cada qual dá um nome diferente para o mesmo pé. [213] O dicoreu não é por si mesmo vicioso nas cláusulas, mas no ritmo do discurso nada é mais vicioso do que aquilo que é sempre o mesmo. Ora, por si mesmo esse pé cai ilustremente, e por isso se deve temer ainda mais a saciedade. Em minha presença, Gaio Carbão, tribuno da plebe, filho de Gaio, disse com estas exatas palavras: *O Marce Druse, patrem appello* – isso por incisivos de dois pés cada um; então, por membros: *Tu dicere solebas sacram esse rem publica*, dois membros de três pés cada um; [214] depois, o giro: *Quicumque eam violavissent, ab omnibus esse ei poenas persolutas* – aí está um dicoreu; e nada importa se aquela última sílaba é longa ou breve; então: *Patris dictum sapiens temeritas fili comprobavit* – esse dicoreu excitou tão grande clamor, que

temeritas fili comprobavit”; hoc dichoreo tantus clamor contionis excitatus est ut admirabile esset. Quaero nonne id numerus effecerit? Verborum ordinem immuta, fac sic: “Comprobavit filii temeritas”, iam nihil erit, etsi “temeritas” ex tribus breuibus et longa est, quem Aristoteles ut optimum probat, a quo dissentio. [215] At eadem uerba, eadem sententia. Animo istuc satis est, auribus non satis. Sed id crebrius fieri non oportet; primum enim numerus agnoscitur, deinde satiat, postea cognita facilitate contemnitur.

LXIV. Sed sunt clausulae plures, quae numerose et iucunde cadant. Nam et creticus, qui est e longa et breui et longa, et eius aequalis paeon, qui spatio par est, syllaba longior, qui commodissime putatur in solutam orationem illigari, cum sit duplex. Nam aut e longa est et tribus breuibus, qui numerus in primo uiget, iacet in extremo, aut e totidem breuibus et longa, in quem optime cadere censebant ueteres; ego non plane reicio, sed alios antepono. [216] Ne spondeus quidem funditus est repudiandus, etsi, quod est e longis duabus, hebetior uidetur et tardior;

foi de admirar. Pergunto: não teria sido o ritmo que levou isso a efeito? Muda a ordem das palavras, do seguinte modo: *Comprobavit filii temeritas* – já nada restará, ainda que *temeritas* consista em três breves e uma longa, o que Aristóteles aprova como o melhor, do que eu discordo. [215] Mas as palavras são as mesmas, é o mesmo o pensamento. Isso é suficiente para a alma: para os ouvidos não é. Mas cumpre não fazê-lo com demasiada frequência, pois primeiro o ritmo é reconhecido, depois causa saciedade e, enfim, conhecendo-se a sua facilidade, é desprezado.

LXIV. Há, contudo, numerosas cláusulas que caem rítmica e agradavelmente. Pois julga-se assim tanto o crético, que consiste em longa, breve e longa, como seu equivalente, o peônio, que em duração se lhe equipara, tendo, porém, uma sílaba a mais, e que se enlaça no discurso solto com a maior comodidade, sendo duplo, pois consiste ou bem em uma longa e três breves – ritmo esse que tem vigor quando posto no início e repousa quando no final –, ou bem em três breves e uma longa, que os antigos julgavam ser o melhor nas cláusulas; já eu, de minha parte, não o rejeito, mas a ele anteponho outros. [216] E não se deve repudiar inteiramente nem mesmo o

habet tamen stabilem quendam et non expertem dignitatis gradum, in incisionibus uero multo magis et in membris; paucitatem enim pedum grauitate sua et tarditate compensat. Sed hos cum in clausulis pedes nomino, non loquor de uno pede extremo; adiungo, quod minimum sit, proximum superiorem, saepe etiam tertium. [217] Ne iambus quidem, qui est e breui et longa, aut par choreo qui habet tres breues trochaeus, sed spatio par non syllabis, aut etiam dactylus, qui est e longa et duabus breuibus, si est proximus a postremo, parum uolubiliter peruenit ad extremum, si est extremus choreus aut spondeus; numquam enim interest uter sit eorum in pede extremo. Sed idem hi tres pedes male concludunt, si quis eorum in extremo locatus est, nisi cum pro cretico postremus est dactylus; nihil enim interest dactylus sit extremus an creticus, quia postrema syllaba breuis an longa sit ne in uersu quidem refert. [218] Quare etiam paeana qui dixit aptiorem, in quo esset longa postrema, uidit parum, quoniam nihil ad rem est, postrema quam longa sit. Iam paeon, quod plures habeat syllabas quam tres, numerus a

espondeu, embora, por consistir em duas longas, pareça ser mais embotado e tardo; tem, contudo, um andamento estável, não desprovido de dignidade, principalmente nos incisos e nos membros, em que compensa com sua gravidade e tardeza a pouca quantidade dos pés. Quando cito esses pés das cláusulas não me refiro somente ao último pé: acrescento, no mínimo, o anterior e, por vezes, até o que vem antes. [217] Nem mesmo o iambo, que consiste em breve e longa, nem o troqueu – que, consistindo em três breves, se equipara ao coreu em duração, embora não em sílabas –, nem ainda o dátilo, que consiste em uma longa e duas breves, ao antecederem o último pé, chegam ao fim com pouca velocidade, se o último for um coreu ou um espondeu (com efeito, não importa qual dos dois está no último pé). Mas encerra-se mal se o último for um desses mesmos três pés, a não ser que o dátilo esteja no lugar de um crético; pois não importa se o último é um dátilo ou um crético, porquanto nem mesmo no verso faz diferença se a última sílaba é longa ou breve. [218] Portanto, também viu mal quem disse que é mais adequado o peônio cuja última sílaba é longa, uma vez que não importa a duração da última sílaba. Já outros consideram que o peônio, porque tem mais de três sílabas, é um ritmo, e não um

quibusdam, non pes habetur. Est quidem, ut inter omnes constat antiquos, Aristotelem, Theophrastum, Theodecten, Ephorum, unus aptissimus orationi uel orienti uel mediae; putant illi etiam cadenti, quo loco mihi uidetur aptior creticus. Dochmius autem e quinque syllabis, breui, duabus longis, breui, longa, ut est hoc: “Amicos tenes”, quouis loco aptus est, dum semel ponatur; iteratus aut continuatus numerum apertum et nimis insignem facit. LXV. [219] His igitur tot commutationibus tamque uariis si utemur, nec deprehendetur manifesto quid a nobis de industria fiat et occurratur satietati.

Et quia non numero solum numerosa oratio sed et compositione fit et genere, quod ante dictum est, concinnitatis – compositione potest intellegi cum ita structa uerba sunt, ut numerus non quaesitus sed ipse secutus esse uideatur, ut apud Crassum: “Nam ubi libido dominatur, innocentiae leue praesidium est”; ordo enim uerborum efficit numerum sine ulla aperta oratoris industria; itaque si quae ueteres illi, Herodotum dico et Thucydidem totamque eam aetatem, apte numero seque dixerunt,

pé. Certamente, de acordo com todos os antigos – Aristóteles, Teofrasto, Teodectes, Éforo –, é ele o mais adequado ao início ou ao meio da oração; eles julgam que também ao fim; mas nesse lugar o crético me parece ser mais adequado. Já o dócmio consiste em cinco sílabas: uma breve, duas longas, uma breve, uma longa, como é o seguinte: *amicos tenes*; ele é adequado em qualquer lugar, com a condição de que seja posto uma única vez: reiterado ou continuado põe o ritmo a descoberto e o torna demasiadamente insigne. LXV. [219] Portanto, se usarmos tantas trocas e tão variadas, não se tornará manifesto o que de propósito estamos fazendo e se obstará à saciedade.

E porque não só por meio do ritmo se faz o discurso rítmico, mas também pela composição e – já o dissemos – pelo gênero de concerto, pode-se entender por “composição” a estruturação das palavras que faz parecer que o ritmo não foi procurado, mas se seguiu por si mesmo, como em Crasso: *Nam ubi libido dominatur, innocentiae leue praesidium est*; com efeito, a ordem das palavras leva a efeito o ritmo sem que se descubra o propósito do orador; e assim, se aqueles antigos – refiro-me a Heródoto e a Tucídides e a toda a sua época –

ea sic non numero quaesito, sed uerborum collocatione ceciderunt. [220] Formae uero quaedam sunt orationis, in quibus ea concinnitas est ut sequatur numerus necessario. Nam cum aut par pari refertur aut contrarium contrario opponitur aut quae similiter cadunt uerba uerbis comparantur, quidquid ita concluditur, plerumque fit ut numerose cadat, quo de genere cum exemplis supra diximus, ut haec quoque copia facultatem afferat non semper eodem modo desinendi. Nec tamen haec ita sunt arta et astricta, ut ea, cum uelimus, laxare nequeamus. Multum interest utrum numerosa sit, id est similis numerorum, an plane e numeris constet oratio; alterum si fit, intolerabile uitium est, alterum nisi fit, dissipata et inculta et fluens est oratio.

LXVI. [221] Sed quoniam non modo non frequenter uerum etiam raro in ueris causis aut forensibus circumscripte numeroseque dicendum est, sequi uidetur ut uideamus quae sint illa quae supra dixi incisa, quae membra. Haec enim in ueris causis maximam partem orationis obtinent.

discursaram adequada e ritmicamente, isso aconteceu não pela procura do ritmo, mas pela colocação das palavras. [220] Há certas “formas” do discurso, por sua vez, em que há um concerto tal, que o ritmo se segue necessariamente. Pois quando se remetem palavras pareadas a pareadas, ou quando as contrárias se opõem às contrárias, ou quando se confrontam as que caem de maneira semelhante, o que quer que se encerre assim quase sempre o faz de modo que caia ritmicamente; sobre esse gênero já falamos e dele demos exemplos; de maneira que essa opulência traz a capacidade de não terminar sempre do mesmo modo. Contudo, essas coisas não são tão rígidas e estritas que não possamos relaxá-las quando quisermos. Faz muita diferença o discurso ser rítmico, isto é, ser semelhante aos ritmos, e consistir inteiramente em ritmos; se se fizer isto, é vício intolerável; se não se fizer aquilo, o discurso fica disperso, inculto e fluido.

LXVI. [221] Entretanto, uma vez que não só infrequentemente, senão até mesmo raramente se deve discursar com circunscrição e ritmo nas causas de verdade do fórum, parece seguir-se que devemos ver o que é aquilo que chamei “incisos” e “membros”. Estes, sim, ocupam a maior parte do discurso nas causas de verdade.

Constat enim ille ambitus et plena comprehensio e quattuor fere partibus, quae membra dicimus, ut et auris impleat et neque breuior sit quam satis sit neque longior. Quamquam utrumque non numquam uel potius saepe accidit, ut aut citius insistendum sit aut longius procedendum, ne breuitas defraudasse auris uideatur neue longitudo obtudisse. Sed habeo mediocritatis rationem; nec enim loquor de uersu et est liberior aliquanto oratio. [222] E quattuor igitur quasi hexametrorum instar uersuum quod sit constat fere plena comprehensio. His igitur singulis uersibus quasi nodi apparent continuationis, quos in ambitu coniungimus. Sin membratim uolumus dicere, insistimus atque, cum opus est, ab isto cursu inuidioso facile nos et saepe diiungimus. Sed nihil tam debet esse numerosum quam hoc, quod minime apparet et ualet plurimum.

Ex hoc genere illud est Crassi: "Missos faciant patronos; ipsi prodeant"; – nisi interuallo dixisset "ipsi prodeant", sensisset profecto se fudisse senarium; omnino melius caderet "prodeant ipsi"; sed de genere

Com efeito, aquele giro, ou período, completo consiste geralmente de quatro partes, que chamamos membros, de maneira que preencha os ouvidos e não seja nem mais breve nem mais longo do que o suficiente. Acontece, porém, que, às vezes, ou melhor, frequentemente, é preciso estacar mais depressa ou avançar mais longe, para que a brevidade não pareça fraudar os ouvidos ou o prolongamento embotá-los. Mas eu guardo a razão da mediania; com efeito, não falo sobre o verso, e o discurso é um tanto mais livre. [222] Portanto, o período pleno consiste geralmente de quatro membros equivalentes a versos hexamétricos. Assim, de cada um desses versos surgem como que nós na continuação das palavras, os quais conjugamos no período. Contudo, se quisermos discursar por membros, devemos estacar e, sendo preciso, nos separamos facilmente e com frequência desse curso tão mal visto. Mas nada deve ser tão rítmico quanto isso, que é o que menos aparece e que tem mais valia.

Pertence a esse gênero o seguinte, de Crasso: *Missos faciant patronos; ipsi prodeant*; – se ele não tivesse dito *ipsi prodeant* após um intervalo, certamente teria percebido que derramou um senário; cairia absolutamente melhor *prodeant ipsi*,

nunc disputo; – [223] "cur clandestinis consiliis nos oppugnant? cur de perfugis nostris copias comparant contra nos?" Prima sunt illa duo, quae κόμματα Graeci uocant, nos incisa dicimus; deinde tertium (κῶλον illi, nos membrum) sequitur non longa (ex duobus enim uersibus, id est membris, perfecta est) comprehensio et in spondeos cadit. Et Crassus quidem sic plerumque dicebat, idque ipse genus dicendi maxime probo. LXVII. Sed quae incisim aut membratim efferuntur, ea uel aptissime cadere debent, ut est apud me: "Domus tibi deerat? at habebas. Pecunia superabat? at egebas"; [224] haec incise dicta sunt quattuor; at membratim quae sequuntur duo: "Incurristi amens in columnas, in alienos insanus insanisti." Deinde omnia, tamquam crepidine quadam comprehensione longiore, sustinentur: "Depressam, caecam, iacentem domum pluris quam te et quam fortunas tuas aestimasti." Dichoreo finitur. At spondeis proximum illud. Nam in his, quibus ut pugiunculis uti oportet, breuitas faciet ipsa liberiores pedes; saepe enim singulis utendum est, plerumque

mas agora é sobre o gênero que estou discutindo; [223] – *cur clandestinis consiliis nos oppugnant? Cur de perfugis nostris copias comparant contra nos?* Os dois primeiros grupos são aquilo que os gregos chamam *kómmata*, e nós "incisos"; ao terceiro grupo (que eles chamam *kólon*, e nós "membro") seguiu-se um período não muito longo (com efeito, perfez-se a partir de dois versos, quer dizer, de dois membros), caindo em espondeus. Crasso o mais das vezes discursava assim, e é esse o gênero do discursar que eu mais aprovo. LXVII. Todavia, aquilo que é proferido por incisos ou por membros deve cair o mais adequadamente possível, como o seguinte, que é meu: *Domus tibi deerat? At habebas. Pecunia superabat? At egebas*; [224] isso foi dito por meio de quatro incisos; mas por meio de dois membros o seguinte: *Incurristi amens in columnas, in alienos insanus insanisti*. Então, tudo se sustenta em um período mais longo, como em um pedestal: *Depressam, caecam, iacentem domum pluris quam te et quam fortunas tuas aestimasti*. Finda-se com um dicoreu; com espondeus, porém, aquilo que se seguiu. Pois nos incisos, dos quais cumpre fazer uso como de punhais, a própria brevidade tornará os pés mais livres; frequentemente deve-se fazer uso de um único pé em cada inciso, o mais das vezes dois (e pode-se

binis, et utrisque addi pedis pars potest, non fere ternis amplius. [225] Incisim autem et membratim tractata oratio in ueris causis plurimum ualet, maximeque iis locis, cum aut arguas aut refellas, ut nos in Cornelianam secunda: "O callidos homines, o rem excogitatam, o ingenia metuenda!" Membratim adhuc; deinde caesim: "Diximus", rursus membratim: "Testis dare uolumus." Extrema sequitur comprehensio, sed ex duobus membris, qua non potest esse breuior: "Quem, quaeso, nostrum fefellit ita uos esse facturos?"

[226] Nec ullum genus est dicendi aut melius aut fortius quam binis aut ternis ferire uerbis, nonnumquam singulis, paulo alias pluribus, inter quae uariis clausulis interponit se raro numerosa comprehensio; quam peruerse fugiens Hegesias, dum ille quoque imitari Lysiam uult, alterum paene Demosthenem, saltat incidens particulas. Et is quidem non minus sentiis peccat quam uerbis, ut non quaerat quem appellet ineptum qui illum cognouerit. Sed ego illa Crassi et nostra posui, ut qui uellet auribus ipsis quid numerosum etiam in minimis particulis orationis esset

ainda acrescentar nos dois casos a metade de um pé), quase nunca mais que três. [225] O discurso tratado por meio de incisos e membros é o que tem mais valia nas causas de verdade, principalmente naqueles lugares em que se argui ou se refuta, como na segunda defesa do nosso *Pro Cornelio*: *O callidos homines, o rem excogitatam, o ingenia metuenda!*. Até aqui, por membros; depois, por incisos: *Diximus*; depois novamente por membros: *Testis dare uolumus*. Por fim segue-se um período, mas de apenas dois membros, de todos o mais breve: *Quem, quaeso, nostrum fefellit ita uos esse facturos?*

[226] E nenhum gênero do discursar é melhor ou mais forte que aquele em que se fere com duas ou três palavras, às vezes com uma só, de vez em quando com um pouco mais, entre as quais se interpõe, aqui e ali, um período rítmico de cláusulas variadas. Hegesias, querendo transtornadamente fugir desse período, enquanto quer imitar Lísias – que é quase um segundo Demóstenes –, faz uma dancinha na qual o corta em pedaços. E ele peca no uso das palavras não menos do que no dos pensamentos, de modo que quem o conhece não precisa procurar alguém a quem chamar de inepto. Mas eu expus o que é meu e o que é de Crasso para que quem

iudicaret.

Et quoniam plura de numerosa oratione diximus quam quisquam ante nos, nunc de eius generis utilitate dicemus. LXVIII. [227] Nihil enim est aliud, Brute, quod quidem tu minime omnium ignoras, pulchre et oratorie dicere nisi optimis sententiis uerbisque lectissimis dicere. Et nec sententia ulla est, quae fructum oratori ferat, nisi apte exposita atque absolute, nec uerborum lumen apparet nisi diligenter collocatorum, et horum utrumque numerus inlustrat, numerus autem – saepe enim hoc testandum est – non modo non poetice uinctus uerum etiam fugiens illum eique omnium dissimillimus; non quin idem sint numeri non modo oratorum et poetarum uerum omnino loquentium, denique etiam sonantium omnium quae metiri auribus possumus, sed ordo pedum facit ut id quod pronuntiatur aut orationis aut poematis simile uideatur.

[228] Hanc igitur siue compositionem siue perfectionem siue numerum uocari placet [et] adhibere necesse

quiser possa julgar por seus próprios ouvidos o que é rítmico até nos mínimos pedaços do discurso.

E já que dissemos mais sobre o discurso rítmico que qualquer um antes de nós, agora diremos sobre a utilidade desse gênero. LXVIII. [227] Com efeito, Bruto, discursar com uma bela oratória não é outra coisa senão discursar com os melhores pensamentos e as palavras mais selecionadas, como tu mesmo o sabes mais que todos. E nenhum pensamento há que traga frutos ao orador que não tenha sido arrematada e adequadamente exposto, nem o lume das palavras aparece se não estiverem diligentemente colocadas, e o que abrilhanta os pensamentos e as palavras é o ritmo; o ritmo, por sua vez – muitas vezes devemos testificá-lo – não só não é atado poeticamente, mas deve até fugir disso, sendo-lhe mais que tudo dessemelhante; não que não sejam os mesmos os ritmos dos oradores e os dos poetas e os de todos os falantes – e até mesmo os de todos que emitem sons que podemos medir com os ouvidos –, mas a ordem dos pés faz com que o que se pronuncia pareça ser semelhante a um discurso ou a um poema.

[228] Portanto, quer chamemos isso “composição”, “perfeição” ou “ritmo”, se se quiser discursar de maneira ornada, é

est, si ornate uelis dicere, non solum, quod ait Aristoteles et Theophrastus, ne infinite feratur ut flumen oratio quae non aut spiritu pronuntiantis aut interductu librarii, sed numero coacta debet insistere, uerum etiam quod multo maiorem habent apta uim quam soluta. Vt enim athletas nec multo secus gladiatores uidemus nihil nec uitando facere caute nec petendo uehementer, in quo non motus hic habeat palaestram quandam, ut quicquid in his rebus fiat utiliter ad pugnam idem ad aspectum etiam sit uenustum, sic orator nec plagam grauem facit, nisi petitio fuit apta, nec satis tecte declinat impetum, nisi etiam in cedendo quid deceat intellegit. [229] Itaque qualis eorum motus quos ἀπαλαίστρους Graeci uocant, talis horum mihi uidetur oratio, qui non claudunt numeris sententias, tantumque abest ut – quod ii qui hoc aut magistrorum inopia aut ingeni tarditate aut laboris fuga non sunt assecuti solent dicere – eneruetur oratio compositione uerborum, ut aliter in ea nec impetus ullus nec uis esse possit.

preciso empregá-lo, e não só, como diz Aristóteles e Teofrasto, para que o discurso não seja levado sem limites, como um rio – pois deve estacar não em razão do fôlego de quem o pronuncia nem por causa da pontuação do copista, mas sim coagido pelo próprio ritmo –, mas também porque o que está adequado tem muito mais força do que o que está solto. Com efeito, assim como vemos como os atletas e, de modo não muito diferente, os gladiadores, ao se esquivar com cautela ou ao atacar com veemência, nada fazem em que não mostrem com esse movimento certa palestra, de modo que tudo o que se faz nessas coisas para a utilidade da peleja também é venusto para o espectador, assim também o orador não dá nenhum golpe grave sem antes ter feito um ataque adequado, e não se livra o suficiente da investida se não entender também o que convém à evasão. [229] E assim, tal qual os movimentos dos que os gregos chamam *apalaístrous* parece-me ser o discurso desses que não encerram com ritmos os pensamentos; e a composição das palavras está tão longe de enervar o discurso que, pelo contrário, sem ela não pode haver nenhum ímpeto ou força, ao contrário do que dizem aqueles que não a alcançaram, seja por inópia dos mestres, seja por tardeza

LXIX. Sed magnam exercitationem res flagitat, ne quid eorum qui genus hoc secuti non tenuerunt simile faciamus, ne aut uerba traiciamus aperte, quo melius aut cadat aut uoluatur oratio; [230] quod se L. Coelius Antipater in prooemio Belli Punici nisi necessario facturum negat. O uirum simplicem, qui nos nihil celet, sapientem, qui seruiendum necessitati putet! Sed hic omnino rudis; nobis autem in scribendo atque in dicendo necessitatis excusatio non probatur; nihil est enim necesse, et si quid esset, id necesse tamen non erat confiteri. Et hic quidem, qui hanc a L. Aelio, ad quem scripsit, cui se purgat, ueniam petit, et utitur ea traiectione uerborum et nihilo tamen aptius explet concluditque sententias. Apud alios autem et Asiaticos maxime numero seruientes inculcata reperias inania quaedam uerba quasi complementa numerorum. Sunt etiam qui illo uitio, quod ab Hegesia maxime fluxit, infringendis concidendisque numeris in quoddam genus abiectum incidant uersiculorum simillimum. [231] Tertium est, in quo

de engenho ou por fugirem do labor.

LXIX. Contudo, a coisa exige grande exercício, para que não façamos algo semelhante ao que fizeram aqueles que, embora seguindo esse gênero, não conseguiram sustentá-lo, isto é, para que não desloquemos as palavras abertamente com o fim de melhor cair ou vultear o discurso. [230] Isso é o que Lúcio Célio Antípatro, no proêmio à *Guerra Púnica*, diz que não vai fazer, exceto quando necessário. Oh que varão simplório, por nada nos esconder, e ao mesmo tempo sábio, por julgar que se deve servir à necessidade! Mas este é um rude em absoluto; já nós, de nossa parte, não aprovamos a desculpa da necessidade nem no escrever nem no discursar; com efeito, nada é necessário e, ainda que fosse, não era necessário confessá-lo. E ele mesmo, que pede essa licença a Lúcio Elião, para quem escreve, e a quem se desculpa, faz uso daquele deslocamento de palavras, e contudo não preenche mais ou encerra melhor os pensamentos. Encontrarás em outros, e principalmente nos asiáticos, que são os que mais servem aos ritmos, certas palavras inanes, inculcadas para suplementar esses ritmos. Há também os que, em razão do vício que manou principalmente de Hegésias, a saber, quebrar e cortar os

fuerunt fratres illi Asiaticorum rhetorum principes Hierocles et Menecles minime mea sententia contemnendi. Etsi enim a forma ueritatis et ab Atticorum regula absunt, tamen hoc uitium compensant uel facultate uel copia. Sed apud eos uarietas non erat, quod omnia fere concludebantur uno modo. Quae uitia qui fugerit, ut neque uerbum ita traiciat ut id de industria factum intellegatur, neque inferciens uerba quasi rimas expleat, nec minutos numeros sequens concidat delumbetque sententias, nec sine ulla commutatione in eodem semper uersetur genere numerorum, is omnia fere uitia uitauerit. Nam de laudibus multa diximus, quibus sunt alia perspicue uitia contraria.

LXX. [232] Quantum autem sit apte dicere, experiri licet, si aut compositi oratoris bene structam collocationem dissoluas permutatione uerborum – corrumpatur enim tota res, ut et haec nostra in Corneliana et deinceps omnia: "Neque me diuitiae mouent, quibus omnes Africanos et Laelios

ritmos, incidiram num gênero rasteiro, muito semelhante ao dos versinhos. [231] Em terceiro lugar, há aquilo de que fazem parte aqueles célebres irmãos, primeiros dentre os rétores asiáticos, Hiérocles e Mênecles, que não são nada desprezíveis, segundo meu parecer. Com efeito, ainda que se afastem da forma da verdade e da regra dos áticos, compensam esse vício seja com sua capacidade seja com sua opulência. Contudo, neles não havia variedade, porque encerravam quase tudo de um mesmo modo. Quem fugir a esses vícios, de modo que não desloque as palavras a ponto de que se entenda tê-lo feito de propósito, nem preencha os buracos, por assim dizer, recheando-os com palavras, nem corte e deslombe os pensamentos seguindo ritmos miúdos, nem verse sempre num mesmo gênero de ritmos sem nenhuma troca, evitará praticamente todos os vícios que há. Pois já falamos muito sobre os louvores, e é evidente que os vícios são o contrário deles.

LXX. [232] Ora, pode-se experimentar a grandeza de discursar com adequação se pela troca de palavras se dissolver uma colocação estruturada de um orador bem composto; – a coisa toda se corromperá, como, por exemplo, o seguinte, do nosso *Pro Cornelio*, e tudo o mais: *Neque me diuitiae mouent, quibus omnes Africanos et*

multi uenalicii mercatoresque superarunt"; immuta paululum, ut sit "multi superarunt mercatores uenaliciique", perierit tota res; et quae sequuntur: "Neque uestis aut caelatum aurum et argentum, quo nostros ueteres Marcellos Maximosque multi eunuchi e Syria Aegyptoque uicerunt"; uerba permuta sic ut sit "uicerunt eunuchi e Syria Aegyptoque"; adde tertium: "Neque uero ornamenta ista uillarum, quibus L. Paullum et L. Mummium, qui rebus his urbem Italiamque omnem referserunt, ab aliquo uideo perfacile Deliaci aut Syro potuisse superari"; fac ita: "potuisse superari ab aliquo Syro aut Deliaci"; [233] uidesne, ut ordine uerborum paululum commutato, isdem tamen uerbis stante sententia, ad nihilum omnia recidant, cum sint ex aptis dissoluta? Aut si alicuius inconditi arripias dissipatam aliquam sententiam eamque ordine uerborum paululum commutato in quadrum redigas, efficiatur aptum illud quod fuerit antea diffuens ac solutum. Age, sume de Gracchi apud censores illud: "Abesse non potest quin eiusdem hominis sit probos improbare qui improbos probet"; quanto aptius, si

Laelios multi uenalicii mercatoresque superarunt; faz uma pequena mudança, como para *multi superarunt mercatores uenaliciique*, e a coisa toda perecerá; e no seguinte: *Neque vestis aut caelatum aurum et argentum, quo nostros ueteres Marcellos Maximosque multi eunuchi e Syria Aegyptoque uicerunt*, muda as palavras, de forma que fiquem assim: *uicerunt eunuchi e Syria Aegyptoque*; e o seguinte: *Neque uero ornamenta ista uillarum, quibus L. Paullum et L. Mummium, qui rebus his urbem Italiamque omnem referserunt, ab aliquo uideo perfacile Deliaci aut Syro potuisse superari*, faz com que fique assim: *potuisse superari ab aliquo Syro aut Deliaci*; [233] tu vês como, mudando-se um pouco a ordem das palavras, embora sejam as mesmas a sustentar o pensamento, tudo cai em nada, se se dissolve o que antes era adequado? Por outro lado, se tomares um pensamento disperso de algum orador desordenado e, mudando um pouco a ordem das palavras, colocares esse pensamento num enquadramento, tornar-se-á adequado aquilo que antes era solto e fluido. Vamos, toma do discurso de Graco para os censores o seguinte: *Abesse non potest quin eiusdem hominis sit probos improbare qui improbos probet*; quão mais adequado seria, se tivesse dito: *Quin eiusdem hominis sit qui improbos*

ita dixisset: "Quin eiusdem hominis sit qui improbos probet probos improbare!"

[234] Hoc modo dicere nemo umquam noluit nemoque potuit quin dixerit, qui autem aliter dixerunt, hoc assequi non potuerunt. Ita facti sunt repente Attici; quasi uero Trallianus fuerit Demosthenes, cuius non tam uibrarent fulmina illa, nisi numeris contorta ferrentur. LXXI. Sed si quem magis delectant soluta, sequatur ea sane, modo sic ut, si quis Phidiae clipeum dissoluerit, collocationis uniuersam speciem sustulerit, non singulorum operum uenustatem; ut in Thucydide orbem modo orationis desidero, ornamenta comparent. [235] Isti autem cum dissoluunt orationem, in qua nec res nec uerbum ullum est nisi abiectum, non clipeum, sed, ut in prouerbio est – etsi humiliter dictum est tamen simile est, – scopas, ut ita dicam, mihi uidentur dissoluere.

Atque ut plane genus hoc, quod ego laudo, contempsisse uideantur, aut scribant aliquid uel Isocrateo more uel quo Aeschines aut Demosthenes utitur, tum illos existimabo non

probet probos improbare!

[234] Ninguém jamais deixou de querer discursar desse modo, e nunca ninguém que pôde não o fez; os que discursaram de outro modo, é porque não puderam alcançá-lo. Assim, de repente, fizeram-se áticos; como se Traliano fosse Demóstenes! Cujos famosos raios jamais vibrariam se ao ser arremessados não tivessem sido girados pelos ritmos. LXXI. Todavia, se a alguém deleita mais aquilo que está solto, que o siga, sem dúvida, mas como alguém que desmontasse o escudo de Fídias: que suprima a forma geral [*uniuersam speciem*] da colocação, não a venustidade de cada uma das obras; embora eu sinta falta em Tucídides do círculo do discurso, os ornamentos estão lá. [235] Esses aí, porém, quando desmontam um discurso em que não há nenhuma coisa ou palavra que não seja rasteira, me parecem desmontar não um escudo, mas sim, como diz o provérbio – ainda que seja um tanto baixo, guarda semelhança –, uma vassoura.

Ademais, como certamente parecem desprezar esse gênero que eu louvo, que escrevam algo conforme o costume de Isócrates ou de Ésquines ou de Demóstenes: só então estimarei que eles fugiram desse

desperatione reformidauisse genus hoc, sed iudicio refugisse; aut reperiam ipse eadem condicione qui uti uelit, ut aut dicat aut scribat utra uoles lingua eo genere quo illi uolunt; facilius est enim apta dissoluere quam dissipata conectere. [236] Res se autem sic habet, ut breuissime dicam quod sentio: composite et apte sine sententiis dicere insania est, sententiose autem sine uerborum et ordine et modo infantia, sed eius modi tamen infantia, ut ea qui utantur, non stulti homines haberi possint, etiam plerumque prudentes; quo qui est contentus utatur. Eloquentes uero, qui non approbationes solum sed admirationes, clamores, plausus, si liceat, mouere debet, omnibus oportet ita rebus excellat, ut ei turpe sit quicquam aut spectari aut audiri libentius.

[237] Habes meum de oratore, Brute, iudicium; quod aut sequere, si probaueris, aut tuo stabis, si aliud quoddam est tuum. In quo neque pugnabo tecum neque hoc meum, de quo tantopere hoc libro asseueraui, umquam affirmabo esse uerius quam tuum. Potest enim non solum aliud

gênero não por desespero, mas em razão de um juízo; ou eu mesmo encontrarei alguém que queira aceitar essa mesma condição e que discursar ou escreva, em qualquer uma das duas línguas, nesse gênero que eles querem; com efeito, é mais fácil desmontar o que está adequado do que conectar o que está disperso. [236] Ora, a coisa se dá assim, para dizer brevemente o que penso: discursar composta e adequadamente, mas sem pensamentos, é insânia; por outro lado, discursar com muitos pensamentos, mas sem ordem e modo nas palavras, é incapacidade de falar; uma incapacidade tal, porém, que quem dela faz uso não pode ser tido por homem estulto, senão até mesmo, muitas vezes, é tido por prudente. O eloquente, porém, que não só deve mover as aprovações, mas as admirações, os clamores, os aplausos se for lícito, cumpre que seja tão excelente em todas essas coisas, que lhe será torpe ver ou ouvir algo mais agradável do que ele.

[237] Tens, Bruto, o meu juízo acerca do orador; podes segui-lo, se o tiveres aprovado, ou podes ficar com o teu, se é outro. Quanto a isso, não lutarei contigo, nem afirmarei jamais que o meu, que tive tanto trabalho para asseverar neste livro, é mais verdadeiro que o teu. Pode ser não só que a mim me pareça uma coisa, e a ti outra,

mihi ac tibi, sed mihi met ipsi aliud alias uideri. Nec in hac modo re, quae ad uulgi ad sensum spectet et ad aurium uoluptatem, quae duo sunt ad iudicandum leuissima, sed ne in maximis quidem rebus quicquam adhuc inueni firmitus, quod tenerem aut quo iudicium meum dirigerem, quam id quodcumque mihi quam simillimum ueri uideretur, cum ipsum illud uerum tamen in occulto lateret. [238] Tu autem, uelim, si tibi ea quae disputata sunt minus probabuntur, ut aut maius opus institutum putes quam effici potuerit, aut, dum tibi roganti uoluerim obsequi, uerecundia negandi scribendi me impudentiam suscepisse.

como a mim mesmo a mesma coisa pode em momentos distintos me parecer diferente. E não só nessa coisa, em que se observa o assentimento do vulgo e a volúpia dos ouvidos, que são ambos o que há de mais leve para julgar, mas nem sequer nas maiores coisas descobri até agora algo que eu pudesse deter ou pelo qual pudesse dirigir o meu juízo que fosse mais firme que aquilo que, o que quer que seja, me parecesse ser o mais semelhante ao que é verdadeiro, permanecendo este, todavia, oculto. [238] Contudo, se aquilo que discutimos não for aprovado por ti, eu gostaria que julgasses ou bem que iniciamos uma obra maior que a que podia ser levada a efeito, ou bem que, querendo aceder aos teus pedidos, por vergonha de negar meti ombros à impudência de escrever.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *Figure Humaine. Documents: doctrines, archéologie, beaux-arts, ethnographie*, Paris, n. 1, p. 194-201, 1929.

CICERO. *De inventione. De optimo genere oratorum. Topica*. English Translation by H. M. Hubbell. Cambridge: Harvard University Press, 1949.

_____. *De natura deorum. Academica*. With an English translation by H. Rackham. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1933.

_____. *De officiis*. Recognovit brevis adnotatione critica instruxit M. Winterbottom. Oxford: Oxford University Press, 1994.

_____. *De optimo genere oratorum*. Edidit, commentario critico instruxit Antonella Ippolito. Palermo: Epos, 1998.

_____. *De oratore. De fato. Paradoxa Stoicorum. De partitione oratoria*. With an English translation by H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1948.

_____. *De senectute. De amicitia. De divinatione*. With an English translation by William Armistead Falconer. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1923.

_____. *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 4: *Brutus*. Edidit E. Malcovati. Leipzig: Teubner, 1965.

_____. *Scripta quae manserunt omnia*. Fasc. 46: *De divinatione. De fato. Timaeus*. Ottonis Plasberg schedis usus. Recognovit W. Ax. Editio Stereotypa Editionis Primae (MCMXXXVIII). Leipzig: Teubner, 1977.

_____. *Topica*. Edited with an introduction, translation and commentary by Tobias Reinhardt. Oxford: Oxford University Press, 2003.

_____. *Tusculan disputations*. With an English translation by J. E. King. Cambridge/ London: Harvard University Press, 1927.

CICERÓN. *De l'orateur: livre premier*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1950.

_____. *De l'orateur: livre deuxième*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1950.

_____. *Des termes extrêmes des biens et des maux*. Tome I. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Belles Lettres, 1955.

_____. *Des termes extrêmes des biens et des maux*. Tome II. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Belles Lettres, 1955.

_____. *Divisions de l'art oratoire. Topiques*. Texte établi et traduit par Henri Bornecque. Paris: Belles Lettres, 1924.

_____. *L'Orateur: du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Belles Lettres, 1964.

_____. *Traité des lois*. Texte établi et traduit par Georges de Plinval. Paris: Belles Lettres, 1968.

_____. *Traité du destin*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Belles Lettres, 1950.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of the eminent philosophers*. With an English translation by R. D. Hicks. Vol. II. London/ New York: Harvard University Press, 1925

ISIDORUS. *Etymologiarum sive originum*. Libri xx. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit W. M. Lindsay. Tomus I. Oxford: Oxford University Press, 1911.

POLYBIUS. *Histories*. With an English translation by W. R. Paton. Vol III. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte revu e traduit, avec introduction et notes par Henri Bornecque. Paris: Garnier, 1934.

STOICORUM VETERUM FRAGMENTA. Collegit Ioannes ab Arnim. Editio Stereotypa Editionis Primae (MCMIII). Vol. II: Chrysippi Fragmenta Logica et Physica. Stuttgart: Teubner, 1964.

TACITUS. *P. Cornelii Taciti Dialogus de oratoribus*: Dialogue des orateurs. Édition, introduction e commentaire de Alain Michel. Paris: Presses Universitaires de France, 1962.